Para uma melhor compreensão (princípios) dessa literatura do Antigo Testamento e para fornecer estratégias (métodos) para se pregar e ensinar esse gênero.

INTERPRETAÇÃO DOS Salmos

Um prático e indispensável manual de exegese



Mark D. Futato

Interpretação dos Salmos © 2011, Editora Cultura Cristã. ©2007 by Mark D. Futato, com o título *Interpreting the Psalms: An Exegetical Handbook*. Originally published in the USA by Kregel Publications, Grand Rapids Michigan. Traduzidos com permissão. Todos os direitos são reservados.

1ª edição – 2011 – 3.000 exemplares

Conselho Editorial
Ageu Cirilo de Magalhães Jr.
Cláudio Marra (*Presidente*)
Fabiano de Almeida Oliveira
Francisco Solano Portela Neto
Heber Carlos de Campos Jr.
Mauro Fernando Meister
Tarcízio José de Freitas Carvalho
Valdeci da Silva Santos

Produção Editorial
Tradução
Jonathan Hack
Revisão
Wendell Lessa
Sandra Couto
Wilson Ferreira de Souza Neto
Editoração
Lidia de Oliveira Dutra
Capa
Lela Design

F9961i Futato, Mark D.

Interpretação dos Salmos / Mark D. Futato; traduzido por Jonathan Hack. _São Paulo: Cultura Cristã, 2011

208 p.

Tradução de Interpreting the Psalms

ISBN 978-85-7622-385-6

1. Estudo Bíblico 2. Exegese 3. Interpretação I. Título

CDU 22.07

EDITORA CULTURA CRISTÃ
Rua Miguel Teles Júnior, 394 – Cambuci
01540-040 – São Paulo – SP – Brasil
Fone (11) 3207-7099 – Fax (11) 3209-1255
www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br
0800-0141963

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Aos meus pais,
Rudolph D. Futato e June E. Futato,
por todo o seu amor e apoio em todos estes anos.

SUMÁRIO

Prefácio 9
Abreviações 11

1. APRECIANDO A POESIA 13
Analisando as partes 16
A linha 17
A estrofe 19
A estância 21
Adentrando no paralelismo 22
O que é o paralelismo? 23
Como o paralelismo funciona? 26
Vendo as imagens 30
As imagens tocam as emoções e cativam a mente 30
As imagens são figuras de ações ou coisas concretas 31
As imagens funcionam criando associações 33
As imagens podem ter múltiplos significados 34
As imagens precisam ser analisadas 36
Seguindo os padrões 38
Padrão linear 38
Padrão paralelo 39
Padrão simétrico 40
Excurso: imagens mitopoéicas 42

2. PERCEBENDO O TODO 45
Instrução 48
A instrução para alcançar a felicidade 51
A instrução para alcançar a santidade 55
A mensagem dos Salmos 59
Nosso Deus é Rei 60
Nosso destino é a glória 64
O nosso Rei está vindo 67

Outros temas dos Salmos ... 80
O Senhor é o nosso refúgio ... 82
As nações serão abençoadas ... 89
3. PREPARANDO-SE PARA INTERPRETAR ... 101
O papel da história ... 102
O contexto histórico de um salmo ... 103
A atemporalidade dos salmos ... 106
O contexto histórico dos salmos ... 107
A situação do texto ... 109
A natureza do texto ... 109
A necessidade da crítica textual ... 111
A natureza da crítica textual ... 113
As contribuições de outros ... 115
Introduções ... 115
Poesia ... 115
Formato ... 117
Teologia ... 117
Categorias ... 118
Proclamação ... 119
Comentários ... 119

4. INTERPRETANDO AS CATEGORIAS ... 121
O que são categorias? ... 122
Por que as categorias são importantes? ... 123
As categorias guiam nossas expectativas ... 124
As categorias fornecem mais outro nível de contexto ... 126
Quais são as categorias básicas? ... 127
Hinos ... 127
Lamentos ... 131
Canções de agradecimento ... 139
Canções de confiança ... 141
Canções da realeza divina ... 145
Canções de sabedoria ... 151
O que as categorias têm a ver com Cristo? ... 153
Cristo e nossos hinos ... 154
Cristo e nossos lamentos ... 155
Cristo e nossas canções de agradecimento ... 156
Cristo e nossas canções de confiança ... 156
Cristo e nossas canções de realeza divina ... 158
Cristo e nossas canções de sabedoria ... 159
Excurso: os salmos reais ... 160

5. PROCLAMANDO OS SALMOS 163
PASSO 1: Orientando-se 165
Ler o texto 165
Fazer perguntas 169
PASSO 2: Atentando aos detalhes 172
Paralelismo 172
Imagens 174
PASSO 3: Modelando sua apresentação 176
Produzir esboços: as abordagens 176
Produzir esboços: a lógica 179
Produzir esboços: a linguagem 180
PASSO 4: Refletindo sobre o texto e a vida 183
Perguntar a grande questão 184
Perguntar as questões da aliança 184

6. PRATICANDO OS PRINCÍPIOS 187
PASSO 1: Orientando-se 188
PASSO 2: Atentando aos detalhes 190
Versos 1-2 190
Versos 3-9 193
Versos 10-11 195
PASSO 3: Modelando sua apresentação 198
Exegese 198
Exposição 200
PASSO 4: Refletindo sobre o texto e a vida 201
O que devem crer os seus ouvintes? 202
O que devem sentir os seus ouvintes? 203
O que devem fazer os seus ouvintes? 204

Glossário 206

PREFÁCIO

O LIVRO DOS SALMOS é talvez o livro do Antigo Testamento mais frequentemente usado. Lemos os salmos na adoração pública e na devoção particular. Nós os cantamos, oramos e contemplamos sua aplicação em nossas vidas. Nos salmos, encontramos Deus, outros e nós mesmos nas alegrias e tristezas da vida e em suas tragédias e triunfos. Os salmos capturam nossa imaginação, exercitam nossos pensamentos, mexem com nossas emoções e ativam nossa vontade. Eles também apresentam desafios de interpretação. Sua forma poética tem poucos pontos de contato – se é que tem algum – com a poesia ocidental. Suas imagens vêm de um mundo muito diferente do nosso. Sua ética, por vezes, parece ir contra o rumo dos ensinos do Novo Testamento. O foco deste volume está em como interpretar os salmos de forma a usá-los efetivamente em nossas próprias vidas e nas vidas de outros.

Mediante o estudo bem-sucedido deste volume, você será capaz de: (1) compreender a natureza da poesia hebraica e usar esta compreensão como uma ferramenta principal para interpretar os salmos; (2) compreender o propósito e a mensagem dos Salmos como um todo literário, de modo que você possa interpretar salmos específicos em seus contextos literários apropriados; (3) compreender as categorias principais dos salmos, de modo que você possa interpretar salmos específicos em seus contextos apropriados de gênero; e (4) compreender como modelar sua interpretação dos salmos, de modo que você possa apresentar sua compreensão com clareza e convicção.

Parte deste processo interpretativo envolve o uso de traduções do texto hebraico para o português. A menos que tenha sido indicado de outra forma, a tradução usada neste volume é a ARA (Almeida Revista e Atualizada).*

Os números de versículos muitas vezes diferem por um verso (ou dois) entre o texto hebraico e a tradução em português. Isto ocorre porque os títulos

* No original, o autor se referiu às traduções em inglês. No nosso caso, fizemos referência à tradução em português no Brasil [N. do R.].

são contados na versificação do texto hebraico, mas não nas traduções. Assim, por exemplo, o salmo 3.1 em português corresponde ao salmo 3.2 em hebraico. A versificação em português é fornecida em primeiro lugar, seguida da versificação do hebraico em colchetes – por exemplo, salmo 3.1[2].

Termos técnicos foram usados o mínimo necessário. Quando usados, todos estes termos foram grafados em **negrito** na primeira vez que ocorrem em um capítulo e estão incluídos no glossário ao final do livro. Usei *itálico* quando ofereci minha própria definição para alguns termos e quando queria chamar a atenção para termos-chave em citações das Escrituras. Todas as abreviaturas usadas são fornecidas na lista de abreviaturas que se segue a este prefácio.

Embora este volume esteja focado na interpretação do Livro dos Salmos, muitos destes princípios se aplicam a outras porções do Antigo Testamento, especialmente os princípios discutidos no Capítulo 1. O Capítulo 1 lida com a poesia dos Salmos, mas a poesia é encontrada em muitos outros lugares do Antigo Testamento. Os livros de sabedoria (Jó, Provérbios e Eclesiastes) são predominantemente poéticos, assim como Lamentações e Cantares de Salomão. Isaías e os profetas menores (exceto Jonas) também são predominantemente poéticos. Além disso, poemas estão espalhados em meio a numerosos textos em prosa (p.ex., Êx 15, Jz 5, 2Sm 18). Os princípios para interpretar a poesia dos Salmos se aplicam igualmente para interpretar estes outros textos poéticos.

Agradeço a todos os autores de quem aprendi muito sobre os salmos ao longo dos anos, pelos muitos estudantes com quem eu estudei os salmos, e especialmente pela minha esposa e filhos com quem eu vivi os salmos. Eu também quero agradecer a David M. Howard Jr. por sua edição paciente e dolorosa do manuscrito, o qual foi melhorado consideravelmente por meio de seus esforços.

ABREVIAÇÕES

ABD	*Anchor Bible Dictionary*. D. N. Freedman (org.), 6 volumes. Nova York: Doubleday, 1992.
AOTC	Série de comentários Abingdon Old Testament
BASOR	Periódico *American Schools of Oriental Research*
BDB	Brown, F., S. R. Driver e C. A. Briggs. *A hebrew and english lexicon of the Old Testament.* Oxford: Clarendon, 1974.
BETL	Série *Bibliotheca ephemeridum theologicarum lovaniensium*
CHALOT	William L. Holladay. *A concise hebrew and aramaic lexicon of the Old Testament.* Grand Rapids: Eerdmans, 1988.
CTA	*Corpus des tablettes en cunéiformes alphabétiques découvertes à Ras Shamra-Ugarit de 1929 à 1939*. A. Herdner (org.), Mission de Ras Shamra 10. Paris: Geuthner, 1963.
DBI	*Dictionary of biblical imagery*. Leland Ryken, James C. Wilhoit e Tremper Longman III (org.), Downers Grove: InterVarsity Press, 1998.
DCH	*Dictionary of classical hebrew*. David J. A. Clines (org.), 8 volumes. Projected Sheffield: Sheffield Academic, 1993 –
EBC	*Expositor's bible commentary*. Frank E. Gaebelein (org.), Vol. 5. Grand Rapids: Zondervan, 1991.
ESV	*English Standard Version*
FOTL	*Forms of the Old Testament Literature*
HALOT	L. Koehler; W. Baumgartner; J. J. Stamm. *The hebrew and aramaic lexicon of the Old Testament*. Leiden: E. J. Brill, 2000.
HKAT	*Handkommentar zum Alten Testament*
INT	*Interpretation*
JSOTSup	*Journal for the Study of the Old Testament*: Suplement Series
KTU	*Die keilalphabetischen Texte aus Ugarit*. M. Dietrich, O. Loretz e J. Sanmartín (org.), Neukirchen-Vluyn: Kevelaer, 1976. 2 ed. aum. de *KTU: The cuneiform alphabetic texts from ugarit, Ras Ibn Hani, and other places*. M. Dietrich, O. Loretz e J. Sanmartín (org.), Münster, 1995 (= *CTU*).

LXX	Septuaginta
MT	Texto Massorético
NAB	New American Bible
NAC	New American Commentary
NASB	New American Standard Bible
NCBC	New Century Bible Commentary
NIB	The New Interpreter's Bible
NICNT	New International Commentary on the New Testament
NICOT	New International Commentary on the Old Testament
NIDOTTE	*New International Dictionary of Old Testament Theology and Exegesis*. W. A. VanGemeren (org.), 5 volumes. Grand Rapids: Zondervan, 1997.
NIV	New International Version
NIVAC	The NIV Application Commentary
NKJV	New King James Version
NLT	New Living Translation, 2004
NLT 1.0	New Living Translation, 1996
NRSV	New Revised Standard Version
OTG	Old Testament Guides
OTL	Old Testament Library
RevExp	*Review and Expositor*
SBLDS	Série da Society of Biblical Literature
TDOT	*Theological Dictionary of the Old Testament*. G. J. Botterweck e H. Ringgren (org). Trad. por J. T. Willis, G. W. Bromiley e D. E. Green. 8 volumes. Grand Rapids: Eerdmans, 1974–2004.
TLOT	*Theological Lexicon of the Old Testament*. E. Jenni e C. Westermann (org.). Trad. por M. E. Biddle. 3 volumes. Peabody: Hendrickson, 1997.
TNK	Tanakh: The Holy Scriptures – The new JPS translation according to the traditional hebrew text, 1985.
TOTC	Tyndale Old Testament Commentary
TWOT	*Theological Wordbook of the Old Testament*. R. L. Harris, G. L. Archer Jr. e B. K. Waltke (org.). 2 volumes. Chicago: Moody, 1980.
TZ	periódico *Theologische Zeitschrift*
WBC	Word Biblical Commentary
WTJ	*Westminster Theological Journal*

1 APRECIANDO A POESIA

De boas palavras transborda o meu coração.
Ao Rei consagro o que compus;
a minha língua é como a pena de habilidoso escritor.
(Sl 45.1)

VOCÊ APRECIA POESIA? Talvez sim, talvez não. Nem todo mundo a aprecia. Eu não apreciava muito poesia até que comecei a estudar a poesia hebraica há muitos anos. Se você for como eu, este capítulo pode abrir um mundo novo para você. O que são "boas palavras" em sua opinião? Quem é um "habilidoso escritor"? Qual dos seguintes textos você aprecia mais?

❖❖❖

Numa meia-noite agreste, quando eu lia, lento e triste,
Vagos curiosos tomos de ciências ancestrais,
E já quase adormecia, ouvi o que parecia
O som de alguém que batia levemente a meus umbrais.
"Uma visita", eu me disse, "está batendo a meus umbrais.
É só isto, e nada mais".[1]

❖❖❖

10 de setembro... o ano se inicia em casa.
A manhã raiou clara hoje
sem neblina... sem chuva

1 Edgar Allan Poe. "O corvo". Em: *The collected works of Edgar Allan Poe – Volume 1: poems*. Cambridge: Belknap Press of Harvard Universit Press, 1969. p. 364-365. [Reproduzido conforme tradução de Fernando Pessoa (1924) – (N. do T.)].

apenas uma manhã fria e clara de setembro.
Já é outono, é certo.
Você pode senti-lo
ainda com um gostinho do verão em minha boca
meus pulmões respiram o outono.[2]



café
em um copo de papel –
um longo caminho distante de casa[3]



A rima métrica de Poe, os versos livres de McKuen e o haiku* de Hotham são apenas três dos muitos estilos da poesia inglesa. Contudo, embora seja grande a diferença entre a poesia de Poe, McKuen e Hotham, ainda maior é a diferença entre estes poetas ingleses e os poetas que escreveram os salmos.

Para apreciar um belo poema encontrado nos Salmos e escrito por um habilidoso poeta hebreu, requer-se, ao menos, um conhecimento básico do que faz a poesia hebraica ser poesia. E quanto mais você apreciar a *poesia* dos salmos, mais você compreenderá sua *mensagem*. Assim, o caminho para interpretar os salmos passa por compreender e apreciar suas características poéticas. Esta é a tarefa do Capítulo 1.

Mas antes de entrar nas características específicas da poesia hebraica, vamos examinar uma breve definição: *a poesia hebraica é um tipo de literatura que se comunica com linhas concisas que empregam* ***paralelismo*** *e* ***imagens*** *com grande frequência.* Outras grandes seções deste capítulo tratarão em detalhes sobre a natureza do paralelismo e do uso de imagens. Por ora, é preciso notar que a prosa hebraica também pode conter paralelismo e imagens, de modo que é o uso consistente e contínuo destas características que marca a poesia hebraica e a distingue da prosa.

2 Rod McKuen. "September 10". Em: *And autumn came*. Hollywood: Cheval, 1969. s.p.

3 Gary Hotham. "Coffee". Em: *Breath marks: haiku to read in the dark* (Moscou: Cânon, 1999). p. 20.

* No Brasil, costuma-se chamar "haicai". É um poema de origem japonesa, cuja estrutura métrica segue um padrão de três versos, com cinco, sete e cinco sílabas métricas, respectivamente [N. do R.].

Você pode estar se perguntando por que esta definição não contém qualquer referência à rima ou à métrica. Costumamos pensar que rima e métrica são a essência da poesia, visto que, desde a infância, aprendemos poemas como "marcha, soldado, cabeça de papel // quem não marchar direito vai preso no quartel". Há concordância quase universal, entretanto, de que a rima não é uma característica da poesia hebraica. Algumas vezes conseguimos detectar uma rima aparente, como no salmo 121.3:

אַל־יִתֵּן לַמּוֹט רַגְלֶךָ

'al-yittēn lammôt ragĕlekā ("ele não permitirá que os teus *pés* vacilem")

אַל־יָנוּם שֹׁמְרֶךָ

'al-yānûm shōmĕrekā ("não dormitará *aquele que* te guarda")

Mas esta aparente rima final é acidental, pois resulta mais do formato das palavras hebraicas com sufixos pronominais do que de um esforço real de rima.

A presença da métrica, por outro lado, é debatida. Duas propostas principais foram apresentadas para se identificar a métrica na poesia hebraica. Alguns eruditos seguem um sistema de contagem de sílabas, enquanto outros contam acentos. Muitos outros eruditos, dentre os quais eu me incluo, acreditam que nenhum dos sistemas faz justiça a todos os dados. O que podemos dizer com confiança é que as linhas poéticas em hebraico são concisas e relativamente iguais em tamanho, muito embora nós não tenhamos instrumento para medir com precisão este tamanho conciso.[4] Uma olhada, por exemplo, no relato em prosa da vitória de Débora em Juízes 4 e no relato em poesia da mesma vitória em Juízes 5 demonstra a natureza concisa da poesia hebraica.

Esta concisão se relaciona com um número de características gramaticais que ocorrem bem menos na poesia hebraica do que na prosa hebraica. A poesia hebraica emprega, com muito menos frequência do que o faz a prosa hebraica, o imperfeito encadeado,[5] o marcador de objeto direto, o pronome relativo e o artigo definido. A ocorrência mínima destas características gramaticais na poesia se soma à concisão da linha poética. O quadro

4 James L. Kugel, *The idea of biblical hebrew poetry: parallelism and its history* (New Haven: Yale, 1981), p. 71.

5 Também conhecida como a construção "waw-consecutivo mais imperfeito", esta característica gramatical, juntamente com as outras listadas aqui, não transparece na tradução em português. [Alguns eruditos denominam esta construção de waYQTL (N. do T.)].

seguinte mostra as estatísticas destas características gramaticais quanto à sua ocorrência no relato em prosa da criação em Gênesis 1 e no relato em poesia da criação no salmo 104.

	Gênesis 1	**Salmo 104**
Imperfeito encadeado	50	1
Marcador de objeto direto	26	2
Pronome relativo	9	2
Artigo definido	79	27

Uma vez que concisão, paralelismo e uso de imagens são maneiras relativas de medição, os limites entre poesia e prosa muitas vezes ficam pouco definidos.[6] Afinal, nós estamos lidando aqui com literatura em geral e poesia em particular, e não com equações algébricas. Assim, precisamos dar aos poetas espaço suficiente para serem criativos dentro dos parâmetros de suas próprias convenções literárias. As linhas poéticas do salmo 1, por exemplo, não se parecem nem um pouco com as linhas regulares do salmo 2. Poesia e prosa, portanto, são mais bem percebidas como tipos de literatura que ocorrem *em um continuum* e não *em áreas delimitadas*.[7]

Analisando as partes

Embora nós pudéssemos iniciar com um estudo da fonologia hebraica (sons) e da morfologia hebraica (palavras) como blocos básicos de construção da poesia, iremos, em vez disso, começar em um nível mais elevado, o nível da linha poética.[8] Depois disso, veremos como os poetas juntam as linhas para formar estrofes e como, algumas vezes, eles juntam estrofes para formar estâncias.

6 Kugel, *The idea of biblical hebrew poetry*, p. 59-95, por exemplo, nega esta distinção em termos práticos.

7 David L. Petersen e Kent Harold Richards, *Interpreting hebrew poetry* (Mineápolis: Fortress, 1992), p.13-14.

8 Para uma discussão do papel que o som tem na poesia hebraica, vd. L. Alonso Schökel, *A manual of hebrew poetics* Subsidia Bíblica (Roma: Pontifical BiblicalInstitute, 1988), p. 20-33.

A linha

A **linha** é a unidade básica da poesia hebraica. Uma linha não deve ser confundida com uma sentença em português, porque muitas linhas contêm mais do que uma sentença completa. O salmo 117.1 é um caso exemplar:

> *Louvai ao SENHOR, vós todos os gentios,*
> *louvai-o, todos os povos.*

Uma linha também não deve ser confundida com um versículo da Bíblia, porque muitos versos contêm mais de uma linha, como no caso do salmo 47.9:

> 1ª linha: Os príncipes dos povos se reúnem,
> o povo do Deus de Abraão,
>
> 2ª linha: porque a Deus pertencem os escudos da terra;
> ele se exaltou gloriosamente.

Este único versículo contêm duas linhas e três sentenças. Em que, então, consiste uma linha?

Antes de definir uma linha, eu descreverei uma. A linha mais frequente na poesia hebraica é constituída de duas metades. Cada meia-linha é chamada de **cólon**,[9] de modo que a linha básica é denominada de **bicolon**. Veja um exemplo no salmo 92.1:

> *Bom é render graças ao SENHOR*
> *e cantar louvores ao teu nome, ó Altíssimo.*

Observe que os cola (plural de cólon) se correspondem. "Render graças ao SENHOR" corresponde a "cantar louvores ao teu nome". Esta correspondência é a essência do paralelismo, que será discutido em detalhes mais abaixo. Por ora, nós podemos definir uma linha como uma expressão de pensamento completa e paralelística.[10]

---

9 Muitos eruditos, mas não todos, distinguem entre linha e cólon como eu faço. Outros não o fazem, como Michael O'Connor, *Hebrew verse structure* (Winona Lake: Eisenbrauns, 1980), p. 32.

10 Tremper Longman III, *How to read the Psalms* (Downers Grove: IVP, 1988), p. 96.

Embora a maioria das linhas se constitua de dois cola, algumas contêm três. Uma linha como esta é denominada de **tricolon**. O salmo 112.9-10 provê dois exemplos claros:

Distribui, dá aos pobres;
a sua justiça permanece para sempre,
e o seu poder se exaltará em glória.
O perverso vê isso e se enraivece;
range os dentes e se consome;
o desejo dos perversos perecerá.

Algumas vezes uma linha pode ter quatro cola. Neste caso, é denominada de **tetracolon** ou **quadra**, como no salmo 29.1-2 e no salmo 96.11-12:

Tributai ao SENHOR, filhos de Deus,
tributai ao SENHOR glória e força.
Tributai ao SENHOR a glória devida ao seu nome,
adorai o SENHOR na beleza da santidade.

Alegrem-se os céus, e a terra exulte;
ruja o mar e a sua plenitude.
Folgue o campo e tudo o que nele há;
regozijem-se todas as árvores do bosque.

Ainda algumas vezes, um salmo pode conter uma linha anômala isolada, o **monocolon**. A expressão הַלְלוּיָהּ ("Louvai ao SENHOR!") é um exemplo. Esta expressão hebraica ocorre vinte e três vezes no Livro dos Salmos e sempre no início ou no final de um poema.[11] O hebraico הַלְלוּ־יָהּ é melhor compreendido como uma exclamação de abertura ou fechamento, o que é indicado pelo ponto de exclamação usado em algumas versões.

Diversas traduções modernas, como a NVI e a NLT, usam uma série de recuos de espaço para indicar os cola em uma linha. O primeiro cólon (cólon A) fica alinhado na margem esquerda. O segundo cólon (cólon B) se diferencia por um recuo, como nos exemplos acima. Tricolas manterão o segundo cólon e o terceiro cólon no mesmo nível de recuo. Algumas vezes um terceiro nível de recuo é empregado, simplesmente significando que não havia espaço suficiente na coluna para colocar todo o cólon em uma linha de

11 A única exceção é o salmo 135.3, mas aqui הַלְלוּיָהּ é seguido por uma cláusula כִּי ("porque") e, portanto, a expressão não é usada absolutamente como nas outras ocorrências.

impressão, de modo que o editor dividiu aquele cólon com uma parte na linha seguinte. Portanto, uma edição em coluna única proporciona uma apresentação mais esteticamente agradável das linhas poéticas da poesia hebraica, pois elimina virtualmente a necessidade deste terceiro nível de recuo.

A unidade básica de um poema, então, é a linha, usualmente feita de dois cola, mas algumas vezes feitas de um, três ou quatro.

A estrofe

Quando escrevemos prosa, nós agrupamos sentenças relacionadas para juntas formarem um parágrafo. Quando escrevemos poesia, nós agrupamos linhas relacionadas para juntas formarem uma **estrofe**. Uma estrofe é, na poesia, o que um parágrafo é na prosa.

Diversas traduções modernas indicam as divisões entre estrofes por meio de espaço extra entre elas. Este espaço extra funciona como o recuo que marca o começo de um novo parágrafo na prosa em português.

A base primária para agrupar linhas em uma estrofe é o seu sentido. Uma estrofe é um grupo de linhas que tem seu foco em um tema comum; uma única ideia mantém unidos os versos de uma estrofe. No texto do salmo 13 da NLT, por exemplo, espaço extra aparece entre os versos 2 e 3 e entre os versos 4 e 5, indicando assim três estrofes: versos 1-2, 3-4 e 5-6.* Note que os versos 1 e 2 enfatizam a questão "até quando?". Os versos 3 e 4 fazem pedidos específicos: "atenta", "responde-me" e "ilumina-me". Os versos 5 e 6 estão unidos pela nota de confiança que eles expressam: "confio", "regozije-se", "cantarei".

Os poetas hebreus também usaram outras técnicas para agrupar linhas em estrofes. Uma técnica é o acróstico alfabético. Um acróstico alfabético usa as letras do alfabeto para estruturar um poema. O salmo 119 é um acróstico em múltiplos de 8: cada conjunto de 8 linhas é agrupado pelo uso da mesma letra do alfabeto como a primeira letra da primeira palavra de cada linha. Assim, por exemplo, a primeira palavra de cada linha dos versos 1 a 8 começa com *aleph* (a primeira letra do alfabeto hebraico), a primeira palavra de cada linha dos versos 9 a 16 começa com *beth* (a segunda letra do alfabeto hebraico), e assim por diante até os versos 169 a 176, onde a primeira palavra de cada linha começa com *tav* (a última letra do alfabeto hebraico).

Um poeta também pode usar a gramática para agrupar linhas em estrofes, como no salmo 148. Este salmo naturalmente se divide em duas estrofes:

* Versões brasileiras também usam tais espaçamentos entre estrofes. Neste salmo específico, contudo, a ARA sugere apenas duas estrofes: 1-4 e 5-6. A NTLH e a BJ, por sua vez, apresentam as mesmas divisões da NLT [N. do T.].

versos 1-6 e versos 7-14. (Note o espaço extra colocado entre os v.6 e v.7 na NLT). O tema dos versos 1-6 se encontra no verso 1a: "Louvai ao SENHOR do alto dos céus". O tema dos versos 7-14 se encontra no verso 7a: "Louvai ao SENHOR da terra". O universo é frequentemente descrito como estruturado em dois níveis no Antigo Testamento: os céus e a terra (vd. Gn 1.1). Correspondendo a esta divisão, o poeta divide o poema em duas estrofes. Na primeira, o poeta convida os céus a louvarem ao Senhor; e na segunda, ele convida a terra a fazer isso. Em adição à unidade no assunto, o poeta emprega **conexão entre inícios** para marcar o começo de cada estrofe. Uma conexão entre inícios é a técnica literária de marcar o início de duas seções sequenciais por meio da repetição de formas gramaticais ou vocabulário.

(v.1a) הַלְלוּ אֶת־יְהוָה מִן־הַשָּׁמַיִם
Louvai ao SENHOR a partir dos céus

(v.7a) הַלְלוּ אֶת־יְהוָה מִן־הָאָרֶץ
Louvai ao SENHOR a partir da terra

Em ambas as estrofes, uma variedade de sujeitos é convocada a louvar ao Senhor (vs.2-4 e vs.8-12). O poeta então muda do imperativo para o jussivo[12] nos versos 5 e 13:

(v.5a) יְהַלְלוּ אֶת־שֵׁם יְהוָה
Louvem o nome do SENHOR

(v.13a) יְהַלְלוּ אֶת־שֵׁם יְהוָה
Louvem o nome do SENHOR

Cada uma destas mudanças para o jussivo é seguida de uma cláusula de motivo:

(v.5b) כִּי הוּא צִוָּה וְנִבְרָאוּ
pois mandou ele, e foram criados

12 O *jussivo* é uma forma do verbo hebraico que é usada para expressar a vontade do orador com relação a uma terceira pessoa; p.ex., "Deixe-o subir". Vd. Paul Joüon e T. Muraoka, *A grammar of biblical hebrew* (Roma: Pontifical Biblical Institute, 1991), §46a.

(v.13b) כִּי־נִשְׂגָּב שְׁמוֹ לְבַדּוֹ
porque só o seu nome é excelso

As linhas seguintes começam com um verbo imperfeito encadeado:

(v.6a) וַיַּעֲמִידֵם
E os estabeleceu

(v.14a) וַיָּרֶם
E ele exaltou

No salmo 148, o poeta usou estruturas gramaticais repetidas para criar um **padrão paralelo**, as quais, no seu conjunto, convocam todo o universo a louvar ao Senhor. Prestar atenção à estrutura de estrofes dos poemas hebraicos, portanto, é importante para seguir o pensamento poético e evitar que o intérprete se perca na floresta de árvores-versos.

A estância

Alguns poemas, especialmente os mais longos, podem ter duas ou mais estrofes que enfatizam o mesmo tema. Nós denominamos um grupo de estrofes assim fortemente relacionadas de **estância** (ou *stanza*).

O salmo 139, por exemplo, é formado por duas estâncias – versos 1-18 e versos 19-24. A primeira estância enfatiza a natureza de Deus e se divide em quatro estrofes. Os versos 1-6 tratam do conhecimento de Deus. Observe como o poeta usa a repetição de palavras para dirigir nossa atenção ao conhecimento de Deus: "conheces" (v.1b), "sabes" (v.2a),* "conheces" (v.3c), "conheces" (v.4a), "conhecimento" (v.6a). Os versos 7-12 refletem sobre sua presença: "Para onde me ausentarei do teu Espírito?" (v.7a), "Para onde fugirei da tua face?" (v.7b), "lá estás" (v.8a), "lá estás também" (v.8b), "ainda lá" (v.10a), "eu não posso me esconder de ti" (v.12a, NLT). Os versos 13-16 refletem sobre o cuidado de Deus: "tu formaste o meu interior" (v.13a), "tu me teceste" (v.13b), "... não te foram encobertos" (v.15a), "os teus olhos me viram" (v.16a). Os versos 17-18 concluem esta estância repetindo seus temas: "Que preciosos ... são os teus pensamentos" (v.17a) e "você ainda está comigo" (v.18b, NLT).

* Em outras versões, usa-se também o verbo "conhecer"aqui [N. do T.].

Na segunda estância, o poeta reage a esta reflexão em duas estrofes. Os versos 19-22 são um pedido pela eliminação do mal por meio da eliminação de "os outros". Os versos 23-24 são um pedido pela eliminação do mal de dentro de "mim".

Uma outra técnica empregada por este poeta é chamada de **inclusão**.[13] Uma inclusão é o uso do mesmo conteúdo ou forma gramatical (ou similar) tanto no início como no final de um poema, estância ou estrofe. No primeiro verso da primeira estrofe, o poeta diz:

> *SENHOR, tu me sondas e me conheces.*

E no primeiro verso da última estrofe, o poeta diz:

> *Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração,*
> *prova-me e conhece os meus pensamentos.*

Esta repetição do motivo de exame provê uma percepção de fechamento e mostra que a preocupação maior do poema é um relacionamento ainda mais profundo entre o poeta e Deus. Este tema é sublinhado no verso final:

> *Vê se há em mim algum caminho mau*
> *e guia-me pelo caminho eterno.*

Assim como com as estrofes, também com as estâncias: segmentar um poema em estâncias nos ajuda a entender melhor o fluxo do pensamento do poeta e, portanto, ajuda-nos a entender melhor o poema.

Fica claro que a compreensão das partes de um poema (linhas, estrofes e estâncias) é básica para entender a poesia hebraica. Agora nós podemos construir sobre este fundamento, verificando mais de perto como os poetas hebreus expressaram seus pensamentos em linhas paralelas.

Adentrando no paralelismo

Os poetas hebreus expressaram seus pensamentos em poemas compostos por linhas, estrofes e, às vezes, estâncias. Já vimos como estrofes e estâncias são agrupadas, mas em que consiste uma linha? Visto que a poesia

13 Também chamado de *inclusio*.

hebraica não tem uma métrica ou rima aparente, o que torna uma linha uma linha? No centro da resposta a esta questão está o "paralelismo". Em uma linha, há um relacionamento particular entre os cola, um certo fluxo de pensamento de um cólon para o outro. Nós denominamos este fluxo de pensamento ou relacionamento de "paralelismo".

O que é o paralelismo?

Correspondência

Em seu âmago, paralelismo é *correspondência*. Adele Berlin afirmou que a correspondência é a essência básica do paralelismo.[14] De modo similar, Tremper Longman afirmou que "paralelismo se refere à correspondência que ocorre entre as sentenças de uma linha poética".[15] Podemos dizer, portanto, que o paralelismo é um relacionamento de correspondência entre os cola de uma linha poética.[16]

A correspondência entre os cola pode ocorrer em vários níveis. Pode ocorrer, por exemplo, no nível da gramática ou no nível do significado. Visto que a gramática portuguesa e a gramática hebraica são bem diferentes, para apreciar o paralelismo gramatical é preciso um conhecimento básico de gramática hebraica. A correspondência no nível do significado, entretanto, pode ser apreciada de modo mais vasto por aqueles que leem a poesia hebraica em uma tradução. Vamos examinar ambos os níveis.[17]

Correspondência na gramática

Algumas vezes, o nível de correspondência no nível gramatical é tão alto que as formas gramaticais de cada cólon são idênticas. O salmo 103.10 é um exemplo:

לֹא כַחֲטָאֵינוּ עָשָׂה לָנוּ
não segundo os nossos pecados ele fez a nós
(Trad. do autor)

14 Adele Berlin, *The dynamics of biblical hebrew parallelism* (Bloomington: Indiana University, 1985), p. 2-3.

15 Longman, *How to read the Psalms*, p. 95.

16 Mark D. Futato, *Transformed by praise: the purpose and message of the Psalms* (Philipsburg: P & R, 2002), p. 35-36.

17 Para maiores detalhes sobre este tópico, consulte Berlin, *The dynamics of biblical hebrew parallelism*, p. 31-102.

וְלֹא כַעֲוֹנֹתֵינוּ גָּמַל עָלֵינוּ
e não segundo as nossas iniquidades ele retribuiu a nós
(Trad. do autor)

Ambos os cola são compostos de formas gramaticais idênticas: advérbio negativo + preposição que governa um substantivo com sufixo pronominal + verbo + preposição com sufixo pronominal. Este exemplo não deve nos levar, todavia, a equacionar paralelismo gramatical com *identidade gramatical.*

É bem mais comum o paralelismo gramatical ser expresso por meio de uma *equivalência gramatical*, ou seja, a substituição no segundo cólon por algo gramaticalmente diferente, mas equivalente de um elemento no primeiro cólon.[18] O salmo 117.1 provê um exemplo de equivalência gramatical:

הַלְלוּ אֶת־יְהוָה כָּל־גּוֹיִם
louvai ao SENHOR, todas as nações
(Trad. do autor)

שַׁבְּחוּהוּ כָּל־הָאֻמִּים
glorificai-o, todos os povos
(Trad. do autor)

Aqui o poeta substituiu o nome divino no primeiro cólon (יהוה) pelo pronome gramaticalmente equivalente *o* (הוּ-) no segundo cólon. Os tipos de substituição possíveis são praticamente infinitos, pois não havia apenas equivalentes morfológicos, mas também equivalentes sintáticos, à disposição do poeta antigo.[19] Uma consciência do paralelismo gramatical capacitará o estudante que sabe ler poesia do Antigo Testamento em hebraico a perceber paralelismos que não são evidentes àquele que lê a poesia em português.

As linhas paralelas nos dois exemplos prévios possuem cola que são aparentemente idênticos em significado. Algumas vezes, contudo, as formas gramaticais são idênticas, mas não o significado. O salmo 103.3 é um bom exemplo:

הַסֹּלֵחַ לְכָל־עֲוֹנֵכִי
quem perdoa todas as tuas iniquidades

18 Ibidem, p. 32.
19 Ibidem, p. 32-65.

הָרֹפֵא לְכָל־תַּחֲלָאָיְכִי
quem sara todas as tuas enfermidades

Pecado e doença são conceitos certamente muito próximos na teologia israelita antiga, como o salmo 38.3-5 deixa claro:

Não há parte sã na minha carne, por causa da tua indignação;
não há saúde nos meus ossos, por causa do meu pecado.
Pois já se elevam acima de minha cabeça as minhas iniquidades;
como fardos pesados, excedem as minhas forças.
Tornam-se infectas e purulentas as minhas chagas,
por causa da minha loucura.

Mas nem todo mundo que pecou no Antigo Testamento ficou doente, e nem toda doença era um resultado de pecado, como o livro de Jó claramente nos ensina. Assim, pecado e doença não são idênticos, nem tampouco perdão e cura. Portanto, os cola no salmo 103.3 são idênticos em formais gramaticais, mas não em significado.

Correspondência no significado

O paralelismo semântico é a correspondência no significado que existe entre os cola de uma linha poética. Às vezes esta correspondência também se estende à identidade no significado, como no salmo 92.6[7]:

O inepto não compreende,
e o estulto não percebe isto.

Robert Alter se refere a este tipo de correspondência como "sinonímia estática".[20] Embora talvez não seja justo dizer que tais linhas estáticas são raras, elas não são a norma de como os cola das linhas poéticas se relacionam no nível de significado.

A correspondência no significado tipicamente não é tão exata como no salmo 92.6[7]. Isto pode ser demonstrado no salmo 92.1[2]:

Bom é render graças ao SENHOR
e cantar louvores ao teu nome, ó Altíssimo.

20 Robert Alter, *The art of biblical poetry* (Nova York: Basic Books, 1985), p. 22.

"Render graças" obviamente corresponde a "cantar louvores", assim como "Senhor" corresponde a "Altíssimo". Mas os significados dos termos hebraicos יָדָה e זָמַר não são, de forma alguma, idênticos. O termo hebraico יָדָה no Hifil significa agradecer ou louvar no sentido de confessar ou reconhecer o que o Senhor é e o que ele fez,[21] enquanto זָמַר significa "tocar um instrumento, cantar",[22] o que ajuda a explicar as referências a instrumentos no verso 3:

> *com instrumentos de dez cordas, com saltério*
> *e com a solenidade da harpa.*

Linhas como o salmo 92.15, contudo, aparentemente têm bem pouca correspondência de fato:

> *para anunciar que o SENHOR é reto.*
> *Ele é a minha rocha,*
> *e nele não há injustiça.*

Que tipo de correspondência existe, então, entre os cola de uma linha poética?

Como o paralelismo funciona?

Uma compreensão mais antiga

C. S. Lewis expressou o que a vasta maioria dos estudantes de poesia hebraica pensam ao definir paralelismo como a técnica poética de "dizer a mesma coisa duas vezes em palavras diferentes".[23] Lewis é parte de uma longa linha de eruditos que fluiu do manancial encontrado em *Lectures on the sacred poetry of the hebrews* [Palestras sobre a poesia sagrada dos hebreus], obra de 1753 de Robert Lowth. Nestas palestras, Lowth descreveu o paralelismo como uma técnica de poetas que "expressam de muitos modos diferentes a mesma coisa em palavras diferentes".[24]

21 Vd. *HALOT*, 1:389; e Walter Brueggemann, *The message of the Psalms* (Mineápolis: Augsburg, 1984), p. 125.

22 *HALOT*, 2:273-274; vd. também C. Barth, "זמר", em *TDOT*, 4:96-97.

23 C. S. Lewis, *Reflections on the Psalms* (San Diego: Harcourt Brace Jovanovich, 1958), p. 11.

24 Citado em Berlim, *The dynamics of biblical hebrew parallelism*, p. 1.

De acordo com Lowth, no paralelismo, "uma proposição é fornecida e uma segunda é anexada a ela... equivalente ou contrastante". Por isso, algumas linhas paralelas são denominadas de "sinônimas" (dizem a mesma coisa duas vezes em palavras diferentes) e outras são denominadas de "antitéticas" (dizem a mesma coisa duas vezes com expressões opostas). Um exemplo do primeiro tipo seria o salmo 92.12:

O justo florescerá como a palmeira,
crescerá como o cedro no Líbano.

O livro de Provérbios tem muitos exemplos do segundo tipo. Provérbios 1.8 é um deles:

Filho meu, ouve o ensino de teu pai
e não deixes a instrução de tua mãe.

Mas há uma terceira categoria de paralelismo para Lowth: o tipo "sintético". O paralelismo sintético se refere àquelas muitas linhas onde o segundo cólon, na verdade, não diz a mesma coisa de novo, seja com palavras diferentes ou opostas, mas simplesmente adiciona nova informação ao primeiro cólon. A necessidade desta terceira categoria acabou gerando um questionamento da adequação desta compreensão antiga do paralelismo como sendo "dizer a mesma coisa duas vezes em palavras diferentes". Como resultado disso, em anos recentes uma nova compreensão foi proposta.

Uma nova compreensão

Estudantes da poesia hebraica articularam uma nova compreensão do paralelismo, algo que eu considero que traduz melhor como o paralelismo funciona.[25] Eu a descrevo deste modo: "Paralelismo é a arte de dizer algo similar em ambos os cola, mas com um diferencial adicionado no segundo cólon".[26] Em geral, há algum tipo de movimento do primeiro para o segundo cólon, algum tipo de adição.

Vejamos diversos exemplos no salmo 29, começando com o verso 1:

Tributai ao SENHOR, *filhos de Deus,*
tributai ao SENHOR *glória e força.*

25 Vd. Kugel, *The idea of biblical hebrew poetry*; e Alter, *The art of biblical poetry*.
26 Futato, *Transformed by praise*, p. 36.

A repetição de "Tributai ao SENHOR" estabelece uma correspondência entre estes dois cola, a qual nos convida a lermos os cola em conjunto. Tendo estabelecido a correspondência, o poeta então adiciona uma diferença: o primeiro cólon nos conta *quem* deve dar honra ao Senhor – os anjos* – e o segundo cólon adiciona a ideia do *motivo* pelo qual os anjos devem honrar o Senhor, a saber, por sua glória e força. O verso 4 apresenta um tipo diferente de movimento:

> *A voz do SENHOR é poderosa;*
> *a voz do SENHOR é cheia de majestade.*

Aqui a diferença é a simples mudança de uma característica (poder) por outra (majestade). O verso 5 tem ainda outro tipo de movimento:

> *A voz do SENHOR quebra os cedros;*
> *sim, o SENHOR despedaça os cedros do Líbano.*

O movimento é de "cedros" para "cedros do Líbano". Para os antigos, isto seria como nós dizermos hoje: "o vento derrubou algumas árvores, mas não qualquer uma, e sim aquelas árvores colossais do norte da Califórnia". Finalmente, vejamos o verso 10:

> *O SENHOR preside aos dilúvios;*
> *como rei, o SENHOR presidirá para sempre.*

O primeiro cólon nos diz *onde* o trono do Senhor foi estabelecido – acima das forças caóticas que ele derrotou em batalha. O segundo cólon nos conta *por quanto tempo* isto é verdade – para sempre.[27]

Meu objetivo não é prover uma lista dos tipos de diferenças que você encontrará ao refletir sobre as linhas paralelas. Meu objetivo é familiarizá-lo com o princípio de que *o paralelismo é a arte de dizer algo similar em ambos os cola, mas com um diferencial adicionado no segundo cólon.* Os poetas hebreus nos convidam, assim, a ler cuidadosamente, procurando pela diferença no segundo cólon, seja ela pequena ou grande.

---

* Na tradução inglesa usada pelo autor, o texto traz "seres celestiais" no lugar de "filhos de Deus" [N. do T.].

27 Para o "dilúvio" como uma referência à subjugação do caos por Deus, vd. Richard J. Clifford, *Psalms 1-72* (AOTC; Nashville: Abingdon, 2002), p.156.

Antes de deixar esta conversa sobre paralelismo, vamos examinar mais um texto para ilustrar como a nossa compreensão da natureza do paralelismo afeta a nossa interpretação das linhas poéticas. O texto hebraico do salmo 150.1 diz:

הַלְלוּ־אֵל בְּקָדְשׁוֹ
Louvai a Deus no seu santuário;

הַלְלוּהוּ בִּרְקִיעַ עֻזּוֹ
louvai-o no firmamento, obra do seu poder.

No Antigo Testamento, o termo hebraico קֹדֶשׁ ("santidade") frequentemente se refere ao santuário de Deus.[28] Em consonância com isto, a maioria das traduções usa a palavra "santuário" aqui.[29] Mas este "santuário" se refere ao santuário de Deus no céu ou na terra? Se paralelismo é dizer a mesma coisa em palavras diferentes, o santuário é no céu, dado que o segundo cólon afirma "louvai-o no firmamento". Esta é a compreensão da NLT, que traduz o primeiro cólon como "Louvai a Deus em sua habitação celestial". Se, entretanto, paralelismo é dizer algo similar em cada cólon, mas com um diferencial no segundo cólon, é mais provável que o santuário seja na terra.[30] O sentido então seria que "a adoração não pode ser confinada a um pequeno prédio em uma cidade particular. A grandeza do Senhor só pode ser louvada adequadamente no anfiteatro do cosmos".[31] Se eu estou certo ou errado sobre como ler esta linha não é agora tão importante quanto perceber que a antiga compreensão de como o paralelismo funciona tem o potencial de reduzir o texto, enquanto a nova compreensão abre possibilidades para uma leitura mais rica.

Quando lemos cuidadosamente as linhas poéticas de um salmo e refletimos sobre como o segundo cólon adiciona algo ao sentido do primeiro, nossa compreensão do texto se aprofunda e nosso deleite no texto floresce. Compreender o que é o paralelismo e como ele funciona enriquece a nossa experiência em ouvir Deus falar a nós por meio dos salmos.[32]

28 *HALOT*, 3:1078.

29 Compare com a ESV, NAB, NASB, NIV, NRSV e TNK.

30 Vd. Hans-Joachim Kraus, *Psalms 60-150: a commentary* (Mineápolis: Augsburg, 1989), p.570.

31 Richard J. Clifford, *Psalms 73-150* (AOTC; Nashville: Abingdon, 2003), p. 319.

32 Futato, *Transformed by praise*, p. 39.

Vendo as imagens

"Imagens são a glória, talvez até a essência da poesia, o planeta encantado da imaginação, uma galáxia sem limites, sempre viva e sempre em mudança", afirma L. Alonso Schökel.[33] William P. Brown, em sua obra iluminadora *Seeing the Psalms: a theology of metaphor* [Vendo os salmos: uma teologia da metáfora], mantém que o uso de imagens é "o bloco de construção mais básico da poesia".[34] Leland Ryken, com uma disposição similar, afirmou que "a poesia é a linguagem das imagens".[35]

Uma rápida olhada no início do salmo 104 traz apoio a estas avaliações, pois ele apresenta nada menos que oito imagens nos primeiros quatro versos: Deus é sobrevestido com esplendor e coberto de luz, estendendo o céu como uma cortina, pondo o vigamento da sua morada nas águas celestiais, fazendo das nuvens seu carro, voando nas asas do vento, fazendo dos ventos seus mensageiros e dos relâmpagos, seus servos. Nada comparável a isto é encontrado na prosa. A prosa certamente emprega imagens, mas não com a intensidade ou a densidade da poesia.

As imagens tocam as emoções e cativam a mente

João Calvino chamou o Livro dos Salmos de "uma anatomia de todas as partes da alma".[36] Calvino usou esta linguagem porque ele assimilou bem quão profundamente os salmos tocam nossas emoções. Uma das razões pelas quais os salmos tocam nossas emoções e se tornaram tão queridos aos corações do povo de Deus ao longo dos séculos é a alta frequência de imagens que eles empregam.

Em geral, as imagens arrebatam nossas emoções antes de cativarem nossas mentes. Nós percebemos seu sentido geral antes de alcançarmos o significado preciso delas. Como Brian Gerrish afirmou, uma imagem "mexe com o coração, e daí o intelecto tem que correr atrás depois".[37] Já tão cedo quanto o quarto século, Atanásio demonstrou em uma carta a Marcelino

33 Schökel, *A manual of hebrew poetics*, p. 95.

34 William P. Brown, *Seeing the Psalms: a theology of metaphor* (Louisville: Westminster John Knox, 2002), p .2.

35 Leland Ryken, *How to read the Bible as literature* (Grand Rapids: Zondervan, 1984), p. 89.

36 João Calvino, *Commentary on the book of Psalms* (Grand Rapids: Baker, 1979), p. xxxvii.

37 Brian Gerrish, *The pilgrim road: sermons on christian life* (Louisville: Westminster John Knox, 1999), p.1.

sua consciência da interatividade entre o afetivo e o cognitivo nas imagens dos salmos:

> *Nos outros livros, escuta-se apenas o que é necessário fazer e o que não fazer ... Contudo, no Livro dos Salmos, aquele que escuta, além de aprender estas coisas, também as compreende e é ensinado nelas por meio das emoções da alma. Consequentemente, ... ele está capacitado por este livro a possuir a imagem que se deriva das palavras.*[38]

As imagens tocam nossas emoções porque elas tecem figuras vívidas a partir do tecido da vida ordinária.

As imagens são figuras de ações ou coisas concretas

"Os poetas da Bíblia constantemente nos põem em um mundo de águas e ovelhas e leões e rochas e flechas e grama".[39] Esta lista de Ryken ilustra por que nós nos conectamos tão prontamente com os salmos: as imagens são figuras tiradas da vida ordinária. Nós podemos visualizar a figura em nossas mentes quando o poeta descreve a vida do justo como uma "árvore plantada junto a corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto" (Sl 1.3). Quando outro poeta descreve a Palavra de Deus como "lâmpada para os meus pés ... e luz para os meus caminhos" (Sl 119.105), uma imagem mental se descortina diante de nós imediatamente.

Ao mesmo tempo, a lista de Ryken indica por que as imagens bíblicas às vezes requerem um trabalho extra da parte do leitor moderno. O poeta cria uma imagem a partir da vida ordinária, mas esta vida ordinária é aquela de um povo que viveu em uma cultura diferente da maioria dos leitores contemporâneos dos salmos. A vida agrária do israelita antigo, que vivia em um clima semidesértico, não é a vida ordinária da maioria de nós. Uma ilustração contemporânea pode nos ajudar neste ponto. Em sua canção ardente "Turn me on", Norah Jones diz que ela está esperando por seu amante "como uma criança anseia pela primavera".[40] Todos nós conseguimos visualizar esta cena, pelo menos até certo ponto. Mas, e quanto ao ouvinte que conhece apenas o clima sem estações da Flórida central ou do sul da Califórnia? A imagem não atinge este leitor do mesmo modo que toca o coração de uma pessoa que foi criada nas terras do norte dos Estados Unidos. O morador do Norte pode

38 Citado em Brown, *Seeing the Psalms*, p. 4.
39 Ryken, *How to read the Bible*, p. 90.
40 Norah Jones, *Come away with me*, Blue Note Records, 2002.

sentir a antecipação por aquele primeiro dia da primavera quando se largará o casaco e a bicicleta sairá do depósito pela primeira vez em meses.*

Assim, nós percebemos com variados graus de clareza as imagens apresentadas nos diferentes salmos. Em alguns salmos, nós vemos claramente as imagens. Em outros, nós as vemos, mas sem a clareza dos antigos. Ainda em outros, nós vemos as imagens como se as estivéssemos olhando por meio de uma janela de vidro opaco.

Como uma ilustração destas imagens que vemos sem grande clareza, vamos examinar a figura familiar descrita no salmo 23.2:

> *Ele me faz repousar em pastos verdejantes.*
> *Leva-me para junto das águas de descanso.*

Poucos dentre nós são incapazes de visualizar esta cena idílica onde o pastor provê grama e água para satisfazer as necessidades básicas das ovelhas. Mas como muitos percebem o *pathos* das ovelhas? É o fim da temporada de cinco meses de seca e a primeira chuva do outono ainda não chegou para encher os tanques e fazer a grama fresca brotar. Contudo, elas têm confiança de que o Pastor proverá, a despeito de não terem tido muito para beber ou comer por diversos meses. Nós percebemos a imagem, todavia há mais aqui do que a percepção inicial de um leitor que não tem conhecimento do clima de Israel alcança.

Ainda menos clara para um leitor contemporâneo é a figura bem conhecida do salmo 23.5:

> *Unges-me a cabeça com óleo*

Para a maioria de nós, "óleo" nos lembra o óleo para cozinhar ou o óleo para motores. Pouquíssimos percebem imediatamente a fragrância de uma loção perfumada para o corpo. E quantos dentre nós sentem o refrescar que os antigos teriam sentido? O ungir com óleo neste contexto é análogo a se banhar depois de uma longa viagem para então participar de uma refeição festiva.

---

* Devido à vasta extensão territorial, os Estados Unidos apresentam variações climáticas radicais. Boa parte da Flórida bem como o sul da Califórnia são regiões marcadas por um clima tropical ou subtropical, o que faz com que não se percebam tão claramente as divisões das estações. O sol é dominante em praticamente 300 dias do ano. Além disso, furacões e tempestades repentinas são comuns. No Norte dos EUA já ocorre o contrário. O clima é bem dividido e as estações podem ser percebidas com bastante clareza [N. do R.].

Provavelmente a figura usada no salmo 74.13-14 é totalmente obscura à maioria dos leitores dos salmos:

> *Tu, com o teu poder, dividiste o mar;*
> *esmagaste sobre as águas a cabeça dos monstros marinhos.*
> *Tu espedaçaste as cabeças do crocodilo*
> *e o deste por alimento às alimárias do deserto.*

Quantos dentre nós percebem aqui uma descrição da obra de criação de Deus, como os versos 15-17 deixam claro, e quantos dentre nós sentem descrita nestes versos a empolgação pela vitória do Senhor sobre as forças do caos? Nos versos 13-14, o poeta está usando uma linguagem bem conhecida dos antigos israelitas, uma linguagem que foi adaptada dos mitos dos vizinhos de Israel sobre a criação e usada como uma metáfora para a obra de criação de Deus. Sem o conhecimento destes mitos, os leitores modernos ficarão perplexos pelas referências da Bíblia a "monstros marinhos" e às muitas "cabeças do crocodilo",* e podem por engano tentar identificar estes seres com alguns dos animais marinhos que vivem no mar Mediterrâneo ou ainda com dinossauros pré-históricos.[41]

As imagens funcionam criando associações

Como uma imagem cumpre sua função? Dois conceitos nos ajudarão a responder a esta questão: domínio de origem e domínio de destino.[42] O domínio de origem é o aspecto da vida ordinária que o poeta está descrevendo para criar sua imagem. O domínio de destino é o assunto do qual o poeta está falando. Uma imagem cumpre bem sua função quando um aspecto do domínio de origem é transferido para o domínio de destino, criando, desta forma, uma associação entre os dois.

O salmo 47.9[10] provê um exemplo:

> *Os príncipes dos povos se reúnem,*
> *o povo do Deus de Abraão,*
> *porque a Deus pertencem os escudos da terra;*
> *ele se exaltou gloriosamente.*

---

* Outras versões bíblicas traduzem o texto aqui mais literalmente por "Leviatã", figura mitológica à qual o autor se refere [N. do T.].

41 Para mais sobre este tópico, vd. o excurso sobre imagens mitopoéicas ao final deste capítulo.

42 Brown, *Seeing the Psalms*, p .4-7.

Quando o poeta usa a palavra "escudos", ele não está se referindo a escudos literais. Os "escudos" correspondem e são uma imagem para os "príncipes" na linha anterior. O domínio de origem é o uso do escudo pelo antigo rei-guerreiro; o domínio de destino é o conjunto dos reis das nações que foram agora subjugados pelo Senhor (vd. v.3). O aspecto do escudo que foi transferido ao rei é o uso do escudo para proteção.[43] O poeta associa o poder protetor do escudo com o rei, que, no mundo antigo, era visto como a fonte suprema de proteção para seu povo. Agora, do contexto imediato, nós percebemos aqui mais do que um toque de ironia, pois os escudos não protegeram os reis e os escudos/reis não protegeram suas nações quando elas ousaram batalhar contra o Senhor (v. 3). A razão para isto está implícita no salmo 47.9[10] ("ele se exaltou gloriosamente") e explícita em outros lugares dos salmos: o Senhor é o rei supremo e o escudo supremo. Por exemplo, o salmo 33.20 diz:

> *Nossa alma espera no* SENHOR,
> *nosso auxílio e escudo.*[44]

Proteção suprema só é encontrada no Senhor; ele é "o grande rei de toda a terra" (Sl 47.2[3]).

Identificar o domínio de destino e estudar o domínio de origem são, portanto, os dois primeiros passos cruciais ao analisar uma imagem. Antes de detalhar estes passos (vd. abaixo), vamos considerar como as imagens podem ter múltiplos significados.

As imagens podem ter múltiplos significados

Quando eu digo que as imagens podem ter múltiplos significados, eu tenho em mente duas coisas separadas. Primeiramente, um domínio de origem pode ser usado para criar associações diferentes em textos diferentes. Estar "à mão direita", por exemplo, é estar em uma posição de *favor* e *honra*. Assim, as palavras "assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés" (Sl 110.1) dão ao rei messiânico uma posição de prestígio. Observe a tradução desta linha na NLT: "Assente-se no lugar de honra à minha direita". Usado de outra forma, a "mão direita descreve uma imagem de *poder* e *força* intensos",[45] como no salmo 138.7:

43 "Shield", em *DBI*, p. 785.

44 Para o Senhor como escudo, vd. também os salmos 3.3[4]; 5.12[13]; 7.10[11]; 18.2[3], 30[31]; 28.7; 59.11[12]; 115.9-11; 119.114; 144.2.

45 Vd. "Hand", em *DBI*, p. 361; vd. também "Right, Right Hand", em *DBI*, p. 727-728.

Se ando em meio à tribulação,
tu me refazes a vida;
estendes a mão contra a ira dos meus inimigos;
a tua destra me salva.

O salmo 138.7 precisa ser lido no contexto de versos como Êxodo 15.6:

A tua destra, ó SENHOR, é gloriosa em poder;
a tua destra, ó SENHOR, despedaça o inimigo.

Frequentemente, uma imagem criará uma associação em um contexto e uma associação diferente em um contexto diferente. Portanto, em cada texto específico, nós precisamos perguntar: "Qual dos aspectos possíveis do domínio de origem o poeta está associando com o domínio de destino?". No salmo 17.7, "destra" evoca uma imagem de honra ou de poder?

Mostra as maravilhas da tua bondade,
ó Salvador dos que à tua destra buscam refúgio
dos que se levantam contra eles.

A associação neste contexto é de poder. A destra visa "salvar" (vd. Sl 138.7), o que exige poder, e irá atuar por aqueles que "buscam refúgio", uma imagem dos fracos buscando proteção nos fortes.[46]

Em segundo lugar, eu quero dizer com "múltiplos significados" que um domínio de origem pode ser usado para criar associações múltiplas em um texto único. Veja, por exemplo, o salmo 84.11[12]: "Porque o SENHOR Deus é sol". O sol é usado para criar uma variedade de associações no Antigo Testamento.[47] Devido ao seu calor abrasador, por exemplo, o sol é um inimigo maligno do qual o Senhor protege os peregrinos (Sl 126.6). Esta associação obviamente não está presente no salmo 84.11[12]. Visto que a vida depende da luz do sol, o sol é também uma imagem da fonte da vida. Malaquias usa esta imagem do sol como fonte da vida quando diz: "Mas para vós outros que temeis o meu nome nascerá o sol da justiça, trazendo salvação nas suas asas." (Ml 4.2). Como o poeta, no salmo 84.11[12], continua o texto após "o SENHOR Deus é sol" com "nenhum bem sonega aos que andam retamente",

46 Vd. "Refuge", em *DBI*, p. 700-701.
47 Vd. "Sun", em *DBI*, p. 827.

é natural ver o Senhor como a fonte da vida nesta imagem. Mas isto explica tudo o que o poeta pretendia com esta imagem?

Como o surgir do sol dispersa a escuridão da noite, "a imagem do sol 'representa' diretamente a deidade protetora".[48] Por isso o poeta ora: "Restaura-nos, ó Deus; faze *resplandecer* o teu rosto, e seremos *salvos*" (Sl 80.3). Pode-se defender que "sol" cria uma imagem de Deus como fonte de proteção assim como fonte da vida no salmo 84.11[12] ao apelar para a imagem que o poeta coloca ao lado daquela do sol: "Porque o SENHOR Deus é sol e escudo". "O escudo era a arma de defesa principal do guerreiro do antigo Oriente Próximo. [...] Devido à sua importância na batalha, o escudo se tornou uma metáfora para proteção tanto na literatura bíblica quanto em outros escritos do antigo Oriente Próximo".[49]

Eu não ouso inferir que "fonte da vida" e "fonte de proteção" esgotam as associações que o poeta pretendia criar entre o Senhor e o sol no salmo 84. Eu desejo simplesmente ilustrar que esta imagem é rica e pode ter múltiplos significados – não apenas em múltiplos textos, mas também, às vezes, em um texto único.

As imagens precisam ser analisadas

As imagens dos poetas antigos nem sempre tocam nossas emoções e cativam nossas imaginações, ou não o fazem de modo imediato, principalmente porque elas usam domínios de origem de tempos e lugares distantes.[50] Às vezes, antes que nossas imaginações possam apreciar a poesia, nossas mentes precisam entender o uso da imagem. Portanto, para resumir e concluir este estudo sobre imagens, eu ofereço três passos para analisar as imagens poéticas:

1. *Identifique o domínio de destino.* Na maioria das vezes, este passo é bem simples. Quando o salmista diz: "O SENHOR é o meu pastor", o domínio de destino óbvio é o Senhor. O domínio de destino não é tão claro, contudo, em uma imagem como "a sua garganta é sepulcro aberto" (Sl 5.9[10]). O contexto é a chave para identificar o destino. Neste verso, o poeta se refere à falta de sinceridade nos lábios dos adversários e como eles "com a língua lisonjeiam" falsamente, o que aponta para o discurso dos inimigos como o domínio de destino.

48 Brown, *Seeing the Psalms*, p. 86.

49 Vd. "Shield", em *DBI*, p. 785.

50 Vd. a explicação na seção anterior "As imagens tocam as emoções e cativam a mente".

2. *Estude o domínio de origem* extensivamente de modo que você possa "experimentar a imagem tão literalmente e de forma tão sensorial quão possível".[51] Quanto mais você aprender sobre as vidas ordinárias dos antigos israelitas, mais clareza você terá em perceber as imagens que os poetas antigos pintaram com suas palavras. Não há substituto para o estudo da topografia, clima e práticas agrícolas do Israel antigo, porque estes são os três aspectos primários da "vida ordinária" usada pelo salmista para criar suas imagens.[52] Duas obras de referência merecem menção especial no estudo sobre imagens no Livro dos Salmos. Uma é o *Dictionary of biblical imagery* [Dicionário de imagens bíblicas], no qual me baseei repetidamente na discussão precedente. Este volume contém artigos concisos e iluminadores em, virtualmente, todas as imagens usadas no Antigo Testamento e é, em minha opinião, uma ferramenta indispensável. Uma segunda obra é *The symbolism of the biblical world: Ancient Near Eastern iconography and the book of Psalms* [O simbolismo do mundo bíblico: a iconografia do Antigo Oriente Próximo e o Livro dos Salmos].[53] Este volume vai um pouco além provendo figuras sobre muitos aspectos da "vida ordinária" no Antigo Oriente Próximo, junto com explicações sobre como estes desenhos antigos auxiliam a interpretação de imagens usadas nos salmos.

3. *Identifique o aspecto da origem que está associado com o destino.* A chave é novamente o contexto. Procure pistas dentro do contexto imediato que apoiem a(s) associação(ões) que você acha que o poeta queria fazer. No salmo 127.4, por exemplo, o poeta compara os filhos de um homem a flechas. A chave para esta imagem é encontrada no verso seguinte, que diz:

51 "Introduction", em *DBI*, p. xiv.

52 Uma das melhores introduções à geografia de Israel é: Denis Baly, *The geography of the Bible: a study in historical geography* (Nova York: Harper & Brothers, 1957). Embora esteja esgotado, este volume ainda pode ser comprado no site Amazon.com. Uma boa e breve introdução é: O. Palmer Robertson, *Understanding the land of the Bible: a biblical-theological guide* (Phillipsburg: P & R, 1996). Material excelente também pode ser encontrado em atlas bíblicos. Minhas duas recomendações de atlas são: Barry J. Beitzel, *The Moody atlas of the Bible* (Chicago: Moody, 1985); e Carl G. Rasmussen, *Zondervan NIV atlas of the Bible* (Grand Rapids: Zondervan, 1989).

53 Othmar Keel, *The symbolism of the biblical world: Ancient Near Eastern iconography and the book of Psalms* (Winona Lake: Eisenbrauns, 1997).

Feliz o homem que enche deles a sua aljava;
não será envergonhado,
quando pleitear com os inimigos à porta.

A referência a "inimigos à porta" leva a associar as flechas com defesa. Filhos numerosos provêm uma defesa ampla, assim como o fazem flechas numerosas.

Seguindo os padrões

Os poetas hebreus usaram padrões estruturais ao organizar suas composições. Acompanhar com atenção estes padrões aprofunda o nosso entendimento e a nossa apreciação dos salmos individuais porque estes padrões adicionam beleza aos poemas e comunicam significado. Os poetas hebreus usaram padrões em todos os níveis de sua poesia – linhas, estrofes e poemas inteiros. Esta seção examina os três padrões básicos: linear, paralelo e simétrico.[54] Os poetas empregaram diversas variações sobre estes três padrões básicos.

Padrão linear

O **padrão linear** é o padrão mais comum e o mais fácil de acompanhar.[55] No padrão linear, as unidades se seguem em uma ordem não repetida: A B C D E (com cada letra representando uma unidade). O salmo 2.6 é um exemplo de uma linha linear:

|| וַאֲנִי | נָסַכְתִּי | מַלְכִּי
עַל־צִיּוֹן | הַר־קָדְשִׁי
E eu | constituí | meu Rei | |
sobre Sião, | o meu santo monte.

Esta linha seria representada assim: A B C | | D E (com | | indicando a quebra entre os dois cola).

54 Vd. David A. Dorsey, *The literary structure of the Old Testament* (Grand Rapids: Baker, 1999), p. 26-35.

55 Ibidem, p. 27.

Muitas estrofes estão dispostas de um modo linear. Veja, por exemplo, o salmo 104:27-30:

A. Todos dependem de Deus (v.27)
B. Deus provê (v.28)
C. Deus sustenta (v.29)
D. Deus renova (v.30)

O salmo 150 provê um exemplo de um poema inteiro com uma estrutura linear:

A. Chamado a louvar ao Senhor em todo o universo (v.1)
B. Chamado a louvar ao Senhor por seus feitos (v.2)
C. Chamado a louvar ao Senhor com instrumentos (vs.3-5)
D. Chamado a louvar ao Senhor por todas as criaturas (v.6)

Padrão paralelo

O **padrão paralelo** é bem comum no Antigo Testamento e é tipicamente formado por dois cola. As unidades do segundo cólon se combinam com as unidades do primeiro cólon, ou lhes fazem um paralelo.[56] Dada a natureza do paralelismo na poesia, como já discutimos acima, não é surpreendente que o padrão paralelo seja frequente nas linhas poéticas. Veja o salmo 19.1:

Os céus | proclamam | a glória de Deus, | |
e o firmamento | anuncia | as obras das suas mãos.

Esta linha seria representada assim: A B C | | A' B' C'.

Além de sua beleza estética e do seu auxílio à memorização, o padrão paralelo comunica significado ao convidar o leitor a "comparar, contrastar, reiterar, enfatizar, explicar e ilustrar".[57] Para a maioria dos leitores modernos, "a glória de Deus" é um conceito um tanto abstrato. O padrão paralelo nos ajuda a compreender que "a glória de Deus" era bem concreta para o poeta antigo; o segundo cólon explica "a glória de Deus" como "as obras de suas mãos". Nós vemos a glória de Deus quando nós olhamos para a criação de Deus.[58] O salmo 19.2 tem uma estrutura idêntica:

56 Ibidem, p. 28-29.
57 Ibidem, p. 29.
58 Mark D. Futato, *Creation: a witness to the wonder of God* (Philipsburg: P & R, 2000), p. 3-10.

Dia após dia | eles transbordam | discursos, | |
e noite após noite | eles declaram | conhecimento.
(Trad. do autor)

"Dia após dia" junto com "noite após noite" enfatiza a natureza ininterrupta do poder comunicativo da criação.

Um exemplo do padrão paralelo em um salmo inteiro se encontra no salmo 100:[59]

A Chamado a louvar ao Senhor (vs.1-2)
B Razões para louvar ao Senhor (v.3)
A' Chamado a louvar ao Senhor (v.4)
B' Razões para louvar ao Senhor (v.5)

Dentre outras funções, este padrão paralelo nos convida a casar dois conceitos: o Senhor nos fez para sermos seu povo (v.3) e o Senhor é um bom e amoroso Deus em seu relacionamento conosco (v.5). Nós vivemos uma vida de louvor e gratidão porque nós temos um bom e amoroso Criador.

Embora os antigos estivessem à vontade com a repetição envolvida no padrão paralelo, nós não estamos. Nossas convenções literárias, de fato, evitam tais repetições. Os expositores modernos destes textos antigos, portanto, frequentemente não poderão espelhar a estrutura do texto [antigo] na estrutura de suas apresentações daquele texto. Uma apresentação do salmo 100 teria provavelmente duas divisões principais: o chamado ao louvor (combinando o conteúdo dos vs.1-2 e v.4) e as razões para o louvor (combinando o conteúdo do v.3 e do v.5).

Padrão simétrico

O padrão final é o **padrão simétrico.**[60] Tal como o padrão paralelo, o padrão simétrico envolve repetição. A diferença é que o padrão simétrico adiciona uma inversão de ordem à repetição: A B C | | C' B' A'.

O salmo 51.2[4] oferece um exemplo de uma bela linha simétrica:

59 Dorsey, *Literary structure*, p. 185. Vd. também nossa discussão sobre o padrão paralelo do salmo 148 em uma seção anterior deste capítulo.

60 O padrão simétrico é também denominado de quiasmo ou padrão concêntrico. Adicionalmente, alguns eruditos distinguem entre o padrão de quiasmo e o padrão concêntrico, usando *quiasmo* para uma unidade com um número par de subunidades (A B B' A') e *concêntrico* para uma unidade com um número ímpar de subunidades (A B C B' A'). Eu uso o termo *simétrico* para ambos os padrões.

Lava-me completamente | da minha iniquidade | |
e do meu pecado | purifica-me.
(Trad. do autor)

Para espelhar o hebraico, eu tive que alterar a ordem padrão das palavras em português no segundo cólon. Nenhuma tradução em português que eu conheça segue a ordem do texto hebraico neste ponto (nem em muitos textos como este). Ao invés disso, o padrão simétrico fica frequentemente obscurecido nas traduções em português que buscam um bom estilo literário. Assim, ler o texto em hebraico é obviamente o único modo de apreciar algumas das características da poesia do Antigo Testamento.

Frequentemente o poeta usa uma variação do padrão simétrico que não é completamente simétrica. O salmo 6.9[10] é um exemplo:

Ouviu | o SENHOR | a minha súplica;
o SENHOR | a minha oração | acolherá.
(Trad. do autor)

De novo, eu tive que alterar a ordem padrão das palavras em português. O padrão no hebraico é A B C | | B' C' A'. Ao colocar os dois verbos no início e no final, o poeta cria um sentimento de esperança e confiança no movimento de "ouviu" para "acolherá". Este movimento é sublinhado por uma mudança gramatical do perfeito hebraico (passado) no primeiro verbo para o imperfeito hebraico (futuro).

O salmo 70 segue o padrão simétrico em seu todo:[61]

A Pressa na ajuda (v.1)
  B Maldições sobre os maus (vs.2-3)
  B' Bênçãos sobre os justos (v.4)
A' Pressa na ajuda (v.5)

As repetições de "pressa" e "ajuda" nos versos 1 e 5* dão uma percepção de fechamento a esta oração emocional. Adicionalmente, as repetições criam esperança e confiança: há uma mudança na "ajuda" do verso 1 para o verso 5 – no verso 1 "ajuda" é um imperativo, expressando um pedido

61 Dorsey, *Literary structure*, p. 177.

* Na versão inglesa adotada pelo autor, o v.5 usa os mesmos termos "dá-te pressa" e "socorrer-me" do v. 1, enquanto na versão ARA estes termos são traduzidos no v. 5 como "apressa-te" e "valer-me" [N. do T.].

("socorre-me"), enquanto no verso 5 "ajuda" é um substantivo, expressando confiança no Senhor ("tu és o meu amparo").**

O padrão simétrico cria uma beleza que comunica significado. Todos os três padrões, na verdade, nos ajudam não apenas a sentir a poesia mas também a entendê-la melhor.

Excurso: imagens mitopoéicas

Imagem mitopoéica é um tipo especial de imagem encontrada no Livro dos Salmos e em outros lugares do Antigo Testamento. Por meio deste termo, eu me refiro àqueles textos que usam a linguagem da mitologia do Antigo Oriente Próximo de um modo figurativo para comunicar verdades sobre o Deus de Israel. L. Alonso Schökel articula minha posição sobre estes textos muito bem:

> *Se nós tomarmos como modelos os textos sem dúvida mitológicos do Antigo Oriente Próximo [...] fica claro que o Antigo Testamento não admitiu mito algum. [...] Os hebreus não aceitam mitos como narrativas, mas eles não têm qualquer dificuldade em incorporar motivos míticos em seus textos líricos. [...] O motivo mais frequente é o da batalha de Deus com o caos enquanto ele cria ou impõe ordem no mundo.*[62]

Assim, *mitopoéico*, como usamos aqui, refere-se a um tipo especial de imagem e não à presença de mitos no texto bíblico.

O uso de imagens mitopoéicas pode ser ilustrado comparando o salmo 74.13-14 com *KTU* 1.3 iii 38-42 / *CTA* 3.III 36-38, um texto poético dos vizinhos ao norte de Israel, em Ugarit.[63]

** O autor se refere ao texto da versão inglesa adotada. O texto hebraico traz repetições diferentes [N. do T.].

62 Schökel, *A manual of hebrew poetics*, p. 17 (ênfase adicionada).

63 A tradução do ugarítico vem de Bill T. Arnold e Bryan E. Beyer (orgs.) *Readings from the Ancient Near East: primary sources for Old Testament studies* (Grand Rapids: Baker, 2002), p. 53. Vd. também Walter Beyerlin (org.) *Near Eastern religious texts relating to the Old Testament* (OTL; Filadélfia: Westminster, 1978), p. 197-198.

Salmo 74.13-14	KTU 1.3 iii 38-42 / CTA3.III 36-38
Tu, com o teu poder, dividiste o mar [*yām*]; esmagaste sobre as águas a cabeça dos monstros marinhos. [*tann'n'm*]	Não demoli eu o querido de Deus, o Mar [*yamm*]? Não destruí eu o rio divino, Rabbim? Não capturei eu o Dragão [*tannin*]? Eu o cerquei,
Tu espedaçaste as cabeças do crocodilo [*liweyātān*] e o deste por alimento às alimárias do deserto.	Eu demoli a Serpente Entrelaçada [*lotan*], o monstro de sete cabeças.

No salmo 74, o Deus de Israel derrota três inimigos: o mar (*yām*), os monstros marinhos (*tann'n'm*), e o Leviatã (*liweyātān*), que tem múltiplas cabeças. No texto ugarítico, a deusa Anat[64] derrota os mesmos três inimigos na mesma ordem exata: mar (*yamm*), dragão (*tannin*) e Leviatã (*l"tan*), que também tem múltiplas cabeças. Os inimigos são símbolos do caos que ameaça a vida bem ordenada deste mundo. A afirmação de ambos os textos é que a deidade conquista estas forças do caos. O ponto do salmo é que o Deus de Israel é aquele que conquista o caos, e não Anat ou, para todos os efeitos, qualquer outra deidade do Antigo Oriente Próximo.

O salmo 74, e textos como este, apresenta assim uma visão da criação que é um tanto diferente e complementar àquela em Gênesis 1, na qual Deus cria sem esforço por meio de sua palavra. Aqui, o poeta adentra a cosmovisão do Antigo Oriente Próximo em seus próprios termos, e afirma que o Deus de Israel é maior que todas as forças do caos – que certamente existiam na realidade percebida pelos antigos, se não na realidade suprema – e que ele as derrotou.

Para resumir, uma imagem mitopoéica é o uso figurativo de linguagem mitológica com uma finalidade polêmica. Os escritores bíblicos não acreditavam nos mitos em si, mas eles usaram tal linguagem em seus argumentos contra aqueles que criam em tais forças e deidades.[65]

64 Este "eu" é provavelmente Anat, mas também pode ser o deus Baal. Vd. Neil H. Walls, *The goddess Anat in ugaritic myth* (SBLDS; Atlanta: Scholars, 1992), p. 175-176.

65 Vd. também Elmer B. Smick. "The mythological elements in the book of Job", *WTJ* 40 (1977-1978): p. 213-228; e idem, "Mythopoeic language in the Psalms", *WTJ* 44 (1982): p. 88-98.

2 PERCEBENDO O TODO

Bem-aventurado o homem
que não anda no conselho dos ímpios,
não se detém no caminho dos pecadores,
nem se assenta na roda dos escarnecedores.
Antes, o seu prazer está na lei do SENHOR,
e na sua lei medita de dia e de noite.
(Sl 1.1-2)

QUANDO MEU SEGUNDO FILHO tinha cerca de três anos de idade, ele quebrou algo valioso em nossa residência. Quando sua mãe lhe questionou sobre o incidente, ele replicou: "Eu não fiz querendo; eu fiz sem querer". Ele queria dizer, é claro, que ele não tinha a intenção de fazer isto; tinha sido um acidente. Podemos perguntar a mesma coisa sobre a composição do Livro dos Salmos: o livro foi composto "querendo" ou "sem querer"? Os salmos são uma antologia aleatória de orações e louvores ou são uma coleção intencional com um propósito claro e uma mensagem unificada?

Sem dúvida, tanto em devoções particulares quanto na adoração pública, os cristãos têm lido os salmos mais do que quaisquer outros textos do Antigo Testamento. Salmos individuais têm servido para expressar toda a gama de nossos pensamentos e sentimentos, quer estejamos exultantes ou deprimidos, cheios de propósitos ou confusos, doentes ou saudáveis, irados ou tranquilos. A mensagem deste ou daquele salmo frequentemente tem sido aquilo de que precisamos em meio a nossas circunstâncias.

Os salmos individuais, contudo, foram escritos por muitas pessoas diferentes em muitos tempos e lugares diferentes. O salmo 90, por exemplo, é uma "oração de Moisés, homem de Deus", escrita em 1400 a.C., para usar um número redondo. No outro lado deste continuum, o salmo 137 é um poema anônimo escrito talvez em cerca de 400 a.C. Deste modo, reforça-se o nosso uso dos salmos como textos isolados.

Todavia, no Livro dos Salmos há mais do que apenas salmos individuais. Há o *Livro dos Salmos*. Assim como outros livros da Bíblia, o Livro dos Salmos tem um propósito global. O propósito de um livro da Bíblia é explicitado em certas ocasiões. João, por exemplo, nos conta que ele escreveu seu evangelho "para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome" (Jo 20.31).[1] Mas, na maioria das vezes, o propósito global de um livro está implícito no texto e precisa ser descoberto por meio de cuidadosa reflexão. Este é o caso do Livro dos Salmos. Descobrir o propósito e a mensagem globais do Livro dos Salmos será o objetivo das próximas duas seções principais.

Onde nós podemos encontrar articulados o propósito e a mensagem do Livro dos Salmos? De modo similar a muitos livros, o melhor lugar para procurar é a introdução. Embora nem todos o façam, alguns livros da Bíblia proveem um claro material introdutório no início de seus textos. Provérbios 1.1-7, por exemplo, forma uma introdução clara a todo o livro de Provérbios.[2] Eclesiastes 1.1-11, de forma semelhante, introduz todo aquele livro.[3]

Similarmente, os salmos 1 e 2 foram intencionalmente colocados no início do saltério como uma introdução ao todo.[4]

Primeiramente, observe que os salmos 1 e 2 estão separados dos salmos seguintes. Os salmos 3–41 constituem o Livro 1 do saltério (vd. abaixo). Além disso, exceto pelos salmos 1 e 2, todos os outros salmos no Livro 1 são designados "salmo[s] de Davi".[5] Portanto, os salmos 1 e 2 se destacam à parte do que se segue. Em segundo lugar, observe que os salmos 1 e 2 estão conectados um com o outro. A repetição de אַשְׁרֵי ("bem-aventurado") em 1.1 e 2.12 forma uma inclusão no conjunto dos dois salmos. A repetição

1 Vd. também a declaração explícita de propósito para o Evangelho de Lucas apresentada em Lucas 1.1-4.

2 Bruce K. Waltke, *The book of Proverbs: chapters 1-15* (NICOT; Grand Rapids: Eerdmans, 2004), p. 10.

3 Tremper Longman III, *The book of Ecclesiastes* (NICOT; Grand Rapids: Eerdmans, 1998), p. 57.

4 Assim argumentam, por exemplo, Gerald H. Wilson, *Psalms – volume 1* (NIVAC; Grand Rapids: Zondervan, 2002), p. 89; Richard J. Clifford, *Psalms 1-72* (AOTC; Nashville: Abingdon, 2002), p. 37-38; J. Clinton McCann, *A theological introduction to the book of Psalms: the psalms as Torah* (Nashville: Abingdon, 1993), p. 26; Patrick D. Miller Jr, "The beginning of the Psalter", em: *The shape and shaping of the Psalter* (JSOTSup, organizadopor J. Clinton McCann; Sheffield England: JSOT, 1993), p. 83-92.

5 Há duas outras exceções aparentes. O salmo 10 não tem um título, mas se pode argumentar que os salmos 9 e 10 eram originalmente um único salmo (vd. Clifford, *Psalms 1-72*, p. 71). O salmo 33 também não tem um título, mas ele está claramente conectado ao salmo 32 pela repetição de vocabulário em 32.11 e 33.1.

de דֶּרֶךְ ("caminho") e אָבַד ("perecer") em 1.6 e 2.12 forma uma **conexão entre finais** que liga ainda mais os dois textos juntos. Além disso, o jogo de palavras com הָגָה em 1.2 e 2.1 contrasta "meditar" e "conspirar": o justo medita nas instruções de Deus para se submeter a elas, os ímpios conspiram para se rebelarem contra a autoridade de Deus.*

Enquanto o salmo 1 nos proporciona uma percepção sobre o propósito global do Livro dos Salmos, o salmo 2 nos provê um vislumbre da mensagem do todo.

O propósito dos salmos

Embora muitos dos salmos tenham sido originalmente compostos para uso na adoração pública, não se pode demonstrar conclusivamente que todos eles o tenham sido.[6] Ademais, a função de um dado salmo em seu contexto original e a função do mesmo salmo no contexto do livro completo de Salmos não são necessariamente iguais. Por exemplo, muitos salmos foram originalmente palavras humanas a Deus em oração ou louvor. Mas, uma vez incluídos no livro canônico, estes textos se tornaram a palavra de Deus aos seres humanos, para nos ensinar como orar e louvar.[7]

Não está exatamentc claro como os 150 salmos foram selecionados e colecionados para formar o nosso Livro dos Salmos.[8] O que está claro é que o formato final do Livro dos Salmos é influenciado significativamente pela tradição da sabedoria.[9] Não é acidente, portanto, que o salmo 1, como primeira metade da introdução aos salmos, tenha numerosos pontos de contato com a tradição da sabedoria. "Sua terminologia e pensamento e ensino refletem o

* O verbo é o mesmo nestes dois versos, com o sentido de sussurrar palavras enquanto se pensa sobre algo, o que pode ser usado tanto no momento da meditação quanto da conspiração. A ARA traduz o verbo em 2.1 por "imaginam" (coisas vãs) [N. do T.].

6 Embora seja possível que os salmos de sabedoria (vd. adiante), por exemplo, fossem originalmente litúrgicos, é mais provável que eles tenham se originado fora de um contexto litúrgico: nas sinagogas nascentes, por exemplo. Vd. C. John Collins, *Introduction to the hebrew Bible* (Mineápolis: Fortress, 2004), p. 468-469.

7 McCann, *Theological introduction*, p. 48-49.

8 Ernest C. Lucas, *Exploring the Old Testament: a guide to the psalms and wisdom literature* (Downers Grove: IVP, 2003), p. 27.

9 Vd. Collins, *Introduction to the hebrew Bible*, p.469; Gerald H. Wilson,"Shaping the Psalter: a consideration of editorial linkage in the book of Psalms", em: *The shape and shaping of the Psalter* (JSOTSup; organizado por J. Clinton McCann; Sheffield England: JSOT, 1993), p. 72-82; idem, *Psalms – vol. 1*, p. 74.

pensamento da literatura de sabedoria em geral e o livro de Provérbios em particular".[10] Por exemplo, a palavra inicial do saltério (אַשְׁרֵי "bem-aventurado") faz parte do vocabulário de sabedoria,[11] e o contraste entre o caminho do justo e o caminho do ímpio é um tema comum da sabedoria.[12] A literatura de sabedoria é didática em seu âmago, e seu propósito é ensinar: "Filho meu, ouve o ensino de teu pai e não deixes a instrução de tua mãe" (Pv 1.8). O salmo 1, portanto, foi posicionado no início do saltério para nos mostrar o propósito do livro. O Livro dos Salmos é, como eu argumentarei abaixo, um manual de instruções ou um "guia para o caminho da bênção".[13]

Instrução

A alegria e as bênçãos (v.1) e a prosperidade e o sucesso (v.3) descritos no salmo 1 são para aqueles que se deleitam e meditam "na lei do SENHOR" (v.2). Mas, o que exatamente se quer dizer com "a lei do SENHOR"?

A palavra hebraica traduzida como "lei" é תּוֹרָה (*tôrāh*). Esta palavra pode significar: (1) instrução ou ensino; (2) uma instrução ou lei estabelecida; ou (3) o sumário da lei de Deus.[14] O significado mais comum nos textos de sabedoria é "instrução ou ensino".[15] Provérbios 1.8, por exemplo, diz: "Filho meu, ouve o ensino de teu pai e não deixes a instrução [תּוֹרָה] de tua mãe". O salmo 78.1-3, com linguagem reminiscente do livro de Provérbios, usa תּוֹרָה do mesmo modo:

> *Meu povo, escute o meu ensino [תּוֹרָה]*
> *e preste atenção no que estou dizendo!*
> *Pois falarei com vocês por meio de provérbios*
> *e explicarei os segredos do passado.*
> *São coisas que ouvimos e aprendemos,*
> *coisas que os nossos antepassados nos contaram.*
> *(NTLH)*

10 Peter C. Craigie, *Psalms 1-50* (WBC; Waco: Word, 1983), p 58.

11 Vd. Pv 3.13; 8.34; 20.7; 28.14.

12 A palavra *caminho* (דֶּרֶךְ) ocorre setenta e cinco vezes no livro de Provérbios. Compare, por exemplo, Provérbios 2.12 ("os caminhos [dos homens] do mal") e 2.20 ("os caminhos dos homens de bem").

13 Brevard S. Childs, *Introduction to the Old Testament as Scripture* (Filadélfia: Fortress, 1979), p. 513. Vd. também J. Clinton McCann, "Psalms", em: *NIB* (Nashville: Abingdon, 1996), 4:665.

14 *CHALOT*, p. 388; vd. também *HALOT*, 4:p. 1710-1712.

15 Das treze ocorrências no livro de Provérbios, a NASB traduz תּוֹרָה como "instrução" ou "ensino" oito vezes (Pv 1.8; 3.1; 4.2; 6.20, 23; 7.2; 13.14; 31.26) e como "lei" cinco vezes (Pv 28.4 [2x], 7, 9; 29.18). A NASB traduz a única ocorrência em Jó (22.22) como "instrução".

Dadas estas conexões com a sabedoria, parece natural entender תּוֹרָה no salmo 1.2 como "instrução".[16] Esta percepção parece ser confirmada pela antítese de תּוֹרָה, a qual não é identificada como mandamentos legais, mas como "o conselho [עֵצַת] dos ímpios" (v.1).[17]

Todavia, a palavra תּוֹרָה não ocorre isoladamente no salmo 1.2. Ela ocorre na expressão תּוֹרַת יְהוָה ("a instrução do SENHOR"). Como isto afeta a nossa compreensão desta palavra e do propósito do Livro dos Salmos?

Embora não seja possível alcançar precisão, é seguro dizer que o Livro dos Salmos já estava substancialmente no formato que conhecemos no final do quarto século a.C.[18] Este é o mesmo período da escrita de Crônicas e de Esdras e Neemias. Quando nos voltamos para estes livros tardios, nós obtemos uma clara imagem do significado de תּוֹרַת יְהוָה ("a instrução do SENHOR"). Em 2 Crônicas 34.14, registra-se que Hilquias "achou o Livro da Lei do SENHOR [תּוֹרַת יְהוָה], dada por intermédio de Moisés". Em Esdras 7.6 lemos que Esdras "era escriba versado na Lei de Moisés [תּוֹרַת מֹשֶׁה], dada pelo SENHOR, Deus de Israel". Parece que, no período da escrita de Esdras e Crônicas, a תּוֹרַת יְהוָה, dada por intermédio de Moisés, era idêntica à תּוֹרַת מֹשֶׁה, dada pelo Senhor, e que ambas se referem aos cinco livros de Moisés.[19] Assim, a תּוֹרַת יְהוָה no salmo 1 naturalmente se refere aos cinco livros de Moisés.

Ao combinarmos o sentido de תּוֹרָה como "instrução" com a referência de תּוֹרַת יְהוָה aos cinco livros de Moisés, nós concluímos que o Livro dos Salmos convida os crentes a meditarem nos cinco livros de Moisés. Eles são uma fonte de instrução para se experimentar as alegrias e bênçãos (v.1) e a prosperidade e o sucesso (v.3) descritos no salmo 1. E há mais!

O Livro dos Salmos se divide em cinco seções: Livro 1 (1–41), Livro 2 (42–72), Livro 3 (73–89), Livro 4 (90–106) e Livro 5 (107–150). Esta divisão em cinco partes está imbuída no texto antigo, pois cada livro termina com uma doxologia:

> *Bendito seja o SENHOR, Deus de Israel,*
> *da eternidade para a eternidade!*
> *Amém e amém!*
> *(Sl 41.13[14])*

16 Vd. Wilson, *Psalms – volume 1*, p. 96; e McCann, "Psalms", 4:684.

17 Clifford, *Psalms 1-72*, p. 40.

18 Assim Lucas, *Exploring the Old Testament*, p.28; e Craigie, *Psalms 1-50*, p.31.

19 Vd. G. Liedke e C. Petersen, "תּוֹרָה", em: *TLOT*, 3:1421; e H. G. M. Williamson, *1 and 2 Chronicles* (NCBC; Grand Rapids: Eerdmans, 1982), p.402. Veja também J. A. Thompson, *1, 2 Chronicles* (NAC; Nashville: Broadman & Holman, 1994), p. 376.

Bendito seja o SENHOR Deus, o Deus de Israel,
que só ele opera prodígios.
Bendito para sempre o seu glorioso nome,
e da sua glória se encha toda a terra. Amém e amém!
(Sl 72.18-19)

Bendito seja o SENHOR para sempre! Amém e amém!
(Sl 89.52[53])

Bendito seja o SENHOR, Deus de Israel,
de eternidade a eternidade;
e todo o povo diga: Amém![20]
Aleluia!
(Sl 106.48)

Os salmos 146–150 constituem a doxologia do Livro 5 e do livro inteiro de salmos, pois cada salmo neste último grupo começa e termina com a exclamação "Louvai ao SENHOR!".* Por que uma divisão em cinco partes? Por que não uma divisão em quatro ou em seis partes?

Uma antiga tradição judaica nos indica a direção correta, conectando os cinco Livros dos Salmos com os cinco livros de Moisés: "Assim como Moisés deu cinco livros da lei para Israel, também Davi deu cinco livros de salmos para Israel".[21] A convergência desta tradição antiga se soma à influência da sabedoria no Livro dos Salmos e ao significado de "instrução" para תּוֹרָה. Deste modo, chegamos à conclusão de que, em sua forma canônica final, o Livro dos Salmos tem cinco seções porque seus cinco livros são exatamente como os cinco livros de Moisés: os cinco Livros dos Salmos são fundamentalmente תּוֹרָה ("instrução") para nossa meditação.

Consequentemente, como o salmo de abertura, o salmo 1 nos ensina que o propósito do Livro dos Salmos é, em uma palavra, "instrução".[22] E, como veremos agora, esta instrução tem dois focos inseparáveis: a instrução para alcançar a felicidade e a instrução para alcançar a santidade.[23]

20 A palavra *amém* ocorre no Livro dos Salmos apenas nestas doxologias.

* A ARA traduz esta expressão como "Aleluia!" [N. do T.].

21 William G. Braude, *The Midrash on Psalms* (New Haven: Yale University, 1959), p. 5.

22 Collins, *Introduction to the hebrew Bible*, p. 469.

23 Na tradição reformada, felicidade e santidade são conceitos fortemente relacionados. Esta conexão encontra uma articulação clara na pergunta e resposta §21 do *First catechism: biblical truth for God's children* (Suwanee: Great Comission Publications, 1996),

A instrução para alcançar a felicidade

Pessoas como Sigmund Freud e C. S. Lewis, ideologicamente bem distantes um do outro, concordam que a felicidade é uma busca universal do ser humano.[24]

> *Nenhum aspecto da vida é mais desejado, mais elusivo e mais desconcertante que a felicidade. As pessoas desejam e batalham por aquilo que elas acreditam que irá lhes fazer felizes – boa saúde, boa aparência, um casamento ideal, filhos, uma residência confortável, sucesso, fama, independência financeira – a lista segue adiante sem fim. Nem todo mundo que alcança estes objetivos, entretanto, encontra a felicidade.*[25]

Mas o que é felicidade? E como as pessoas podem alcançar este tesouro muito desejado? O salmo 1 e o Livro dos Salmos proveem respostas para estas questões.

A resposta para a primeira questão é encontrada na palavra inicial do salmo 1, אַשְׁרֵי (*'aserê*). O termo hebraico אַשְׁרֵי tem sido tradicionalmente traduzido em inglês como "abençoado" (KJV), e várias traduções modernas inglesas mantêm esta tradição (NKJV, NASB, NIV, ESV). Outras usam a palavra "feliz" (TNK, NRSV, NAB);* a NLT é similar: "Ah, as alegrias de ...". A escolha é mais uma questão de estilo do que de significado, visto que "abençoado" significa "cheio de bem-aventurada felicidade".[26] Os principais dicionários hebraicos sugerem "felicidade" como a tradução para אַשְׁרֵי.[27] Mas o que significa אַשְׁרֵי no sentido de felicidade?

Nós podemos definir אַשְׁרֵי a partir do seu uso tanto no salmo 1 quanto no Livro dos Salmos como um todo. Nossa primeira percepção do significado

---

p. 6. Pergunta §21: "Em que condição Deus criou Adão e Eva?". Resposta §21: "Ele os criou santos e felizes".

24 Armand M. Nicholi, *The question of God: C. S. Lewis and Sigmund Freud debate God, love, sex, and the meaning of life* (Nova York: Free, 2002), p. 97-125. [Publicado em português como *Deus em questão: C. S. Lewis e Freud debatem Deus, amor, sexo e o sentido da vida* (São Paulo: Ultimato, 2005)].

25 Ibidem, p. 97.

* Compare com as versões em português: "bem-aventurado" (ARA), "felizes" (NTLH) e "feliz" (NVI) [N. do T.].

26 *Random House Webster's unabridged dictionary* (2005), s.v."blessed". O termo *abençoado*, contudo, tem um toque religioso que *feliz* não possui.

27 *DCH*, 1:437; *HALOT*, 1:100; *BDB*, p. 80. F. Zorell, *Lexicon hebraicum et aramaicum Veteris Testamenti* (Roma: Pontifical Biblical Institute, 1963), p. 87, explica אַשְׁרֵי como *beatitudo* ("felicidade").

de אַשְׁרֵי vem da imagem da árvore (v.3). Esta é uma imagem complexa, pois os que são אַשְׁרֵי não são simplesmente como árvores, mas

> *Ele é como árvore*
> *plantada junto a corrente de águas,*
> *que, no devido tempo, dá o seu fruto,*
> *e cuja folhagem não murcha ...*

O poeta cria pelo menos três associações com esta imagem: (1) Ser אַשְׁרֵי é ser caracterizado pela *vida*. A árvore está viva enquanto a palha, em contraste, está morta.[28] (2) Ser אַשְׁרֵי é ser caracterizado pela *persistência*. A árvore é plantada e suas folhas nunca murcham enquanto a palha, em contraste, é por definição murcha e dispersa pelo vento (v.4). (3) Ser אַשְׁרֵי é ser caracterizado pela *significância*. A árvore gera frutos, cumprindo o propósito primário e significativo da sua existência, enquanto a palha, em contraste, para nada serve.

Ao afirmarmos que a palha para nada serve, chegamos à segunda percepção sobre o significado de אַשְׁרֵי a partir do salmo 1: אַשְׁרֵי é o oposto de perecer. O termo hebraico אַשְׁרֵי é a primeira palavra do poema e começa com *aleph*, a primeira letra do alfabeto hebraico. A última palavra do poema é תֹּאבֵד ("perecer") e começa com *tav*, a última letra do alfabeto hebraico. Assim como a primeira palavra e a última palavra estão nos extremos opostos do poema, e assim como *aleph* e *tav* estão nos extremos opostos do alfabeto, assim também אַשְׁרֵי e תֹּאבֵד são opostos em significado.

Entre outros significados, o termo hebraico אָבַד significa "cessar, desvanecer, desaparecer".[29] Este significado se encaixa bem no contexto do salmo 1 – como a palha se dissipa no vento, o caminho dos ímpios desaparecerá, não de forma literal, mas metafórica. Em contraste com o caminho dos justos, que resulta em "fruto", o caminho dos ímpios é infrutífero. Não vai a lugar algum; "dá em nada". Diversas traduções reconhecem em outros textos este senso de "dar em nada" para o termo hebraico אָבַד. Veja, por exemplo, o **cólon** final do salmo 112.10:

תַּאֲוַת רְשָׁעִים תֹּאבֵד
o anseio dos ímpios dará em nada (NIV)

28 Observe o uso da imagem da "árvore da vida" na tradição da sabedoria (Pv 3.18; 11.30; 13.12; 15.4).

29 *DCH*, 1:99.

os desejos dos ímpios dão em nada (NRSV, NAB)
o desejo dos ímpios irá dar em nada (TNK)*

É interessante observar que o salmo 112, tal como o salmo 1, não apenas termina com a palavra תֹּאבֵד mas também começa com אַשְׁרֵי (após a abertura com "Louvai ao SENHOR!"). Isto fortalece a opinião de que o posicionamento de אַשְׁרֵי e תֹּאבֵד em extremos opostos no salmo 1 não é acidental, mas intencional, especialmente à luz de outras correspondências entre o salmo 112.1 e o salmo 1.[30] Tal posicionamento também dá apoio à opinião de que o sentido de תֹּאבֵד no salmo 1.6 é "dar em nada", como é o caso no salmo 112.

Além disso, diversos textos de sabedoria em Provérbios usam o verbo אָבַד com o mesmo sentido:

> *A esperança dos justos é alegria,*
> *mas a expectação dos perversos perecerá.*[31]
> *(Pv 10.28)*

> *Morrendo o homem perverso, morre a sua esperança,*
> *e a expectação da iniquidade se desvanece.*[32]
> *(Pv 11.7)*

Afirmar que אַשְׁרֵי é o oposto de "dar em nada" se encaixa bem com a comparação de אַשְׁרֵי com uma árvore: אַשְׁרֵי se refere a uma vida de significância permanente que verdadeiramente resulta em alguma coisa. E há mais.

Nós já vimos conexões entre o salmo 1 e o salmo 112. O salmo 112, contudo, elabora uma imagem mais detalhada do que o salmo 1 a respeito de como é a vida daqueles que são אַשְׁרֵי. Em resumo, é uma vida de bem-estar. Aqueles que são אַשְׁרֵי experimentam bem-estar em suas famílias (v.2), em suas finanças (v.3a), em sua espiritualidade (vs.3b-6) e em suas emoções

* Compare as versões em português: "o desejo dos perversos perecerá" (ARA); "a esperança dos maus dá em nada" (NTLH); "o desejo dos ímpios se frustrará" (NVI) [N. do T.].

30 Vd. o uso de הָאִישׁ ("o homem") com אַשְׁרֵי nos Salmos 1.1 e 112.1, e o uso de חֵפֶץ ("deleite") nos salmos 1.2 e 112.1.

31 Vd. também a NRSV e a NAB. N. do T.: Compare: "os planos dos maus dão em nada" (NTLH); "as esperanças dos ímpios dão em nada" (NVI).

32 Vd. também a NRSV, a NAB e a TNK. [Compare: "a esperança dos maus dá em nada" (NTLH); "tudo o que ele esperava do seu poder dá em nada" (NVI) (N. do T.)].

(vs.7-8). Esta é uma lista representativa e não exaustiva.[33] Foi elaborada para nos ensinar que אַשְׁרֵי significa bem-estar em cada área da vida. Como Bruce Waltke afirmou: "Os sábios reservam a exclamação laudatória *abençoado* (*'asrê*) para pessoas que experimentam a vida da melhor forma possível, isto é, como o Criador planejou".[34]

Mas o termo אַשְׁרֵי não se refere apenas a um estado de bem-estar: ele também tem um componente emocional. A palavra é acompanhada por sentimentos de satisfação (Sl 65.4[5]), alegria (Sl 89.15[16]) e deleite (Sl 112.1). A palavra hebraica אַשְׁרֵי, pois, é um termo rico que se refere a um estado de bem-estar e seus correspondentes sentimentos de alegria e satisfação.

Ao responder, portanto, "o que é felicidade?", a nossa língua pode não ser suficiente. Isto acontece por que a nossa palavra *felicidade* é geralmente usada num sentido puramente emocional, o que provavelmente é a razão de alguns tradutores evitarem esta palavra como uma tradução de אַשְׁרֵי. Este não é o único sentido, contudo, que *felicidade* tem. Felicidade também é "um estado de bem-estar". Como diz um dicionário, felicidade se refere a: "1. Estado de bem-estar caracterizado por emoções variando de contentamento a alegria intensa. 2. Emoções experimentadas quando em um estado de bem-estar".[35] Em nenhuma destas definições se separa o lado emocional da felicidade do estado de bem-estar. A expressão "verdadeiramente feliz" possivelmente captura a riqueza de אַשְׁרֵי melhor do que "abençoado" ou apenas "feliz".[36]

A aparição frequente e o posicionamento do termo hebraico אַשְׁרֵי apresenta uma evidência inescapável. Esta não é apenas a palavra inicial do salmo inicial, ela também ocorre vinte e oito vezes no Livro dos Salmos. Ela ocorre ao menos uma vez em cada um dos cinco Livros dos Salmos e está mais fortemente concentrada no Livro 1 e no Livro 5.[37] Desta forma, nós somos levados a concluir que o Livro dos Salmos é um manual de instruções para viver uma vida verdadeiramente feliz.

33 Assim, por exemplo, bem-estar no corpo e no espírito é o tema do salmo 32.1-5.

34 Waltke, *Proverbs: chapters 1-15*, p. 256.

35 WordNet 2.0, s.v."happiness". Em: http://www.cogsci.princeton.edu/cgi-bin/webwb2.0?stage=1&word=happiness, acessado em 23 de novembro de 2004. Vd. também *Random House Webster's unabridged dictionary* (2005), s.v."happiness": "Felicidade resulta da posse ou alcance de algo que se considera bom".

36 Vd. a excelente e concisa discussão sobre os prós e contras de "abençoado" e "feliz" e a defesa de "verdadeiramente feliz" em M. Brown, "אַשְׁרֵי", em *NIDOTTE*, 1:571.

37 Livro 1 (10x): 1.1; 2.12; 17.5; 32.1,2; 33.12; 34.8[9]; 40.2[3], 4[5]; 41.1[2]. Livro 2 (1x): 65.4[5]. Livro 3 (5x): 73.2; 84.4[5], 5[6], 12[13]; 89.15[16]. Livro 4 (2x): 94.12; 106.3. Livro 5 (10x): 112.1; 119.1,2; 127.5; 128.1; 137.8,9; 144.15 (2x); 146.5.

A instrução para alcançar a santidade

O Livro dos Salmos nos dá esperanças de obtermos aquilo que o coração humano mais anseia: a verdadeira felicidade. Após termos visto que Salmos é um manual de instruções para guiar os leitores a uma vida verdadeiramente feliz, nós agora nos perguntamos: "Como esta felicidade é alcançada?". A resposta é, em uma palavra, "santidade".

Uma vida santa, de acordo com o Livro dos Salmos, resulta em uma vida feliz. Uma vida santa, como eu estou usando o termo, é simplesmente uma vida vivida em consonância com as instruções de Deus (תּוֹרָה). O salmo 1.1-2 afirma, por exemplo, que a felicidade resulta de nos deleitarmos na instrução (תּוֹרָה) de Deus e meditarmos nela. Esta mesma conexão entre felicidade (אַשְׁרֵי) e a instrução de Deus (תּוֹרָה) é feita em outros lugares do Livro dos Salmos:

> *Bem-aventurado [אַשְׁרֵי] o homem, SENHOR,*
> *a quem tu repreendes, a quem ensinas a tua lei [תּוֹרָתְךָ].*
> *(Sl 94.12)*

> *Bem-aventurados [אַשְׁרֵי] os irrepreensíveis no seu caminho,*
> *que andam na lei [תּוֹרַת] do SENHOR.*
> *(Sl 119.1)*

Esta conexão entre felicidade e santidade é típica da literatura de sabedoria. Embora o livro de Provérbios não conecte explicitamente אַשְׁרֵי e תּוֹרָה, ele conecta אַשְׁרֵי com seguir a sabedoria ou com a instrução piedosa. Provérbios 16.20 diz, por exemplo: "O que atenta para o ensino acha o bem, e o que confia no SENHOR, esse é feliz [אַשְׁרֵי־יוֹן]".[38]

A santidade, então, começa com o estudo, de acordo com o salmo 1. Aqueles que são verdadeiramente felizes estudam e meditam na instrução de Deus (Sl 1.2). Meditação em nossa cultura corrente é geralmente caracterizada pelo silêncio. Meditar é silenciar discurso e pensamento. Mas a meditação do israelita antigo era bem diferente. A palavra hebraica traduzida como "meditar" no salmo 1.2 (הָגָה) é usada para os sons animais graves como o arrulhar de uma pomba (Is 38.14) ou o rosnar de um leão (Is 31.4). Esta palavra também é usada para o discurso humano, seja articulado (Sl 35.28) ou não (Is 16.7). Assim, a palavra hebraica הָגָה em textos como o salmo 1.2

38 Vd. também Provérbios 3.13; 8.32,34; 14.21; 20.7; 28.14.

não descreve uma atividade silenciosa, mas significa "ler em um tom de voz baixo" ou "murmurar enquanto medita".[39]

Não é apenas a voz que se ocupa na meditação, mas também a mente. O termo hebraico הָגָה é, às vezes, um termo paralelo a outros termos cognitivos como "lembrar-se" (Sl 63.6[7]; 143.5) ou "pensar/considerar" (Sl 63.6[7]; 77.12[13]). A NAB captura este lado cognitivo de הָגָה ao traduzir o salmo 1.2b como "eles *estudam* a lei de Deus dia e noite".

Embora seja verdade que muitos salmos individuais tenham sido originalmente compostos para a adoração pública no templo, e ali foram usados, o saltério, em sua forma final, é fundamentalmente um livro para meditação. Anos antes de haver se consolidado o interesse atual nos Salmos como instrução, E. J. Young escreveu:

> *Além disso, nós estamos enganados quando consideramos o saltério inteiro como projetado para o uso do templo. Não se pode negar que alguns salmos tenham sido assim usados, mas é interessante observar que muitos dos salmos não têm direções litúrgicas. O saltério, antes, é primariamente um manual, um guia e um modelo para as necessidades devocionais do crente individual. É um livro de oração e louvor, elaborado para que o crente medite sobre seu conteúdo de forma a assim aprender a louvar a Deus e a falar com ele em oração.*[40]

Eu apenas acrescentaria: "... e a experimentar a vida verdadeiramente feliz".

No Israel antigo, entretanto, a meditação não era um fim em si mesma. A meditação ou o estudo deveriam ser seguidos do viver na prática aquilo que foi aprendido. Isto fica claro em Josué 1.8, que tem paralelos marcantes com Sl 1.2-3:

> *Não cesses de falar deste Livro da Lei* [הַתּוֹרָה]*; antes, medita* [וְהָגִיתָ] *nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer segundo tudo quanto nele está escrito; então, farás prosperar* [תַּצְלִיחַ][41] *o teu caminho e serás bem-sucedido.*

39 *HALOT*, 1:237.

40 E. J. Young, *An introduction to the Old Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1958), p.309.

41 Esta é a mesma palavra hebraica usada no salmo 1.3.

Não é simplesmente o estudo, mas é o estudo junto com o seguir a instrução de Deus que resulta em prosperidade e sucesso – uma vida verdadeiramente feliz.

No Livro dos Salmos, a santidade – ou seja, seguir a instrução de Deus – não é concebida como um trabalho penoso. Ao contrário, a instrução de Deus é um deleite ao salmista: "Antes, o seu prazer [חֶפְצוֹ] está na lei [תּוֹרַת] do SENHOR" (Sl 1.2). Outro salmista diz de si mesmo:

> *Agrada-me* [חָפָצְתִּי] *fazer a tua vontade, ó Deus meu;*
> *dentro do meu coração, está a tua lei* [וְתוֹרָתְךָ].
> *(Sl 40.8[9])*

Um sinônimo de חֵפֶץ é שַׁעֲשֻׁעִים (deleite). Esta palavra é usada repetidamente no salmo que mais celebra a instrução de Deus, o salmo 119.[42] Veja, por exemplo, o salmo 119.77:

> *Baixem sobre mim as tuas misericórdias, para que eu viva;*
> *pois na tua lei* [תּוֹרָתְךָ] *está o meu prazer* [שַׁעֲשֻׁעָי].

A santidade, ou o seguir a instrução de Deus, também não é concebida como um guardar mecânico dos mandamentos. O ideal era que esta instrução estivesse no coração. Diz um salmista: "*dentro* do meu coração, está a tua lei [וְתוֹרָתְךָ]" (Sl 40.8[9]). E um outro salmista diz do justo: "No coração, tem ele a lei [תּוֹרַת] do seu Deus" (Sl 37.31). Ainda outro ora assim:

> *Dá-me entendimento, e guardarei a tua lei* [תּוֹרָתֶךָ];
> *de todo o coração a cumprirei.*
> *(Sl 119.34)*

Tal visão da instrução de Deus explica porque o poeta pode dizer coisas como:

> *Quanto amo a tua lei* [תּוֹרָתְךָ]*!*
> *É a minha meditação, todo o dia!*
> *(Sl 119.97)*

> *Terei prazer nos teus mandamentos,*
> *os quais eu amo.*
> *(Sl 119.47)*

42 Vd. salmo 119.24, 77, 92, 143, 174.

Uma nota final: a santidade no Livro dos Salmos, ou a vida em conformidade com a instrução de Deus, não é uma abordagem legalista à vida; mas é, na realidade, uma vida de fé. Textos como o salmo 119.1 podem levar a uma abordagem legalista à vida, se tirados fora de seu contexto:

> *Bem-aventurados os irrepreensíveis no seu caminho,*
> *que andam na lei* [בְּתוֹרַת] *do* SENHOR.

Alguém pode concluir que se requer obediência perfeita para se experimentar a vida verdadeiramente feliz, mas isto seria compreender de forma errada este texto. Como João Calvino afirmou a respeito deste verso:

> *Mas se pode questionar: o profeta exclui da esperança de felicidade todos aqueles que não adoram a Deus perfeitamente? Se este fosse seu significado, a conclusão seria que ninguém poderia ser feliz exceto os anjos, visto que a observância perfeita da lei não se encontra em parte alguma da terra. A resposta é fácil: quando a retidão é exigida dos filhos de Deus, eles não perdem a remissão graciosa de seus pecados, da qual unicamente depende sua salvação. Embora, pois, os servos de Deus sejam felizes, eles ainda precisam buscar refúgio em sua misericórdia, porque sua retidão ainda não é completa. Desta maneira é que se diz que aqueles que observam fielmente a lei de Deus são verdadeiramente felizes.*[43]

Calvino continua apoiando sua argumentação com uma referência ao salmo 32.2. Os versos 1-2 dizem:

> *Bem-aventurado* [אַשְׁרֵי] *aquele*
> *cuja iniquidade é perdoada,*
> *cujo pecado é coberto.*
>
> *Bem-aventurado* [אַשְׁרֵי] *o homem*
> *a quem o* SENHOR *não atribui iniquidade*
> *e em cujo espírito não há dolo.*

Neste contexto, "não há dolo" se refere à honestidade advinda da confissão de pecados, em oposição ao ato de escondê-los. A vida verdadeiramente

43 João Calvino, *Commentary on the book of Psalms* (Grand Rapids: Baker, 1979), p. 317.

feliz é experimentada por aqueles que conhecem e confessam seus pecados e assim experimentam o perdão de Deus.

Em consonância com esta ideia de vida verdadeiramente feliz, há ainda textos que declaram "felizes" (אַשְׁרֵי) aqueles que "confiam" em Deus:

> *Ó SENHOR dos Exércitos,*
> *feliz* [אַשְׁרֵי] *o homem que em ti confia.*
> *(Sl 84.12[13])*

> *Bem-aventurado* [אַשְׁרֵי] *o homem*
> *que põe no SENHOR a sua confiança*
> *e não pende para os arrogantes,*
> *nem para os afeiçoados à mentira.*
> *(Sl 40.4[5])*

Como se poderia esperar, o conselho da tradição da sabedoria para alcançar a vida verdadeiramente feliz é o mesmo:

> *O que atenta para o ensino acha o bem,*
> *e o que confia no SENHOR, esse é feliz* [אַשְׁרֵיו].
> *(Pv 16.20)*

O salmo 119.165 resume, provavelmente tão bem como qualquer outro verso, o propósito do Livro dos Salmos como um manual de instruções para viver uma vida verdadeiramente feliz:

> *Grande paz têm os que amam a tua lei;*
> *para eles não há tropeço.*

A mensagem dos Salmos

Após termos descoberto o propósito do Livro dos Salmos a partir do salmo 1, nós podemos agora nos voltar para a segunda metade da introdução, o salmo 2, para descobrir a mensagem global dos Salmos. Que mensagem nos assegura que viver em consonância com as instruções divinas resultará em uma vida verdadeiramente feliz? Simplesmente isto: "O SENHOR reina!".[44]

44 Mark D. Futato, *Transformed by praise: the purpose and message of the Psalms* (Phillipsburg: P & R, 2002), p. 101.

> *Enquanto o salmo 1 orienta o leitor a receber a coleção inteira como instrução, o salmo 2 torna explícito o conteúdo essencial da instrução – o Senhor reina![45]*

A próxima seção – "Outros temas dos salmos" – inspeciona diversos dos principais temas teológicos do Livro dos Salmos. Esta seção delineia o **tema** dominante do livro – a realeza de Deus. Nós iremos examinar primeiramente o ensino de que nosso Deus é Rei, depois iremos descobrir que o nosso destino é a glória, e finalmente iremos revelar a esperança **escatológica** de que nosso Rei está vindo.

Nosso Deus é Rei

Ao se referir a Deus como "aquele que habita nos céus" (Sl 2.4; cf. NASB, ESV, NRSV), o poeta afirma com profundidade simples o governo soberano de Deus sobre o universo. O termo hebraico יָשַׁב é uma palavra usada para o "assentar-se" comum,[46] assim como כִּסֵּא é uma palavra para uma "cadeira"[47] comum e בַּיִת é uma palavra para uma "casa" comum.[48] Se, entretanto, um rei se assenta em uma cadeira, nós a denominamos de "trono";[49] se o rei vive em uma casa, nós a denominamos de "palácio".[50] Assim, a NIV, a NAB e a TNK capturam o sentido do termo hebraico יָשַׁב no salmo 2.4 ao usar o verbo "entronizado", e a NLT torna explícito o que estava implícito no termo יָשַׁב ao traduzir o salmo 2.4 como "aquele que *governa* nos céus". A mensagem do salmo 2 é simplesmente esta: o Senhor reina!

Esta imagem de Deus reinando a partir do seu trono aparece por todo o Livro dos Salmos. No salmo 29.10, o poeta nos conta que o Senhor reina

45 McCann, "Psalms", 4:688. McCann continua assim: "O saltério inteiro será sobre a vida 'feliz'/'abençoada', e irá afirmar do começo ao fim que esta vida deriva fundamentalmente da convicção de que Deus governa o mundo" (p. 689).

46 Vd., por exemplo, Gênesis 18.1: "Apareceu o SENHOR a Abraão nos carvalhais de Manre, quando ele estava *assentado* [יֹשֵׁב] à entrada da tenda, no maior calor do dia".

47 Vd., por exemplo, 2 Reis 4.10: "Façamos-lhe, pois, em cima, um pequeno quarto, obra de pedreiro, e ponhamos-lhe nele uma cama, uma mesa, uma *cadeira* [וְכִסֵּא] e um candeeiro".

48 Vd., por exemplo, Deuteronômio 6.7: "Tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua *casa* [בְּבֵיתֶךָ]".

49 Vd., por exemplo, Ester 5.1: "Ao terceiro dia, Ester se aprontou com seus trajes reais e se pôs no pátio interior da casa do rei, defronte da residência do rei; o rei estava assentado no seu *trono* [כִּסֵּא] real fronteiro à porta da residência".

50 Vd., por exemplo, 1 Reis 7.1: "Edificou Salomão os seus palácios [בֵּיתוֹ], levando treze anos para os concluir".

sobre todas as forças que ameaçam um mundo bem ordenado e, consequentemente, ameaçam a vida verdadeiramente feliz:

> *O SENHOR preside* [יָשָׁב] *aos dilúvios;*
> *como rei, o SENHOR presidirá* [וַיֵּשֶׁב] *para sempre.*

Os "dilúvios" (מַבּוּל) não são uma referência direta ao dilúvio dos dias de Noé, embora o termo hebraico מַבּוּל seja usado apenas no salmo 29.10 e na história sobre o dilúvio em Gênesis. No salmo 29.10, מַבּוּל é uma referência mitopoéica[51] às águas caóticas do mar que ameaçam um mundo bem ordenado, mas que foram subjugadas pelo Senhor.[52] Já se fez referência a estas águas previamente no salmo (v.3) na expressão מַיִם רַבִּים ("muitas águas"), as quais, conforme o salmo 93.4, foram subjugadas no momento da criação:[53]

> *Mas o SENHOR nas alturas é mais poderoso*
> *do que o bramido das grandes águas* [מַיִם רַבִּים],
> *do que os poderosos vagalhões do mar.*

Outro poeta nos conta no salmo 47.8[9] que o Senhor reina sobre as nações:

> *Deus reina sobre as nações;*
> *Deus se assenta* [יָשַׁב] *no seu santo trono.*

O salmo 55.19[20] afirma que o Senhor já reina desde tempos imemoriais, referindo-se a ele como "aquele que se assenta [וְיֹשֵׁב] entronizado desde a eternidade" (NASB). O salmo 102.12[13] estende este governo para o futuro, além do que a mente possa imaginar: "Tu, porém, SENHOR, estarás assentado [תֵּשֵׁב] em teu trono para sempre" (NLT). O salmo 2, portanto, assim como o livro inteiro de salmos, declara inequivocamente que o Senhor reina – sobre o cosmos e sobre as nações e de eternidade a eternidade.

O salmo 2 vai além e ensina também que, como Rei, nosso Deus governa por meio de seu "ungido" (v.2). A palavra "ungido" traduz o termo hebraico מָשִׁיחַ, de onde derivamos a palavra *messias*. O termo hebraico מָשִׁיחַ se refere

51 Vd. o excurso ao final do capítulo 1 e a discussão detalhada deste texto no capítulo 6.

52 Vd. Clifford, *Psalms 1-72*, p.156; e Wilson, *Psalms – volume 1*, p. 507.

53 Vd. Richard J. Clifford, *Psalms 73-150* (AOTC; Nashville: Abingdon, 2003), p. 110; e McCann, "Psalms", 4:1054.

a indivíduos[54] que foram ungidos com óleo como um símbolo, entre outras coisas, do derramar do Espírito Santo para capacitá-los para sua vocação.[55] A unção de Davi em 1 Samuel 16.13 é ilustrativa:

> *Tomou Samuel o chifre do azeite e o ungiu* [וַיִּמְשַׁח] *no meio de seus irmãos; e, daquele dia em diante, o Espírito do* SENHOR *se apossou de Davi.*[56]

Tal como é o caso no Antigo Testamento em geral, מָשִׁיחַ é usado no Livro dos Salmos predominantemente para o rei ungido.[57] O rei é Davi e, como o salmo 18.50[51] deixa claro, seus descendentes:

> *É ele quem dá grandes vitórias ao seu rei*
> *e usa de benignidade para com o seu ungido* [לִמְשִׁיחוֹ],
> *com Davi e sua posteridade, para sempre.*

Entretanto, o governo do nosso Deus por meio de seu Ungido não permanece sem oposição no salmo 2. O poeta pinta um quadro de outros reis da terra que desejam se rebelar contra o governo do nosso Deus e de seu Ungido (Sl 2.2-3). Esta imagem faz uso do tratado entre **suseranos** e **vassalos** do Antigo Oriente Próximo, pelo qual os reis vassalos viviam em submissão ao Grande Rei.[58] O vassalo, por exemplo, traria ao Grande Rei certa quantia de tributo a cada ano e o Grande Rei, por exemplo, proveria proteção militar ao rei vassalo. A imagem no salmo 2 assume que todos os reis da terra são vassalos do nosso Deus e de seu monarca davídico, e que os reis estão tramando se libertar deste duplo senhorio.

Visto que nunca houve um tempo em que Deus governou todas as nações da terra por meio da monarquia davídica, nós não devemos interpretar este

54 O substantivo e adjetivo מָשִׁיחַ são usados em referência a sacerdotes (Lv 4.3) e reis (1Sm 2.10). O verbo מָשַׁח ("ungir") é usado em referência a profetas (1Rs 19.16). O salmo 105.15 aplica מָשִׁיחַ aos patriarcas, que também são designados como "profetas".

55 V.Hamilton, "מָשַׁח", em: *TWOT*, 1:530.

56 O termo hebraico traduzido como "se apossou" é צָלַח, uma palavra usada para a capacitação do Espírito Santo aos juízes (vd. Jz 14.6,19; 15.14).

57 Hamilton, "מָשַׁח", 1:530; e K. Seybold, "מָשַׁח", em: *TDOT*, 9:45. O uso de מָשִׁיחַ em referência aos patriarcas no salmo 105.15 é a única exceção no Livro dos Salmos.

58 Para uma introdução breve a estes tratados, vd. Raymond B. Dillard e Tremper Longman III, *Na introduction to the Old Testament* (Grand Rapids: Zondervan, 1994), p. 97-99 [Publicado em português como *Introdução ao Antigo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 2006) (N. do T.)]. Para uma discussão mais ampla, vd. Meredith G. Kline, *Treaty of the Great King* (Grand Rapids: Eerdmans, 1963).

texto como uma descrição de uma situação *histórica* particular. Mais exatamente, este texto descreve uma imagem[59] *ideológica* da intenção de Deus para as nações do mundo em oposição ao pano de fundo da realidade histórica. A intenção de Deus para as nações é que elas *todas* experimentem a vida verdadeiramente feliz articulada na linha final do salmo 2: "Bem-aventurados [אַשְׁרֵי] *todos* os que nele se refugiam".[60] A intenção de Deus é que Davi e seus descendentes sirvam como mediadores desta vida verdadeiramente feliz. Assim, os reis das nações são convidados a uma vida de sabedoria (v.10), a qual inclui viver no temor do Senhor (v.11) e em submissão a Davi e a seus descendentes (v.12). Tal vida de sabedoria naturalmente resulta em uma vida verdadeiramente feliz, como Provérbios 3.13 afirma:

> *Feliz* [אַשְׁרֵי] *o homem que acha sabedoria* [חָכְמָה],
> *e o homem que adquire conhecimento.*

Mas a intenção de Deus e a realidade histórica não se mesclaram nos dias da monarquia davídica. Na realidade, o reino davídico estava frequentemente em guerra com as nações vizinhas e, por vezes, até ficou sujeito a poderes estrangeiros. O salmo 2, portanto, é profundamente escatológico em dois sentidos.

Primeiramente, eu estou usando *escatológico* no sentido de "proclamação do governo universal de Deus em meio a circunstâncias que parecem negá-lo e desvirtuá-lo".[61] No Israel antigo, assim como em nosso próprio mundo, havia muita evidência que parecia desmentir o ensino de que um bom Deus tem o mundo sob seu controle. A mensagem do salmo 2, e do Livro dos Salmos, é que o nosso Deus tem controle absoluto, a despeito do que possam indicar as evidências circunstanciais. O Livro dos Salmos convocou os israelitas antigos, e nos convoca, a viver uma vida de fé no governo de Deus – a crer que uma vida verdadeiramente feliz é possível não apenas para "nós", mas para "*todos* os que nele se refugiam" (Sl 2.12).

Em segundo lugar, eu estou usando *escatológico* no sentido daquilo que pertence ao destino final do mundo. Não há dúvidas quanto ao resultado da oposição contínua ao governo de Deus. Deus se ri (v.4) da ideia de as nações se libertarem do seu governo. O rei davídico está no trono em Jerusalém (v.6) e, visto que o rei davídico é o vice-regente de Deus (v.7), ele inevitavelmente

59 Vd. Wilson, *Psalms – volume 1*, p. 109.
60 Este tema será desenvolvido no capítulo 3.
61 McCann, "Psalms", 4:668.

irá governar as nações (v.8). As nações serão conduzidas à submissão (v.9), por isso elas são advertidas contra sua rebelião fútil (v.10b). A rebelião apenas desencadeará uma reação de ira (vs.11-12a) em vez de resultar em uma vida verdadeiramente feliz. A nota final do salmo, entretanto, não é "ele ficará irado logo, e vocês morrerão" (v.12a, NLT), mas sim "felizes são aqueles que buscam a proteção de Deus!" (v.12b, NLT). De acordo com a escatologia do Livro dos Salmos, nosso destino é uma vida verdadeiramente feliz, o que quer dizer, em uma palavra, glória.

Nosso destino é a glória

Dados os ensinos do salmo 1, que promete bênção e prosperidade, e do salmo 2, que afirma que Deus tem controle absoluto e está pronto a mediar a vida verdadeiramente feliz para todos por meio do Ungido de Deus, ficamos surpresos quando lemos o título e as palavras de abertura do salmo 3 (vs.1-2[1-3]):

> *Salmo de Davi quando fugia de Absalão, seu filho.*
> *SENHOR, como tem crescido o número dos meus adversários!*
> *São numerosos os que se levantam contra mim.*
> *São muitos os que dizem de mim:*
> *Não há em Deus salvação para ele.*

Onde está a vida verdadeiramente feliz? Onde está o poderoso Davi que deveria estar tomando posse das nações como sua herança? E o salmo 3 não está sozinho, como fica claro pelos exemplos seguintes:

> *Responde-me quando clamo,*
> *ó Deus da minha justiça;*
> *na angústia, me tens aliviado;*
> *tem misericórdia de mim e ouve a minha oração.*
> *(Sl 4.1)*

> *Dá ouvidos, SENHOR, às minhas palavras*
> *e acode ao meu gemido.*
> *Escuta, Rei meu e Deus meu,*
> *a minha voz que clama,*
> *pois a ti é que imploro.*
> *(Sl 5.1-2[2-3])*

> *SENHOR, não me repreendas na tua ira,*
> *nem me castigues no teu furor.*

Tem compaixão de mim, SENHOR, porque eu me sinto debilitado;
sara-me, SENHOR, porque os meus ossos estão abalados.
Também a minha alma está profundamente perturbada;
mas tu, SENHOR, até quando?
(Sl 6.1-3[2-4])

SENHOR, Deus meu, em ti me refugio;
salva-me de todos os que me perseguem e livra-me;
para que ninguém, como leão, me arrebate,
despedaçando-me, não havendo quem me livre.
(Sl 7.1-2[2-3])

Por que, SENHOR, te conservas longe?
E te escondes nas horas de tribulação?
(Sl 10.1)

No SENHOR me refugio.
Como dizeis, pois, à minha alma:
Foge, como pássaro, para o teu monte?
Porque eis aí os ímpios, armam o arco,
dispõem a sua flecha na corda,
para, às ocultas, dispararem
contra os retos de coração.
Ora, destruídos os fundamentos,
que poderá fazer o justo?
(Sl 11.1-3)

Socorro, SENHOR! Porque já não há homens piedosos;
desaparecem os fiéis entre os filhos dos homens.
(Sl 12.1[2])

Até quando, SENHOR?
Esquecer-te-ás de mim para sempre?
Até quando ocultarás de mim o rosto?
Até quando estarei eu relutando dentro de minha alma,
com tristeza no coração cada dia?
Até quando se erguerá contra mim o meu inimigo?
(Sl 13.1-2[1-3])

O contraste entre estes salmos e os salmos 1 e 2 é muito marcante. Talvez seja ainda mais marcante o contraste entre esta nota predominantemente

negativa no começo do Livro dos Salmos e a alta nota de louvor que encerra o livro:

Exaltar-te-ei, ó Deus meu e Rei;
bendirei o teu nome para todo o sempre.
Todos os dias te bendirei
e louvarei o teu nome para todo o sempre. ...
Profira a minha boca louvores ao SENHOR,
e toda carne louve o seu santo nome, para todo o sempre.
(Sl 145.1-2, 21)

Aleluia!
Louva, ó minha alma, ao SENHOR. ...
Aleluia!
(Sl 146.1, 10)

Louvai ao SENHOR, ...
Aleluia!
(Sl 147.1, 20)

Aleluia!
Louvai ao SENHOR ....
Aleluia!
(Sl 148.1, 14)

Aleluia!
Cantai ao SENHOR ...
Aleluia!
(Sl 149.1, 9)

E, caso não tenhamos captado a ideia, nós somos convocados a louvar ao Senhor treze vezes no salmo 150. Além disso, a última linha revela a intenção universal de Deus (também articulada no Sl 2.12; 12.7; 145.21): "Todo ser que respira louve ao SENHOR". Ademais, o Livro dos Salmos como um todo finaliza com a expressão "Louvai ao SENHOR" (Aleluia!), um tom bem diferente daquele experimentado no início do livro!

Claus Westermann foi o primeiro erudito a chamar a atenção para este movimento na macroestrutura do Livro dos Salmos, um movimento do lamento para o louvor, do sofrimento para a glória. O Davi que é oprimido repetidas vezes no início dos Salmos é o Davi que lidera "toda a carne" (Sl 145.21) e, mais do que isto, "todo ser que respira" (Sl 150.6) ao louvor do

nosso "Deus e Rei" (Sl 145.1). A vida verdadeiramente feliz, oferecida no ensino do salmo 1 e garantida pelo governo de Deus no salmo 2, pode não ser experimentada em todos os momentos ao longo do caminho da vida. Entretanto, esta macroestrutura do livro nos ensina que a vida verdadeiramente feliz é certamente o destino de Israel e das nações. O nosso destino é a glória.

O nosso Rei está vindo

Tanto o posicionamento dos salmos 1 e 2 no início do Livro dos Salmos como o movimento do lamento para o louvor indicam que o Livro dos Salmos não é uma antologia aleatória. Os salmos foram dispostos com um propósito.[62] Em adição ao movimento do lamento para o louvor, a macroestrutura do Livro dos Salmos reflete uma outra construção – uma que se encaixa bem com o movimento que acabamos de ver.

Dois pilares da antiga fé israelita eram o templo e a monarquia davídica. É difícil para nós imaginarmos a crise de fé que muitos devem ter experimentado quando o templo foi destruído e a monarquia davídica foi levada em cativeiro pelos babilônios em 586 a.C. Do mesmo modo, nós só podemos tentar imaginar quão grande foi a alegria que acompanhou a dedicação do templo reconstruído pela comunidade pós-exílica (vd. Ed 6.16). Contudo, jamais foi experimentada alegria semelhante devido à reentronização de um rei davídico, visto que este pilar continuou em ruínas por toda a era pós-exílica. Como conseguiriam viver os antigos israelitas da comunidade pós-exílica com um pilar de sua fé reerguido, mas com outro completamente arrasado? O Livro dos Salmos pode ser lido como um manual para instruir a estes israelitas antigos, e a nós, sobre como viver com a ausência do rei davídico, que foi prometido às nações como sua herança no salmo 2.

Os salmos encontrados nos inícios e finais de cada um dos Livros 1, 2 e 3 (salmos 1–89) esboçam os contornos do surgimento e da queda da monarquia davídica. Já os temas dominantes dos Livros 4 e 5 (salmos 90–150) nos dão uma percepção de como reagir à falha aparente quanto às promessas feitas a Davi e aos seus descendentes.

62 Para uma história breve do estudo do arranjo e estrutura do Livro dos Salmos, vd. David M. Howard Jr, "Recent Trends in Psalms Study", em: *The face of Old Testament study: a survey of contemporary approaches* (org. David W. Baker; Bill T. Arnold; Grand Rapids: Baker, 1999), p. 332-344; ou idem, *The structure of Psalms 93-100* (Biblical and Judaic Studies; org. William Henry Propp; Winona Lake: Eisenbraus, 1997), 5:1-19.

Como já vimos, o Livro dos Salmos inicia com promessas maravilhosas sendo feitas a Davi.[63] Os salmos imediatamente seguintes nos levam a questionar se estas promessas serão cumpridas. Como Davi pode subjugar as nações se ele não consegue nem mesmo subjugar seu filho Absalão?[64] A despeito das batalhas ao longo do caminho, o salmo final do Livro 1 – salmo 41 – indica que as promessas a Davi estão em um processo de cumprimento.

Observe a palavra inicial do salmo 41, אַשְׁרֵי ("Ah, as alegrias...", NLT). Ela forma uma inclusão com a palavra inicial do salmo 1, אַשְׁרֵי, ("Ah, as alegrias...", NLT). Deste modo, o salmo 41 é intencionalmente conectado com a introdução ao Livro dos Salmos – os salmos 1 e 2. Embora o salmo 41 reconheça que herdar as promessas do salmo 2 envolveu Davi em batalhas com seus inimigos (vs.5-9[6-10]), o salmo também celebra as vitórias de Davi sobre estes inimigos.

> *Com isto conheço que tu te agradas de mim:*
> *em não triunfar contra mim o meu inimigo.*
> *(v.11 [12])*

A palavra hebraica traduzida como "agradas" é חָפַץ, a mesma palavra usada no salmo 1.2, que afirma que o justo tem "prazer [חֶפְצוֹ] na lei do SENHOR". Assim como Davi se deleitava no Senhor do modo descrito no salmo 1, também o Senhor se agradava de Davi; este prazer é experimentado no triunfo de Davi sobre seus inimigos. Ao final do Livro 1, Davi está herdando as nações, exatamente como o salmo 2 prometera que aconteceria.

Estas promessas foram dadas não apenas a Davi, mas também a seus filhos (2Sm 7.11-16; Sl 89.3-4). A transição de liderança, todavia, não foi, de modo algum, suave, e não estava claro quem seria o sucessor de Davi. Primeiro veio o golpe de Absalão (2Sm 15.1-12), seguido pela conspiração de Adonias (1Rs 1.5). Ao final, Salomão sucedeu seu pai no trono de Israel (1Rs 1.28-53). Esta transição de Davi para Salomão está implícita na estória que se revela nos Salmos quando nós chegamos ao final do Livro 2. O título do salmo 72 é simples: "salmo de Salomão".[65] Ao final do Livro 2, o reino e suas

63 Embora o salmo 2 não tenha título, o Novo Testamento atribui este salmo a Davi. Vd. Atos 4.25-28.

64 O título do salmo 3 coloca este poema no tempo da fuga de Davi para longe de Absalão.

65 A expressão "de Salomão" no título deste salmo pode significar "por Salomão" (como autor do salmo) ou "para Salomão" (como o rei honrado no salmo). Qual destas interpretações é a correta não é algo que precisa ser decidido neste momento. Em ambos os casos, Salomão é o rei que é descrito neste salmo.

promessas tinham sido efetivamente transferidos para Salomão, mantendo as promessas de 2 Samuel 7.11-16. Ao relembrar a estória da linha davídica, o salmo 72 faz várias conexões significativas com os salmos anteriores.

Primeiramente, no salmo 72.2, Salomão é o rei que cuida dos fracos:

> *Julgue ele com justiça o teu povo*
> *e os teus aflitos, com equidade.*

Este tema é expandido nos versos 12 a 14:

> *Porque ele acode ao necessitado que clama*
> *e também ao aflito e ao desvalido.*
> *Ele tem piedade do fraco e do necessitado*
> *e salva a alma aos indigentes.*
> *Redime a sua alma da opressão e da violência,*
> *e precioso lhe é o sangue deles.*

Tal bondade para com os pobres caracteriza Davi ao final do Livro 1. O salmo 41, que é um "salmo de Davi", começa com o seguinte verso:

> *Bem-aventurado o que acode ao necessitado;*
> *o SENHOR o livra no dia do mal.*

Esta linha do salmo 41 estabelece um elo para trás com o salmo 1, pois ela conecta Davi com a pessoa verdadeiramente feliz daquele salmo. O salmo 72.2 também estabelece um elo para trás com o salmo 41, conectando Salomão a Davi como a pessoa verdadeiramente feliz que cuida dos fracos. Consequentemente, também conecta Salomão com a pessoa verdadeiramente feliz do salmo 1. Assim, no salmo 72 Salomão é o novo "Davi".

Em segundo lugar, no salmo 72, o governo de Salomão é descrito com imagens floridas que relembram a imagem da árvore frutífera do salmo 1:

> *Os montes trarão paz ao povo,*
> *também as colinas a trarão, com justiça. ...*
> *Seja ele como chuva que desce sobre a campina ceifada,*
> *como aguaceiros que regam a terra.*
> *Floresça em seus dias o justo,*
> *e haja abundância de paz até que cesse de haver lua. ...*
> *Haja na terra abundância de cereais,*
> *que ondulem até aos cimos dos montes;*

seja a sua messe como o Líbano,
e das cidades floresçam os habitantes como a erva da terra.
(vs.3,6,7,16)

Assim como Salomão é agora a pessoa verdadeiramente feliz do salmo 1, assim também o são aqueles que vivem sob seu governo.

Em terceiro lugar, no salmo 72, Salomão é vislumbrado como o Grande Rei governando sobre as nações da terra como fora prometido no salmo 2:

Domine ele de mar a mar
e desde o rio até aos confins da terra.
Curvem-se diante dele os habitantes do deserto,
e os seus inimigos lambam o pó.
Paguem-lhe tributos os reis de Társis e das ilhas;
os reis de Sabá e de Sebá lhe ofereçam presentes.
E todos os reis se prostrem perante ele;
todas as nações o sirvam. ...
Viverá, e se lhe dará do ouro de Sabá;
e continuamente se fará por ele oração,
e o bendirão todos os dias.
(vs.8-11,15)

O retrato ideológico de Davi no salmo 2 é agora reconstruído no salmo 72 com Salomão posando na foto. Salomão está experimentando as promessas do salmo 2, assim como também as nações as estão experimentando. As nações estão abençoando Salomão porque elas estão sendo abençoadas por meio do seu governo benevolente:

Subsista para sempre o seu nome
e prospere enquanto resplandecer o sol;
nele sejam abençoados todos os homens,
e as nações lhe chamem bem-aventurado.
(Sl 72.17)

O verbo traduzido como "lhe chamem bem-aventurado" é da mesma raiz que אַשְׁרֵי ("bem-aventurado"). As nações estão proclamando que Salomão é a pessoa verdadeiramente feliz do salmo 1.1, visto que elas passaram a experimentar a verdadeira felicidade oferecida a elas no salmo 2.12. Ao final do Livro 2, Salomão substituiu Davi como a pessoa verdadeiramente feliz descrita no salmo 1 e como o ungido de Deus descrito no salmo 2 que

medeia a verdadeira felicidade às nações. O programa esboçado nos salmos 1 e 2 estava funcionando.

O salmo 89 faz o fechamento do Livro 3. O tom positivo no início deste salmo é marcante:

> *Cantarei para sempre as tuas misericórdias, ó SENHOR;*
> *os meus lábios proclamarão a todas as gerações a tua fidelidade.*
> *Pois disse eu: a benignidade está fundada para sempre;*
> *a tua fidelidade, tu a confirmarás nos céus...*
> *(vs.1-2 [2-3])*

O salmista celebra o amor e a fidelidade infalíveis de Deus louvando a Deus por sua singularidade nos céus (vs.5-8 [6-9]) e por seu poder protetor na terra (vs.9-18 [10-19]). Mas estes versos estão cercados por reafirmações claras e inequívocas das promessas de Deus a Davi e aos seus descendentes nos versos 3-4 [4-5] e nos versos 19-37 [20-38]. É como se o salmista estivesse dizendo que o amor e a fidelidade infalíveis de Deus deveriam ser experimentados, mais do que em qualquer outro lugar do mundo, no cumprimento das promessas feitas a Davi. É por isso que o que aparece nos versos 38-51 [39-52] é tão chocante.

À luz das promessas de Deus, sua rejeição do rei ungido (מָשִׁיחַ, v.38 [39]) e sua renúncia à aliança feita com Davi (v.39 [40]) são incompreensíveis ao salmista. A dor é possivelmente mais intensa no verso 49 [50]:

> *Que é feito, Senhor, das tuas benignidades de outrora,*
> *juradas a Davi por tua fidelidade?*

A ironia mordaz é sentida quando nós percebemos que a palavra traduzida por "benignidades" neste verso é a mesma palavra usada no verso 1 para celebrar as "misericórdias" de Deus.[66] É difícil imaginar como pessoas vivendo no tempo pós-exílico em Judá se sentiam quando elas diziam:

> *Arrasaste os seus muros todos;*
> *reduziste a ruínas as suas fortificações.*
> *(v.40 [41])*

66 O substantivo é o plural relativamente infrequente de חֶסֶד. O plural ocorre nos Salmos apenas sete vezes, mas o singular ocorre cento e vinte vezes.

Fizeste cessar o seu esplendor
e deitaste por terra o seu trono.
(v.44 [45])

O programa iniciado com Davi no Livro 1 e transferido efetivamente para Salomão no Livro 2 parece, no final do Livro 3, ter sido abortado. Há duas coisas que o salmista não consegue juntar. Uma é a promessa inequívoca a Davi articulada nos versos 33-37 [34-38]:

Mas jamais retirarei dele a minha bondade,
nem desmentirei a minha fidelidade.
Não violarei a minha aliança,
nem modificarei o que os meus lábios proferiram.
Uma vez jurei por minha santidade
(e serei eu falso a Davi?):
A sua posteridade durará para sempre,
e o seu trono, como o sol perante mim.
Ele será estabelecido para sempre como a lua
e fiel como a testemunha no espaço.

A outra é a verdade aparentemente incontestável da situação pós-exílica: nenhum descendente davídico está assentado no trono governando sobre as nações, e Judá é uma pobre província do império pagão persa. Como a comunidade pode permanecer firme em sua fé com estas promessas aparentemente quebradas, com este lapso tão grande entre doutrina e realidade? A resposta é encontrada no Livro 4 e no Livro 5 dos Salmos.

Os Livros 4 e 5 proveem uma resposta dupla à crise de fé surgida ao final do Livro 3. Esta resposta pode ser resumida com as palavras *fé* e *esperança*.

O Livro 4 convoca as pessoas a viverem escatologicamente, ou seja, a viverem com fé no "reino universal de Deus em meio a circunstâncias que parecem negá-lo e desvirtuá-lo".[67] Esta perspectiva escatológica transparece de duas formas no Livro 4. A primeira dela é o sabor mosaico deste livro. "Moisés" ocorre nove vezes no Livro dos Salmos na NIV, e oito destas ocorrências estão no Livro 4.[68] É interessante que o Livro 4 já começa com o único salmo atribuído a Moisés: "Oração de Moisés, homem de Deus".

67 McCann, "Psalms", p. 668; vd. também a discussão em uma seção anterior.

68 Vd. o título do salmo 90 e os Salmos 99.6; 103.7; 105.26; 106.16, 23, 32-33. A outra ocorrência é no salmo 77.20.

Esta atribuição nos leva de volta ao período anterior à monarquia, antes da aliança feita com Davi e com seus descendentes. E quando nós voltamos a este período inicial, encontramos Deus lá. Embora os versos iniciais do salmo 90 não descrevam explicitamente Deus como rei, eles o fazem implicitamente ao se referirem a ele como "nosso lar" ou "nosso refúgio". "Lar", como veremos na próxima seção, é parte da metáfora de "refúgio" para Deus, a qual é claramente uma metáfora real. Muitas gerações viveram antes do tempo de Davi e, em cada uma destas gerações, pessoas descobriram em Deus um lugar seguro para se viver. Assim como a fé em Deus como nosso refúgio real caracterizava a vida daquela época, assim também ela pode caracterizar a vida agora, é o que afirma o posicionamento do salmo 90 logo após o salmo 89. Antes de Davi ser rei, Deus era o nosso refúgio real. Agora que não há mais um rei davídico reinando em seu trono, Deus ainda é o nosso refúgio real.

O que está implícito nesta perspectiva escatológica se torna explícito no segundo tema do Livro 4, o qual é o seu tema dominante: o Senhor é Rei! Os salmos 93 e 95–99 são todos hinos que celebram o governo do Senhor. O governo do Senhor é salientado repetidamente neste trecho:

> *Reina o* SENHOR.
> *(Sl 93.1)*
>
> *Porque o* SENHOR *é o Deus supremo*
> *e o grande Rei acima de todos os deuses.*
> *(Sl 95.3)*
>
> *Dizei entre as nações: Reina o* SENHOR.
> *(Sl 96.10)*
>
> *Reina o* SENHOR.
> *(Sl 97.1)*
>
> *Exultai perante o* SENHOR, *que é rei.*
> *(Sl 98.6)*
>
> *Reina o* SENHOR.
> *(Sl 99.1)*

Certamente não é coincidência que esta afirmação repetida siga tão de perto a questão atormentadora levantada no salmo 89.49[50]:

Que é feito, Senhor, das tuas benignidades de outrora,
juradas a Davi por tua fidelidade?

Parte da resposta a esta questão do salmo 89 é simplesmente fé – ter fé de que o Senhor reina e ainda tem controle sobre tudo, a despeito de todas as evidências em contrário, especialmente seu aparente fracasso em manter sua promessa a Davi e a seus descendentes. Israel foi convocado a crer e a "dizer entre as nações: Reina o SENHOR" (96.10), a despeito de Israel ser uma pobre província dentro do império persa que dominava o mundo. Isto é que é viver escatologicamente!

Nos Livros 4 e 5, a fé de que o Senhor é rei se une à esperança de que o Rei está vindo. E não é apenas um rei ordinário que está vindo. Estes livros ensinam em primeiro lugar que o Rei divino está vindo, e depois ensinam que o Rei messiânico está vindo. Vamos examinar ordenadamente cada um destes ensinos.

Dois dos salmos da realeza encontrados no centro do Livro dos Salmos, os salmos 96 e 98, terminam em uma nota comum: toda a criação está se alegrando porque o Senhor está vindo julgar a terra.

Alegrem-se os céus, e a terra exulte;
ruja o mar e a sua plenitude.
Folgue o campo e tudo o que nele há;
regozijem-se todas as árvores do bosque,
na presença do SENHOR,
porque vem, vem julgar a terra;
julgará o mundo com justiça
e os povos, consoante a sua fidelidade.
(96.11-13)

Ruja o mar e a sua plenitude,
o mundo e os que nele habitam.
Os rios batam palmas,
e juntos cantem de júbilo os montes,
na presença do SENHOR,
porque ele vem julgar a terra;
julgará o mundo com justiça
e os povos, com equidade.
(98.7-9)

Estes salmos articulam uma clara esperança de que o Senhor, como Rei divino, está vindo logo. E esta esperança inflama uma celebração jubilosa por todo o domínio da criação.

Como, porém, nós devemos entender as imagens usadas nestes salmos? Estas imagens estão enraizadas na geografia do Israel antigo. Israel tinha duas estações: sete meses de chuva (de outubro a maio) e cinco meses de seca (de junho a setembro). Os fazendeiros do Israel antigo não tinham meios de irrigar seus campos.

> *Porque a terra que passais a possuir não é como a terra do Egito, donde saístes, em que semeáveis a vossa semente e, com o pé, a regáveis como a uma horta. (Dt 11.10)*

Como consequência, estes fazendeiros de Israel eram diretamente dependentes da chuva para o sucesso de sua agricultura:

> *...mas a terra que passais a possuir é terra de montes e de vales; da chuva dos céus beberá as águas. (Dt 11.11)*

Isto quer dizer que eles dependiam do Senhor para que ele provesse chuva a cada outono ao final da estação seca, o que iniciava um novo ano no calendário agrícola.

> *...terra de que cuida o SENHOR, vosso Deus; os olhos do SENHOR, vosso Deus, estão sobre ela continuamente, desde o princípio até ao fim do ano. (Dt 11.12)*

Nas imagens usadas pelos poetas israelitas, as nuvens de chuva eram a carruagem do Senhor, a qual ele usava para trazer as chuvas fertilizantes:

> *tomas as nuvens por teu carro*
> *e voas nas asas do vento.*
> *(Sl 104.3)*

> *Cantai a Deus, salmodiai o seu nome;*
> *exaltai o que cavalga sobre as nuvens.*
> *SENHOR é o seu nome, exultai diante dele.*
> *(Sl 68.4[5])*

Na chegada das chuvas de outono, os poetas viam a vinda do Senhor para abençoar seu povo. Assim, o trovão não é apenas ar superaquecido quebrando a barreira do som, mas é a voz do Senhor:

> *Ouve-se a voz do SENHOR sobre as águas;*
> *troveja o Deus da glória;*
> *o SENHOR está sobre as muitas águas.*
> *(Sl 29.3)*

E o relâmpago é prova de que o Senhor está presente:

> *A voz do SENHOR despede chamas de fogo.**
> *(Sl 29.7)*

Quando o Senhor vinha abençoar seu povo com as chuvas de outono, ele vinha como o Rei divino:

> *O SENHOR preside aos dilúvios;*
> *como rei, o SENHOR presidirá para sempre.*
> *O SENHOR dá força ao seu povo,*
> *o SENHOR abençoa com paz ao seu povo.*
> *(Sl 29.10-11)*

A criação está jubilosa diante da expectativa da vinda do Rei divino, pois as chuvas vêm para rejuvenescer a terra depois de cinco meses de seca. "A alegria exultante da natureza é uma metáfora para sua exuberância e fertilidade"[69] como consequência do início da estação chuvosa.

Estes salmos da realeza, pois, articulam uma esperança clara e profunda de que o Rei divino está vindo. Esta era uma esperança anual para os fazendeiros antigos que esperavam pelas chuvas de outono, e era uma esperança escatológica aos piedosos israelitas que esperavam que o Senhor viesse "para julgar a terra" (Sl 96.13 e 98.9). "Julgar" (שָׁפַט) não significa apenas "passar julgamento", mas também "governar".[70] "Julgar" significa governar de tal maneira a colocar todas as coisas na ordem correta. Como um autor disse, שָׁפַט "designa uma ação que restaura a transtornada ordem

* Compare: "A voz do SENHOR faz brilhar o relâmpago" (NTLH) [N. do T.].

69 Clifford, *Psalms 73-150*, p. 122.

70 *HALOT*, 4:1624-1625.

de ... uma comunidade".[71] A esperança dos salmos da realeza é que o Rei divino está vindo para colocar todas as coisas na ordem correta. Diante desta expectativa, "todas as terras" (Sl 96.1) e "todos os confins da terra" (Sl 98.4) – Israel, as nações e toda a criação – louvam "o SENHOR com canções e gritos de alegria" (Sl 98.4, NTLH).

Os Salmos fomentam a esperança, portanto, de que o Rei divino está vindo. Eles também geram a esperança de que o Rei messiânico está vindo. Ao considerar esta última esperança, examinaremos os salmos 132 e 118.

O salmo 89 encerrou o Livro 3 dos Salmos com a questão atormentadora: "Ó Senhor, onde estão as antigas provas do teu amor?" (Sl 89.49, NLT). O salmo 132 provê uma resposta parcial e crucial a esta questão. Este salmo pode ser dividido em duas estâncias. Na primeira (vs.1-10), o salmista começa com um pedido ao Senhor:

> *Lembra-te, SENHOR, a favor de Davi,*
> *de todas as suas provações.*

Este pedido não parece vir dos lábios de alguém que já desistiu completamente de que um dia um filho de Davi governará as nações. Esta oração parece vir de um coração esperançoso de que a promessa feita a Davi ainda pode ser cumprida. Uma confirmação desta aparente esperança aparece no final da estância:

> *Por amor de Davi, teu servo,*
> *não desprezes o rosto do teu ungido.*
> *(v.10)*

Poderíamos concluir do salmo 89.38 que o Senhor rejeitou Davi e seus descendentes de uma vez por todas:

> *Tu, porém, o repudiaste e o rejeitaste;*
> *e te indignaste com o teu ungido.*

Mas os antigos não chegaram a esta conclusão. Eles tinham esperança de que Deus ainda iria se mostrar fiel às promessas feitas a Davi.

Esta esperança se expressa novamente na segunda estância (132.11-18), a qual se inicia com uma recitação da promessa central feita a Davi:

71 G. Liedke, "שָׁפַט", em *TLOT*, 3:1393.

O SENHOR jurou a Davi com firme juramento
e dele não se apartará:
Um rebento da tua carne
farei subir para o teu trono.
(v.11)

E o poeta termina esta estância com esta promessa do Senhor:

Ali, farei brotar a força de Davi;
preparei uma lâmpada para o meu ungido.
Cobrirei de vexame os seus inimigos;
mas sobre ele florescerá a sua coroa.
(vs.17-18)

É evidente, a partir do conteúdo do salmo 132, posicionado após o salmo 89, que a esperança permaneceu nos corações dos piedosos. A despeito da contradição aparente entre a promessa e as circunstâncias correntes, estas pessoas tiveram fé de que o Senhor, também, seria fiel e de que o Rei ungido/messiânico um dia viria para governar sobre as nações, exatamente como o salmo 2 prometera.

O chifre, a que se refere o verso 17,* é um símbolo bíblico comum de poder. A NLT traduz o verso 17 como "Aqui, farei com que aumente o poder de Davi". O uso de "chifre" para indicar poder é encontrado em textos como Deuteronômio 33.17, onde José é descrito como sendo tão poderoso como um touro:

Ele tem a imponência
do primogênito do seu touro,
e as suas pontas são
como as de um boi selvagem;
com elas rechaçará todos os povos
até às extremidades da terra.
Tais, pois, as miríades de Efraim,
e tais, os milhares de Manassés.

O touro com chifres governará as nações com grande poder. Fazer um chifre crescer – a imagem usada no salmo 132.17 – significa "aumentar o poder de Davi", o que foi capturado pela versão NLT. E, de acordo com o

* Algumas versões traduzem o termo hebraico literalmente como "chifre". A ARA usou "força" [N. do T.].

Novo Testamento, o Senhor manteve sua promessa. No nascimento de João Batista, Zacarias proclamou em referência a Jesus:

> *Bendito seja o Senhor, Deus de Israel,*
> *porque visitou e redimiu o seu povo,*
> *e nos suscitou um chifre de salvação [tradução literal]*
> *na casa de Davi, seu servo.*
>
> *(Lc 1.68-69)*

Assim como muitos outros em seu tempo, Zacarias creu que, na vinda do Senhor Jesus, o Senhor Deus de Israel tinha *vindo*, e sua vinda tinha alcançado redenção, e esta redenção fora alcançada por meio de um *chifre* da casa de *Davi*. Sem dúvida, Zacarias tinha o salmo 132.17 em mente, e provavelmente também o salmo 118.26, quando ele declarou estas palavras.

O salmo 118.26 diz:

> *Bendito o que vem em nome do* SENHOR.
> *A vós outros da Casa do* SENHOR, *nós vos abençoamos.*

Quem é este "que vem em nome do SENHOR"? O Novo Testamento identifica esta pessoa com Jesus. Em certa ocasião, João Batista enviou seus discípulos a Jesus com esta questão: "És tu *aquele que estava para vir* ou esperaremos outro?" (Lc 7.20). Esta questão parece aludir ao salmo 118.26. No domingo de Ramos, Jesus entrou em Jerusalém montado em um jumento, e quando as pessoas o viram, reconheceram-no como seu rei e gritaram:

> *Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor e que é Rei de Israel!*
>
> *(Jo 12.13)*

Desta citação do salmo 118.26, aprendemos que os judeus do primeiro século entendiam "o que vem em nome do Senhor" como sendo o rei de Israel, e eles viram em Jesus este rei. O texto de Mateus 21.9 coloca desta forma:

> *Hosana ao Filho de Davi!*
> *Bendito o que vem em nome do Senhor!*

Eles criam claramente que Jesus era o tão aguardado Filho de Davi, "aquele que vem em nome do Senhor". Além disso, Jesus também entendia

a si mesmo como "aquele que vem em nome do Senhor", como fica claro a partir da promessa que ele deixou aos seus discípulos:

> *Declaro-vos, pois, que, desde agora, já não me vereis, até que venhais a dizer: Bendito o que vem em nome do Senhor! (Mt 23.39)*

Assim, a partir dos salmos 96, 98, 132 e 118, discernimos que os Livros 4 e 5 dos Salmos nos ensinam como Israel deveria reagir ao aparente declínio na situação corrente do trono davídico. Estes livros contêm uma clara esperança de que tanto o Rei divino quanto o Rei messiânico um dia viriam cumprir as promessas feitas a Davi – promessas de que Israel e as nações poderiam experimentar a vida verdadeiramente feliz que Deus ofereceu no salmo 2.12 ao dizer: "Bem-aventurados todos os que nele se refugiam".

Assim como o Livro dos Salmos proveu esperança ao antigo povo de Deus, instando com eles para que olhassem adiante para o dia em que o Rei viria, assim os Salmos dão esta mesma esperança a nós hoje. Vivemos com a esperança de que o Rei virá em nossas próprias vidas e em nosso mundo, e irá estabelecer seu governo, o qual resulta em vidas verdadeiramente felizes. Esperamos que o seu reino venha "como uma realidade presente que será plenamente realizada no futuro".[72] Nesta data futura, Jesus colocará, absolutamente, todas as coisas em sua ordem correta. Como afirma Apocalipse 21.3-4:

> *Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles. E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram.*

E o livro de Apocalipse termina com Jesus mesmo afirmando: "Eis que venho sem demora. Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro" (Ap 22.7).

Outros temas dos Salmos

Ao estudar o propósito e a mensagem do Livro dos Salmos nas seções anteriores, descobrimos que os salmos proveem instrução para uma vida santa

72 Clifford, *Psalms 73-150*, p. 122.

e verdadeiramente feliz. Aprendemos também que o governo de Deus e de seu Ungido é o tema dominante dos Salmos e o pré-requisito para uma vida santa e feliz. Vimos brevemente que esta vida santa e feliz não foi planejada apenas para Israel, mas também para as nações. Esta última ideia irá ocupar nossa atenção nesta seção.

Embora numerosos temas tenham significância para compreender o Livro dos Salmos,[73] iremos estudar apenas dois nesta seção. O primeiro é o tema do Senhor como refúgio; o segundo é o da bênção para as nações. Estes dois temas se destacam no verso conclusivo da introdução ao saltério: "Bem-aventurados *todos* os que nele se *refugiam*" (Sl 2.12). Alguns eruditos argumentam que este verso conclusivo não era parte da forma original do salmo 2, e que foi adicionado por uma variedade de razões possíveis. Herman Gunkel, por exemplo, argumenta que ele foi adicionado para mitigar o furor do salmo.[74] Mais produtiva é a sugestão de Jerome Creach de que esta linha final "parece ser um adendo, talvez posicionada para guiar a leitura dos salmos subsequentes".[75] O argumento primário de Creach para compreender esta linha como uma adição é a aparente incongruência entre o modo como o salmo tanto ameaça as nações com destruição da parte do Senhor como oferece a elas uma vida verdadeiramente feliz por meio de se refugiarem no Senhor.[76] Embora seja possível que esta linha conclusiva seja um adendo,[77] os argumentos de Creach não são inteiramente convincentes, nem são eles necessários para seguirmos sua dica criteriosa de interpretar esta linha como programática para todo o Livro dos Salmos.

Primeiramente, o próprio corpo do salmo 2 expressa a possibilidade de que as nações irão experimentar algo diferente de ira e destruição. Observe as ordens direcionadas aos reis nos versos 11-12:

> *Servi ao SENHOR com temor*
> *e alegrai-vos nele com tremor.*

73 Vd., por exemplo, Hans-Joachim Kraus, *Theology of the Psalms* (Mineápolis: Augsburg, 1979).

74 H. Gunkel, *Die Psalmen ubersetzt und erklärt* (HKAT; Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1926), p. 12.

75 Jerome F. D. Creach, *Yahweh as refuge and the editing of the hebrew psalter* (JSOTSup; Sheffield England: Sheffield Academic Press, 1996), p. 75.

76 Ibidem, p. 75.

77 Em minha estimativa, embora os títulos dos salmos sejam canônicos e inspirados, eles não são necessariamente originais e podem ter sido adições posteriores. O verso 20 é claramente uma adição ao salmo 72. As doxologias que terminam cada um dos salmos que concluem os Livros 1 a 4 também podem ser adições a estes salmos.

Beijai o Filho para que se não irrite, e não pereçais no caminho;
porque dentro em pouco se lhe inflamará a ira.

Nestas ordens está implícita a oferta de uma alternativa. Se houver serviço e submissão, então haverá algo diferente de ira e destruição. A linha final torna explícito o que este resultado alternativo será para aqueles que cessarem sua rebelião: aqueles que "se refugiam" no Senhor irão experimentar uma vida verdadeiramente feliz. Em segundo lugar, como eu demonstrarei nesta seção, tanto o se refugiar no Senhor quanto a bênção para as nações são temas predominantes nos Salmos. Uma vez que tenhamos compreendido a centralidade destes dois temas, nós não ficaremos mais perplexos com sua justaposição no salmo 2, que é a segunda metade da introdução ao saltério.

O Senhor é o nosso refúgio

Jerome Creach tentou "mostrar que 'refúgio' é um conceito central para o formato do saltério, tanto no sentido geral de 'mundo do pensamento' do livro como no sentido mais específico da estrutura literária".[78] Creach, de fato, deu uma contribuição valiosa para a nossa compreensão do Livro dos Salmos. Em minha estimativa, o Senhor como refúgio é, na realidade, a segunda metáfora mais importante empregada nos Salmos, sendo a primeira a do Senhor como rei. Nesta seção, eu desvendarei (1) o significado da metáfora do refúgio, em termos de compreender seu sentido e difusão nos Salmos e (2) o relacionamento entre as metáforas de refúgio e de realeza.

O significado da metáfora do refúgio

Os poetas hebreus usaram muitas palavras diferentes para comunicar a metáfora do refúgio. As duas palavras principais derivam da raiz חסה: מַחְסֶה / מָחֲסֶה ("um refúgio")[79] e חָסָה ("buscar refúgio").[80] O verbo nunca é usado em um sentido literal na Bíblia Hebraica e o substantivo é usado assim apenas três vezes:

Os altos montes são das cabras montesinhas,
e as rochas, o refúgio [מַחְסֶה] *dos arganazes.*
(Sl 104.18)

78 Creach, *Yahweh as refuge*, p. 19.

79 As duas formas são grafias alternativas da mesma palavra. Vd. *HALOT*, 2:571; e *DCH*, 5:226.

80 *HALOT*, 1:337; e *DCH*, 3:281-282.

os quais serão para sombra contra o calor do dia
e para refúgio [וּלְמַחְסֶה] *e esconderijo contra*
a tempestade e a chuva.

(Is 4.6)

Pelas chuvas das montanhas são molhados
e, não tendo refúgio [מַחְסֶה]*, abraçam-se com as rochas.*

(Jó 24.8)

Estes três usos nos mostram que um "refúgio" é um "abrigo", um lugar de segurança e proteção de elementos hostis como o sol abrasador ou a chuva congelante. "Fica claro que חָסָה tem a conotação de 'buscar abrigo' ... e que מַחְסֶה se refere ao abrigo em si mesmo".[81]

O sentido metafórico em relação ao Senhor seria então "buscar proteção no Senhor" e "o Senhor é a minha proteção".[82] É por isso que a primeira edição da NLT usou a palavra "proteção" para traduzir esta metáfora:

Mas que alegria têm aqueles que encontram [חוֹסֵי] *proteção nele!*

(Sl 2.12, NLT 1.0)

Eu venho a ti buscando proteção [חָסִיתִי]*, ó* SENHOR *meu Deus.*

(Sl 7.1[2], NLT 1.0)

A difusão da metáfora de refúgio é um testemunho ao seu papel central na teologia do Livro dos Salmos. Esta difusão pode ser percebida de dois modos. Um modo é pela frequência das palavras primárias (חָסָה e מַחְסֶה): o verbo חָסָה ocorre vinte e três vezes[83] no Livro dos Salmos; o substantivo מַחְסֶה ocorre doze vezes.[84] O outro modo é pelo grande número de palavras no campo semântico de "refúgio".[85] Em adição a חָסָה e מָחְסֶה, os salmistas usam doze outras palavras para pintar o quadro de Deus como refúgio:

81 Creach, *Yahweh as refuge*, p.25.

82 Creach, *Yahweh as refuge*, p.51-52. Vd. também "Refuge", em: *DBI*, p.700-701.

83 Salmos 2.12; 5.11[12]; 7.1[2]; 11.1; 16.1; 17.7; 18.2[3], 30[31]; 25.20; 31.1[2], 19[20]; 34.8[9], 22[23]; 36.7[8]; 37.40; 57.1[2] (2x); 61.4[5]; 64.11; 71.1; 91.4; 118.8, 9; 141.8; 144.2.

84 Salmos 14.6; 46.1[2]; 61.3[4]; 62.7[8], 8[9]; 71.7; 73.28; 91.2, 9; 94.22; 104.18; 142.5[6].

85 Moisés Silva, *Biblical words and their meaning: an introduction to lexical semantics* (Grand Rapids: Zondervan, 1994), p. 219. Silva define um campo semântico como "uma área definida de significado ocupada por palavras relacionadas".

1. צוּר ("rocha") – 21x [24x][86]

De Deus dependem a minha salvação e a minha glória;
estão em Deus a minha forte rocha e o meu refúgio.
(Sl 62.7[8])

2. מָגֵן ("escudo") – 16x [19x][87]

O SENHOR é a minha rocha, a minha cidadela, o meu libertador;
o meu Deus, o meu rochedo em que me refugio;
o meu escudo, a força da minha salvação, o meu baluarte.
(Sl 18.2[3])

3. מִשְׂגָּב ("fortaleza, baluarte") – 13x [13x][88]

Mas o SENHOR é o meu baluarte e o meu Deus,
o rochedo em que me abrigo.
(Sl 94.22)

4. סֵתֶר ("abrigo, esconderijo") – 7x [10x][89]

Assista eu no teu tabernáculo, para sempre;
no esconderijo das tuas asas, eu me abrigo.
(Sl 61.4[5])

5. צֵל ("sombra") – 6x [10x][90]

Como é preciosa, ó Deus, a tua benignidade!

86 O primeiro número é o total de ocorrências da palavra em referência ao Senhor como refúgio; o número entre colchetes é o total absoluto de ocorrências independentemente do referente. Nesta e nas próximas notas de rodapé, as citações são apenas das ocorrências que se referem ao Senhor como refúgio: Salmos 18.2[3], 31[32], 46[47]; 19.14[15]; 27.5; 28.1; 31.2[3]; 61.2[3]; 62.2[3], 6[7], 7[8]; 71.3; 73.26; 78.15, 20, 35; 89.26[27]; 92.15[16]; 94.22; 95.1; 144.1.

87 Salmos 3.3[4]; 7.10[11]; 18.2[3], 30[31], 35[36]; 28.7; 33.20; 35.2; 59.11[12]; 84.11[12]; 89.18[19]; 115.9, 10, 11; 119.114; 144.2.

88 Salmos 9.9[10] (2x); 18.2[3]; 46.7[8], 11[12]; 48.3[4]; 59.9[10], 16[17], 17[18]; 62.2[3], 6[7]; 94.22; 144.2.

89 Salmos 27.5; 31.20[21]; 32.7; 61.4[5]; 91.1; 101.5; 119.114.

90 Salmos 17.7[8]; 36.8; 57.1[2]; 63.8; 91.1; 121.5.

Por isso, os filhos dos homens
se acolhem à sombra das tuas asas.
(Sl 36.7[8])

6. מָעוֹז ("fortaleza") – 7x [9x][91]

O SENHOR é a minha luz e a minha salvação;
de quem terei medo?
O SENHOR é a fortaleza da minha vida;
a quem temerei?
(Sl 27.1)

7. מְצוּדָה ("baluarte") – 6x [7x][92]

diz ao SENHOR: Meu refúgio e meu baluarte,
Deus meu, em quem confio.
(Sl 91.2)

8. סֶלַע ("rocha") – 5x [9x][93]

O SENHOR é a minha rocha, a minha cidadela, o meu libertador;
o meu Deus, o meu rochedo em que me refugio;
o meu escudo, a força da minha salvação, o meu baluarte.
(Sl 18.2[3])

9. מָעוֹן ("habitação, morada") – 3x [5x][94]

Pois disseste: O SENHOR é o meu refúgio.
Fizeste do Altíssimo a tua morada.
(Sl 91.9)

91 Salmos 27.1; 28.8; 31.2[3], 4[5]; 37.39; 43.2; 52.7[9].
92 Salmos 18.2[3]; 31.2[3], 3[4]; 71.3; 91.2; 144.2.
93 Salmos 18.2[3]; 31.4; 40.3; 42.10; 71.3.
94 Salmos 71.3; 90.1; 91.9.

10. מִגְדָּל ("torre forte") – 1x [2x][95]

pois tu me tens sido refúgio
e torre forte contra o inimigo.
(Sl 61.3[4])

11. מָנוֹס ("lugar seguro, proteção") – 1x [2x][96]

Eu, porém, cantarei a tua força;
pela manhã louvarei com alegria a tua misericórdia;
pois tu me tens sido alto refúgio
e proteção no dia da minha angústia.
(Sl 59.16[17])

Simplificando, a metáfora de refúgio é uma figura da proteção divina. Além disso, esta metáfora dominante no Livro dos Salmos se encaixa com a metáfora da realeza como o tema primário do saltério.

O relacionamento entre refúgio e realeza

No mundo do Antigo Testamento, havia uma conexão forte entre o ofício do rei e a função de proteção. Esta conexão pode ser percebida de várias formas. Uma delas é a ligação explícita entre os conceitos de realeza e refúgio em alguns textos particulares. Isaías 30.2 é um exemplo. Este texto mostra que, nas mentes dos israelitas, o rei do Egito era uma fonte de proteção:

Que descem ao Egito
sem me consultar,
buscando refúgio em Faraó
e abrigo, à sombra do Egito!

Outro texto que liga realeza e refúgio explicitamente é a fábula de Jotão em Juízes 9.7-15. Nesta fábula, as árvores decidem ungir um rei para governar sobre elas. Após terem sido rejeitadas pela oliveira, pela figueira e pela videira, as árvores procuram o espinheiro para ver se ele desejaria ser o rei delas. O espinheiro replicou: "Se, deveras, me ungis *rei* sobre vós, vinde e *refugiai-vos* [חֲסוּ] debaixo de minha sombra" (ênfase adicionada).

95 Salmo 61.3[4].
96 Salmo 59.16[17].

Assim, a fábula pressupõe uma conexão bem forte entre o ofício do rei e a função de proteção.

Esta conexão entre realeza e proteção é, sem dúvida, uma das razões pelas quais a palavra "escudo" é parte do campo semântico de "refúgio", como vimos acima. É também uma das razões pelas quais a palavra "escudo" é usada como uma metáfora para o rei:[97]

> *Cuida do nosso escudo, ó Deus;*
> *e contempla o rosto do teu ungido.*
> *(Sl 84.9, NVI)*

> *Pois ao SENHOR pertence o nosso escudo,*
> *e ao Santo de Israel, o nosso rei.*
> *(Sl 89.18)*

Os poetas israelitas empregaram explicitamente esta conexão entre o ofício do rei e a função de proteção para falar sobre o papel de Deus em relação ao seu povo. Observe como o poeta conecta a realeza de Deus com a proteção por Deus no salmo 5.2[3] e 11[12]:

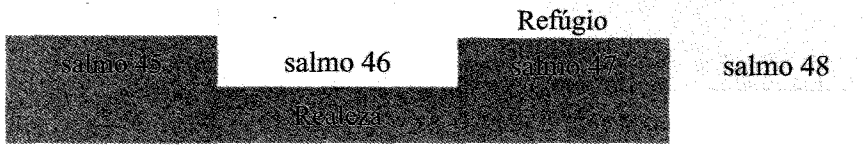
> *Escuta, Rei meu e Deus meu,*
> *a minha voz que clama,*
> *pois a ti é que imploro...*

> *Mas regozijem-se todos os que confiam* [חוֹסִי] *em ti;*
> *folguem de júbilo para sempre,*
> *porque tu os defendes;*
> *e em ti se gloriem os que amam o teu nome.*

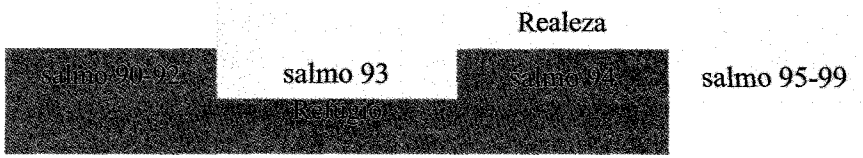
É evidente, igualmente, que este uso de refúgio/proteção se correlaciona com os reis divinos e humanos em outras partes do Antigo Testamento. Assim, quando o poeta conclui a introdução do Livro dos Salmos dizendo: "Bem-aventurados todos os que nele se refugiam", não precisamos escolher entre o rei divino e o rei humano para identificar o referente apropriado para o pronome "nele".

97 Assim "Shield", em: *DBI*, p. 785: "Algumas vezes a metáfora do escudo aparece como uma expressão idiomática para rei, pois os reis eram responsáveis pela proteção de seus súditos."

Uma segunda forma pela qual o ofício do rei e a função de proteção estão conectados é mais sutil e artística. Um exemplo tirado do trabalho com madeira nos oferece uma ilustração apropriada. Os carpinteiros que produzem armários usam diversas técnicas para manter juntas as peças de madeira. Uma destas técnicas cria conexões "tipo *finger-joint*", assim chamadas porque funcionam de forma semelhante a quando entrelaçamos os nossos dedos. Os poetas hebreus usaram um tipo de conexão literária *finger-joint* como um "mecanismo de entrelaçamento" para um grupo de salmos.[98] Um exemplo desta técnica se encontra nos salmos 45 a 48.[99] Os salmos 45 e 47 são salmos sobre a realeza; eles estão entrelaçados com os salmos 46 e 48, que são salmos de refúgio.



Uma variação desta técnica pode ser encontrada nos salmos 90 a 99:[100]



O entrelaçamento literário dos salmos sobre realeza e refúgio demonstra artisticamente o entrelaçamento conceitual destes dois motivos. Este entrelaçamento de conceitos apoia a conclusão de que a linha final do salmo 2, "Bem-aventurados todos os que nele se refugiam", é parte integral do hino da realeza que compõe a abertura do saltério.

98 Wilson, "Shaping the Psalter", p. 75.

99 Veja Creach, *Yahweh as refuge*, p. 87.

100 Vd. Wilson, "Shaping the Psalter", p. 75. Para uma análise detalhada do entrelaçamento destes salmos, vd. Howard, *The structure of Psalms 93-100*, p. 166-183.

As nações serão abençoadas

Claramente, o Senhor como refúgio de Israel é um tema principal do Livro dos Salmos. Quando a introdução do saltério conclui com "Bem-aventurados todos os que nele se refugiam" (Sl 2.12), meu argumento é que este pronunciamento se estende a todas as nações. Portanto, deve ser possível detectar o tema de bênção às nações por todo o Livro dos Salmos. Este é o objetivo desta seção.

A bênção às nações não é um tema dominante no Livro 1 (salmos 3–41). Todavia, esta ausência provavelmente se deve à alta frequência de lamentos no início do Livro dos Salmos.[101] Quando chegamos aos Livros 2 e 3, entretanto, o tema da bênção às nações é facilmente percebido. Três conjuntos de salmos em particular acentuam este tema: 46–49, 65–67 e 86-87. Quando nós analisamos o centro do saltério no Livro 4, com seu entrelaçamento das metáforas de realeza e refúgio nos salmos 90–99, a bênção às nações é salientada diversas vezes. Finalmente, este tema também é encontrado em salmos esparsos no restante do Livro 4 e no Livro 5.

A bênção às nações no Livro 2 (salmos 42-72)

Nós já vimos que os salmos 45 a 48 são salmos de realeza e refúgio entrelaçados. Quando analisamos o segundo salmo deste grupo, o salmo 46, encontramos a metáfora do refúgio já na linha de abertura:

> *Deus é o nosso refúgio e fortaleza,*
> *socorro bem presente nas tribulações.*
> *(v.1)*

Logo após, encontramos as nações, que aparentemente estão atacando Israel.[102] Mas, visto que "o SENHOR dos Exércitos" é o "refúgio" de Israel (v.7), as nações são derrotadas (v.6):

> *Bramam nações, reinos se abalam;*
> *ele faz ouvir a sua voz, e a terra se dissolve.*
> *O SENHOR dos Exércitos está conosco;*
> *o Deus de Jacó é o nosso refúgio.*
> *(vs.6-7)*

101 Vd. o Capítulo 2.

102 Vd. Clifford, *Psalms 1-72*, p. 229; e Craigie, *Psalms 1-50*, p. 345.

O poeta, então, nos convida a vir e ver as "obras do Senhor", que são então qualificadas como sendo as "assolações [que ele] efetuou na terra" (v.8). Mas observe a natureza destas "assolações":

> *Ele põe termo à guerra até aos confins do mundo,*
> *quebra o arco e despedaça a lança;*
> *queima os carros no fogo.*
>
> *(v.9)*

O que é assolada é a hostilidade que joga uma nação contra outra. O que são destruídas são as armas usadas por uma nação contra a outra. Porque Deus é o nosso refúgio, não há mais guerras. Porque Deus é o nosso refúgio, há paz mundial.[103] Porque Deus é o nosso refúgio, podemos confiar de que, no final, as nações serão abençoadas quando vierem honrar ao Senhor:

> *Aquietai-vos e sabei que eu sou Deus;*
> *sou exaltado entre as nações,*
> *sou exaltado na terra.*
>
> *(v.10)*

Visto que o salmo 46 conclui com as nações exaltando ao Deus que é o nosso refúgio, não ficamos surpresos de que o salmo 47 convide "todos os povos" a adorarem ao "grande rei de toda a terra":

> *Batei palmas, todos os povos;*
> *celebrai a Deus com vozes de júbilo.*
> *Pois o SENHOR Altíssimo é tremendo,*
> *é o grande rei de toda a terra.*
>
> *(vs.1-2)*

As nações que antes lutaram contra o Senhor e contra o seu Ungido foram subjugadas (v.3[4]). Os reis e príncipes que costumavam "conspirar *contra* o Senhor e *contra* o seu Ungido" (Sl 2.2) agora "se reúnem [*como*]

103 Vd. Wilson, *Psalms – volume 1*, p. 720-721.

* A versão inglesa usada pelo autor supre a palavra "como", que está ausente no texto da ARA. Todavia, compare o texto da NTLH: "Os que governam os povos se reúnem com o povo do Deus de Abraão, pois todo poder neste mundo pertence a Deus; ele domina tudo" [N. do T.].

o povo do Deus de Abraão" para adorarem o Rei que "se exaltou gloriosamente" (Sl 47.9[10]).*

O salmo 48 centraliza os nossos pensamentos na metáfora do refúgio; pois, ao celebrar a natureza fortificada da "cidade do grande Rei" (v.2[3]), "a cidade do nosso Deus" (v.8[9]), ele celebra a natureza de Deus, o "grande Rei" (v.2[3]), como uma fortaleza. Após nos convidar para conhecermos a cidade fortificada (vs.12-13 [13-14]), o poeta diz simplesmente: כִּי זֶה אֱלֹהִים ("que este é Deus"; v.14[15]). Deus não está apenas *na* cidade fortificada (v.3[4]), mas Deus também *é* a cidade fortificada – pelo menos metaforicamente.[104] Ao convidar os adoradores a admirarem as paredes e torres protetoras de Jerusalém, o poeta os convida a verem uma outra realidade, a da presença protetora de Deus.

Este salmo de refúgio, tal como o salmo 47, repete a estória da tentativa fracassada das nações de conquistarem Jerusalém (vs.4-7[5-8]). O povo de Sião e todos aqueles vivendo em Judá se alegram pela força da cidade e do Deus da cidade (v.11[12]). E, ainda, "a terra inteira se alegra em ver isto!" (v.2[3], NLT). Visto que o rei divino está presente na cidade fortificada, o seu "louvor se estende até aos confins da terra" (v.10[11]). Assim como nos salmos 46 e 47, as nações não mais lutam contra o Senhor, mas agora o estão adorando por toda a terra.

O salmo 49 segue de perto o conjunto entrelaçado dos salmos 45 a 48 e está tematicamente ligado a estes salmos com sua ênfase nas nações. Observe o foco aparentemente global no cólon de abertura: "*Povos todos*, escutai isto". E, caso venhamos a imaginar que estes "povos" estejam restritos a Israel, o poeta adiciona: "dai ouvidos, *moradores todos da terra*". Este convite de abertura para "escutar" e "dar ouvidos" é reminiscente da literatura de sabedoria, assim como a linguagem de "sabedoria" (v.3[4]) e "parábola" e "enigma" (v.4[5]).

A parte maior do salmo (vs.5-20 [6-21]) se ocupa com os temas de sabedoria sobre a riqueza e a morte nas vidas dos sábios e dos tolos. Quando é lido no contexto da perspectiva universal dos salmos 46–48 e do convite universal do salmo 49.1[2], o salmo 49 é uma instrução de sabedoria às nações que foram subjugadas pelo grande Rei e se tornaram cidadãs do seu reino. As nações são instruídas aqui a não confiar nas riquezas (v.6[7]), quer as tenham ou não (v.2[3]), pois as riquezas não podem redimir da morte (v.7[8]). Ao invés disso, as nações devem confiar em Deus, que pode redimir até mesmo do poder da morte (v.15[16]). Fica implícita neste salmo a correlação entre

104 Assim Craigie, *Psalms 1-50*, p .355.

sabedoria e bem-aventurança. Ao aprenderem a viver em consonância com a tradição de sabedoria de Israel, as nações experimentarão a bem-aventurança oferecida naquela tradição (vd. Sl 1).

O Livro 2 contém um segundo grupo de salmos que enfatizam a bênção de Deus às nações: os salmos 65 a 67.

O escopo universal do salmo 65 é evidente já no seu início, pois o salmista diz: "a ti virão todos os homens [כָּל־בָּשָׂר] (v.2[3]). O verso seguinte indica que "todos os homens" estão buscando o Deus de Israel para perdão de pecados, até mesmo de pecados opressivos. Aqueles que vêm para receber perdão experimentam uma profunda alegria e satisfação na presença de Deus (v.4[5]). Assim, aclama-se "Deus, Salvador nosso," no verso 5[6] como a "esperança de todos os confins da terra e dos mares longínquos". As nações subjugadas (v.7[8]; vd. também os salmos 46 e 47) por toda a terra têm muita reverência diante de Deus e gritam de alegria por suas obras (v.8[9]).

O salmo 66 continua este foco global em sua linha de abertura: "Aclamai a Deus, toda a terra". E no verso 4 "toda a terra" está se prostrando diante de Deus e cantando louvores ao seu nome. Assim como nós fomos convidados a "vir e ver" no salmo 46.8[9], nós somos convidados novamente no salmo 66.5 a "vir e ver" o que Deus fez. Desta vez nós somos convidados a vir e ver os seus "tremendos feitos para com os filhos dos homens" (v.5). A expressão hebraica traduzida por "pessoas" em algumas versões (como a NTLH) é aqui בְּנֵי אָדָם (literalmente "filhos dos homens"), uma expressão usada em outros lugares de Salmos para toda a raça humana.[105] O que é isto que o Deus de Israel fez em benefício de toda a raça humana?

> *Converteu o mar em terra seca;*
> *atravessaram o rio a pé;*
> *(v.6)*

A divisão do mar no tempo do êxodo, diz o salmista, não foi simplesmente para o benefício de Israel; mas, em última análise, foi em benefício de toda a raça humana. Este passo fundamental na história da redenção tinha em vista claramente a bênção às nações.

O salmo 67 conclui este grupo com simplicidade e beleza ímpares. "Bênção" forma uma inclusão que enquadra este salmo: "... Deus ... nos abençoe" (v.1[2]) e "Abençoe-nos Deus" (v.7[8]). O foco em ambos os cola

105 Vd. Salmos 11.4; 14.2; 53.2[3]; 89.47[48]; 90.3.

está em Deus "nos" abençoar, ou seja, a Israel no contexto original. Mas, por que Deus está "nos" abençoando? O salmista provê a resposta:

> *para que se conheça na terra o teu caminho*
> *e, em todas as nações, a tua salvação.*
> *(v.2[3])*

O desejo do salmista é que, uma vez que a salvação de Deus seja dada a conhecer entre as nações, Deus será louvado pelos "povos", "os povos todos", "as gentes" (vs.3-4a[4-5a]), "povos" e "os povos todos" (v.5[6]). O salmista quer que as nações "alegrem-se e exultem" ao experimentarem o governo justo de Deus e sua direção universal (v.4[5]). E esta direção (נָחָה) é a mesma direção que o povo de Deus experimentou ao vagar no deserto após a divisão do mar.[106]

Ao final do salmo, vemos uma figura da terra inteira[107] fazendo sua colheita (v.6[7]) e Deus "nos" abençoando de forma que "todos os confins da terra o temerão" (v.7[8]).

A bênção às nações no Livro 3 (salmos 73–89)

O Livro 3 tem dois salmos adjacentes que enfatizam a bênção às nações: salmos 86 e 87. Este tema está presente, embora não seja dominante, no salmo 86:

> *Não há entre os deuses semelhante a ti, Senhor;*
> *e nada existe que se compare às tuas obras.*
> *Todas as nações que fizeste*
> *virão, prostrar-se-ão diante de ti, Senhor,*
> *e glorificarão o teu nome.*
> *Pois tu és grande e operas maravilhas;*
> *só tu és Deus!*
> *(vs.8-10)*

O verso 8 poderia ser entendido como uma afirmação de que, embora os deuses das nações existam, eles são inferiores ao Deus de Israel. O verso 10 não permite tal interpretação, entretanto, pois ele confessa que apenas o Deus de Israel é Deus. Visto que o Deus de Israel é Deus incomparável (v.8)

106 Vd. Êxodo 13.21; Deuteronômio 32.12; Salmos 78.14, 53.

107 A NIV traduz אֶרֶץ aqui como "solo", mas está sozinha quanto a isto. A perspectiva global deste salmo requer a palavra *terra* aqui. Vd. a ESV, KJV, NASB, NKJV, NLT, NRSV e TNK.

e o único verdadeiro (v.10), "todas as nações", no final das contas, virão ver e adorar a este único verdadeiro Deus (v.9).

O salmo 87 é uma Canção de Sião.[108] Assim, devido a isto, o tema da bênção de Deus às nações não fica imediatamente evidente. Nas Canções de Sião, Jerusalém é o lugar onde Deus habita:

> *Conhecido é Deus em Judá;*
> *grande, o seu nome em Israel.*
> *Em Salém, está o seu tabernáculo,*
> *e, em Sião, a sua morada.*
> *(Sl 76.1-2[1-3])*

Desta forma, estar em Sião é o desejo ardente do povo de Deus; eles dispuseram seus corações para fazerem uma peregrinação a esta cidade:

> *Quão amáveis são os teus tabernáculos,*
> *SENHOR dos Exércitos!*
> *A minha alma suspira e desfalece pelos átrios do SENHOR;*
> *o meu coração e a minha carne exultam pelo Deus vivo! ...*
> *Bem-aventurado o homem cuja força está em ti,*
> *em cujo coração se encontram os caminhos aplanados, ...*
> *Vão indo de força em força;*
> *cada um deles aparece diante de Deus em Sião.*
> *(Sl 84.1-2,5,7[1-3,6,8])*

Uma Canção de Sião anterior, o salmo 48, sugere a ideia de que estar em Sião é também o desejo das nações, e não apenas de Israel:

> *Seu santo monte, belo e sobranceiro,*
> *é a alegria de toda a terra;*
> *o monte Sião, para os lados do Norte,*
> *a cidade do grande Rei.*
> *(Sl 48.2[3])*

O salmo 87 retoma este tema do salmo 48 ao recitar "gloriosas coisas" que são verdadeiras sobre Sião (v.3). Estas "gloriosas coisas" são que os egípcios, babilônios, filisteus, habitantes de Tiro e etíopes "reconhecem" o Deus de Israel (v.4); e eles não o fazem como estrangeiros, mas como cidadãos nascidos em Sião, registrados assim pelo Senhor mesmo (vs.4-6). Na

108 Para outros exemplos desta categoria de salmos, vd. Salmos 46; 48; 76; 84; 122.

linha final deste salmo, as nações estão cantando: "Todas as minhas fontes são em ti" (v.7). "'Nascentes' ou 'fontes' é uma metáfora para a fonte de vida e de bênção".[109] Assim, as nações estão encontrando no Deus de Sião a bênção que o coração humano tanto deseja.

A bênção às nações no Livro 4 (salmos 90–106)

Nós já vimos que o Livro 4 é o centro do Livro dos Salmos, com sua ênfase no governo de Deus. O Livro 4 também contém um grupo substancial de salmos, os salmos 96–100, que juntam o tema da bênção às nações com aquele do governo de Deus.

Nós encontramos uma perspectiva global já no verso inicial do salmo 96:

> *Cantai ao* SENHOR *um cântico novo,*
> *cantai ao* SENHOR, *todas as terras.*

O poeta pode estar descrevendo as "terras" aqui em termos personificados, ou estas "terras" podem ser uma **sinédoque** para os habitantes da terra, ou ambas as opções podem estar corretas. A opção da sinédoque tem o apoio dos versos 3–10, que mencionam as "nações", "todos os povos" e "famílias dos povos":

> *Anunciai entre as nações a sua glória,*
> *entre todos os povos, as suas maravilhas.*
> *(v.3)*

> *Tributai ao* SENHOR, *ó famílias dos povos,*
> *tributai ao* SENHOR *glória e força.*[110]
> *(v.7)*

> *Dizei entre as nações: Reina o* SENHOR.
> *Ele firmou o mundo para que não se abale*
> *e julga os povos com equidade.*
> *(v.10)*

109 Marvin E. Tate, *Psalms 51-100* (WBC; Dallas: Word, 1990), p. 392.

110 Observe que, de acordo com o verso seguinte, as famílias dos povos estão adorando nos átrios do templo em Jerusalém.

Nos primeiros dez versos deste salmo, o governo de Deus sobre as nações resulta na adoração de Deus pelas nações. Nos versos finais, as nações experimentam a bênção de Deus.

Nos versos 11–13, a "terra" é personificada, juntamente com os céus, o mar, os campos e as árvores. Eles se regozijam, estão felizes e jubilosos, e cantam de alegria. Por quê? Porque o Senhor está vindo "julgar" (v.13). Nós pensamos imediatamente em termos judiciais quando escutamos a palavra "julgar", mas este não era o caso quando os hebreus antigos ouviam a palavra שָׁפַט. Nem o verbo שָׁפַט ("julgar") nem o substantivo מִשְׁפָּט ("julgamento") podem ser limitados à esfera legal.[111] Falando de modo amplo, שָׁפַט se refere à ação de restaurar a ordem que foi perturbada.[112] Embora esta restauração da ordem possa envolver ações judiciais para tratar de disputas humanas, este não é o sentido exclusivo, nem mesmo o sentido primário, no salmo 96. A criação está exultando de alegria pela perspectiva de o Senhor vir restaurar sua harmonia e fertilidade, juntamente com a das nações.[113]

> *Pois o julgamento de Deus não consiste, afinal de contas, apenas em chamar seus oponentes a prestar contas; ele também serve para restaurar a sua ordem no mundo. Esta ordem se manifesta tanto no domínio da natureza quanto no da história; tanto na bênção da fertilidade da terra como na bênção concedida às nações.*[114]

No salmo 96, as nações e todo o mundo criado estão experimentando bênçãos na presença do Rei divino.

O salmo 98 é bem similar ao salmo 96, e ambos iniciam com a mesma convocação: "Cantai ao SENHOR um cântico novo". O salmo 98 continua, declarando que Deus fez sua salvação conhecida entre as nações (v.2) e que "todos os confins da terra viram a salvação do nosso Deus" (v.3). A "terra" no verso 4 indica primariamente os "habitantes da terra", os quais estão usando canções acompanhadas de instrumentos musicais para celebrar a salvação conquistada pelo Senhor (vs.5-6). Como no salmo 96, o salmo 98 termina com a criação se regozijando em antecipação da vinda do Senhor para abençoar o cosmos com uma ordem restaurada.

111 G. Liedke, "שָׁפַט", em: *TLOT*, 3:1395.
112 Ibidem, 3:1393.
113 Clifford, *Psalms 73-150*, p. 122.
114 Artur Weiser, *The Psalms* (OTL; Filadélfia: Westminster, 1962), p. 630.

O salmo 97 inicia com a "terra" e as "muitas ilhas" se regozijando no governo do Senhor. Como estas referências estão posicionadas entre os salmos 96 e 98, "terra" e "muitas ilhas" são facilmente identificadas como referências à criação e às nações. A identificação inicial é sustentada pelas imagens cósmicas nos versos 2-5; a identificação posterior é sustentada pela referência aos "povos" vendo a glória de Deus no verso 6. Observe que o verso 6 se move facilmente entre os "céus" no verso 6a e os "povos" no verso 6b. Nós também encontramos esta facilidade de combinação na abertura do salmo 99:

> *Reina o SENHOR;*
> *tremam os povos.*
> *Ele está entronizado acima dos querubins;*
> *abale-se a terra.*
> *(v.1)*

Nos dois versos seguintes, as nações estão louvando ao Senhor, que é exaltado sobre todas elas. O chamado final para exaltar ao Senhor certamente tem em vista as nações. Como Israel, as nações devem exaltar ao Senhor porque ele é para elas um "Deus perdoador" (v.8), assim como ele é para Israel. No salmo 99, a bênção às nações pelo Senhor resulta em adoração do Senhor pelas nações.

O salmo 100 conclui este grupo de salmos com seu chamado às "terras" para louvarem ao Senhor (v.1) e para servi-lo (v.2). As "terras" aqui se referem primariamente às nações, embora nuances cósmicos certamente possam ser percebidos, dados os salmos precedentes. As nações estão incluídas entre aqueles a quem o Senhor criou e que agora conhecem as bênçãos de serem parte do "seu povo e rebanho do seu pastoreio" (v.3). As nações, juntamente com Israel, são convocadas a entrar no templo para adorarem ao Senhor (v.4), pois elas também têm experimentado a fidelidade e a perseverante misericórdia de Deus (v.5).

Os salmos 93–100 "estão entre os mais exaltados do saltério: eles proclamam Yahweh como Rei em irrupções contínuas e alegres de louvor".[115] Assim sendo, os salmos 93–100 são comprovadamente o coração teológico do Livro dos Salmos, com sua ênfase contínua na realeza de Deus.[116] No centro do Livro dos Salmos está a paixão do Rei do universo em abençoar as nações.

115 Howard, *Structure of Psalms 93-100*, p. 22.
116 J. Clinton McCann, "Psalms", em: *NIB* (Nashville: Abingdon, 1996), 4:662.

A bênção às nações no Livro 5 (salmos 107–145)

O tema da bênção às nações está espalhado por todo o Livro 5. Ele não ficou agrupado como no caso dos Livros 1 a 4. Embora este tema não seja tão proeminente no Livro 5 como é nos Livros 1 a 4, é um tema presente do início ao fim.

A ênfase global encontrada nos Livros 1 a 4 se expressa vivamente no Livro 5 com, por exemplo, a intenção expressa de Davi de louvar ao Senhor entre as nações e de cantar sobre o Senhor entre os povos (Sl 108.3). A razão apresentada para esta intenção é a vastidão do amor de Deus e de sua fidelidade:

> *Porque acima dos céus se eleva a tua misericórdia,*
> *e a tua fidelidade, para além das nuvens.*
> *(v.4)*

E é o desejo de Davi que a adoração de Deus seja tão ampla quanto o amor e a fidelidade de Deus:

> *Sê exaltado, ó Deus, acima dos céus;*
> *e em toda a terra esplenda a tua glória*
> *(v.5)*

Tal como nos salmos 96 e 98, assim também aqui. A oração de Davi é que as nações, juntamente com toda a ordem cósmica, sejam cobertas com a glória de Deus.

No salmo 117, o menor de todos os salmos, não é Israel e sim as nações que são convidadas a louvarem e exaltarem ao Senhor (v.1). A razão para este convite é dada no verso 2:

> *Porque mui grande é a sua misericórdia para conosco,*
> *e a fidelidade do SENHOR subsiste para sempre.*

A palavra "conosco" inclui as nações ou apenas Israel? Até certo nível, o "conosco" indica Israel. Como em Isaías 40–55, as nações são aqui convidadas a considerarem o amor e a fidelidade de Deus que foram demonstrados na história de Israel. Este convite visa levar Israel a louvar e exaltar ao Senhor. Em adição, "o salmo convida as nações do mundo a reconhecerem em um povo um penhor da generosidade e justiça do único Senhor para com

todos".[117] Este "pequeno poema não trata de imperialismo, mas do desejo de Deus pela raça humana".[118] Este é o entendimento do apóstolo Paulo sobre o salmo 117, como fica claro pela sua citação do verso 1 em Romanos 15.11, onde ele está louvando a Deus por incluir as nações nas bênçãos prometidas aos patriarcas. Assim, mesmo o salmo mais curto do saltério articula o tema da bênção de Deus às nações.

Davi retoma este tema novamente no salmo 138, quando ele ora pedindo que os reis da terra (que antes tinham se irado contra o Senhor [Sl 2]) louvem ao Senhor (v.4a). Isto ocorrerá quando as nações escutarem as palavras da boca de Deus (v.4b). Que palavras poderiam colocar louvor ao Senhor nos lábios dos reis das nações? Palavras como "Bem-aventurados *todos* os que nele se refugiam" (Sl 2.12)!

Davi continua sua oração com o pedido de que as nações cantem sobre os caminhos do Senhor. Seus caminhos incluem a passagem de Israel pelo mar no tempo do êxodo. Nós agora já sabemos que este foi um ato de Deus em benefício de toda a raça humana.[119] A razão desta oração é a grandeza da glória de Deus (v.5b). A glória de Deus é tão grande que ela precisa transcender os limites de Israel e abranger as nações (vd. Sl 108.5).

A bênção às nações na doxologia final (salmos 146–150)

O Livro dos Salmos termina com uma grande coleção de salmos de doxologia, os salmos 146 a 150. O salmo 148 expressa louvor a Deus em uma escala cósmica. Esta doxologia cósmica convoca o universo a louvar ao Senhor, primeiramente estendendo o chamado de adoração aos "céus" (vs.1-6) e depois estendendo-o à "terra" (vs.7-14). Dentre aqueles na terra que são chamados a louvarem ao Senhor estão os "reis da terra", "todos os povos", "príncipes" e "todos os juízes da terra" (v.11). Estes devem louvar ao Senhor por causa da sua imensa glória (v.13) e de sua bênção a Israel (v.14). Em um salmo tão focado em Deus como Criador, por que há uma mudança para sua obra de redenção neste último verso? Em um salmo tão focado no global, por que a mudança para uma nação? Porque Deus escolheu esta única nação como o veículo pelo qual ele fará sua entrada no mundo, de modo que suas bênçãos possam fluir a todos e a tudo.[120]

Quando chegamos ao final do Livro dos Salmos, encontramos ainda uma última vez o louvor de Deus em proporções cósmicas. Após a abertura

117 Clifford, *Psalms 73-150*, p. 204.
118 Ibidem.
119 Vd. Sl 66.5-6 e a discussão nas páginas anteriores.
120 Vd. Gn 12.3; e Clifford, *Psalms 73-150*, p. 311.

"Louvai ao SENHOR" ("Aleluia") do salmo 150, aqueles "no seu santuário" (v.1a) e aqueles no "firmamento, obra do seu poder" (v.1b) são convocados a louvar a Deus. Os eruditos têm debatido o que o salmista tinha em mente na sua referência ao "santuário" de Deus. É o santuário terrestre ou o celestial?[121] Várias razões podem ser oferecidas para se compreender "santuário" como uma referência ao templo terrestre. Uma é o movimento dramático resultante na linha poética, da terra (v.1a) para o céu (v.1b). Outra é a presença dos adoradores humanos obviamente em vista nos versos seguintes. Ainda outra razão é a linha emparelhada no final do salmo, um pouquinho antes do "Aleluia" final:

Todo ser que respira louve ao SENHOR.

"No vocabulário do Antigo Testamento, 'respiração' [*neshama*] designa, mais do que qualquer outro termo, a vitalidade da vida física do ser humano, a vida e o fôlego que vêm de Deus".[122] No final do salmo, os humanos com "fôlego", então, emparelham-se com os humanos que estão, no começo do salmo, no "santuário". E não são *alguns* que têm folego, mas *todos* os que têm fôlego que são convocados a louvar a Deus, na linha final do Livro dos Salmos.

Assim, do início ao fim, o Livro dos Salmos mantém um foco contínuo no amor de Deus que abrange todas as nações. Deus deseja que todos os povos da terra se refugiem nele e, ao fazerem isto, experimentem a bênção dele, de modo que eles, juntamente com toda a ordem cósmica, possam lhe dar a devida glória.

121 Para um apanhado das opiniões, vd. Leslie C. Allen, *Psalms 101-150* (WBC, edição revista; Nashville: Thomas Nelson, 2002), p .403.

122 James L. Mays, *Psalms* (*Int*; Louisville: John Knox, 1989), p. 450.

3 PREPARANDO-SE PARA INTERPRETAR

Ao mestre de canto. Salmo de Davi, servo do SENHOR,
o qual dirigiu ao SENHOR as palavras deste cântico,
no dia em que o SENHOR o livrou de todos os seus inimigos
e das mãos de Saul.
Ele disse:
(Sl 18)

O TÍTULO DO SALMO 18 levanta uma série de questões para o intérprete do Livro dos Salmos:

1. O que significa לַמְנַצֵּחַ? É "para o diretor de música" (NIV)? Ou "ao líder" (NRSV)? Ou "para o líder" (TNK)?
2. A expressão לַמְנַצֵּחַ pertence ao início do salmo 18 ou ao final do salmo 17?[1]
3. A expressão לְדָוִד significa "escrito por Davi", "escrito para Davi", "escrito sobre Davi" ou "colecionado por Davi"?
4. Esta nota histórica é um elemento confiável e essencial à interpretação deste salmo?
5. Esta nota histórica nos encoraja a buscar na vida de Davi o contexto histórico de outros salmos que não apresentam tal informação em seus títulos?
6. Quem são os "inimigos"?
7. O que este salmo teria significado para leitores em gerações posteriores, especialmente para aqueles na comunidade pós-exílica?

1 Bruce Waltke argumentou persuasivamente que לַמְנַצֵּחַ é um colofão e que pertence ao final do salmo precedente; portanto, não pertence ao local no TM onde está situado atualmente. Vd. Bruce K. Waltke, "Superscripts, postscripts, or both", *JBL* 110 (1991): 583-596.

8. O texto original era מִיַּד שָׁאוּל ("das mãos de Saul") ou שָׁאוּל מִכַּף ("da palma de Saul" [Trad. do autor])?[2]

O objetivo deste capítulo não é responder necessariamente a todas estas questões relacionadas ao salmo 18 em particular. Antes, o objetivo é equipar os intérpretes com as ferramentas necessárias para que sozinhos possam descobrir respostas para questões como estas que surgem por todo o Livro dos Salmos. Primeiramente, trataremos de questões relacionadas aos salmos e à história: (1) qual o papel que o contexto histórico tem na interpretação dos salmos? (2) Por que os salmos parecem ser atemporais em sua aplicabilidade à vida? (3) Qual é o "contexto histórico" no qual se deve ler um salmo? Em segundo lugar, trataremos com questões relativas ao texto dos salmos: (1) quão bem foi o texto do Livro dos Salmos preservado para nós pelos antigos? (2) A crítica textual é necessária na interpretação dos salmos? (3) Como é a crítica textual nos Salmos? Em terceiro lugar, apresentaremos alguns recursos que podem contribuir para uma interpretação apropriada dos salmos.

O papel da história

Os livros sobre interpretação da Bíblia geralmente aconselham os estudantes a interpretarem um texto em seu contexto histórico original. Este é um conselho sensato. O fato de que alguns salmos trazem informação sobre seus contextos históricos indica que este conselho também se aplica à interpretação dos salmos. Todavia, a maioria dos salmos parece desafiar os melhores esforços em serem situados na história. Além disso, o contexto original de um salmo individual difere claramente do contexto histórico deste salmo na forma final do Livro dos Salmos. O contexto histórico original do salmo 90, "Oração de Moisés, homem de Deus" (título do salmo), situa-se em cerca de 1.400 a.C., enquanto o contexto deste salmo, quando o Livro dos Salmos alcançou sua forma final, situa-se cerca de mil anos depois. Qual destes "contextos históricos" é o contexto correto para a interpretação deste salmo? Que papel a história tem na interpretação dos salmos?

2 O TM lê aqui מִיַּד שָׁאוּל ("das mãos de Saul"), mas diversos manuscritos e o texto paralelo de 2 Samuel 22.1 lê מִכַּף שָׁאוּל ("da palma de Saul" [Trad. do autor]).

O contexto histórico de um salmo

Antes de tratar das questões específicas sobre o contexto histórico de salmos individuais, vamos tratar da questão mais geral da autenticidade dos títulos. Em resumo, meu ponto de vista é que os títulos são canônicos, embora não necessariamente originais.[3]

Parece que pelo menos alguns dos títulos de salmos individuais não são originais, mas foram adicionados posteriormente. Considere as razões seguintes: (1) os títulos estão escritos na terceira pessoa e, portanto, nos dão a impressão de serem editoriais;[4] (2) apenas 116 salmos possuem títulos no TM, enquanto todos – exceto pelos salmos 1 e 2 – possuem títulos na LXX; portanto, surgiu certa fluidez nos títulos em um estágio razoavelmente posterior da compilação do Livro dos Salmos;[5] (3) Os salmos 14 e 53 são aparentemente duas versões diferentes do mesmo salmo original.[6] Este único salmo original aparentemente foi adaptado para se encaixar em dois contextos diferentes, visto que ele circulava em duas coleções diferentes.[7] Os seus títulos não são iguais: o salmo 14 informa לַמְנַצֵּחַ לְדָוִד ("Para o diretor de música. De Davi"), enquanto o salmo 53 diz לַמְנַצֵּחַ עַל־מָחֲלַת מַשְׂכִּיל לְדָוִד ("Para o diretor de música. De acordo com mahalath. Um maskil de David"). Esta diferença de títulos sugere que os títulos foram adicionados independentemente e, portanto, que pelo menos um dos dois foi adicionado depois da composição original do salmo.

Não obstante, os títulos são antigos. Isto fica saliente pelo fato de que o significado de diversas palavras encontradas nos títulos já tinha sido perdido na época em que os tradutores da LXX fizeram seu trabalho (após 250 a.C.). Por exemplo, a expressão muito repetida לַמְנַצֵּחַ ("Para o diretor de música")[8]

3 Raymond B. Dillard e Tremper Longman III, *An introduction to the Old Testament* (Grand Rapids: Zondervan, 1994) [Publicado em português como *Introdução ao Antigo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 2006)], p. 214-215, não consideram esta opção, mas parecem permitir apenas uma ou outra opção: ou são originais ou são canônicos. Em um artigo mais recente, Longman reconhece os títulos como não originais; mas, mesmo assim, canônicos. Vd. Tremper Longman III, "Lament", em: *Cracking Old Testament codes: a guide to interpreting the literary genres of the Old Testament* (org. por D. Brent Sandy e Ronald L. Giese; Nashville: Broadman & Holman, 1995), p 208, nota 22.

4 Derek Kidner, *Psalms 1-72* (TOTC; Downers Grove: InterVarsity, 1973), p. 33.

5 Ernest C. Lucas, *Exploring the Old Testament: a guide to the Psalms and wisdom literature* (Downers Grove: InterVarsity, 2003), p. 19.

6 Assim, por exemplo, Willem VanGemeren, "Psalms", em: *EBC*, p. 388; e Gerald H. Wilson, *Psalms – volume 1* (NIVAC; Grand Rapids: Zondervan, 2002), p. 287.

7 Para o significado disto na interpretação, vd. VanGemeren, "Psalms", p. 388-389.

8 Esta expressão ocorre cinquenta e cinco vezes no Livro dos Salmos e apenas uma em outros lugares do TM: Hc 3.19.

foi mal compreendida pelos tradutores da LXX, que a traduziram como εἰς τὸ τέλος ("até o fim"), aparentemente pensando que se relacionava a לָנֶצַח ("para sempre"). Diversos séculos devem ter se passado para uma perda de significado como esta ter acontecido;[9] portanto, pelo menos alguns dos títulos antecedem a LXX por uma considerável parcela de tempo.

Embora antigos e não originais, os títulos são parte do texto canônico por diversas razões: (1) o Novo Testamento às vezes trata os títulos como Escritura e constrói argumentos sobre este material (vd. Mc 12.35-37; At 2.29-35; 13.35-37). (2) O título do salmo 18 está inserido no texto canônico de 2 Samuel 22.1. Desta forma, a natureza canônica deste material em 2 Samuel 22.1 implica sua natureza canônica no título do salmo 18. (3) A expressão padrão לַמְנַצֵּחַ ("Para o diretor de música") está inserida no texto canônico de Habacuque 3.19. De novo, a natureza canônica de לַמְנַצֵּחַ em Habacuque 3.19 implica a natureza canônica deste material em suas ocorrências nos títulos de diversos salmos.

Tendo em vista estes comentários gerais, agora podemos dar atenção ao papel das notas históricas[10] nos títulos de diversos salmos e às implicações deste material, se houver alguma, para a interpretação de outros salmos.

Treze salmos contêm informações que conectam estes salmos a diversos episódios da vida de Davi.[11]

Salmo 3	Davi foge de Absalão	2Sm 15–16
Salmo 7	Quanto às palavras de Cuxe	Evento desconhecido
Salmo 18	Davi escapa de Saul	1Sm 24 e 26
Salmo 34	Davi se finge amalucado	1Sm 21
Salmo 51	Davi lamenta o pecado com Bate-Seba	2Sm 12
Salmo 52	Davi é traído por Doegue	1Sm 22
Salmo 54	Davi é traído pelos zifeus	1Sm 23
Salmo 56	Davi é capturado pelos filisteus	1Sm 21

9 Vd. Wilson, *Psalms – volume 1*, p. 80-81, para uma discussão mais completa deste ponto.

10 Eu não irei discutir todos os termos que ocorrem nos títulos. Os estudantes podem encontrar uma cobertura adequada deste material em vários lugares. Por exemplo: C. Hassell Bullock, *Encountering the book of Psalms* (Grand Rapids: Baker, 2001), p. 24-30; Lucas, *Exploring the Old Testament*, p. 19-25; VanGemeren, "Psalms", p. 33-39; e Wilson, *Psalms – volume 1*, p. 78-80.

11 Adicionalmente, o salmo 30 é "Para a dedicação do templo".

Salmo 57	Davi foge de Saul	1Sm 22
Salmo 59	Davi é perseguido por Saul	1Sm 19
Salmo 60	Davi luta contra os siros e edomitas	2Sm 8 e 10
Salmo 63	Davi se esconde no deserto	1Sm 23–24
Salmo 142	Davi foge de Saul	1Sm 22

Embora eu afirme que a informação histórica nos títulos seja canônica, devo admitir que esta informação não tem um papel predominante na minha própria interpretação dos salmos correspondentes. Isto se deve às seguintes razões: (1) o texto do salmo geralmente não possui o tipo de detalhe específico que é necessário para correlacionar de modo preciso o salmo com o evento histórico em 1 ou 2 Samuel; (2) pelo menos uma das pessoas referidas nos títulos (Cuxe, o benjamita, no salmo 7) e o evento correspondente nos são completamente desconhecidos; portanto, não podem prover qualquer informação contextual para interpretar os detalhes deste salmo; (3) às vezes, há quase uma tensão entre o evento correspondente e o conteúdo do salmo. Por exemplo, o salmo 3 é sobre o tempo em que Davi fugiu de Absalão. A atitude de Davi quanto ao seu adversário no salmo ("feres nos queixos a todos os meus inimigos e aos ímpios quebras os dentes", v.7[8]) parece bem diferente da sua atitude para com Absalão ("Tratai com brandura o jovem Absalão, por amor de mim" [2Sm 18.5]). Esta tensão pode ser resolvida de certos modos. Talvez o salmo reflita a atitude de Davi quanto aos homens de Absalão, mas não quanto a Absalão mesmo. Talvez a atitude de Davi tenha mudado desde o momento em que ele estava fugindo em 2 Samuel 17 até o momento em que ele estava lutando em 2 Samuel 18. Talvez haja outras explicações. Qualquer explicação que elaboremos, entretanto, parece solapar a conexão entre o *contexto* dado no título e o *conteúdo* dado no texto.

É difícil, portanto, conectar de modo específico os salmos que têm informações históricas em seus títulos com os eventos ali mencionados. Estamos, pois, em terreno ainda mais inseguro se tentarmos correlacionar os salmos sem informações históricas nos títulos a eventos na vida de Davi. Embora seja possível, por exemplo, que o salmo 24 tenha surgido quando Davi trouxe a arca da aliança para Jerusalém (2Sm 6.12-19), este salmo pode ter sido composto para uma procissão litúrgica regular após uma vitória em batalha[12] ou para uma ocasião mais genérica.[13]

12 Vd. Wilson, *Psalms – volume 1*, p. 453.
13 Vd. VanGemeren, "Psalms", p. 219.

Consequentemente, parece que ficamos com certa ambivalência quanto às informações históricas nos títulos: são canônicas; mas, no processo de interpretação, não podem ter um papel maior além de ilustrar de um modo geral o tipo de situação em que um dado salmo surgiu.[14] Isto é: uma diferença notável é encontrada entre a linguagem historicamente específica dos títulos e a linguagem muito genérica – até mesmo indefinida – dos salmos em si. Ou, colocando de outra forma, a informação histórica nos títulos nos dá a impressão de que os salmos estão atrelados a um momento específico, enquanto os salmos em si mesmo parecem claramente atemporais.[15] Vamos agora examinar esta qualidade de atemporalidade dos salmos.

A atemporalidade dos salmos

A linguagem dos salmos é tipicamente geral e universal.[16] Os salmos 3 a 7 oferecem alguns exemplos. No salmo 3.1, Davi se refere aos seus "adversários" e aos "numerosos" que "se levantam contra mim". Se não fosse pela informação no título, não saberíamos quem são estes "adversários", porque não é dada informação suficiente no corpo do salmo para se determinar isto. Esta falta de informações específicas é típica nos salmos. Não sabemos quem são os "homens" em 4.2, ou os "arrogantes" em 5.5[6], ou quem são os "inimigos" em 6.10[11], ou quem está perseguindo Davi em 7.1. Também não podemos determinar, baseados no conteúdo do salmo 4, qual era a "angústia" de Davi (v.1). No salmo 6.2[3], embora Davi use a linguagem de uma doença física, não podemos ter certeza se ele está usando esta linguagem literalmente ou como figura de alguma outra adversidade, visto que ele também ora por livramento de "inimigos" nos versos 8-10 [9-11]. Na verdade, não ter conhecimento preciso em tais casos é uma bênção, pois a natureza geral e universal da linguagem torna mais fácil apropriar a linguagem de um dado salmo e torná-la aplicável à própria situação de um leitor contemporâneo. Um exemplo do Novo Testamento servirá para ressaltar este ponto: qual era o "espinho" de Paulo (2Co 12.7)? Sua "carne" se referia ao seu corpo físico ou à sua natureza pecaminosa? Nós simplesmente

14 Esta mesma ambivalência se aplica a outros termos nos títulos. Por exemplo, o salmo 8 é עַל־הַגִּתִּית ("de acordo com *gittith*"; Sl 8.1), mas tal informação não tem qualquer papel em nossa interpretação do salmo, pois não temos certeza do significado de עַל־הַגִּתִּית.

15 Por outro lado, a informação histórica no título do salmo 51 se encaixa muito bem com o contexto do salmo em si.

16 Daniel J. Estes, *Handbook on the wisdom books and Psalms* (Grand Rapids: Baker, 2005), p. 141.

não sabemos.[17] Como Philip Hughes já argumentou, se nós soubéssemos o que era o espinho de Paulo e se não sofrêssemos daquele mesmo problema, estaríamos inclinados a desconsiderar a experiência de Paulo como algo não aplicável às nossas próprias vidas.[18] O resultado de não saber isto é que o "espinho na carne" de Paulo se torna uma metáfora para todas aquelas situações na vida que nos mantêm humildes. Assim, a ausência de precisão em nossa compreensão do contexto histórico de um dado salmo resulta em uma maior facilidade em aplicar o texto à vida contemporânea.

O contexto histórico dos salmos

Bruce Waltke argumentou persuasivamente que um salmo pode ser lido em múltiplos contextos históricos, dada a natureza crescente do cânon das Escrituras.[19] À medida que o cânon crescia, assim também o contexto no qual se podia ler um dado salmo. Nós podemos compreender melhor estes contextos ao fazermos uma série de perguntas: (1) o que o salmo significava no contexto do poeta original? (2) O que o salmo significava no contexto dos editores que finalizaram o formato e o conteúdo da Bíblia Hebraica na comunidade pós-exílica? (3) O que o salmo significava no contexto dos autores do Novo Testamento? As respostas a estas questões apresentarão uma linha sólida de continuidade, pois cada estágio no processo de crescimento canônico é relacionado organicamente aos estágios prévios. Para detalhar este processo de crescimento, vamos examinar o salmo 89, em particular os versos 39–45 [40–46]:

Aborreceste a aliança com o teu servo;
profanaste-lhe a coroa, arrojando-a para a terra.
Arrasaste os seus muros todos;
reduziste a ruínas as suas fortificações.
Despojam-no todos os que passam pelo caminho;
e os vizinhos o escarnecem.
Exaltaste a destra dos seus adversários
e deste regozijo a todos os seus inimigos.
Também viraste o fio da sua espada

17 Para um tratamento completo desta questão, vd. o excurso em Philip Edgcumbe Hughes, *Paul's second epistle to the corinthians* (NICNT; Grand Rapids: Eerdmans, 1962), p. 442-448.

18 Ibidem, p. 442.

19 Bruce K. Waltke, "A canonical process approach to the Psalms", em: *Tradition and testament: essays in honor of Charles Lee Feinberg* (organizado por John S. Feinberg e Paul D. Feinberg; Chicago: Moody, 1981).

e não o sustentaste na batalha.
Fizeste cessar o seu esplendor
e deitaste por terra o seu trono.
Abreviaste os dias da sua mocidade
e o cobriste de ignomínia.

De acordo com o título, este salmo é "um maskil de Etã, ezraíta". Etã, o ezraíta, era um conselheiro na corte de Salomão (1Rs 4.31[5.11]). A devastação descrita nos versos acima não faz sentido no contexto do reinado de Salomão, mas pode se encaixar facilmente no reinado de seu filho, Roboão, em cujo tempo Etã pode muito bem ter vivido. No quinto ano do reinado de Roboão, Sisaque, rei do Egito, atacou Jerusalém e saqueou o templo e o palácio real (1Rs 14.25-26). Os versos 39–45 do salmo 89 podem ser lidos neste contexto original. A oração do salmo seria então pela restauração do *rei atual*, Roboão.

Além disso, não é difícil imaginar como os fiéis na comunidade pós-exílica teriam ouvido as palavras deste texto. Teria sido fácil e natural para eles conectarem este texto com a devastação muito mais radical de Jerusalém nas mãos dos babilônios em 586 a.C. Para aqueles que viviam na Judá pós-exílica, sem palácio real ou monarquia davídica, a dor da questão no verso 49[50] teria sido muito mais intensa:

Que é feito, Senhor, das tuas benignidades de outrora,
juradas a Davi por tua fidelidade?

Neste contexto, a oração do salmo teria sido pela volta do *rei ausente*.

No contexto do Novo Testamento, penso que podemos ler este texto de dois modos. Primeiramente, a questão levantada pelo salmo e articulada de modo mais agudo no verso 49 [50] é respondida em Jesus Cristo. O amor de Deus por Davi e sua fidelidade a Davi se cumprem no envio de seu Filho como o verdadeiro Filho de Davi (vd. Mt 1.1 e Rm 1.3). Assim, este salmo assegura aos crentes de hoje que Deus sempre é fiel às suas promessas. Por outro lado, não vemos nem o Rei Jesus nem a plenitude de seu reino no momento atual. Na realidade, quando olhamos para a igreja, frequentemente vemos paredes quebradas, ruínas e vergonha. Como os antigos, clamamos:

Que é feito, Senhor, das tuas benignidades de outrora,
juradas a Davi por tua fidelidade?

Portanto, este salmo dá voz às nossas perplexidades e angústias acerca da realidade presente do reino. Ele nos enche com esperança para continuarmos

a orar e a trabalhar a fim de que venha o reino de Deus e sua vontade seja feita *na terra* como é feita nos céus, "porque quantas são as promessas de Deus, tantas têm nele [Cristo] o sim" (2Co 1.20).

A situação do texto

"O que é o texto?". Com esta pergunta, levanto duas questões separadas: (1) qual é o total de salmos e a sua ordem canônica no Livro dos Salmos? (2) Quais são as palavras originais de um texto particular no Livro dos Salmos? Relacionada a esta segunda questão há uma terceira: (3) como se determinam as palavras originais de um texto particular quando há dúvidas sobre elas por uma razão ou outra? Nesta seção, vou apresentar estes assuntos brevemente a você e lhe apontarei recursos mais aprofundados para seu estudo posterior.

A natureza do texto

Muitos leitores dos salmos ficariam surpresos ao descobrir que, tanto na edição grega quanto na siríaca, o salmo final é o 151 e não o 150, e que a edição siríaca contém também quatro salmos adicionais.[20] Ainda mais surpreendente seria o conhecimento de que havia em Qumran um pergaminho de salmos (11QPsa[a]) que é similar aos salmos 90–118, mas que (1) um bom número de salmos canônicos estão ausentes nele, (2) ele contém onze salmos não canônicos, e (3) ele arranja os salmos em uma ordem diferente do saltério hebraico como o conhecemos.[21] Deste modo, temos que encarar a questão "Qual é o texto?".

Bruce Waltke traçou sucintamente a história do texto (e de suas testemunhas) desde o período formativo (cerca de 1400–400 a.C.) – passando pelo estabelecimento do texto (cerca de 100 d.C.), o qual é agora denominado de Texto Proto-Massorético (Proto-TM) – até a produção do Texto Massorético autorizado (cerca de 1000 d.C.).[22] Entre 1400 a.C. e 100 d.C., duas tendências operavam lado a lado: a tendência de preservar o texto e a tendência de revisar o texto. Durante este período, a tendência de preservar aumentou, enquanto

20 Para detalhes, vd. S. Pigué, "Psalms, Syriac (aprocyphal)", em: *ABD*, 5:536-537.

21 Para detalhes, vd. Gerald H. Wilson, "The structure of the Psalter", em: *Interpreting the psalms: issues and approaches* (org. David Firth e Philip S. Johnson; Downers Grove: InterVarsity, 2005), p. 242-243. A introdução normativa a este tópico é Peter W. Flint, *The Dead Sea psalms scrolls and the book of Psalms* (Leiden: Brill, 1997).

22 Bruce K. Waltke, "Textual criticism of the Old Testament and its relation to exegesis and theology", em: *NIDOTTE*, 1:52-62.

a tendência de revisar diminuiu. Para citar um exemplo, observa-se que o uso das vogais na linguagem hebraica aumentou ao longo dos anos; seu uso também cresceu na Bíblia Hebraica no mesmo período. Mas o uso significativamente ampliado de vogais no hebraico de Qumran não foi incorporado ao sistema ortográfico da Bíblia Hebraica, demonstrando um decréscimo na tendência de revisar até mesmo a ortografia das palavras no texto.

Entre o período formativo e o estabelecimento do texto, também existiram tipos-de-texto bem diversos ao lado do tipo-de-texto que se tornaria o Proto-TM. Estes diversos tipos-de-texto, de acordo com Waltke, "são vistos mais apropriadamente como estágios literários distintos no desenvolvimento do texto ou como composições distintas".[23] Emanuel Tov também diferencia o período de desenvolvimento composicional daquele da transmissão da obra literária terminada:

> *Ao final do processo de composição de um livro bíblico, havia um texto que era considerado autorizado (e, portanto, também terminado no nível literário), mesmo se apenas por um grupo limitado de pessoas; ao mesmo tempo, este texto estava no início de um processo de cópias e transmissão textual.*[24]

Tov mantém a opinião de que os diversos tipos-de-texto que existiram antes do estabelecimento do texto autorizado final teriam sido recebidos como autorizados ao longo do processo. Entretanto, ele considera a cópia autorizada final,[25] contendo "o corpo das Escrituras Sagradas do povo judeu",[26] como o objeto apropriado de estudo no criticismo textual da Bíblia Hebraica.

Waltke concorda com esta opinião, adicionando que este mesmo texto tinha se tornado o texto autorizado da igreja, assim como da sinagoga, já no período da obra de crítica textual de Orígenes e Jerônimo.[27] Brevard Childs resume a conclusão lógica da história do texto e de suas testemunhas:

> *O TM se recomendou inerentemente tanto à sinagoga quanto à igreja. Na medida em que o cânon do AT emergiu no processo*

23 Ibidem, p.61.

24 Emanuel Tov, *Textual criticism of the hebrew Bible* (2ª ed.; Mineápolis: Fortress, 2001), p. 177.

25 Ibidem, p. 177.

26 Ibidem, p. 179.

27 Waltke, "Textual criticism of the Old Testament", 1:62.

histórico, assim também o TM surgiu como o melhor texto daquele cânon.[28]

Assim, a resposta à nossa questão: "Qual é o texto?" é esta: o texto é o Texto Massorético.

A partir desta perspectiva, portanto, podemos considerar 11QPSa[a] como um "estágio literário distinto" no desenvolvimento do TM, um estágio que não se tornou o texto autorizado. Por outro lado, podemos considerar 11QPSa[a] como uma "composição completamente distinta", que pode ou não ter sido considerada como autorizada em algumas regiões do Israel antigo. Os eruditos estão divididos quanto à natureza de 11QPsa[a]; alguns consideram 11QPsa[a] como uma tradição canônica alternativa, enquanto outros o consideram como um texto litúrgico distinto.[29] De qualquer forma, a existência de 11QPsa[a] não afeta, em minha opinião, a resposta à questão "Qual é o texto?". O texto do Livro dos Salmos se compõe dos 150 salmos encontrados no TM.

A necessidade da crítica textual

Podemos ilustrar a necessidade de crítica textual ao examinar um texto particular, o Salmo 104.6a:

תְּהוֹם כַּלְבוּשׁ כִּסִּיתוֹ

Uma tradução literal seria: "O abismo como vestimenta tu o cobriste". Este texto, todavia, contém um problema gramatical e um problema teológico. O problema gramatical está na forma final כִּסִּיתוֹ,[30] que é traduzida tipicamente como "tu o cobriste".[31] Não há antecedente masculino singular para o sufixo. O antecedente lógico é אֶרֶץ ("a terra") no verso 5, mas אֶרֶץ é feminino. A LXX traduz como περιβόλαιον αὐτοῦ ("a vestimenta dele"), e a Vulgata segue de perto com *amictus eius* ("a vestimenta dele"), fornecendo evidência para o sufixo masculino singular, mas aparentemente lendo כְּסוּתוֹ ("a vestimenta dele") em vez de כִּסִּיתוֹ ("tu o cobriste"). Outras testemunhas

28 Brevard S. Childs, *Introduction to the Old Testament as Scripture* (Filadélfia: Fortress, 1979), p. 96-97.

29 Para um panorama conciso deste debate e uma bibliografia significativa, vd. David M. Howard Jr., *The structure of Psalms 93-100* (Biblical and Judaic Studies; org. William Henry Propp; Winona Lake: Eisenbrauns, 1997), 5:26-27.

30 A forma é um verbo piel perfeito, na segunda pessoa, masculino singular, da raiz כָּסָה,com um sufixo na terceira pessoa, masculino singular.

31 Assim a ESV, NASB, NIV, NRSV.

apresentam a evidência de um sufixo feminino singular, o qual parece ser requerido pelo contexto.[32]

O problema teológico se encontra na lógica da passagem, se mantivermos o texto como está. Os versos 5–9 são uma estrofe que descreve o estabelecimento por Deus da terra seca, ao conter o mar em seu lugar apropriado. Primeiramente, Deus coloca a terra (אֶרֶץ)[33] sobre uma fundação sólida, "para que ela não vacile" (v.5). Daí ele cobriu a terra seca com "o abismo" (תְּהוֹם)[34] de tal forma que "o abismo" cobriu até mesmo os picos das montanhas (v.6). A isto se segue a retirada das águas pela "repreensão" de Deus (גַּעֲרָתְךָ; v.7),[35] da parte da terra seca para o mar (v.8), onde elas deverão permanecer para sempre para "que não tornem a cobrir [לְכַסּוֹת] a terra" (הָאָרֶץ; v.9). Por que Deus iria cobrir (כסה) a terra com água, apenas para repreender a água por estar ali, e então confinar a água ao mar para que ela nunca mais cubra (כסה) a terra? Observe também que esta sequência difere de Gênesis 1, onde a terra seca (אֶרֶץ) não existe ou aparece até que as águas sejam removidas e colocadas no mar (Gn 1.9).

Uma pequena emenda soluciona elegantemente os problemas gramatical e teológico. Se emendarmos כִּסִּיתוֹ ("tu o cobriste") para כִּסָּתָה[36] ("ela a cobriu"), ambos os problemas são resolvidos. O sujeito feminino singular do verbo é תְּהוֹם ("o abismo" [feminino no hebraico]) e o referente para o sufixo feminino singular é אֶרֶץ ("a terra"). Uma figura coerente emerge agora do salmo 104 e elabora o mesmo quadro encontrado em Gênesis 1: o abismo (תְּהוֹם) cobriu a terra (אֶרֶץ; Gn 1.2; Sl 104.6); então Deus removeu o abismo e confinou estas águas ao mar (Gn 1.9; Sl 104.7-9).

Em conclusão, é preciso afirmar que nenhuma doutrina principal é afetada por qualquer uma destas leituras; este é sempre o caso com decisões de crítica textual no Livro dos Salmos. Eu não conheço nenhum dogma principal da fé cristã que seja afetado por qualquer decisão de crítica textual no Livro dos Salmos. De qualquer forma, engajar-se no processo de crítica textual às

32 As versões de Áquila (grego do segundo século d.C.), Teodócio (grego do segundo século d.C.), de Jerônimo (grego do quarto século d.C.) e targuns (traduções aramaicas).

33 Para אֶרֶץ como "terra seca" no contexto da criação, vd. Gênesis 1.10.

34 Esta é a mesma palavra que é usada em Gênesis 1.2.

35 O verbo cognato (גָּעַר) é usado no salmo 106.9 para a repreensão do mar por Deus no tempo do êxodo. Ali Deus repreendeu o mar porque este estava em oposição ao propósito redentor de Deus de trazer seu povo para a sua presença na terra. No salmo 104.7, Deus repreendeu o mar porque este estava em oposição ao seu propósito criacional de ter seu povo vivendo em sua presença na terra.

36 Verbo piel perfeito, na terceira pessoa, feminino singular, com um sufixo na terceira pessoa, feminino singular.

vezes irá prover ao pregador uma melhor compreensão de um texto particular e posicioná-lo melhor para explicar corretamente a Palavra de Deus.

A natureza da crítica textual

Para se chegar à decisão de crítica textual feita na seção prévia, dois princípios foram usados: (1) nunca baseie decisões de crítica textual apenas na evidência externa; (2) baseie decisões de crítica textual primariamente na evidência interna.[37] A evidência externa se refere a outros manuscritos hebraicos e outras versões antigas. A evidência interna se refere a questões dentro do texto em si, tais como fatores morfológicos, sintáticos ou literários. Minha decisão acima foi baseada primariamente nos fatores gramaticais e teológicos dentro do texto. A evidência a partir das versões teve um papel secundário e de apoio. Este exemplo modela a interação típica entre evidências internas e externas.

Para se engajar no processo de crítica textual, todavia, o intérprete precisa de mais informações do que a breve discussão oferecida aqui. Na verdade, o intérprete deve aplicar três níveis de tratamentos introdutórios que discutem como a crítica textual é aplicada na Bíblia Hebraica. Se você é novo nesta disciplina, eu recomendo a seguinte sequência de estudo para desenvolver suas habilidades de crítica textual:

1. Comece com uma ou duas obras introdutórias concisas. Três boas introduções que eu recomendo são:

    a. Robert B. Chisholm Jr. From exegesis to exposition: a practical guide to using biblical hebrew. Grand Rapids: Baker, 1999. p.19-29. Esta é uma introdução bem concisa e muito útil.
    b. Robert B. Chisholm Jr. *Interpreting the historical books: an exegetical handbook*. Grand Rapids: Kregel, 2006. p.145-149. [Publicada em português como *Interpretando os livros históricos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011]. Esta obra contém exemplos detalhados do processo.
    c. Bruce K. Waltke. "Textual criticism of the Old Testament and its relation to exegesis and theology". Em: *NIDOTTE* 1:51-67. Este artigo contém uma excelente história do texto e de suas

37 Vd. Robert B. Chisholm Jr., *Interpreting the historical books: na exegetical handbook* (Grand Rapids: Kregel, 2006 [Publicado em português como *Interpretando os livros históricos* (São Paulo: Cultura Cristã, 2011)]), p. 89-90.

testemunhas, e uma útil discussão da interação entre a crítica textual, a exegese e a teologia.

2. Progrida para uma introdução intermediária:

   a. P. Kyle McCarter. *Textual criticism: recovering the text of the hebrew Bible.* Guides to biblical scholarship. Filadélfia: Fortress, 1986. Este livro de 94 páginas apresenta um tratamento compreensivo, embora relativamente breve, da necessidade da crítica textual, de como os erros foram introduzidos no texto, e quais princípios seguir ao se tomar decisões de crítica textual.
   b. J. Weingreen. *Introduction to the critical study of the text of the hebrew Bible.* Nova York: Oxford, 1982. Este livro de 100 páginas está esgotado, mas é valioso – se for achado – pela sua discussão dos erros comuns encontrados no texto.

3. Aprofunde o seu conhecimento com uma das principais introduções à crítica textual:

   a. Ellis R. Brotzman. *Old Testament textual criticism: a practical introduction.* Grand Rapids: Baker, 1994.
   b. Emanuel Tov. *Textual criticism of the hebrew Bible.* 2ª ed. Mineápolis: Fortress, 2001.
   c. E. Würthwein. *The text of the Old Testament: an introduction to Biblica Hebraica.* 2ª ed. Grand Rapids: Eerdmans, 1995.

A ferramenta primária para a crítica textual é a *Biblia Hebraica Stuttgartensia* (BHS). Visto que a maioria das informações no aparato crítico está na forma de abreviaturas e siglas, três outras ferramentas serão úteis. As duas primeiras são introduções à *BHS*:

   a. William R. Scott. *A simplified guide to BHS.* Berkeley: Bibal, 1987.
   b. R. Wonnenberger. *Understanding BHS: a manual for the users of Biblia Hebraica Stuttgartensia.* Roma: Pontifical Biblical Institute, 1984.

A terceira é uma lista conveniente que você pode manter dentro de sua cópia da *BHS*. Ela interpreta as siglas e fornece informação sobre cada referente.

a. R. I. Vasholz. *Data for sigla of BHS*. Winona Lake: Eisenbrauns, 1983.

Finalmente, é claro, alguns comentários proverão discussões úteis sobre questões de crítica textual em salmos específicos.

As contribuições de outros

Interpretação é algo que é melhor feito em comunidade. Um aspecto da vida em comunhão é a interação com os escritos de outros intérpretes. Abaixo você encontrará recomendações de aquisições para sua biblioteca em todos os tópicos cobertos neste volume.

Introduções

Várias introduções gerais fornecem um caminho de acesso claro ao Livro dos Salmos:

a. C. Hassell Bullock. *Encountering the book of Psalms*. Grand Rapids: Baker, 2001.
b. James L. Crenshaw. *The Psalms: an introduction*. Grand Rapids: Baker, 2001.
c. Daniel J. Estes. *Handbook on the wisdom books and Psalms*. Grand Rapids: Baker, 2005.
d. Mark D. Futato. *Transformed by praise: the purpose and message of the Psalms*. Phillipsburg: P & R, 2002.
e. Tremper Longman III. *How to read the psalms*. Downers Grove: InterVarsity, 1988.
f. Ernest C. Lucas. *Exploring the Old Testament: a guide to the Psalms and wisdom literature*. Downers Grove: InterVarsity, 2003.
g. J. Clinton McCann. *A theological introduction to the book of Psalms: the Psalms as Torah*. Nashville: Abingdon, 1993.
h. Patrick D. Miller Jr. *Interpreting the psalms*. Filadélfia: Fortress, 1986.

Poesia

Para uma leitura adicional de nível introdutório sobre poesia hebraica, há várias boas opções disponíveis. As duas primeiras são bem breves; a terceira tem 100 páginas.

a. Adele Berlin. "Reading biblical poetry". Em: *The jewish study Bible*, p.2097–2104. Nova York: Oxford, 2004.
b. Aloysius Fitzgerald. "Hebrew poetry". Em: *The new Jerome biblical commentary*, p.201–208. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1990.
c. David L. Petersen; Kent Harold Richards. *Interpreting hebrew poetry*. Mineápolis: Fortress, 1992.

Dois estudos são seminais naquilo que eu designei "uma nova compreensão" da poesia hebraica.[38] Ambos são leitura essencial para aprofundar a sua compreensão da poesia hebraica:

a. Robert Alter. *The art of biblical poetry*. Nova York: Basic Books, 1985.
b. James L. Kugel. *The idea of biblical hebrew poetry: parallelism and its history*. New Haven: Yale, 1981.

Um livro dedicado ao paralelismo é leitura obrigatória, em minha opinião:

a. Adele Berlin. *The dynamics of biblical hebrew parallelism*. Bloomington: Indiana University, 1985.

Três obras são fundamentais para ajudar você a analisar as imagens nos salmos. Além disso, os dois artigos de Elmer Smick ampliarão sua compreensão do uso das imagens mitopoéicas na poesia hebraica:

a. William P. Brown. *Seeing the psalms: a theology of metaphor*. Louisville: Westminster John Knox, 2002.
b. Othmar Keel. *The symbolism of the biblical world: Ancient Near Eastern iconography and the book of Psalms*. Winona Lake: Eisenbrauns, 1997.
c. Leland Ryken; James C. Wilhoit; Tremper Longman III (orgs.). *Dictionary of biblical imagery*. Downers Grove: InterVarsity, 1998.
d. Elmer B. Smick. "The mythological elements in the book of Job". *WTJ* 40 (1977-1978): 213-228.
e. _____. "Mythopoeic language in the Psalms". *WTJ* 44 (1982): 88-98.

38 Vd. o capítulo 1.

Duas obras lhe servirão bem como ferramentas de referência sobre a ampla variedade de técnicas usadas pelos poetas hebreus:

a. Luis Alonso Schökel. *A manual of hebrew poetics*. Subsidia biblica. Roma: Pontifical Bible Institute, 1988.
b. Wilfred G. E. Watson. *Classical hebrew poetry: a guide to its techniques*. JSOTSup. Sheffield: JSOT, 1986.

Formato

Aqui estão listadas várias obras sobre o formato e a formação do Livro dos Salmos como um todo literário:

a. Jerome F. D. Creach. *Yahweh as refuge and the editing of the hebrew psalter*. JSOTSup. Sheffield: Sheffield Academic, 1996.
b. Nancy L. de Claissé-Walford. *Reading from the beginning: the shape of the hebrew psalter*. Macon: Mercer University, 1997.
c. Mark D. Futato. *Transformed by praise: the purpose and message of the Psalms*. Phillipsburg: P & R, 2002.
d. David M. Howard Jr. *The structure of Psalms 93-100*. Biblical and judaic studies, vol. 5. Organizado por William Henry Propp. Winona Lake: Eisenbrauns, 1997.
e. _____. "Recent trends in Psalms study". Em: *The face of Old Testament study: a survey of contemporary approaches*, p. 329-390. Grand Rapids: Baker, 1999.
f. J. Clinton McCann (org.). *The shape and shaping of the psalter*. JSOTSup. Sheffield: JSOT, 1993.
g. Gerald H. Wilson. *The editing of the hebrew psalter*. SBLDS. Chicago: Scholars, 1985.
h. _____. "The structure of the psalter". Em: *Interpreting the Psalms: issues and approaches*. Organizado por David Firth e Philip S. Johnston. p. 229-246. Downer Grove: InterVarsity, 2005.

Teologia

A maioria dos comentários apresentará ao menos uma breve introdução à teologia do Livro dos Salmos. Adicionalmente, você irá desejar ler outras obras complementares:

a. David G. Firth. "The teaching of the Psalms". Em: *Interpreting the Psalms: issues and approaches*. Organizado por

David Firth e Philip S. Johnston. p. 159-174. Downer Grove: InterVarsity, 2005.

b. Hans-Joachim Kraus. *Theology of the Psalms*. Mineápolis: Augsburg, 1979.

c. James L. Mays. *The Lord reigns*. Louisville: Westminster John Knox, 1994.

d. J. Clinton McCann. *A theological introduction to the book of Psalms: the Psalms as Torah*. Nashville: Abingdon, 1993.

e. Bruce K. Waltke. "Psalms: theology of". Em: *NIDOTTE*, 5:1100-1115.

f. Gordon Wenham. "The ethics of the Psalms". Em: *Interpreting the Psalms: issues and approaches*. Organizado por David Firth e Philip S. Johnston. p. 175-194. Downer Grove: InterVarsity, 2005.

Categorias

Uma boa variedade de recursos está disponível nas diversas categorias de salmos. Alguns destes tratam de apenas uma categoria, enquanto outros são mais compreensivos:

a. Dan B. Allender; Tremper Longman III. *Cry of the soul: how our emotions reveal our deepest questions about God*. Colorado Springs: NavPress, 1994.

b. Kenneth L. Barker. "Praise". Em: *Cracking Old Testaments codes: a guide to interpreting the literary genres of the Old Testament*. Organizado por D. Brent Sandy e Ronald L. Giese. p. 217-232. Nashville: Broadman & Holman, 1995.

c. Walter Brueggemann. *The message of the psalms*. Mineápolis: Augsburg, 1984.

d. Mark D. Futato. *Joy comes in the morning: psalms for all seasons*. Phillipsburg: P & R, 2004.

e. Erhard S. Gerstenberger. *Psalms: part 1 with an introduction to cultic poetry*. FOTL, vol. 14. Grand Rapids: Eerdmans, 1988.

f. _____. *Psalms: part 2 and Lamentations*. FOTL, vol. 15. Grand Rapids: Eerdmans, 2001.

g. James Hely Hutchinson. "The psalms and praise". Em: *Interpreting the Psalms: issues and approaches*. Organizado por David Firth e Philip S. Johnston. p. 85-100. Downer Grove: InterVarsity, 2005.

h. Philip S. Johnston. "The psalms and distress". Em: *Interpreting the Psalms: issues and approaches*. Organizado por

David Firth e Philip S. Johnston. p. 63-84. Downer Grove: InterVarsity, 2005.

i. Tremper Longman III. "Lament". Em: *Cracking Old Testaments codes: a guide to interpreting the literary genres of the Old Testament*. Organizado por D. Brent Sandy e Ronald L. Giese. p. 197-216. Nashville: Broadman & Holman, 1995.

j. Claus Westermann. *Praise and lamente in the Psalms*. Atlanta: John Knox, 1981.

Proclamação

Em adição às introduções tradicionais sobre pregação, diversos livros e artigos enfatizam a proclamação dos salmos ou possuem material neles que é significativo quanto a este tópico:

a. Elizabeth Achtemeier. *Preaching from the Old Testament*. Louisville: Westminster/John Knox, 1989.

b. _____. "Preaching from the psalms". *RevExp* 81 (1984): 437-449.

c. John F. Bettler. "Application". Em: *The preacher and preaching: reviving the art in the twentieth century*, p. 331-349. Phillipsburg: P & R, 1986.

d. Daniel Doriani. *Putting the truth to work: the theory and practice of biblical application*. Phillipsburg: P & R, 2001.

e. Graeme Goldsworthy. *Preaching the whole Bible as christian Scripture*. Grand Rapids: Eerdmans, 2000.

f. Thomas G. Long. *Preaching and literary forms of the Bible*. Filadélfia: Fortress, 1989.

Comentários

Comentários sobre o Livro dos Salmos são abundantes. Eu listei aqui aqueles que eu considero mais úteis:

a. Leslie C. Allen. *Psalms 101-150*. WBC. Ed. revisada. Nashville: Thomas Nelson, 2002.

b. João Calvino. *Commentary on the book of Psalms*. Grand Rapids: Baker, 1979. [Publicado em português como *Comentários de João Calvino – O Livro dos Salmos* (4 volumes; São José dos Campos: Fiel, 2009)].

c. Richard J. Clifford. *Psalms 1-72*. AOTC. Nashville: Abingdon, 2002.

d. _____. *Psalms 73-150*. AOTC. Nashville: Abingdon, 2003.

e. Peter C. Craigie. *Psalms 1-50*. WBC. Waco: Word, 1983.
f. Derek Kidner. *Psalms 1-72*. TOTC. Downers Grove: InterVarsity, 1973.
g. _____. *Psalms 73-150*. TOTC. Downers Grove: InterVarsity, 1975.
h. Hans-Joachim Kraus. *Psalms 1-59: a commentary*. Mineápolis: Augsburg, 1988.
i. _____. *Psalms 60-150: a commentary*. Mineápolis: Augsburg, 1989.
j. James Limburg. *Psalms*. Westminster Bible Companion. Louisville: Westminster John Knox, 2000.
k. James L. Mays. *Psalms. Int.* Louisville: John Knox, 1989.
l. J. Clinton McCann. "Psalms". Em: *NIB*, vol. 4. Nashville: Abingdon, 1996.
m. Marvin E. Tate. *Psalms 51-100*. WBC. Dallas: Word, 1990.
n. Willem VanGemeren. "Psalms". Em: *EBC*.
o. Gerald H. Wilson. *Psalms – volume 1*. NIVAC. Grand Rapids: Zondervan, 2002.

4 INTERPRETANDO AS CATEGORIAS

Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com **salmos**, e **hinos**, e **cânticos espirituais**, *com gratidão, em vosso coração.*
(Cl 3.16)

A MÚSICA EXISTE EM UMA grande variedade de estilos. Há estações de rádio dedicadas a só um tipo de música: *rock*, *country*, clássico, *jazz*, alternativa, pop, etc. Mesmo sem qualquer treinamento musical, devido à nossa exposição à cultura americana, podemos prontamente distinguir blues de clássico ou *country* de *jazz*, mesmo se não acertarmos o nome certo do estilo. Os estilos são visivelmente diferentes. Também o conteúdo é diferente, em maior ou menor grau. Por exemplo, os temas patrióticos encontrados na música *country* não são de modo algum característicos no *rap*.

Esta variedade também está presente na literatura. Os estilos de um livro-texto de história e de um artigo de revista são imediatamente percebidos como diferentes. O estilo do livro infantil *Cat in the hat* do Dr. Seuss é bem diferente da obra *As vinhas da ira* de John Steinbeck. De novo, as diferenças podem ser tanto de conteúdo quanto de estilo. Embora não fiquemos surpresos em descobrir Lúcia falando com um castor no livro *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* de C. S. Lewis, não toleraríamos tal conversa na obra *O grande Gatsby* de F. Scott Fitzgerald. Por outro lado, às vezes o conteúdo de duas obras pode ser bem similar enquanto seus estilos são diferentes. O conteúdo deste capítulo, por exemplo, tem consideráveis partes em comum com um capítulo de outro livro que eu escrevi previamente, mas o estilo daquela obra é muito mais popular e homilético.[1]

1 Mark D. Futato, *Joy comes in the morning: psalms for all seasons* (Phillipsburg: P & R, 2004), Cap.1. Outros materiais neste capítulo também são uma versão modificada do

Tipos diferentes de literatura se classificam em categorias diferentes.[2] O estilo e o conteúdo que encontramos nos Salmos são visivelmente diferentes daqueles de Levítico ou Ezequiel. Salmos, Levítico e Ezequiel representam três categorias diferentes de literatura. Além disso, o estilo e o conteúdo dos salmos 45 e 119 não são os mesmos. Dentro da categoria geral da literatura dos salmos, há categorias mais específicas. Este capítulo descreve o que são categorias, por que elas são importantes para lermos os salmos, quais categorias básicas encontramos nos salmos, e como estas categorias nos ajudam a ler os salmos em relação a Cristo.

O que são categorias?

De um ponto de vista literário, uma **categoria** é um grupo de escritos que têm características em comum entre si.[3] Costumamos agrupar escritos similares entre si sem nem pensar muito sobre isto. Reconhecemos as estórias que começam com "Era uma vez..." como contos de fada. Poderíamos agrupar escritos que começam com "Eu escrevo em resposta ao artigo da semana passada" em uma categoria denominada "cartas ao editor". Um conto de fadas e uma carta ao editor são bem diferentes. Ficaríamos surpresos se encontrássemos árvores falantes em uma carta ao editor, ou a opinião política de alguém em um conto de fadas. Por quê? Porque cada categoria de literatura segue suas próprias regras ou convenções. Conhecer estas regras nos ajuda a lermos com mais compreensão.

O que é verdadeiro quanto à literatura em geral é também verdadeiro em relação à Bíblia: a Bíblia contém categorias diferentes de literatura. Podemos dividir a Bíblia em duas categorias principais: prosa e poesia. Podemos, então, dividir a poesia em vários tipos diferentes de poesia, tais como salmos, provérbios e sermões proféticos. Cada uma destas categorias tem seu próprio "Era uma vez...", seu próprio conjunto de regras ou convenções. Conhecer estas convenções – ou seja, compreender como as categorias diferentes dos salmos funcionam – enriquece nossa compreensão e uso dos salmos individuais.

material que aparece no livro citado. Usado com permissão.

2 O que eu denomino como categoria aqui é frequentemente denominado como **gênero**.

3 Richard N. Soulen e R. Kendall Soulen, *Handbook of biblical criticism* (3ª ed.; Louisville: Westminster John Knox, 2001), p .66.

Por que as categorias são importantes?

Por que você precisa conhecer as várias categorias de salmos? Antes de responder a esta questão, eu preciso apresentar duas considerações relacionadas a isto.

Em primeiro lugar, como eu mencionei anteriormente, cada vez que lemos um artigo de jornal ou um livro em nossa cultura, identificamos automaticamente suas formas literárias. Fazemos estas identificações de forma fluente, embora inconsciente, tal como uma criança de primeiro ano usa fluentemente a linguagem, embora não tenha compreensão apropriada de sua gramática. Neste capítulo, nós nos tornaremos conscientes daquilo que sempre fizemos, mas que não sabíamos que estávamos fazendo.

Em segundo lugar, é necessário considerarmos o intervalo entre a nossa cultura e as culturas antigas da Bíblia. Embora identifiquemos intuitivamente a categoria de uma peça de literatura que lemos em nossa própria cultura, as mesmas intuições não funcionam quando lemos literatura de outras culturas que não a nossa, tais como as da Bíblia. Isto acontece porque as convenções literárias (regras de escrita) variam de cultura para cultura. Em nossa cultura, por exemplo, citar o que alguém escreveu deve ser feito com grande precisão. Se o autor A está citando o autor B, e se a obra do autor B contém um erro tipográfico que tem implicações importantes, nossas convenções requerem que o autor A mantenha em sua citação o erro tipográfico, indicando isto com *[sic]*, de modo que saibamos *precisamente* quem é responsável pelo erro.[4] O mundo antigo em geral, e a Bíblia em particular, não tinham tal preocupação com esta precisão quanto a citações. Suas citações eram muito mais parecidas com o que fazemos quando "damos uma ideia geral" do que alguém disse.

Isto explica muitas diferenças entre textos paralelos na Bíblia, como Mateus 16.25 e Marcos 8.35, onde as palavras registradas de Jesus não são as mesmas em ambos os textos:

Mateus 16.25	Marcos 8.35
Porquanto, quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por minha causa achá-la-á.	Quem quiser, pois, salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por causa de mim *e do evangelho* salvá-la-á.

4 *Sic* significa "assim" em latim, e é usado deste modo para indicar que o erro está na fonte citada.

Marcos inclui as palavras "e do evangelho", enquanto Mateus as deixa de fora. Ambos os autores nos dão *verdadeiramente* a ideia central do que Jesus disse sem nos fornecer *precisamente* o que ele falou.[5]

Com estas duas considerações feitas, vamos agora examinar por que as categorias são importantes.

As categorias guiam nossas expectativas

Em primeiro lugar, as categorias guiam nossas expectativas.[6] Quando, por exemplo, você abre um livro e lê as palavras "Era uma vez...", você não fica surpreso ao encontrar na segunda página uma árvore falando com uma garotinha. Por que não há surpresa? Por que não há incredulidade? Porque as palavras "Era uma vez..." guiam as suas expectativas. As categorias determinam o que você irá ou não esperar das páginas seguintes. "Era uma vez" indica que você está lendo um conto de fadas, e árvores falando com garotinhas é uma construção perfeitamente aceitável nesta categoria.

De modo inverso, se você ler as palavras "Eu escrevo em resposta ao artigo que estava no jornal da semana passada" e se este texto tiver uma descrição de uma conversa entre uma árvore e uma garotinha, você ficará muito surpreso, perplexo ou cheio de ceticismo. Por quê? Porque as palavras de abertura guiaram suas expectativas. Estas palavras determinam o que você irá ou não permitir como crível no que você está lendo. "Eu escrevo em resposta ao artigo que estava no jornal da semana passada" indica que você está lendo uma carta ao editor, e árvores falantes não são permitidas nesta categoria.

Vamos examinar como as categorias afetam a nossa leitura de duas estórias correlatas na Bíblia. A primeira está em Juízes 9.8-15:

> *Foram, certa vez, as árvores ungir para si um rei e disseram à oliveira: Reina sobre nós. Porém a oliveira lhes respondeu: Deixaria eu o meu óleo, que Deus e os homens em mim prezam, e iria pairar sobre as árvores? Então, disseram as árvores à*

5 Os autores dos Evangelhos raramente registram as palavras exatas de Jesus. Na maioria das vezes, eles nos dão as suas palavras já traduzidas. Jesus ensinou em aramaico, mas suas palavras estão registradas em grego. Quando nós lemos as palavras de Jesus em português, nós estamos lendo uma tradução portuguesa de uma tradução grega do que Jesus disse em aramaico. Vd. Marcos 5.41 e 15.34 para descobrir dois lugares em que as palavras de Jesus não foram traduzidas para o grego, mas são transmitidas no aramaico original.

6 Vd. Tremper Longman III, *How to read the psalms* (Downers Grove: InterVarsity, 1988), p. 21-23.

figueira: Vem tu e reina sobre nós. Porém a figueira lhes respondeu: Deixaria eu a minha doçura, o meu bom fruto e iria pairar sobre as árvores? Então, disseram as árvores à videira: Vem tu e reina sobre nós. Porém a videira lhes respondeu: Deixaria eu o meu vinho, que agrada a Deus e aos homens, e iria pairar sobre as árvores? Então, todas as árvores disseram ao espinheiro: Vem tu e reina sobre nós. Respondeu o espinheiro às árvores: Se, deveras, me ungis rei sobre vós, vinde e refugiai-vos debaixo de minha sombra; mas, se não, saia do espinheiro fogo que consuma os cedros do Líbano.

Embora esta estória esteja registrada na Bíblia, poucos leitores acreditariam – se existir algum que assim creia – que esta conversa realmente aconteceu no tempo e no espaço entre árvores e outras plantas de verdade. Por que não acreditariam? Por causa da categoria. A *New Living Translation* discerne corretamente a presença da categoria de fábula aqui e indica isto ao leitor iniciando com "Era uma vez...". As árvores falantes não são personagens na narrativa em si, mas personagens de uma estória que está sendo contada por um personagem na narrativa histórica. Jotão está contando uma fábula para provar seu ponto de vista – do mesmo modo que Jesus contava parábolas para explicar seu ponto de vista.

O segundo texto está em Números 22.28-30, onde lemos a seguinte conversa entre uma jumenta e um homem:

Então, o SENHOR fez falar a jumenta, a qual disse a Balaão: Que te fiz eu, que me espancaste já três vezes? Respondeu Balaão à jumenta: Porque zombaste de mim; tivera eu uma espada na mão e, agora, te mataria. Replicou a jumenta a Balaão: Porventura, não sou a tua jumenta, em que toda a tua vida cavalgaste até hoje? Acaso, tem sido o meu costume fazer assim contigo? Ele respondeu: Não.

De modo contrário à nossa abordagem à estória anterior, como evangélicos afirmamos que esta jumenta falou com Balaão em tempo e espaço reais. Por que esta afirmação? Por causa da categoria. Ao invés de um personagem de uma fábula sendo contada por um personagem da narrativa, esta jumenta é, na verdade, um dos personagens da própria narrativa. A estória da jumenta falante é uma narrativa histórica, e não uma fábula.

Por que acreditamos que as árvores falantes não são históricas, mas a jumenta falante é? Isto pode ser respondido em uma palavra: categoria. As categorias são importantes porque, ao guiar as nossas expectativas, elas

determinam o que pode ou não ser encontrado em uma peça específica de literatura.

As categorias fornecem mais outro nível de contexto

As categorias também são importantes porque elas fornecem um nível adicional de contexto. Contexto é algo essencial para a interpretação. Para dizer de forma simples, o contexto é que determina o significado. As mesmas palavras em contextos diferentes podem ter sentidos completamente diferentes.

O que, por exemplo, a sentença seguinte significa? "Este troço é infernal!". A resposta depende do contexto em que estas palavras são faladas. Se você está no depósito local de madeiras e escuta um cliente dizer estas palavras ao vendedor, "infernal", neste contexto, indica algum tipo de defeito do qual o cliente está reclamando, como algo partido ou que não funciona bem. Mas, se você está na praia e escuta um dos meus filhos dizer para um amigo surfista: "Este troço é infernal!", neste contexto, "infernal" quer dizer "superexcitante". São as mesmas palavras, mas com diferentes significados. Por quê? Contextos diferentes. Visto que o contexto determina o significado, ele é, pois, essencial para a interpretação. Quanto melhor compreendermos o contexto, melhor compreenderemos o texto. As categorias nos fornecem um tipo de contexto e, portanto, ajudam-nos a compreendermos o texto.

O que "interpretar no contexto" significa? Pode significar diversas coisas, pois há diversos níveis de contexto. Tomemos o salmo 47 como um exemplo. Em primeiro lugar, está o contexto literário, que é dado pelos salmos ao redor dele. No salmo 46, as nações estão bramando contra Israel (v.6). O salmo 47 celebra a subjugação destas nações (v.3). E o salmo 48 conta como as nações fugiram apressadas quando atacaram Israel (vs.4-5).

Em segundo lugar, está o contexto histórico da conquista de Canaã, a que se refere o salmo 47.3-4. A referência aos inimigos que foram postos "sob os nossos pés" (v.3) deve ser lida no contexto de Josué 10.24: "Trazidos os reis a Josué, chamou este todos os homens de Israel e disse aos capitães do exército que tinham ido com ele: Chegai, ponde o pé sobre o pescoço destes reis. E chegaram e puseram os pés sobre os pescoços deles".

Em terceiro lugar, está o contexto cultural do Antigo Oriente Próximo. No Antigo Oriente Próximo havia muitos reis, e eles se relacionam mutuamente de vários modos. Algumas vezes, os reis estavam no mesmo nível e se relacionavam como iguais. Em outras vezes, um rei tinha uma posição dominante no relacionamento. O rei dominante era o suserano, conhecido como o "Grande Rei", e o rei subordinado era o vassalo. Assim, o salmo

47.2 não está dizendo que o Deus de Israel é um "grande rei". Antes, o salmo afirma que o Senhor é o rei supremo, "o Grande Rei" de toda a terra.

Em quarto lugar, está o contexto teológico da Bíblia inteira. Quando o salmo 47 celebra o governo de Deus como o Grande Rei sobre as nações, ele antecipa o governo do Rei Jesus. Jesus nasceu na família real de Davi (vd. Mt 1.1; Rm 1.3). Ele foi crucificado como "Rei dos judeus" (Lc 23.38); e agora, como Senhor ressurreto, ele é o "Rei dos reis" que vem governar as nações (Ap 19.11-16).

Em quinto lugar, está o contexto fornecido pela categoria. O salmo 47 é um hino, por isso é útil estudar este salmo no contexto de outros hinos. Contudo, o salmo 47 é um tipo particular de hino, um que celebra a realeza de Deus. Os salmos 93 e 95–99 também são hinos que celebram a realeza de Deus e, portanto, são úteis em nos dar uma melhor compreensão do salmo 47.

As categorias, então, guiam as nossas expectativas e fornecem mais um nível de contexto para aprofundarmos nossa compreensão do texto. Vamos examinar agora as categorias básicas encontradas nos salmos.

Quais são as categorias básicas?

Todas as canções no Livro dos Salmos se elassificam em uma única categoria – elas são todas salmos. Mas estas canções podem ser subdivididas em diversas subcategorias, com base em certas características que elas compartilham entre si. Seis subcategorias básicas (de agora em diante denominadas de "categorias") compõem o Livro dos Salmos. As três primeiras são as fundamentais. As outras três não são tão frequentes, mas são também bem importantes.

Hinos

Hinos eram compostos para momentos em que tudo estava bem. Eles são canções para aqueles momentos na vida que são livres de problemas, momentos em que nossas vidas estão bem ordenadas e bem orientadas.[7] Os hinos tipicamente celebram Deus como Criador e como Redentor.

Hinos da criação frequentemente louvam a Deus pela disposição ordenada da sua criação (vd. Sl 104). Quando as nossas vidas estão bem ordenadas,

7 Walter Brueggemann, *The message of the Psalms* (Mineápolis: Augsburg, 1984), Cap. 2, se refere aos hinos como "salmos de orientação".

elas são um microcosmo do universo bem ordenado. Ao celebrarmos a boa criação de Deus, celebramos a bondade de Deus que estamos experimentando no momento atual.

Quando os hinos exaltam a Deus como Redentor, eles tipicamente celebram o que Deus tem feito por nós *na história de sua obra redentora*, preferivelmente do que aquilo que Deus tem feito por nós em nossa própria *história pessoal*. Em termos do Antigo Testamento, estes salmos celebram eventos no passado distante, tais como o êxodo do Egito (vd. Sl 105) ou a conquista da Terra Prometida (vd. Sl 47). Para os cristãos, os hinos celebrariam eventos como a morte e a ressurreição de Cristo ou o derramar do Espírito Santo no Pentecostes. Ao celebrarmos a obra redentora de Deus no passado distante, celebramos a fidelidade e a confiabilidade de Deus como a fundação da boa vida que estamos experimentando no momento atual.

Os hinos em geral se subdividem em três seções: um convite inicial para louvar a Deus, uma descrição central do caráter digno de louvor de Deus e de suas ações dignas de louvor, e uma derradeira afirmação de fé ou um convite renovado ao louvor e adoração.

Os hinos convidam todos ao concerto de louvor. Na menor escala possível, Davi no salmo 103.1-2 convida a si próprio para louvar ao Senhor:

> *Bendize, ó minha alma, ao* SENHOR,
> *e tudo o que há em mim bendiga ao seu santo nome.*
> *Bendize, ó minha alma, ao* SENHOR,
> *e não te esqueças de nem um só de seus benefícios.*

Algumas vezes o salmista amplia o convite para todo o Israel, como no salmo 118.1-2:

> *Rendei graças ao* SENHOR, *porque ele é bom,*
> *porque a sua misericórdia dura para sempre.*
> *Diga, pois, Israel:*
> *Sim, a sua misericórdia dura para sempre.*

Em outros momentos, o salmista expande o convite ainda além, incluindo todos os povos. Assim começa o salmo 117, o menor dos salmos:

> *Louvai ao* SENHOR, *vós todos os gentios,*
> *louvai-o, todos os povos.*

Em diversas ocasiões, sendo uma delas no salmo 29, o salmista transcende a terra e alista também os anjos do céu no louvor a Deus:

Anjos, louvem a Deus, o SENHOR;
louvem a sua glória e o seu poder.
Anunciem a glória de Deus;
curvem-se diante do SENHOR, o Santo Deus,
quando ele aparecer.
(vs.1-2, NTLH)

Em uma exuberância ímpar, o salmo 148 convoca todo o mundo criado para se juntar ao coro. Os versos 1–6 são dirigidos aos céus e às suas hostes incontáveis:

Louvai ao SENHOR do alto dos céus...

E os versos 7–14 convocam cada parte do globo terrestre – seres animados e inanimados – para adorarem ao Deus que criou e mantém este mundo maravilhoso:

Louvai ao SENHOR da terra...

A seção central de um hino provê a motivação para louvar ou o conteúdo real do louvor ao relembrar quem Deus é e o que ele fez. Louvor é o reconhecimento ou confissão dos atributos e ações de Deus.[8] A coisa mais perto de uma definição de "louvor" se encontra no salmo 34.1-3, quando Davi diz:

Eu louvarei ao SENHOR em todo o tempo...
Venham, anunciem comigo a sua grandeza.
(NLT)

Louvar é contar aos outros quão notável é o Senhor em termos de quem ele é e do que ele fez. O salmo 34 amplifica a grandeza de Deus ao exaltar como ele responde às orações (v.4) porque ele é tão bom:

Busquei o SENHOR, e ele me acolheu;
livrou-me de todos os meus temores...
Oh! Provai e vede que o SENHOR é bom.

8 Mark D. Futato, *Transformed by praise: the purpose and meaning of the psalms* (Phillipsburg: P & R, 2002), p. 7-10.

Esta seção central frequentemente toma a maior parte do espaço nos hinos de louvor e traz à luz diversos temas concernentes aos atributos e ações de Deus. Os salmistas em geral apresentam estes temas com o termo hebraico כִּי, que pode ser traduzido como "para" ou "porque". A seguir estão uns poucos exemplos. O salmo 30.1-2[2-3] chama a nossa atenção à misericórdia de Deus que proporciona cura:

> *Eu te exaltarei, ó* SENHOR, *porque* [כִּי] *tu me livraste...*
> *Senhor, meu Deus, clamei a ti por socorro,*
> *e tu me saraste.*

O salmo 47.1-2[2-3] destaca a realeza de Deus:

> *Batei palmas, todos os povos;*
> *celebrai a Deus com vozes de júbilo.*
> *Pois* [כִּי] *o* SENHOR *Altíssimo é tremendo,*
> *é o grande rei de toda a terra.*

O salmo 117.1-2 enfatiza o amor de Deus que não falha:

> *Louvai ao* SENHOR, *vós todos os gentios,*
> *louvai-o, todos os povos.*
> *Porque* [כִּי] *mui grande é a sua misericórdia para conosco.*

O deleite de Deus em nós é o tema de louvor no salmo 149:

> *Cantai ao* SENHOR *um novo cântico*
> *e o seu louvor, na assembleia dos santos...*
> *Porque* [כִּי] *o* SENHOR *se agrada do seu povo.*
>
> *(vs.1,4)*

Na seção central, então, os hinos nos fornecem uma abundância de razões para darmos louvores ao Senhor.

Em consonância com o tom positivo das duas primeiras subdivisões, os hinos concluem com uma nota igualmente positiva. Frequentemente, a conclusão contém um convite repetido ao louvor, como no salmo 103.20-22:

> *Bendizei ao* SENHOR, *todos os seus anjos,*
> *valorosos em poder, que executais as suas ordens*
> *e lhe obedeceis à palavra.*
> *Bendizei ao* SENHOR, *todos os seus exércitos,*

vós, ministros seus, que fazeis a sua vontade.
Bendizei ao SENHOR, vós, todas as suas obras,
em todos os lugares do seu domínio.
Bendize, ó minha alma, ao SENHOR.

A última linha desta canção de louvor combina com as duas primeiras linhas, e Davi convoca a si próprio para louvar ao Senhor.[9] Esta conclusão, entretanto, estende-se além de Davi e convida os anjos – na verdade, todo o mundo criado – para se juntarem ao concerto de louvor.

Os hinos também podem concluir com uma forte afirmação de fé e confiança no Senhor, como é o caso no salmo 29.10-11, que afirma que o Senhor tem controle total sobre o mundo e que este controle resultará em grande bênção:

O SENHOR preside aos dilúvios;
como rei, o SENHOR presidirá para sempre.
O SENHOR dá força ao seu povo,
o SENHOR abençoa com paz ao seu povo.

Como vimos, um estado de ânimo brilhante e positivo caracteriza o hino. O lado caótico da vida fica em um distante pano de fundo nestes salmos. Por outro lado, o primeiro plano está cheio de fé – fé na bondade e fidelidade de Deus, fé de que o mundo em que vivemos será experimentado dia após dia como bom porque Deus governa sobre tudo. Assim, a palavra-chave do hino é "louvor". Os hinos exaltam a Deus por esta vida, pela vida de toda criação, pela vida que é boa.

Lamentos

Nem sempre experimentamos a vida como algo bem ordenado ou bem orientado. Em certos momentos, "desorientação" descreve melhor a vida.[10] Os **lamentos**, ou canções de desorientação, foram escritos para momentos como estes.

Estes são momentos em que talvez você se sinta tremendamente perplexo ou absolutamente abandonado, ou ainda paralisado pelo medo,

9 Na verdade, o texto hebraico usa uma ordem imperativa dirigida ao próprio eu; as primeiras quatro palavras do verso 1 e as últimas quatro palavras do verso 22 são idênticas no hebraico (בָּרְכִי נַפְשִׁי אֶת־יְהוָה).

10 Brueggemann, *Message of the Psalms*, cap. 3, refere-se aos lamentos como "salmos de desorientação".

sobrecarregado pela ira ou perdido em desespero. Estes são momentos nos quais você clama: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? Por que se acham longe de minha salvação as palavras de meu bramido?" (Sl 22.1), ou "Até quando, SENHOR? Esquecer-te-ás de mim para sempre? Até quando ocultarás de mim o rosto? Até quando estarei eu relutando dentro de minha alma, com tristeza no coração cada dia? Até quando se erguerá contra mim o meu inimigo?" (Sl 13.1-2), ou ainda "Para longe de mim afastaste amigo e companheiro; os meus conhecidos são trevas." (Sl 88.18).

Os lamentos são os salmos compostos para os momentos que alguns chamaram de "a noite escura da alma", para os momentos quando "o choro pode durar a noite inteira" (Sl 30.5, NLT), talvez até mesmo noite após noite (Sl 6.6). Os salmos de desorientação nos dão permissão para deixarmos as lágrimas fluírem; eles nos ensinam como fazer isto.

Embora a nota dominante no lamento seja triste, a nota final é tipicamente alegre. Os lamentos quase sempre se movem do negativo para o positivo, do clamor para o louvor. Há apenas dois lamentos que não exibem este movimento – os salmos 44 e 88. O salmo 88 é o lamento mais sombrio, que termina sem esperanças:

> *Tu tiraste meus companheiros e meus amados de mim;*
> *as trevas são a minha companhia mais chegada.*
> *(v.18; NIV)*

Mas um desespero como este é uma exceção e não a regra nos lamentos. Ao invés disto, espera-se um movimento do clamor para o louvor.[11]

Os lamentos tipicamente respondem a três questões na seção do clamor: "Quem?", "Por quê?" e "O quê?".

"Quem está lá para ouvir o salmista orar?". Expressões como "Ó, Deus" e "Ó, SENHOR" pontuam regularmente o início dos lamentos:

> *SENHOR, como tem crescido o número dos meus adversários!*
> *(3.1)*

> *Responde-me quando clamo, ó Deus da minha justiça.*
> *(4.1)*

11 O Livro dos Salmos apresenta como um todo este mesmo movimento do clamor para o louvor, do sofrimento para a glória, como acontece na vida de Cristo. Para mais detalhes, vd. o capítulo 2; vd. também Futato, *Transformed by praise*, p. 11-25.

Dá ouvidos, SENHOR, às minhas palavras.
(5.1)

SENHOR, não me repreendas na tua ira.
(6.1)

Guarda-me, ó Deus, porque em ti me refugio.
(16.1)

O termo *Deus* traduz a palavra hebraica אֱלֹהִים e se refere a Deus como transcendente, como um ser muito acima de nós, como o Deus do universo. Neste sentido, *Deus* é o termo que descreve o Criador em Gênesis 1, onde lemos sobre a criação do universo por Deus. "SENHOR", por outro lado, é a tradução em nossa língua do nome pessoal de Deus, o nome pelo qual Deus se relaciona intimamente com seu povo.[12] "SENHOR", apropriadamente, é o termo que descreve o Criador em Gênesis 2, onde lemos sobre o relacionamento pessoal entre Deus e os seres humanos no jardim do Éden. Este relacionamento pessoal está no centro da revelação divina a Moisés sobre o significado do nome pessoal de Deus em Êxodo 3.12-14:

> *Deus lhe respondeu: Eu serei contigo; e este será o sinal de que eu te enviei: depois de haveres tirado o povo do Egito, servireis a Deus neste monte.*
>
> *Disse Moisés a Deus: Eis que, quando eu vier aos filhos de Israel e lhes disser: O Deus de vossos pais me enviou a vós outros; e eles me perguntarem: Qual é o seu nome? Que lhes direi?*
>
> *Disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós outros.*

O fato é que os salmos nos ensinam a invocar Aquele que é, ao mesmo tempo, o Deus Todo-Poderoso do universo e o SENHOR pessoal e muito

12 A tradição ocidental de usar *SENHOR* (escrito em versalete) para traduzir o nome pessoal de Deus (יהוה) é embasada em uma antiga tradição grega, que usa a palavra κύριος ("senhor") para traduzir יהוה. Por sua vez, esta tradição grega é embasada em uma antiga tradição hebraica, que substituía o nome pessoal de Deus pelo termo hebraico אֲדֹנָי ("meu senhor"). Isto era feito para evitar o mau uso do nome, como requerido pelo terceiro mandamento: "Não tomarás o nome do SENHOR, teu Deus, em vão" (Ex 20.7). A palavra grega κύριος também é usada no Novo Testamento em referência a Jesus Cristo. Portanto, confessar que Jesus é κύριος ("Senhor") é confessar que Jesus é o Deus de Israel.

próximo de nós. O salmo 109.26 captura ambas estas perspectivas com estas palavras: "Socorre, SENHOR, *Deus* meu!".

A segunda questão que a seção do clamor responde é "Por quê?". "Por que eu estou experimentando problemas?". Aqui descobrimos a natureza do problema pelo qual o salmista está passando e a razão ou razões do lamento. O salmista provê respostas para a questão do "Por quê?" no formato de queixas e confissões.

Uma queixa não é uma reclamação rebelde como aquela de Israel no deserto (vd., p.ex.: Nm 11.1; 14.2; 16.11). A queixa nada mais é do que o salmista explicitando com grande emoção as batalhas que está enfrentando. Esta queixa pode surgir em três direções. A queixa pode ser dirigida contra outras pessoas, contra si mesmo, ou contra Deus.

> *SENHOR, como tem crescido o número dos meus adversários!*
> *(Sl 3.1)*

> *Dá ouvidos, SENHOR, às minhas palavras*
> *e acode ao meu gemido.*
> *(Sl 5.1)*

> *Por que, SENHOR, te conservas longe?*
> *(Sl 10.1)*

Honestidade é a palavra operativa aqui. Por meio dos lamentos, o Espírito Santo nos dá grande encorajamento e grande liberdade de expressar *tudo* o que estamos pensando e sentindo, sejam estes pensamentos e sentimentos sobre nós mesmos, sobre outros, ou mesmo sobre Deus.

A confissão pode acontecer em duas possíveis direções. Em geral, o salmista confessa seu pecado. O salmo 38.3-5 contém um bom exemplo:

> *Não há parte sã na minha carne, por causa da tua indignação;*
> *não há saúde nos meus ossos, por causa do meu pecado.*
> *Pois já se elevam acima de minha cabeça as*
> *minhas iniquidades;*
> *como fardos pesados, excedem as minhas forças.*
> *Tornam-se infectas e purulentas as minhas chagas,*
> *por causa da minha loucura.*

Como ilustra este salmo, frequentemente há na Bíblia uma conexão entre caráter e consequência. Viver de acordo com as instruções de Deus

aprimora a vida,[13] enquanto violar os princípios divinos degrada a vida. Ao ler os lamentos, portanto, frequentemente ouvimos uma confissão de pecados neste contexto de alguém passando por problemas.[14]

Por outro lado, a confissão pode ser da inocência do salmista. O salmo 26.1-3 provê um dos melhores exemplos de tal confissão:

> *Ó SENHOR Deus, declara que estou inocente,*
> *pois faço o que é certo*
> *e confio inteiramente em ti.*
> *Examina-me e põe-me à prova, ó SENHOR;*
> *julga os meus desejos e os meus pensamentos,*
> *pois o teu amor me guia,*
> *e a tua verdade sempre me orienta.*
>
> *(NTLH)*

Esta não é a oração de uma pessoa cheia de justiça própria e equivocada, pois o Davi que confessa sua inocência no salmo 26 é o mesmo Davi que acabou de confessar seu pecado no salmo 25:

> *Não te lembres dos meus pecados da mocidade.*
> *(v.7)*
>
> *Perdoa a minha iniquidade, que é grande.*
> *(v.11)*
>
> *Perdoa todos os meus pecados.*
> *(v.18)*

Colocando de forma mais clara, o salmo 26 é a oração que Davi ofereceu em uma situação particular na qual ele foi acusado de algum erro, mas que era, de fato, inocente. Davi experimentou a dor das falsas acusações diversas vezes em sua vida. Quando ele passou por isso, sua lamentação

13 Esta conexão é um tema frequente no livro de Provérbios e nos salmos que compartilham temas de sabedoria, tal como o salmo 112: "Bem-aventurado o homem que teme ao SENHOR e se compraz nos seus mandamentos. A sua descendência será poderosa na terra; será abençoada a geração dos justos. Na sua casa há prosperidade e riqueza ... Ditoso o homem que se compadece e empresta ... não será jamais abalado ... e o seu poder se exaltará em glória." (vs.1-3,5,6,9).

14 Isto não significa dizer que a vida não tem mistérios, como na história de Jó. É apenas afirmar que nem todos os momentos de aflição são do tipo que Jó enfrentou.

incluía uma confissão de sua própria inocência (vd., p.ex.: salmos 4.1-3 e 7.1-9). Por meio dos lamentos, o Espírito Santo nos ensina a confessarmos o nosso pecado, quando apropriado, e a dizermos "Eu sou inocente", quando estamos fazendo a coisa certa.[15]

A terceira questão que a seção do clamor busca responder é "O quê?". "O que o salmista deseja que Deus faça?".

A característica dos apelos do salmista neste ponto do lamento é sua definição concreta. O salmista faz pedidos bem específicos a Deus, que correspondem à natureza do problema enfrentado. O salmista pecou? O pedido será, então, por perdão:

> *Perdoa os pecados rebeldes da minha mocidade;*
> *antes, vê conforme o olhar de teu amor infalível,*
> *pois tu é misericordioso, ó* SENHOR.
> *(Sl 25.7; NLT 1.0)*

> *Assiste-nos, ó Deus e Salvador nosso,*
> *pela glória do teu nome;*
> *livra-nos e perdoa-nos os pecados,*
> *por amor do teu nome.*
> *(Sl 79.9)*

O salmista está enfermo? Então o pedido é por cura:

> *Tem compaixão de mim,* SENHOR, *porque eu me sinto debilitado;*
> *sara-me,* SENHOR, *porque os meus ossos estão abalados.*
> *(Sl 6.2[3])*

> *Disse eu: compadece-te de mim,* SENHOR;
> *sara a minha alma, porque pequei contra ti.*
> *(Sl 41.4[5])*

O salmista foi acusado falsamente? O pedido, então, é por vindicação:

> *Ó* SENHOR *Deus, declara que estou inocente,*
> *pois faço o que é certo*

15 Para uma discussão mais completa, vd. o material no Capítulo 5 sobre ler o texto no seu contexto literário.

e confio inteiramente em ti.
(Sl 26.1, NTLH)

Ó Deus, declara que eu estou inocente
e defende a minha causa contra essa gente que não te adora!
Livra-me das pessoas traiçoeiras e perversas.
(Sl 43.1, NTLH)

O salmista está sob ataque de seus adversários? Então o pedido é por livramento:

Levanta-te, SENHOR, defronta-os, arrasa-os;
livra do ímpio a minha alma com a tua espada.
(Sl 17.13)

Nas tuas mãos, estão os meus dias;
livra-me das mãos dos meus inimigos e dos
meus perseguidores.
(Sl 31.15[16])

O salmista está fraco? O pedido, então, é por apoio:

Ampara-me, segundo a tua promessa, para que eu viva;
não permitas que a minha esperança me envergonhe.
Sustenta-me, e serei salvo
e sempre atentarei para os teus decretos.
(Sl 119.116-117)

Em todos estes pedidos, os salmistas estão muito interessados em experimentar a ajuda de Deus *nesta vida*. Isto não significa afirmar que os salmos não demonstram interesse na vida por vir. Significa, antes, que, por meio dos salmos, o Espírito Santo nos ensina a estarmos certos de que a salvação de Deus afeta nossas vidas agora de modo concreto. Esta expectativa confiante é bem expressa no salmo 27.13, talvez de um modo muito mais claro do que em qualquer outro ponto das Escrituras:

Eu creio que verei a bondade do SENHOR
na terra dos viventes.

O clamor é, em geral, o maior dos dois movimentos de um lamento. De forma característica, o movimento de louvor é mais curto e é positivo em

seu tom. Por exemplo, o movimento de louvor pode conter uma declaração de fé ou confiança:

Em paz me deito e logo pego no sono,
porque, SENHOR, só tu me fazes repousar seguro.
(Sl 4.8)

No dia em que eu te invocar,
baterão em retirada os meus inimigos;
bem sei isto: que Deus é por mim.
(Sl 56.9)

O salmista também pode expressar uma profunda certeza de que Deus responderá sua oração e lhe concederá o pedido feito no movimento do clamor:

O SENHOR ouviu a minha súplica;
o SENHOR acolhe a minha oração.
(Sl 6.9[10])

Tens ouvido, SENHOR, o desejo dos humildes;
tu lhes fortalecerás o coração e lhes acudirás.
(Sl 10.17)

O movimento do louvor também pode conter um voto ou promessa de ações de graças a Deus e uma oferta de um sacrifício no templo após Deus responder à oração do salmista. O salmo 66.13-14 se refere a um voto como este:

Entrarei na tua casa com holocaustos;
pagar-te-ei os meus votos,
que proferiram os meus lábios,
e que, no dia da angústia, prometeu a minha boca.

Os lamentos registram tais votos.

Na reunião de todo o povo, ó SENHOR,
eu te louvarei pelo que tens feito.
Na presença de todos os que te temem,
oferecerei os sacrifícios que prometi.
(Sl 22.25, NTLH)

Os votos que fiz, eu os manterei, ó Deus;
render-te-ei ações de graças.
(Sl 56.12)

A maioria de nós já passou por problemas – seja de um grau ou de outro, por períodos mais longos ou mais curtos de tempo. A jornada da vida às vezes pode nos levar para terrenos bem difíceis. A adversidade substitui a prosperidade. A confusão engole a tranquilidade. O caos oblitera a ordem. A dúvida surge em lugar da fé. Deus nos deu os lamentos para momentos como estes.

Canções de agradecimento

"O choro pode durar a noite inteira", afirma o salmo 30, "mas de manhã vem a alegria" (v.5[6], NTLH). Finalmente, chega um momento quando você pode olhar para trás, para aqueles dias cheios de aflição, e dizer para Deus: "Tu mudaste o meu choro em dança alegre, afastaste de mim a tristeza e me cercaste de alegria" (Sl 30.11[12], NTLH). Você experimenta Deus abrindo os céus e descendo (vd. Sl 144.5) para livrar você da aflição desorientadora em que você se encontra. As **canções de agradecimento** expressam alegria e gratidão a Deus por este livramento.

Tal como os hinos, as canções de agradecimento celebram a obra redentora de Deus, mas estas celebram a obra redentora na própria história pessoal do poeta. Estes salmos agradecem a Deus por ter nos tirado "de um poço de perdição, de um tremedal de lama" e por ter posto nossos pés "sobre uma rocha" e nos firmado os passos novamente (Sl 40.2[3]). Eles agradecem por Deus ter eliminado o caos e restabelecido a boa ordem em nossas vidas.

As canções de agradecimento, pois, funcionavam como um componente fundamental de grata adoração que celebrava a bondade de Deus por livrar seu povo das aflições desta vida. Portanto, estas canções vêm em sequência aos lamentos. Isto fica claro a partir de seu conteúdo básico, assim como também a partir de parte de sua estrutura básica.

As canções de agradecimento podem, em geral, ser divididas em três seções. A seção de abertura começa tipicamente expressando a intenção do salmista de agradecer a Deus ou louvá-lo:

Bendirei o SENHOR em todo o tempo,
o seu louvor estará sempre nos meus lábios.
(Sl 34.1)

Graças te rendemos, ó Deus; graças te rendemos,
e invocamos o teu nome, e declaramos as tuas maravilhas.
(Sl 75.1)

As canções de agradecimento também podem se iniciar com uma nota de gratidão amorosa pela intervenção divina:

Amo o SENHOR, porque ele ouve
a minha voz e as minhas súplicas.
(Sl 116.1)

Eu te amo, ó SENHOR, força minha.
(Sl 18.1)

A seção central espelha a canção de lamento, pois o salmista reconta sua aflição, sua petição e seu livramento. Algumas vezes, esta narrativa é bem extensa. No salmo 18, Davi narra duas vezes sua experiência passada, nos versos 4-19 e 31-45. Em outros momentos, a narrativa sobre o passado é muito mais curta:

Busquei o SENHOR, e ele me acolheu;
livrou-me de todos os meus temores.
Contemplai-o e sereis iluminados,
e o vosso rosto jamais sofrerá vexame.
Clamou este aflito, e o SENHOR o ouviu
e o livrou de todas as suas tribulações.
(Sl 34.4-6[5-7])

A seção final é tipicamente caracterizada por uma renovada ação de graças. Tal ação pode ser um louvor contínuo ou um agradecimento oferecido pelo salmista:

Bendito seja Deus, que não me rejeita a oração,
nem aparta de mim a sua graça.
(Sl 66.20)

Ou o agradecimento pode vir na forma de uma promessa de louvor a Deus no futuro:

Glorificar-te-ei, pois, entre os gentios, ó SENHOR,
e cantarei louvores ao teu nome.
(Sl 18.49[50])

Ou ainda, o salmista pode concluir convidando outros a se juntarem a ele no agradecimento:

> *Rendei graças ao SENHOR, porque ele é bom,*
> *porque a sua misericórdia dura para sempre.*
> *(Sl 118.29)*

Nas três categorias precedentes de salmos, encontramos canções para diversas situações na caminhada da vida. Há pedaços da caminhada da vida em que tudo está bem; em outros momentos, o caminho pode ser bem duro; mas o caminho duro finalmente cede outra vez e se torna macio. Para cada uma destas situações, respectivamente, Deus nos deu canções: hinos, lamentos e canções de agradecimento.

Estas são as três categorias principais de salmos. Entretanto, há várias outras. Examinaremos agora três outras categorias significativas.

Canções de confiança

Em algum lugar entre os lamentos e as canções de agradecimento, existem as **canções de confiança**. Embora alguns eruditos considerem que as canções de confiança sejam um desenvolvimento das expressões de confiança que em geral finalizam um lamento, outros associam as canções de confiança mais com as canções de agradecimento.[16] Motivos podem ser listados para ambas estas conexões.

Tal como os lamentos, as canções de confiança em geral lidam com algum tipo de aflição pessoal. Esta aflição não parece ser tão dolorosa como aquelas indicadas nos lamentos. A aflição já parece estar um pouco mais distante, mas ainda é sentida de algum modo. Por outro lado, tal como as canções de agradecimento, as canções de confiança expressam certeza incontestável no poder de Deus para salvar. Este tom confiante é o tema dominante e a característica definidora desta categoria.

Entretanto, como explicarei, os salmos de confiança não são nem lamentos nem canções de agradecimento. Eles não têm a angústia e os elementos estruturais que caracterizam os lamentos. E, embora os poetas que escreveram as canções de confiança estivessem confiantes no poder de Deus para salvar, no momento da composição eles ainda não tinham experimentado tal salvação. Estes poetas já se distanciaram claramente da agonia profunda do

16 Ernest C. Lucas, *Exploring the Old Testament: a guide to the psalms and wisdom literature* (Downers Grove: InterVarsity, 2003), p. 9.

lamento, mas ainda estão aguardando pelo dia em que eles possam escrever uma canção de agradecimento pela salvação recebida.[17]

Tendo em vista estas fronteiras difusas, não é de se admirar que os eruditos discordem em certo grau acerca de quais salmos pertencem a esta categoria. Tremper Longman, por exemplo, inclui os salmos 11, 16, 23, 27, 62, 91, 121, 125 e 131,[18] enquanto C. Hassell Bullock lista os salmos 4, 16, 23, 27, 62, 73, 90, 115, 123, 124, 125 e 126.[19] Minha própria análise apresenta como canções de confiança os seguintes salmos: 16, 23, 27, 62, 73, 91, 115, 121, 125 e 131.

Embora as canções de confiança não possuam um formato estrutural unificador, diversas características qualificam os salmos desta categoria.[20] Como o nome indica, a característica identificadora desta categoria é sua fé ou confiança inabalável na habilidade e desejo de Deus em conceder livramento de circunstâncias adversas. O salmo 27 é um exemplo:

> *O SENHOR é a minha luz e a minha salvação;*
> *de quem terei medo?*
> *O SENHOR é a fortaleza da minha vida;*
> *a quem temerei? ...*
> *Ainda que um exército se acampe contra mim,*
> *não se atemorizará o meu coração;*
> *e, se estourar contra mim a guerra,*
> *ainda assim terei confiança. ...*
> *Eu creio que verei a bondade do SENHOR*
> *na terra dos viventes.*
>
> *(vs.1,3,13)*

A base para esta confiança se encontra no caráter de Deus e transparece frequentemente nas imagens usadas para Deus nestes salmos. A imagem mais frequente é de Deus como refúgio:

> *Guarda-me, ó Deus,*
> *porque em ti me refugio.*
>
> *(Sl 16.1)*

17 C. Hassell Bullock, *Encountering the book of Psalms* (Grand Rapids: Baker, 2001), p. 166.

18 Longman, *How to read the Psalms*, p. 31.

19 Bullock, *Encountering the book of Psalms*, p. 168.

20 Idem, p. 168-170.

O SENHOR é a fortaleza da minha vida;
a quem temerei?
(Sl 27.1)

Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosa;
dele vem a minha salvação.
Só ele é a minha rocha, e a minha salvação,
e o meu alto refúgio; não serei muito abalado.
(Sl 62.1-2[2-3])

diz ao SENHOR: Meu refúgio e meu baluarte,
Deus meu, em quem confio.
(Sl 91.2)

Comprovadamente, a imagem mais conhecida e mais amada de Deus na Bíblia ocorre em uma canção de confiança:

O SENHOR é o meu pastor;
nada me faltará.
(Sl 23.1)

Em outro salmo de confiança, está implícita possivelmente a imagem mais meiga de Deus encontrada nos Salmos – Deus como mãe de uma criança desmamada:

Pelo contrário, fiz calar e sossegar a minha alma;
como a criança desmamada se aquieta nos
braços de sua mãe,
como essa criança é a minha alma para comigo.
(Sl 131.2)

O salmo 121 usa a imagem de Deus como guardião seis vezes (vs.3,4,5,7[2x],8) e o salmo 125 compara a proteção envolvente de Deus àquela das montanhas que cercam Jerusalém:

Como em redor de Jerusalém estão os montes,
assim o SENHOR, em derredor do seu povo,
desde agora e para sempre.
(v.2)

Nestes salmos, os poetas não apenas articulam sua própria confiança em Deus, mas também convidam outros a compartilharem desta confiança:

> *Espera pelo* SENHOR,
> *tem bom ânimo, e fortifique-se o teu coração;*
> *espera, pois, pelo* SENHOR.
> *(Sl 27.14)*

Embora seja possível que o salmista, no texto acima, esteja falando consigo mesmo, ou que um sacerdote esteja falando com o salmista, é mais plausível que o próprio salmista esteja falando a outras pessoas.[21] Esta conclusão é alcançada ao se interpretar a linha acima no contexto de linhas similares que são encontradas em outros salmos desta categoria. As linhas seguintes demonstram a similaridade:

> *Confiai nele, ó povo, em todo tempo;*
> *derramai perante ele o vosso coração;*
> *Deus é o nosso refúgio.*
> *(Sl 62.8[9])*

> *Israel confia no* SENHOR ...
> *A casa de Arão confia no* SENHOR ...
> *Confiam no* SENHOR *os que temem o* SENHOR ...
> *(Sl 115.9-11)*

> *Espera, ó Israel, no* SENHOR,
> *desde agora e para sempre.*
> *(Sl 131.3)*

As expressões de confiança nesta categoria são "expressões de fé, não gritos de vitória".[22] Estes salmos articulam uma confiança que movimentou o salmista para longe da angústia profunda do lamento e na direção da alegria da canção de agradecimento. Embora o salmista esteja confiante de que a ajuda está vindo, esta ajuda ainda não chegou. Isto fica claro pelas alusões e referências oblíquas à aflição atual encontradas nos salmos de confiança, e também pelas petições ali presentes.

21 Gerald H. Wilson, *Psalms – volume 1* (NIVAC; Grand Rapids: Zondervan, 2002), p. 487.

22 Bullock, *Encountering the book of Psalms*, p. 168.

Guarda-me, ó Deus,
porque em ti me refugio.
(Sl 16.1)

Ouve, SENHOR, a minha voz; eu clamo;
compadece-te de mim e responde-me.
(Sl 27.7)

Até quando acometereis vós a um homem,
todos vós, para o derribardes,
como se fosse uma parede pendida
ou um muro prestes a cair?
(Sl 62.3[4])

Elevo os olhos para os montes:
de onde me virá o socorro?
(Sl 121.1)

O cetro dos ímpios não permanecerá sobre a sorte dos justos,
para que o justo não estenda a mão à iniquidade.
(Sl 125.3)

Embora tragam um grande conforto, as canções de confiança também trazem um grande desafio. Uma coisa é cantar um hino quando tudo vai bem, ou um lamento quando há aflição por todos os lados, ou uma canção de agradecimento quando Deus nos livrou de nosso problema. Em cada um destes casos, nossa canção e nossas circunstâncias se combinam entre si. Mas é coisa bem diferente expressar confiança profunda em Deus quando a ajuda ainda não veio. Neste caso, experimentamos uma desconexão entre nossa canção e nossa situação. Como temos visto, entretanto, nossa confiança não é baseada em nossa situação, mas no caráter de Deus. Ele é o nosso refúgio, nosso pastor, nossa "mãe", nosso guardião e a montanha ao nosso redor.

E, é claro, ele é o nosso Rei que governa sobre nossas vidas e sobre o mundo que ele criou. É apropriado neste momento, pois, examinarmos a categoria de salmos que celebram a realeza de Deus.

Canções da realeza divina

Tal como as canções de confiança, as **canções da realeza divina** não possuem uma estrutura comum. A característica primária que identifica esta

categoria é o foco na realeza de Deus.[23] Outros temas frequentes que ocorrem nesta categoria são as obras de Deus na criação, redenção e julgamento,[24] a supremacia de Deus sobre os deuses das nações e o cuidado universal de Deus pelas nações.[25]

Também as fronteiras desta categoria, assim como as das canções de confiança, são um tanto difusas. Podemos imaginar esta categoria de salmos em termos de círculos concêntricos. Alguns estão no centro, enquanto outros se distanciam em direção à periferia. Certamente no núcleo deste grupo estão os salmos 93, 97 e 99, pois cada um deles inicia com a afirmação יְהוָה מָלָךְ.[26] O salmo 96 também usa esta afirmação, mas a usa dentro do corpo do salmo e não na linha de abertura.

Os eruditos têm debatido como é melhor traduzir a expressão יְהוָה מָלָךְ. Todas as traduções principais em inglês usam o tempo presente, "o SENHOR reina" ou "o SENHOR é rei". Isto é um pouco estranho, entretanto, visto que esta forma verbal no hebraico é traduzida tipicamente em outros textos por verbos em um tempo passado (p.ex.: "tornou-se rei" ou "era rei" ou "governou"). Aqui seguem apenas dois exemplos:

> *Vá agora mesmo falar com o rei Davi e diga o seguinte: "Rei Davi, o senhor não jurou que o meu filho Salomão seria rei em seu lugar e que seria ele quem haveria de sentar no seu trono? Então, como é que Adonias se tornou rei*[מָלָךְ] *?" (1Rs 1.13, NTLH)*

> *Roboão, filho de Salomão, reinou* [מָלָךְ] *em Judá; de quarenta e um anos de idade era Roboão quando começou a reinar e reinou* [מָלָךְ] *dezessete anos em Jerusalém... (1Rs 14.21)*

De modo contrário à argumentação muito difundida de que a gramática desta expressão permite traduzi-la tanto no passado como no presente, a expressão "é rei", em um sentido contínuo, não é encontrada em lugar algum na Bíblia hebraica.[27] Quando os antigos queriam afirmar o governo contínuo de Deus, eles usavam uma cláusula nominal, por exemplo: אֱלֹהִים כִּי מֶלֶךְ כָּל־הָאָרֶץ,"[pois] Deus *é o Rei* de toda a terra" (Sl 47.7[8]). Além disso, se o nome pessoal vem antes ou depois do verbo não faz diferença no

23 Um outro grupo de salmos, os "salmos reais", tem seu foco no rei humano. Vd. o excurso ao final deste capítulo.

24 Vd. o capítulo 2, para o significado de *juiz* nestes salmos.

25 J. D. W. Watts, "YHWH-Malak psalms", *TZ* 21 (1965): 341-348.

26 C. John Collins, *Introduction to the hebrew Bible* (Mineápolis: Fortress, 2004), p. 464.

27 John Day, *Psalms* (OTG; Sheffield: Sheffield Academic, 1995), p. 76.

hebraico. As duas ordens de palavras são usadas no hebraico para indicar "tornou-se rei".

> *Então Natã foi falar com Bate-Seba, a mãe de Salomão. Natã perguntou:*
>
> *– Você soube que Adonias, o filho de Hagite, se fez rei* [אֲדֹנִיָּהוּ מָלָךְ = *verbo + nome*] *? E o rei Davi não está sabendo de nada! (1Rs 1.11, NTLH)*
>
> *Mas Adonias já se tornou rei* [אֲדֹנִיָּה מָלָךְ = *nome + verbo*], *e o senhor não está sabendo disso. (1Rs 1.18, NTLH)*

A conclusão é que, quer traduzamos ou não יְהוָה מָלָךְ como "é rei" ou "tornou-se rei", fica claro que יְהוָה מָלָךְ tem em mente um evento no passado imediato, e não um estado geral de soberania. Assim, por exemplo, quando a ARA traduz מָלַךְ אַבְשָׁלוֹם como "Absalão é rei" (2Sm 15.10), ainda fica claro a partir do contexto que a multidão está proclamando que Absalão *acabou de se tornar rei*. Consideraremos as implicações teológicas desta interpretação em breve.

O salmo 47 também pertence aos salmos da realeza divina, embora ele esteja levemente distante do núcleo. O salmo 47.8[9] possui uma versão modificada da fórmula יְהוָה מָלָךְ אֱלֹהִים: מָלַךְ ("Deus se tornou rei" [Trad. do autor]).[28] Esta expressão neste contexto apoia a tradução de יְהוָה מָלָךְ como "O SENHOR se tornou rei". No verso 3[4], Deus derrota as nações. No verso 5[6], Deus retorna à cidade em procissão triunfal. No verso 7[8], Deus é proclamado rei sobre as nações. No verso 8[9], Deus se assenta em seu trono e começa seu novo governo. No verso 9[10], os governantes das recém-subjugadas nações se reúnem perante seu novo rei. Aqui, Deus se tornou rei em um novo sentido, porque ele obteve uma nova vitória que levou seu reino a se estabelecer de um novo modo.[29]

Os salmos 95 e 98 também se encaixam nesta categoria. Embora não apresentem a aclamação "O SENHOR se tornou rei", estes salmos estão aglomerados junto com os salmos do núcleo básico deste grupo (Sl 93; 96; 97 e 99). Além disso, também celebram a realeza do Senhor.

---

28 Esta mudança é compreensível, visto que o salmo 47 é parte do saltério eloísta, um grupo de salmos (Sl 42–83) que se refere a Deus como אֱלֹהִים (204x) mais frequentemente do que como Yahweh (46x). Vd. Willem VanGemeren, "Psalms", em *EBC*, p. 20.

29 Vd. Richard J. Clifford, *Psalms 73-150* (AOTC; Nashville: Abingdon, 2003), p. 108: "A realeza era compreendida concretamente como resultante de uma vitória específica".

Porque o SENHOR é o Deus supremo
e o grande Rei acima de todos os deuses.
(Sl 95.3)

Com trombetas e ao som de buzinas,
exultai perante o SENHOR, que é rei.
(Sl 98.6)

Embora não sejam normalmente incluídos nesta categoria, também os salmos 24 e 29 são parte deste grupo, mesmo se posicionados na periferia. Tal como os salmos 47 e 93, o salmo 24 celebra o "Rei da glória" subindo para a cidade real, após ter se mostrado vitorioso em batalha:

Quem é o Rei da Glória?
O SENHOR, forte e poderoso,
o SENHOR, poderoso nas batalhas.
(v.8)

A vitória, neste caso, é explicada nas linhas de abertura do poema:

Ao SENHOR pertence a terra e tudo o que nela se contém,
o mundo e os que nele habitam.
Fundou-a ele sobre os mares
e sobre as correntes a estabeleceu.
(vs.1-2)

Os "mares" e "rios" são partes típicas do quadro mitopoéico de Deus derrotando o caos e estabelecendo sua ordem cósmica sobre estes seus inimigos derrotados.[30]

O salmo 29 também alude à conquista do mar por Deus. O verso 3 se refere ao Senhor como aquele que troveja "sobre as muitas águas" (מַיִם רַבִּים). Estas muitas águas são as forças do caos[31] que foram derrotadas pelo Senhor, como é proclamado na menor das canções de realeza divina, o salmo 93:

Levantam os rios, ó SENHOR,
levantam os rios o seu bramido;
levantam os rios o seu fragor.

30 Richard J. Clifford, *Psalms 1-72* (AOTC; Nashville: Abingdon, 2002), p. 134. Vd. o meu excurso sobre imagens mitopoéicas ao final do Capítulo 1.

31 Vd. Wilson, *Psalms – volume 1*, p.506; e Clifford, *Psalms 1-72*, p. 155.

Mas o SENHOR nas alturas é mais poderoso
do que o bramido das grandes águas [מַיִם רַבִּים],
do que os poderosos vagalhões do mar.
(Sl 93.3-4)

Esta derrota das "grandes águas" no salmo 29.3 se junta à manifestação do Senhor em uma poderosa tempestade que sinaliza o início da temporada chuvosa, o *sine qua non* da ordem cósmica para o israelita antigo (vs.4-9). O estabelecimento da ordem cósmica é, então, seguido pela entronização do Senhor como rei no verso 10:[32]

O SENHOR preside aos dilúvios;
como rei, o SENHOR presidirá para sempre.

Agora que pesquisamos os salmos que compõem esta categoria, podemos resumir a mensagem geral destes salmos individuais. Em primeiro lugar, os salmos de realeza divina proclamam a vitória de Deus sobre as forças que opõem uma vida bem ordenada e abundante para seu povo. Algumas vezes estas forças são cósmicas (Sl 24; 29; 93) e, assim, a ordem estabelecida é cósmica também. Esta é uma das razões pelas quais o tema de Deus como Criador e Sustentador do universo é uma característica frequente neste grupo.[33] Em outros momentos, as forças opositoras são humanas (Sl 47; 97; 99) e a ordem de Deus é estabelecida entre as nações.[34] A vitória que Deus obtém é, em certo sentido, uma nova vitória; é por isso que esta é a ocasião para se cantar "um cântico novo":

Cantai ao SENHOR um cântico novo,
cantai ao SENHOR, todas as terras.
Cantai ao SENHOR, bendizei o seu nome;
proclamai a sua salvação, dia após dia.
(Sl 96.1-2)

Cantai ao SENHOR um cântico novo,
porque ele tem feito maravilhas;
a sua destra e o seu braço santo
lhe alcançaram a vitória.
(Sl 98.1)

32 Vd. Wilson, *Psalms – volume 1*, p. 506-507.
33 Vd. os salmos 24.1-2; 29.3-9; 93.1-2; 95.4-5; 96.5, 10-13; 98.7-9.
34 Vd. os salmos 47.9-10; 96.3; 97.1; 98.2; 99.1-3.

Esta nova vitória é a ocasião de uma nova percepção da realeza do Senhor, e o cântico novo é uma celebração disto. Portanto, estes salmos celebram a ascensão do Senhor ao seu trono e anunciam a inauguração de uma nova fase de seu governo com a aclamação: "O SENHOR se tornou Rei!" (Trad. do autor).[35]

Estes salmos, pois, instruem-nos a afirmarmos o governo soberano de Deus sobre tudo o que acontece no mundo criado por ele. Também nos ensinam a aguardarmos, com expectativa, a vinda do seu reino de modo cada vez mais evidente, até que ele comece a reinar de um modo definitivo e final e então nós possamos dizer:

> *Graças te damos, Senhor Deus, Todo-Poderoso,*
> *que és e que eras,*
> *porque assumiste o teu grande poder*
> *e passaste a reinar.*
>
> *(Ap 11.17)*

Além disso, estes salmos possivelmente formam o contexto sobre o qual Jesus nos ensinou a orar "venha o teu reino, faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu" (Mt 6.10). Sempre que vemos caos neste mundo, podemos alimentar esperanças, certos da invasão da ordem de Deus que gera vida em toda a sua abundância:

> *Dizei entre as nações: Reina o SENHOR.*
> *Ele firmou o mundo para que não se abale*
> *e julga os povos com equidade.*
> *Alegrem-se os céus, e a terra exulte;*
> *ruja o mar e a sua plenitude.*
> *folgue o campo e tudo o que nele há;*
> *regozijem-se todas as árvores do bosque,*
> *na presença do SENHOR,*
> *porque vem, vem julgar a terra;*
> *julgará o mundo com justiça*
> *e os povos, consoante a sua fidelidade.*
>
> *(Sl 96.10-13)*

Visto que Deus é o rei sobre toda a terra, esta vida bem ordenada e abundante pode ser uma esperança vibrante para todas as nações da terra.

35 Salmos 93.1; 97.1; 99.1 (e 47.8[9] em forma modificada).

Como aprendemos no Capítulo 2, um elemento concomitante de tal vida abundante é uma vida vivida em consonância com as instruções de Deus (תּוֹרָה). Esta é a vida de sabedoria que as nações são convidadas a viver na presença daquele "que habita os céus" (Sl 2.4): "Agora, pois, ó reis, sede prudentes" (Sl 2.10). A promessa a todos os que seguirem esta sabedoria e se submeterem ao Rei divino é uma vida abençoada: "Bem-aventurados todos os que nele se refugiam" (Sl 2.12). É natural, portanto, que passemos da nossa discussão das canções da realeza divina para um exame de uma categoria final, as canções de sabedoria.[36]

Canções de sabedoria

De todas as categorias estudadas neste capítulo, a mais elusiva é a categoria das **canções de sabedoria**. Alguns eruditos chegam até a negar inteiramente a existência desta categoria,[37] mas esta é certamente uma argumentação desnecessária. Num teste rápido, quem não atribuiria o texto seguinte ao livro de Eclesiastes ou Jó?

> *Porquanto vê-se morrerem os sábios*
> *e perecerem tanto o estulto como o inepto,*
> *os quais deixam a outros as suas riquezas.*

Contudo, este texto vem do salmo 49.10. Alguns salmos, portanto, têm uma afinidade óbvia com a literatura de sabedoria.[38]

No seu livro *The tree of life: na exploration of biblical wisdom literature*, Roland Murphy dedica um capítulo a "ecos da sabedoria" encontrados na Bíblia hebraica externamente aos livros de Jó, Provérbios e Eclesiastes. Neste capítulo, Murphy especifica duas características da categoria de salmos de sabedoria: a presença de expressões de sabedoria e de temas de sabedoria.[39] Por expressões de sabedoria, Murphy se refere a elementos tais como a fórmula אַשְׁרֵי ("Ah, as alegrias"), ditos numéricos, ditos "é melhor...", estruturação

36 Para mais detalhes sobre a intersecção entre os motivos de realeza e sabedoria no Livro dos Salmos, vd. Gerald H. Wilson, "Shaping the Psalter: a consideration of editorial linkage in the book of Psalms", em: *The shape and shaping of the Psalter* (JSOTSup; org. J. Clinton McCann; Sheffield: JSOT, 1993), p. 78-81. Vd. também o excurso sobre salmos reais ao final deste capítulo.

37 J. Luyten, "Psalm 73 and wisdom", em: *La sagesse de l'Ancien Testament* (BETL; org. por M. Gilbert; Leuven: Leuven University, 1979), p. 63-64.

38 Longman, *How to read the Psalms*, p. 33.

39 Roland E. Murphy, *The tree of life: an exploration of biblical wisdom literature* (Grand Rapids: Eerdmans, 1996), p. 103.

alfabética e admoestações. Uma convergência destas expressões com temas representativos da sabedoria – tais como o caminho do justo e o caminho do ímpio, o contraste entre o sábio e o tolo, conselhos práticos, retribuição, o temor do Senhor – é suficiente para garantir a colocação de alguns salmos na categoria da sabedoria. Poderíamos adicionar às duas características de Murphy o tom reflexivo e explicitamente didático encontrado nas canções de sabedoria.[40] O resultado é a seguinte lista de salmos que eu incluiria na categoria da sabedoria: 1, 19, 32, 34, 37, 49, 73, 112, 119 e 128.

A vida frequentemente nos confronta com escolhas que poderíamos denominar "o caminho do justo" e "o caminho do ímpio" (Sl 1.6). Por meio das canções de sabedoria, Deus nos convida a fazermos escolhas que levem a uma vida verdadeiramente feliz (Sl 1.1; 34.13-14[12-13]), ao invés de uma vida que no final "dá em nada" (Sl 1.6; 112.10). Duas coisas são necessárias para se alcançar tal vida verdadeiramente feliz. Uma é confiar no Senhor. As canções de sabedoria nos desviam para longe de confiarmos em nós mesmos (Sl 49.13[14]) ou em nossos próprios recursos (Sl 49.6[7]), e nos encorajam a colocarmos a nossa confiança no Senhor:

> *Confia no SENHOR e faze o bem;*
> *habita na terra e alimenta-te da verdade.*
> *(Sl 37.3)*

> *Entrega o teu caminho ao SENHOR,*
> *confia nele, e o mais ele fará.*
> *(Sl 37.5)*

> *Não se atemoriza de más notícias;*
> *o seu coração é firme, confiante no SENHOR.*
> *(Sl 112.7)*

> *Muito sofrimento terá de curtir o ímpio,*
> *mas o que confia no SENHOR, a misericórdia o assistirá.*
> *(Sl 32.10)*

A outra coisa é confiar na instrução do Senhor. "Confio na tua palavra", diz o sábio no salmo 119.42. A razão pela qual podemos confiar na instrução do Senhor é que ela é digna desta confiança:

40 Collins, *Introduction to the hebrew Bible*, p. 468; e Wilson, *Psalms – volume 1*, p. 72.

O testemunho do SENHOR é fiel.
(Sl 19.7)

São verdadeiros todos os teus mandamentos.
(Sl 119.86)

Confiar na instrução do Senhor implica colocá-la em prática (vd. Sl 1.1-3; 19.7-14; 119.1-8). As canções de sabedoria ensinam como você pode praticar a instrução de Deus em muitas das principais áreas da vida. Por exemplo, como você lida com seu dinheiro e como você encara a morte (Sl 49), como você lida com seu pecado (Sl 32), como você usa sua língua (Sl 34), como você enfrenta as perplexidades da vida (Sl 37; 73) e como você pode esperar um futuro melhor (Sl 112).

A conclusão se resume nesta questão: "Vocês querem aproveitar a vida? Querem viver muito e ser felizes?" (Sl 34.12[13], NTLH). As canções de sabedoria lhe mostrarão o caminho.

O que as categorias têm a ver com Cristo?

Vamos retornar, por um momento, ao texto com o qual começamos este capítulo:

> *Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração. (Cl 3.16)*

O apóstolo Paulo nos encoraja a deixarmos "a palavra de Cristo" saturar as nossas vidas louvando com "salmos, hinos e cânticos espirituais". As palavras gregas que Paulo usa para "salmos", "hinos" e "cânticos" são todas usadas na antiga tradução grega do Antigo Testamento que Paulo costumava usar. Estas três palavras são usadas nos títulos de diversos salmos.[41] Portanto, embora "a palavra de Cristo" inclua mais do que salmos, o Livro dos Salmos é certamente "a palavra de Cristo". Alguns entendem "a palavra de Cristo" como um **genitivo subjetivo**, de modo que Cristo é o orador, enquanto outros entendem esta expressão como um **genitivo objetivo**, de modo que Cristo é

41 Vd. o salmo 3.1 para "salmo" (ψαλμός), o salmo 6.1 para "hino" (ὕμνος) e o salmo 4.1 para "canção" (ᾠδη).

o assunto do qual se fala. Argumentos podem ser apresentados para ambas as interpretações. Talvez seja melhor afirmar que "a palavra de Cristo" é uma **expressão sugestiva**, querendo significar tanto "a palavra falada por Cristo" como "a palavra falada sobre Cristo".

Quando lemos um salmo, é útil lermos tanto como sendo falado por Cristo quanto falando sobre Cristo.[42] Cada uma destas perspectivas levará a percepções diferentes em um salmo específico. As duas perspectivas podem ser usadas pela simples razão de que Cristo é o Senhor da aliança e o Servo da aliança. Como Senhor da aliança, Cristo é aquele para quem os salmos são proclamados *por nós*; como Servo da aliança, Cristo é aquele por meio de quem os salmos são proclamados *para nós*.

Cada uma das categorias estudadas neste capítulo provê uma janela diferente pela qual o intérprete pode espiar e ganhar uma nova perspectiva a respeito de quem é Jesus e do que ele fez por nós. As perspectivas "por Cristo" e "sobre Cristo" ajudam com cada uma destas categorias; entretanto, os lamentos, as canções de agradecimento e as canções de sabedoria servem mais para a perspectiva "por Cristo", enquanto os hinos e as canções de realeza divina servem mais para a perspectiva "sobre Cristo".

Este estudo de categorias, portanto, não é um exercício estéril. Ao aprender a ler os diversos salmos em consonância com suas categorias, você verá mais das riquezas de Cristo e estas riquezas irão encher sua vida mais e mais.[43]

Cristo e nossos hinos

Dois temas principais nos hinos são o louvor de Deus como nosso Criador e o louvor de Deus como nosso Redentor. O salmo 104.1,24, por exemplo, louva a Deus como nosso Criador:

> *Bendize, ó minha alma, ao SENHOR!*
> *SENHOR, Deus meu, como tu és magnificente ...*
>
> *Que variedade, SENHOR, nas tuas obras!*
> *Todas com sabedoria as fizeste;*
> *cheia está a terra das tuas riquezas.*

42 Longman, *How to read the Psalms*, p. 68.

43 Para uma abordagem complementar a este tipo de leitura cristológica dos salmos, vd. Bruce K. Waltke, "A canonical process approach to the psalms", em: *Tradition and testament: essays in honor of Charles Lee Feinberg* (org. por John S. Feinberg e Paul D. Feinberg; Chicago: Moody, 1981), p. 3-18.

E o salmo 107.1-2 louva a Deus como nosso Redentor:

> *Rendei graças ao SENHOR, porque ele é bom,*
> *e a sua misericórdia dura para sempre.*
> *Digam-no os remidos do SENHOR,*
> *os que ele resgatou da mão do inimigo.*

O Novo Testamento apresenta Cristo tanto como nosso Criador como nosso Redentor. O apóstolo João diz de Jesus:

> *Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez. (Jo 1.3)*

E o apóstolo Paulo diz:

> *Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar (porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro). (Gl 3.13)*

Assim, quando nós cantamos ou lemos as canções de louvor, estamos cantando e lendo sobre Cristo, nosso Criador, nosso Redentor, nosso Pastor, nosso Rei, nosso Deus.

Cristo e nossos lamentos

Davi certa vez clamou em agonia dizendo:

> *Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?*
> *Por que se acham longe de minha salvação*
> *as palavras de meu bramido?*
> *(Sl 22.1)*

Muitos de nós já compartilhamos estes pensamentos e sentimentos de Davi ao longo da caminhada da vida. Podemos ter sentido uma terrível solidão, mas nunca estávamos verdadeiramente sozinhos nestes momentos, pois Jesus estava ali conosco. Jesus, sem dúvida, orou os lamentos durante sua jornada nesta terra. Como diz o autor de Hebreus:

> *Durante a sua vida aqui na terra, Cristo, em voz alta e com lágrimas, fez orações e súplicas a Deus, que o podia salvar da morte. (Hb 5.7, NTLH)*

E, como Mateus registra, Jesus orou os lamentos de forma intensa na cruz:

> *Por volta da hora nona, clamou Jesus em alta voz, dizendo: Eli, Eli, lama sabactâni? O que quer dizer: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? (Mt 27.46)*

Assim, quando cantamos ou lemos os lamentos, estamos cantando e lendo sobre Cristo, o qual foi adiante de nós e cantou os lamentos por nós.

Cristo e nossas canções de agradecimento

Hebreus 5.7 diz, no versículo completo:

> *Durante a sua vida aqui na terra, Cristo, em voz alta e com lágrimas, fez orações e súplicas a Deus, que o podia salvar da morte. E as suas orações foram atendidas porque ele era dedicado a Deus. (NTLH)*

Deus ouviu o grito agonizante de Jesus na cruz e o resgatou da morte e do inferno ao ressuscitá-lo dentre os mortos. Sem dúvida, Jesus celebrou este livramento com canções de agradecimento. O autor de Hebreus nos leva a esta conclusão, quando ele cita Jesus dizendo para o Pai:

> *A meus irmãos declararei o teu nome,*
> *cantar-te-ei louvores no meio da congregação.*
> *(Hb 2.12)*

Jesus está recitando palavras de agradecimento registradas primeiramente no salmo 22.22. A partir deste texto, aprendemos não apenas que Jesus cantou as canções de agradecimento por nós, mas também que ele agora nos lidera em nosso agradecimento a Deus por tudo o que ele tem feito e continua a fazer por nós em resposta às nossas orações.

Cristo e nossas canções de confiança

Viver confiantemente na presença de Deus é, sem dúvida, a aspiração de todos os crentes. Esperamos ter uma confiança profunda em Deus que persevere até alcançarmos a experiência da completa vitória divina, especialmente quando nos encontramos naqueles momentos transitórios – entre a agonia do lamento e a alegria da canção de agradecimento. Cristo viveu uma vida de confiança assim por nós.

Nós já vimos que Cristo cantou os lamentos por nós quando ele estava na cruz, e que ele cantou as canções de agradecimento por nós após sua ressurreição. Mas o que ele cantou "entre" estes momentos? Ele cantou as canções de confiança. No primeiro sermão registrado no livro de Atos, o apóstolo Pedro fala da morte e da ressurreição de Cristo (At 2.23-24). Pedro fala também da grande confiança que Cristo teve em seu Pai durante sua provação:

> *Diante de mim via sempre o Senhor,*
> *porque está à minha direita,*
> *para que eu não seja abalado.*
> *Por isso, se alegrou o meu coração, e a minha língua exultou;*
> *além disto, também a minha própria carne*
> *repousará em esperança,*
> *porque não deixarás a minha alma na morte,*
> *nem permitirás que o teu Santo veja corrupção.*
> *Fizeste-me conhecer os caminhos da vida,*
> *encher-me-ás de alegria na tua presença.*
> *(At 2.25-28)*

Estas palavras são tiradas da primeira canção de confiança, salmo 16.8-11. Cristo sabia o que era estar "entre", e quando ele estava "entre" ele cantava canções de confiança por si e por nós. A confiança de Cristo de que, em última análise, seu Pai não iria abandoná-lo se provou verdadeira por meio da sua ressurreição dentre os mortos. Pedro continua dizendo:

> *Irmãos, seja-me permitido dizer-vos claramente a respeito do patriarca Davi que ele morreu e foi sepultado, e o seu túmulo permanece entre nós até hoje. Sendo, pois, profeta e sabendo que Deus lhe havia jurado que um dos seus descendentes se assentaria no seu trono, prevendo isto, referiu-se à ressurreição de Cristo, que nem foi deixado na morte, nem o seu corpo experimentou corrupção. (At 2.29-31)*

Podemos ter esta mesma confiança quando estamos "entre", o que quer que este "entre" possa estar parecendo. O autor de Hebreus, após listar diversas situações da vida real, encoraja-nos com estas palavras:

> *De maneira alguma te deixarei,*
> *nunca jamais te abandonarei.*
> *(Hb 13.5)*

E, então, dando o exemplo, ele nos convida a cantarmos o salmo 118 com grande confiança:

> *O Senhor é o meu auxílio, não temerei;*
> *que me poderá fazer o homem?*
> *(Hb 13.6)*

É por meio de Cristo que podemos viver com confiança na presença de Deus. Como diz o apóstolo Paulo: "E é por intermédio de Cristo que temos tal confiança em Deus" (2Co 3.4).

Cristo e nossas canções de realeza divina

No salmo 2, lemos acerca do Rei divino: "aquele que habita nos céus" (v.4). Também lemos acerca de um rei humano messiânico por meio de quem o Rei divino governa a terra: "Eu, porém, constituí o meu Rei sobre o meu santo monte Sião" (v.6). Quando nos voltamos para as páginas do Novo Testamento, os dois reis se tornam um só.

Jesus é o Filho de Davi, o Rei messiânico:

> *Este é o registro dos ancestrais de Jesus, o Messias, um descendente de Davi. (Mt 1.1, NLT)*

Jesus também é o Rei divino. Em 1 Timóteo 6.15, Paulo se refere ao "mesmo Deus que é o bendito e único Rei, o Rei dos reis e o Senhor dos senhores" (NTLH). E, em Apocalipse 19.16, Jesus ostenta o duplo título de Rei dos reis e Senhor dos senhores. Se Deus é o "*único* Rei, o Rei dos reis e o Senhor dos senhores" e se Jesus é o "Rei dos reis e o Senhor dos senhores", então Jesus é o Rei divino, assim como também o Rei humano.

Como já vimos, no núcleo das canções da realeza divina está a celebração da derrota das forças caóticas por Deus, sejam elas cósmicas ou humanas. No Novo Testamento, este papel pertence ao Rei Jesus. Você certamente se lembra daquela ocasião em que os discípulos foram pegos em meio a uma furiosa tempestade no mar, mas Jesus estava dormindo no barco (Lc 8.22-24). Diante deste grande perigo, os discípulos, "chegando-se a ele, despertaram-no dizendo: Mestre, Mestre, estamos perecendo! Despertando-se Jesus, repreendeu [ἐπετίμησεν] o vento e a fúria da água. Tudo cessou, e veio a bonança". O verbo grego traduzido como "repreendeu" (ἐπιτιμάω) é cognato com o substantivo "repreensão" (ἐπιτίμησις) que é usado no salmo 104.7 (103.7, LXX) para descrever a ação do Rei divino ao mitigar o mar caótico no momento da Criação. Jesus é o Rei divino. Os antigos e toda a

criação estavam esperando pela sua vinda para estabelecer a ordem cósmica e trazer a vida abundante (Sl 96.10-13; 98.7-9). Tal como os santos do Antigo Testamento celebravam sua procissão para a cidade de Deus como o "Rei da glória" (Sl 24.7), assim os santos do Novo Testamento celebraram a procissão triunfal do Rei Jesus para Jerusalém, proclamando: "Bendito o que vem em nome do Senhor e que é Rei de Israel!" (Jo 12.13).

O que poucos compreendiam naquele momento – se é que alguém teve esta percepção – é que o Rei divino iria conquistar o caos e trazer a vida abundante por meio do seu próprio sofrimento e morte. Jesus não foi derrotado na cruz pelas forças que se opõem à vida ordenada e abundante que Deus deseja, mas ali ele *as derrotou*, pois na cruz ele ainda era o Rei.

> *Por cima da sua cabeça puseram escrita a sua acusação: Este é Jesus, o Rei dos Judeus. (Mt 27.37)*

Por meio de sua ressurreição dentre os mortos, ele agora reina e continuará a reinar até que a última força que se opõe à vida ordenada e abundante que Deus deseja – isto é, a própria morte –seja colocada sob seus pés (1Co 15.25-26). Embora as forças do caos ainda possam ameaçar, "o Cordeiro os vencerá, pois é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis" (Ap 17.14).

Cristo e nossas canções de sabedoria

A vida de sabedoria anunciada no Livro dos Salmos é uma vida ideal que nós não conseguimos viver na realidade. Há alguém, entretanto, que viveu esta vida ideal a cada dia e em cada lugar: Jesus Cristo. Lucas nos conta que, como menino, Jesus crescia "e se fortalecia, enchendo-se de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele" (Lc 2.40) e também que "crescia Jesus em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens" (Lc 2.52).[44] Cristo não apenas viveu esta vida de sabedoria por ele mesmo, mas ele a viveu por nós. Paulo nos conta que Cristo "se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção" (1Co 1.30). Cristo viveu a vida perfeita da sabedoria por nós para que, ao depositarmos nossa confiança nele, o Pai nos veja como perfeitamente sábios (justificação) e continuamente opere para nos tornar perfeitamente sábios (santificação). Cristo viveu a sabedoria de Deus por nós e agora está produzindo esta sabedoria em nós. Portanto, ao refletirmos sobre as canções de sabedoria, nós estamos refletindo sobre quem Cristo é, sobre quem nós somos e sobre quem estamos nos tornando nele.

44 Compare Provérbios 3.4: "e acharás graça e boa compreensão diante de Deus e dos homens".

Compreender as categorias dos salmos guia as expectativas do intérprete, provê um nível adicional de contexto e fornece janelas múltiplas pelas quais se percebe mais profundamente quem é Jesus e o que ele fez e continua a fazer por seu povo. Esta ênfase em Cristo de forma alguma exclui o Pai e o Espírito. Antes, nosso foco no Filho nos salmos é para a glória do Pai por meio do poder do Espírito. Como afirma o Novo Testamento:

> *E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo. (Ef 5.18-20)*



Excurso: os salmos reais

Tal como os salmos de confiança, os salmos de realeza divina e os salmos de sabedoria, um outro grupo de salmos se caracteriza por um tema em comum sem, contudo, compartilhar de uma estrutura semelhante. Uma ênfase no rei humano une estes salmos em uma categoria, em geral denominada de "salmos reais". Um consenso bastante forte[45] identifica como salmos reais os seguintes: salmos 2, 18, 20, 21, 45, 72, 89, 101, 110, 132 e 144.

Uma variedade de subtemas fica evidente nos salmos reais. Pode-se argumentar razoavelmente que os salmos 2, 72, 101 e 110 são relacionados à coroação e entronização do rei. Os salmos 78, 89 e 132 enfatizam a ideologia da monarquia. Os salmos 20, 21 e 144 parecem ser orações por ajuda divina nas batalhas. O salmo 18 aparentemente é uma canção de agradecimento pela vitória em uma batalha. O salmo 45 é uma canção para um casamento real.

O número e a variedade dos salmos reais, além do número de salmos que possuem "de Davi" nos seus títulos, indicam a centralidade do rei humano na vida em geral de Israel e na sua adoração em particular.[46] A centralidade do rei davídico é o corolário da centralidade do Rei divino na vida do antigo Israel. Os israelitas viviam sob o governo do Rei divino entronizado nos céus

45 Vd. Collins, *Introduction to the hebrew Bible*, p. 468; Lucas, *Exploring the Old Testament*, p. 7; Michael D. Coogan, *The Old Testament: a historical and literary introduction to the hebrew Scriptures* (Oxford: Oxford University, 2006), p. 465; e Wilson, *Psalms – volume 1*, p. 66.

46 Wilson, *Psalms – volume 1*, p. 67.

(Sl 2.4) e sob o governo de seu "Filho" entronizado na terra (Sl 2.7). A forte conexão entre estes dois tronos é percebida em 1 Crônicas 28.5:

> *E, de todos os meus filhos, porque muitos filhos me deu o* SENHOR, *escolheu ele a Salomão para se assentar no trono do reino do* SENHOR, *sobre Israel.*

Salomão se assenta no trono sobre Israel, o qual é o mesmo que o trono do próprio Senhor. É por esta razão que o aparente fim da aliança davídica (Sl 89.38-45[39-46]) gerou uma crise tão profunda de fé para a comunidade (Sl 89.46-51[47-52]). É também por esta razão que a esperança para o futuro se deposita na vinda do Rei divino (Sl 96.10-13) e de seu Filho ungido (Sl 118.26 e 132.17).[47]

47 Vd. o Capítulo 2.

5 PROCLAMANDO OS SALMOS

Cantai um cântico novo ao SENHOR!
Cantai ao SENHOR, toda a terra!
Cantai ao SENHOR, bendizei o seu nome.
A cada dia proclamai as boas novas de que ele salva.
Anunciai seus feitos gloriosos entre as nações.
Contem a todos sobre as maravilhosas coisas que ele faz.
(Sl 96.1-3, NLT)

EM SEU TEOR, O LIVRO dos Salmos *proclama* as boas-novas de que Deus salva, *anuncia* os feitos gloriosos de Deus e *conta* a todos sobre as maravilhosas coisas que Deus faz. Então, por que alguns professores de pregação aconselham a não se pregar a partir dos salmos?[1] A razão principal é a categoria. Como os salmos são poesia, assim diz o argumento, os salmos não se deixam ser analisados visando servirem como material instrucional. Mas, como já argumentei, isto vai contra o propósito principal do Livro dos Salmos, o qual é, em uma palavra, a instrução.[2] Portanto, a ênfase deste capítulo será como proclamar os salmos.

Diversas abordagens podem ser usadas para pregar a partir do Livro dos Salmos. É bem comum pregar a partir de salmos individuais que se encaixem em ocasiões especiais. Em quantos funerais já se pregou o salmo

1 Vd. as discussões em Elizabeth Achtemeier, "Preaching from the Psalms", *RevExp* 81 (1984): 437; e Thomas G. Long, *Preaching and the literary forms of the Bible* (Filadélfia: Fortress, 1989), p.43.

2 Vd. o Capítulo 2 deste livro e os Capítulos 3 e 4 de Mark D. Futato, *Transformed by praise: the purpose and message of the Psalms* (Phillipsburg: P & R, 2002). Em adição, Long argumenta que não há razão pela qual a literatura de uma categoria não possa ser transformada para uso em outra, tal como transformar um texto poético para um formato de sermão (*Preaching*, p. 44).

23? Quantos pregadores escolheram o salmo 22 como texto-base para um culto da Última Ceia na Páscoa? Sem dúvida, o salmo 45 já foi pregado em incontáveis casamentos. Além disso, a mensagem de um salmo particular frequentemente tem sido apenas aquilo que a congregação precisava ouvir num dado domingo de manhã. Os salmos já serviram e continuarão a servir como textos para tais pregações ocasionais.

Dado o terreno que já cobrimos neste livro, podemos ver prontamente que o Livro dos Salmos também é apropriado para pregarmos diversos tipos de séries de sermões.[3]

Uma abordagem poderia ser pregar uma série apresentando à congregação as diversas categorias dos salmos. Tal série poderia ser realizada em três partes que seguiriam o fluxo e o refluxo da vida por meio das perspectivas do hino, do lamento e do salmo de agradecimento.[4] Ou a série poderia ser expandida para incluir sermões sobre um salmo de confiança, um salmo da realeza divina e um salmo de sabedoria. Tal série não apenas traria luz a estes salmos em particular, mas também teria o valor adicional de guiar os ouvintes a ler por si mesmos o Livro dos Salmos de modo mais proveitoso.

Uma segunda abordagem poderia ser uma série que não apenas iluminaria textos particulares, mas também instruiria os ouvintes sobre o formato do Livro dos Salmos. Desta forma, novamente isto os estaria ajudando em sua própria leitura dos salmos. Tal série poderia se iniciar com diversos sermões sobre os lamentos no começo do Livro dos Salmos e concluir com diversos sermões sobre as canções de louvor encontradas ao final do livro. Outra série poderia seguir o drama que se desenrola nos cinco livros tal como foi esboçado no Capítulo 2. Neste caso, a série poderia se iniciar com um sermão sobre a inauguração da realeza (Sl 2), seguido de sermões sobre a confirmação da realeza (Sl 41), a transferência da realeza (Sl 72), a aparente falha da realeza (Sl 89), a afirmação da realeza (Sl 96) e a vinda da realeza (Sl 132).

Um terceiro tipo de séries poderia cobrir um grupo de salmos contíguos integrados. Por exemplo, no Capítulo 2 vimos como o Livro dos Salmos contém numerosos grupos de salmos que articulam o tema do plano divino de abençoar as nações. Os salmos 46-49 dariam uma ótima série sobre a mente missionária de Deus. De modo similar, os salmos 93-100 enfatizam a realeza

3 Graeme Goldsworthy, *Preaching the whole Bible as Christian Scripture* (Grand Rapids: Eerdmans, 2000), p. 211.

4 Vd. Mark D. Futato, *Joy comes in the morning: psalms for all seasons* (Phillipsburg: P & R, 2004), para exposições sequenciais do salmo 104 (hino), salmo 13 (lamento) e salmo 30 (agradecimento).

de Deus.[5] E os salmos 121-134 poderiam servir para uma série sobre a jornada da vida. O valor adicional deste tipo de série de sermões está na instrução aos ouvintes na arte de ler salmos em seu contexto literário imediato.

Quatro passos principais precisam ser seguidos na preparação de cada sermão, seja para pregar um sermão ocasional em um salmo ou para preparar uma série de sermões a partir do Livro dos Salmos.[6] Estes passos são o foco do capítulo atual.

PASSO 1: *Orientando-se*

Antes de embarcar numa viagem, eu geralmente dou uma olhada no mapa para ter orientações para a minha jornada. A viagem em si pode envolver grandes rodovias e ruas de pequenas cidades, complexos entroncamentos e esquinas com semáforos. Ao obter orientações logo no início, eu não me perco na proverbial floresta por causa de todas as árvores. Eu penso que isto é bem parecido com a pregação. Antes de mergulhar nos detalhes da **exegese**, considero útil obter orientações gerais sobre o texto. Há dois aspectos nesta orientação: ler o texto e fazer perguntas a ele.

Ler o texto

Não há substituto para o bom conhecimento do seu texto. Você não apenas precisa alcançar o sentido do texto, mas o texto precisa alcançar você. Isto acontece ao se investir tempo lendo e relendo o texto. A combinação do tamanho do salmo e de sua proficiência em hebraico determinará quanto disto será feito na língua original e quanto será feito em uma tradução. De qualquer modo, imergir no texto é um passo fundamental para proclamar o texto.

Na medida em que você lê e relê o salmo, você deve buscar respostas para algumas questões. Todavia, antes de examinarmos estas questões, eu explicarei o que quero dizer com ler o texto. Em uma concepção mais restrita, ler o texto se inicia com o primeiro verso e termina com o último. Entretanto,

5 Vd. David M. Howard Jr., *The structure of Psalms 93-100*, Biblical and Judaic studies v.5; org. por William Henry Propp (Winona Lake: Eisenbrauns, 1997).

6 Em geral, o texto para um sermão no Livro dos Salmos será um salmo inteiro. Mas este não é sempre o caso. Salmos mais longos, como o salmo 104, podem ser abordados de forma melhor por meio de séries curtas em que cada sermão enfatiza uma estrofe diferente. Além disso, a mensagem que a congregação precisa ouvir, dada suas circunstâncias, pode estar contida em apenas uma porção de um salmo. Vd. Elizabeth Achtemeier, *Preaching from the Old Testament* (Louisville: Westminster/John Knox, 1989), p. 159-160.

há mais neste processo do que apenas isto. No capítulo anterior, dialogamos sobre ler o texto no seu contexto em diversos níveis diferentes. Agora eu desejo ilustrar esta leitura no contexto enfatizando apenas dois destes níveis: o contexto literário e o contexto de sua categoria.

É importante ler um salmo em seu contexto literário, ou seja, no contexto dos salmos ao seu redor. Por exemplo, o salmo 26.1-3 pode ser interpretado como a oração de uma pessoa cheia de justiça própria:

> *Faze-me justiça, SENHOR,*
> *pois tenho andado na minha integridade*
> *e confio no SENHOR,*
> *sem vacilar.*
> *Examina-me, SENHOR, e prova-me;*
> *sonda-me o coração e os pensamentos.*
> *Pois a tua benignidade, tenho-a perante os olhos*
> *e tenho andado na tua verdade.*

E os versos 9-11 do mesmo salmo poderiam ser citados pelo fariseu (embora de uma maneira cheia de justiça própria) na parábola que Jesus ensinou a respeito da confiança de alguém em sua própria justiça (Lc 18.11-12):

> *Não colhas a minha alma com a dos pecadores,*
> *nem a minha vida com a dos homens sanguinários,*
> *em cujas mãos há crimes*
> *e cuja destra está cheia de subornos.*
> *Quanto a mim, porém, ando na minha integridade;*
> *livra-me e tem compaixão de mim.*

Ler este texto em seu contexto literário, contudo, nos ajudará a não interpretá-lo incorretamente, pois o autor destas palavras – Davi – é o autor do salmo precedente (Sl 25), onde lemos:

> *Não te lembres dos meus pecados da mocidade,*
> *nem das minhas transgressões.*
> *Lembra-te de mim, segundo a tua misericórdia,*
> *por causa da tua bondade, ó SENHOR. ...*
> *Por causa do teu nome, SENHOR,*
> *perdoa a minha iniquidade, que é grande. ...*
> *Considera as minhas aflições e o meu sofrimento*
> *e perdoa todos os meus pecados.*
>
> *(Sl 25.7,11,18)*

Como, pois, devemos entender a linguagem do salmo 26? Diversas possibilidades se apresentam, uma das quais encontra apoio no salmo posterior, no qual Davi diz:

> *Não me deixes à vontade dos meus adversários;*
> *pois contra mim se levantam falsas testemunhas*
> *e os que só respiram crueldade.*
> *(Sl 27.12)*

É bem provável que, no salmo 26, Davi tenha sido vítima de falsas acusações similares àquelas descritas no salmo 27.12. O salmo 7 tem um protesto de inocência similar ao do salmo 26:

> *Julga-me, SENHOR, segundo a minha retidão*
> *e segundo a integridade que há em mim.*
> *(Sl 7.8[9])*

E os versos 3-5 [4-6] do salmo 7 deixam claro que este não é um protesto genérico de inocência absoluta em cada área da vida, mas de inocência em relação às falsas acusações lançadas por Cuxe, o benjamita (v.1).

> *SENHOR, meu Deus, se eu fiz o de que me culpam,*
> *se nas minhas mãos há iniquidade,*
> *se paguei com o mal a quem estava em paz comigo,*
> *eu, que poupei aquele que sem razão me oprimia,*
> *persiga o inimigo a minha alma e alcance-a,*
> *espezinhe no chão a minha vida*
> *e arraste no pó a minha glória.*

Portanto, lido no contexto literário dos salmos 25 e 27, o salmo 26 não é a oração de uma pessoa cheia de justiça própria; mas, como o salmo 7, é a oração de uma pessoa inocente que foi acusada falsamente.[7]

O segundo nível de contexto é aquele do contexto dentro de sua categoria. O salmo 15, por exemplo, inicia com uma pergunta (v.1), que é seguida por uma resposta detalhada (vs.2-5a). O salmo conclui com uma promessa (v.5b). Alguns eruditos consideram este salmo como um salmo de

7 O apelo ao salmo 7 ilustra a necessidade de ler cada salmo no contexto teológico de todo o Livro dos Salmos, assim como de todas as Escrituras.

sabedoria que instrui o jovem sobre as implicações morais da adoração.[8] A maioria, entretanto, compreende o salmo 15 como um "salmo de entrada", um salmo que funcionava como parte de uma liturgia para entrar no templo para adoração.[9] A linguagem do salmo 15.1 é bem similar à do salmo 24.3:

> *Quem, SENHOR, habitará no teu tabernáculo?*
> *Quem há de morar no teu santo monte?*
> *(15.1)*

> *Quem subirá ao monte do SENHOR?*
> *Quem há de permanecer no seu santo lugar?*
> *(24.3)*

E, assim como o salmo 15.1 é seguido por uma resposta à questão levantada, o mesmo também acontece com o salmo 24.3:

> *O que é limpo de mãos e puro de coração,*
> *que não entrega a sua alma à falsidade,*
> *nem jura dolosamente.*
> *(24.4)*

E, tal como a resposta dada no salmo 15.2-5a é seguida pela promessa de uma bênção no verso 5b, assim também a resposta dada no salmo 24.4 é seguida pela promessa de uma bênção no verso 5:

> *Este obterá do SENHOR a bênção*
> *e a justiça do Deus da sua salvação.*

Portanto, ler o salmo 15 no contexto do salmo 24 provê riqueza à nossa leitura, a qual não poderíamos alcançar se não entendêssemos este salmo como um salmo de entrada.

Ao ler e reler um salmo, tanto de forma mais restrita quanto em seus vários contextos, alcançamos uma visão geral do texto e podemos ter esperanças de que o texto esteja também nos alcançando. Como você se lembra, o primeiro aspecto da orientação é alcançar e ser alcançado por meio da leitura e da releitura.

8 Peter C. Craigie, *Psalms 1-50*, (WBC; Waco: Word, 1983), p. 150.
9 Richard J. Clifford, *Psalms 1-72* (AOTC; Nashville: Abingdon, 2002), p. 92.

Este passo inicial na jornada para a proclamação nos leva naturalmente para o segundo aspecto da orientação – fazer perguntas. De fato, deveríamos buscar respostas para duas questões principais.

Fazer perguntas

A primeira questão se refere à estrutura: quais são as divisões principais do texto? A segunda questão se refere ao sentido: qual é a mensagem do texto? Embora sejam questões separadas, elas são interdependentes; pois, na prática, você as responderá ao mesmo tempo. Seu foco poderá estar mais voltado para uma delas em um momento particular do processo, contudo perceber a estrutura e compreender o significado andam lado a lado.

Como aprendemos no Capítulo 1, quando observamos a estrutura de um salmo, estamos buscando, na maioria das vezes, as divisões das estrofes. É fácil para professores e pregadores perderem a atenção de sua audiência no meio de todos os detalhes da exegese. Em geral, isto ocorre porque os próprios comentaristas se perdem nos detalhes. O segredo para não se perder nem perder os outros é ter uma noção clara da estrutura do salmo, o que implica uma noção clara da mensagem geral e do fluxo de pensamento de uma estrofe para outra.

Ao se analisar a estrutura de um salmo, há diversos fatores primários presentes. O primeiro, como discutimos no Capítulo 1, é o sentido. Dizer *sentido* é se referir a *significado*, portanto estamos buscando significado nesta nossa primeira consideração da estrutura. Os poemas bíblicos não são simplesmente uma **concatenação** de linhas não relacionadas. Antes, um salmo específico possui um sentido geral. Da mesma forma, grupos de linhas contêm tipicamente um conteúdo similar que as unifica em um conjunto, ao mesmo tempo em que as separa das linhas ao seu redor. No salmo 24, por exemplo, os versos 1 e 2 são uma estrofe unificada pelo seu foco no Senhor como Criador. O tópico muda nos versos 3 a 6, os quais tratam das qualificações para se entrar no templo para adoração. O foco muda novamente nos versos 7 a 10, os quais descrevem a entrada do Senhor na cidade como o Rei vitorioso nas batalhas. Assim, nós temos um texto com uma estrutura em três estrofes: a vitória do Senhor na criação (vs.1-2), os requisitos do Senhor para os adoradores (vs.3-6) e a entrada do Senhor como um guerreiro vitorioso (vs.7-10).

Bem relacionadas às mudanças de tópico nas estrofes são as mudanças nas imagens. O salmo 23 naturalmente se divide em duas imagens, uma em cada estrofe. Na primeira (vs.1-4), o Senhor é visto como o Pastor e nós somos as suas ovelhas que o seguem. Na segunda (vs.5-6), o Senhor é apresentado como o Anfitrião e nós somos o seu povo que descansa em sua casa.

Perceber os limites destas seções é mais importante do que denominá-las de estrofes ou de outro nome qualquer. O salmo 133, por exemplo, tem quatro seções. O verso 1 é uma exclamação de abertura que afirma o primeiro ponto principal do salmo: a unidade é uma virtude corporativa maravilhosa.

Oh! Como é bom e agradável
viverem unidos os irmãos!

O verso 2 emprega a imagem do óleo da unção:

É como o óleo precioso sobre a cabeça,
o qual desce para a barba,
a barba de Arão,
e desce para a gola de suas vestes.

A primeira metade do verso 3 usa a imagem do orvalho:

É como o orvalho do Hermom,
que desce sobre os montes de Sião.

Finalmente, a segunda metade do verso 3 apresenta uma conclusão que afirma que onde a unidade existe o Senhor concede sua bênção:

Ali, ordena o SENHOR a sua bênção
e a vida para sempre.

O salmo 133 também ilustra outro fator presente na análise da estrutura de um salmo, a saber, o padrão. Você aprendeu sobre o conceito de padrão estrutural no Capítulo 1. Agora nós vamos ver um exemplo do papel do padrão na proclamação do texto. O Salmo 133 manifesta um padrão simétrico:

A A unidade é boa e agradável (v.1)
  B A unidade é como o óleo da unção (v.2)
  B' A unidade é como o orvalho (v.3a)
A' A unidade é abençoada por Deus (v.3b)

Analisar esta estrutura nos ajuda a ver rapidamente que o salmo 133 é um salmo sobre as bênçãos de vivermos em harmonia com os outros. Retornaremos a este salmo brevemente para adicionar mais detalhes à nossa compreensão do significado, quando nos voltarmos para as particularidades das imagens.

O salmo 1 provê outro exemplo de um padrão simétrico:[10]

A O justo é abençoado (vs.1-2)
  B Como uma árvore (vs.3a-b)
    C O justo prospera (v.3c)
    C' O ímpio não (v.4a)
  B' Como a palha (v.4b)
A' O caminho do ímpio perecerá (v.5)

Sumário conclusivo (v.6)[11]

Novamente, a estrutura nos ajuda a captar a mensagem. O salmo 1 trata do contraste entre o justo, que é abençoado e próspero, e o ímpio, que perecerá.

Ao analisar a estrutura dos salmos, você encontrará bom alimento para seus estudos ao vasculhar o conteúdo do livro de David Dorsey denominado *The literary structure of the Old Testament*.[12] Nesta obra, Dorsey analisa a estrutura de umas três dúzias de salmos.

Um último fator encerra esta discussão: o **modo gramatical**. Às vezes, o movimento de uma estrofe para outra será marcado por uma mudança no modo gramatical. O salmo 13 é um exemplo claro. A estrofe inicial (vs.1-2) é marcada pelo **modo interrogativo**: a expressão "Até quando?" é repetida quatro vezes. A estrofe do meio (vs.3-4) é marcada pelo **modo imperativo**: "atenta", "responde-me", "ilumina-me". A estrofe final (vs.5-6) é marcada por uma mudança para o **modo indicativo**: "confio na tua graça", seguida por verbos no **modo volitivo**, usados para expressar uma firme resolução: "regozije-se o meu coração" e "cantarei".[13] Ao prestarmos atenção às mudanças dos modos gramaticais, descobrimos uma estrutura de três estrofes no salmo 13.

Após ter lido e relido o texto e ter respondido as questões básicas sobre estrutura e mensagem, você estará pronto para mergulhar no segundo passo da preparação do sermão – os detalhes da exegese.

10 Para mais detalhes sobre a estrutura deste salmo, vd. David L. Petersen e Kent Harold Richards, *Interpreting hebrew poetry* (Mineápolis: Fortress, 1992), p. 89-97.

11 Para uma análise um tanto diferente do salmo 1, embora também simétrica, vd. David A. Dorsey, *The literary structure of the Old Testament* (Grand Rapids: Baker, 1999), p. 175-176.

12 Ibidem, p. 173-186.

13 Para uma discussão deste ponto e da estrutura e mensagem do salmo inteiro, vd. Futato, *Joy comes in the morning*, p. 58-73.

PASSO 2: Atentando aos detalhes

Visto que esta obra não é um manual de interpretação em geral, mas sobre interpretação da poesia nos Salmos em particular, daremos nossa atenção a apenas dois aspectos da exegese detalhada: *paralelismo* e *imagens*.

Paralelismo

No Capítulo 1, você aprendeu que os poemas hebraicos são compostos por linhas paralelas que são tipicamente formadas por duas meia-linhas ou dois cola. Além disso, eles têm certa correspondência entre estes cola e exibem um movimento do primeiro cólon para o segundo. Neste estágio do processo exegético, você fará uma leitura detalhada das linhas visando identificar o movimento dentro de cada linha. Vejamos alguns exemplos.

No salmo 24.1, lemos:

לַיהוָה הָאָרֶץ וּמְלוֹאָהּ
תֵּבֵל וְיֹשְׁבֵי בָהּ

Ao SENHOR pertence a terra e tudo o que nela se contém,
o mundo e os que nele habitam.

Primeiramente, observe as correspondências: הָאָרֶץ ("a terra") corresponde a תֵּבֵל ("mundo"); וּמְלוֹאָהּ ("e tudo o que nela se contém") corresponde a וְיֹשְׁבֵי בָהּ ("os que nele habitam"). אֶרֶץ ("terra") e תֵּבֵל ("mundo") às vezes são sinônimos (tendo significados intercambiáveis em alguns contextos);[14] contudo, eles nem sempre têm o mesmo sentido exato. Ambas as palavras têm o sentido de "a massa global denominada terra, incluindo a atmosfera ou céus".[15] Todavia, תֵּבֵל ("mundo") também possui o sentido mais específico de "áreas cultivadas e habitadas do continente".[16] Portanto, o salmo 24.1 contém um movimento da "terra" em geral (= "a massa global incluindo a atmosfera") para o "mundo" específico (= "áreas cultivadas e habitadas da terra"). Adicionalmente, há um movimento de "tudo o que nela se contém" (ou seja, tudo o que preenche a massa global incluindo a atmosfera) para "os que nele habitam" (ou seja, os humanos que vivem nas áreas habitadas da terra). Qual é o objetivo do paralelismo? O poeta está salientando o escopo

14 Moisés Silva, *Biblical words and their meaning: an introduction to lexical semantics* (Grand Rapids: Zondervan, 1994), p. 122.

15 R. Alexander, "יָבֵל", em: *TWOT*, 1:359.

16 Conforme *HALOT*, 4:1682. Vd. também C. Wright, "תֵּבֵל", em: *NIDOTTE*, 4:273; e R. Alexander, "תֵּבֵל", em: *TWOT*, 1:359.

universal da autoridade do Senhor. Sua autoridade não é apenas sobre o globo, mas também sobre o conteúdo do globo; não é apenas sobre as áreas habitadas, mas também sobre os seus habitantes. Com força retórica, o poeta afirma o escopo absolutamente universal da autoridade do Senhor. Quando você compreender o poder desta linha e isto o atingir, você estará preparado para proclamar este texto com um correspondente poder próprio.

Examinemos agora o salmo 30.4[5], onde lemos:

זַמְּרוּ לַיהוָה חֲסִידָיו
וְהוֹדוּ לְזֵכֶר קָדְשׁוֹ

O verbo זַמְּרוּ ("cantar") corresponde a הוֹדוּ ("dar graças") e, portanto, une os dois cola juntos. Embora sejamos tentados a dizer que há movimento do mais genérico "cantar" para o mais específico "dar graças", o fato de que este par de palavras tipicamente ocorre na ordem inversa deve nos levar a pensar.[17] O movimento aqui é de um tipo diferente. Observe que cada cólon tem três palavras. O primeiro cólon nos conta quem deve entoar o canto, חֲסִידָיו ("seus santos"). O segundo cólon não possui termo correspondente. Para compensar pela ausência de um termo correspondente, o poeta usa duas palavras no segundo cólon, לְזֵכֶר קָדְשׁוֹ ("ao seu santo nome") para corresponder a uma palavra no primeiro cólon, לַיהוָה ("ao Senhor"). O uso destas duas palavras enfatiza a *santidade* do Senhor. Embora esta não seja uma percepção deslumbrante, observá-la nos protege de uma leitura rasa do texto e provê cor que enriquecerá a proclamação do texto.

Esta mesma mudança de "ao Senhor" para "seu santo nome" é encontrada no salmo 103.1:

בָּרְכִי נַפְשִׁי אֶת־יְהוָה
וְכָל־קְרָבַי אֶת־שֵׁם קָדְשׁוֹ

Aqui, יְהוָה ("[ao] Senhor") corresponde a שֵׁם קָדְשׁוֹ ("seu santo nome"); e נַפְשִׁי ("minha alma") corresponde a כָּל־קְרָבַי ("tudo o que há em mim"). É possível que נַפְשִׁי se refira aqui ao aspecto imaterial do ser humano e esteja bem traduzido como "alma". Se for este o caso, não há movimento discernível a partir de נַפְשִׁי ("minha alma") para כָּל־קְרָבַי ("tudo o que há em mim"). Por outro lado, נַפְשִׁי poderia se referir à pessoa toda,[18] e assim

17 Vd. os salmos 7.17[18]; 18.49[50]; 33.2; 57.9[10]; 71.22; 92.1[2]; 108.3[4]; 138.1. O salmo 30.12[13] é o único texto que usa a mesma ordem que o salmo 30.4 [5].

18 Ibidem, 2:589.

haveria movimento do todo para a parte. O pregador poderia enfatizar que Deus deseja louvor de todo o nosso ser, e especialmente de nossos corações. Não é possível ter certeza disto, na minha opinião, por isso em casos como este eu não aconselho estabelecer uma conclusão com base na mudança de linguagem. Se o movimento pode ser discernido, excelente! Se não pode, não faça o texto dizer mais do que aquilo que pode ser demonstrado.[19]

Imagens

No Capítulo 1, você aprendeu que imagens operam criando associações. O segredo para proclamar ricamente os textos poéticos está em desvendar estas associações. Vamos examinar duas imagens no salmo 133 como exemplos.

A primeira imagem é aquela do óleo. No verso 2, os irmãos vivendo em harmonia são comparados com o óleo:

> *É como o óleo precioso sobre a cabeça,*
> *o qual desce para a barba,*
> *a barba de Arão,*
> *e desce para a gola de suas vestes.*

Visto que o óleo, no clima árido do Israel antigo, era usado para refrescar os viajantes quando chegavam ao seu destino,[20] podemos ficar tentados a dizer que relacionamentos harmoniosos são uma fonte de grande refrigério na jornada da vida. Embora isto seja verdadeiro, não é muito provável que seja isto que o nosso poeta esteja afirmando. Observe que o poeta não se refere ao óleo em geral, mas ao óleo da unção usado para a consagração de Arão e dos sacerdotes aarônicos. Portanto, para desvendar esta imagem, nós precisamos ler a descrição deste óleo tal como registrada em Êxodo 30.22-33:

> *Disse mais o SENHOR a Moisés: Tu, pois, toma das mais excelentes especiarias: de mirra fluida quinhentos siclos, de cinamomo odoroso a metade, a saber, duzentos e cinquenta siclos, e de cálamo aromático duzentos e cinquenta siclos, e de cássia quinhentos siclos, segundo o siclo do santuário, e de azeite de oliveira um him. Disto farás o óleo sagrado para a unção, o perfume composto*

19 Vd. Robert Alter, *The art of biblical poetry* (Nova York: Basic Books, 1985), p. 22, para uma breve discussão daquilo que ele denomina "sinonímia estática", que são linhas sem nenhum movimento aparente.

20 Vd. salmo 23.5; e "Oil", em: *DBI*, p. 603.

segundo a arte do perfumista; este será o óleo sagrado da unção. Com ele ungirás a tenda da congregação, e a arca do Testemunho, e a mesa com todos os seus utensílios, e o candelabro com os seus utensílios, e o altar do incenso, e o altar do holocausto com todos os utensílios, e a bacia com o seu suporte. Assim consagrarás estas coisas, para que sejam santíssimas; tudo o que tocar nelas será santo.

Também ungirás Arão e seus filhos e os consagrarás para que me oficiem como sacerdotes. Dirás aos filhos de Israel: Este me será o óleo sagrado da unção nas vossas gerações. Não se ungirá com ele o corpo do homem que não seja sacerdote, nem fareis outro semelhante, da mesma composição; é santo e será santo para vós outros. Qualquer que compuser óleo igual a este ou dele puser sobre um estranho será eliminado do seu povo.

Observe duas coisas sobre este óleo. Primeiramente, era aromático, sendo elaborado a partir de mirra, cinamomo, cálamo e cássia. Este óleo era como o mais fino perfume da nossa cultura. Em segundo lugar, ele era santo. Este óleo era usado apenas para ungir o que era sagrado e nunca era usado para propósitos comuns, como ungir viajantes ao final de uma jornada longa. Então, que associações o poeta está criando com esta imagem no salmo 133? No mínimo, o poeta está dizendo que viver em harmonia com os outros é maravilhoso, até mesmo extraordinário, é "bom e agradável" (v.1), como o óleo parecido com perfume e extraordinariamente fragrante usado para ungir Aarão. No máximo, o poeta está dizendo que tal harmonia não deve ser entendida como algo banal ou comum; antes, tal harmonia deve ser apreciada profundamente como uma parte "sagrada" da vida.[21] É o local, afinal de contas, onde Deus concede a bênção da vida (v.3b).

A segunda imagem é a do orvalho:

É como o orvalho do Hermom,
que desce sobre os montes de Sião.
(Sl 133.3a)

No Israel antigo, havia bem pouca chuva entre os meses de maio a outubro, porém havia muito orvalho. Este orvalho era essencial para o florescimento da vegetação durante esta estação seca. Adicionalmente, o orvalho era a fonte primária de água nas áreas mais secas do país. "Visto que o orvalho

21 Vd. J. Clinton McCann, "Psalms", em: *NIB* (Nashville: Abingdon, 1996), 4:1214.

é uma fonte de água, da qual a própria vida depende, ele simboliza bênção, favor e prosperidade".[22] Em consonância com isto, o poeta, no salmo 133, está afirmando que viver em harmonia com os outros é uma fonte de bênção e prosperidade em nossas vidas. Além disso, o orvalho que é descrito nesta imagem é aquele do monte Hermom, no norte de Israel. O monte Hermom era conhecido pela sua abundante umidade (vd. Jr 18.14); por isso, a imagem não é apenas de bênção e prosperidade, mas sim de bênção e prosperidade superabundantes.

A análise paciente e cuidadosa das imagens nos salmos produzirá muito fruto àquele que deseja proclamar a mensagem do texto.

PASSO 3: *Modelando sua apresentação*

Certa vez alguém disse: "Se há uma leve neblina no púlpito, há forte nevoeiro nos bancos da congregação". A clareza é essencial para a proclamação dos salmos. E deve haver clareza em dois níveis: clareza na mente do pregador quanto ao fluxo de pensamento do texto e clareza na apresentação da mensagem. Se o fluxo de pensamento está nebuloso na mente do pregador, a mensagem chegará deturpada aos ouvidos da audiência. A clareza de pensamento e a clareza na apresentação são, pois, o coração da comunicação efetiva. Um modo infalível de testar a clareza de pensamento é por meio da produção de um esboço. Um esboço lógico evidencia um pensamento claro. Um esboço lógico também produz uma comunicação mais clara. Assim, ao discutirmos como modelar a sua apresentação, será útil considerarmos alguns fundamentos do processo de esboçar seus pensamentos, de forma que você possa proclamar o texto com clareza.

Produzir esboços: as abordagens

Há duas abordagens básicas para produzir um esboço da sua compreensão de um texto. Uma pode ser denominada de **abordagem analítica** e a outra, **abordagem tópica**. Um esboço analítico segue o fluxo de pensamento diretamente do início até o final do texto. Um esboço tópico reorganiza os pensamentos do texto com base em conceitos-chave que estão imbuídos no texto. Ambos funcionam bem, embora alguns textos se encaixem melhor com uma abordagem do que com a outra. Examinemos alguns exemplos.

22 "Dew", em: *DBI*, p. 207.

Nós já vimos como o salmo 13, um lamento, naturalmente se subdivide em três estrofes: os versos 1-2[1-3] são interrogativos, os versos 3-4[4-5] são imperativos, e os versos 5-6[6] são indicativos e volitivos. Neste salmo, há um movimento de Davi: ele inicia articulando suas questões atormentadoras (vs.1-2[1-3]), passa pelos seus pedidos específicos (vs.3-4[4-5]) e encerra afirmando sua confiança inabalável (vs.5-6[6]). Compreender claramente o fluxo de pensamento de Davi neste salmo leva naturalmente à sugestão de apresentar o seu pensamento em três grandes subdivisões – por enquanto podemos denominá-las simplesmente como questões, pedidos e afirmações.

O salmo 29 também tem um fluxo similar em três partes. Os versos 1-2 estão unificados pelo modo imperativo e pela repetição tripla de הָבוּ ("tributai"). A repetição por sete vezes de קוֹל יְהוָה ("a voz do SENHOR") gera coesão aos versos 3-9. E os versos 10-11 se agrupam pelo uso quádruplo do nome divino como sujeito de um verbo, uma estrutura gramatical que não se encontra em nenhuma outra parte deste salmo. Nos versos 1-2, encontramos um convite à adoração. Os versos 3-9 apresentam a motivação para a adoração. E os versos 10-11 demonstram o resultado da adoração.

Certamente poderíamos organizar os salmos 13 e 29 de outros modos; porém, há dois benefícios inerentes em usar um esboço analítico para estes textos e para outros como estes. Primeiro, você permitirá que a congregação siga mais facilmente sua **exposição** enquanto você traça seu caminho no texto diretamente do início até o fim. Segundo, você permitirá que sua audiência conclua facilmente, ainda que seja de forma inconsciente, que sua mensagem procede do texto e não de sua própria imaginação.

Vamos pensar um pouquinho sobre a pregação do salmo 119. Pode-se tentar seguir o exemplo deixado pelo rev. Thomas Manton, o qual pregou uma série de 119 sermões neste único salmo.[23] Penso que seria necessário um pregador extraordinário, juntamente com uma congregação extraordinária, para levar a cabo uma série como esta em nossa geração atual, acostumada a breves discursos e citações. Mesmo uma simples série de vinte e duas partes, com um sermão para cada estrofe, seria mais do que qualquer congregação normal conseguiria suportar hoje em dia. Se a abordagem analítica – trilhar o caminho pelo texto do início até o fim – não é uma opção prática, como você pode comunicar efetivamente a mensagem deste salmo maravilhoso? Para diversos salmos, a abordagem tópica funcionará muito melhor.

Um dos segredos para interpretar a literatura hebraica em geral, e a poesia em particular, é prestar atenção ao vocabulário repetido e aos temas

23 Thomas Manton, *One hundred and nineteen sermons on the hundred and nineteenth psalm* (Londres: William Brown, 1842).

repetidos. Em geral, será melhor usar um arranjo tópico para comunicar a mensagem de um salmo que emprega repetições em grande quantidade. A repetição nos ajuda a discernirmos rapidamente o tema central do salmo 119: תּוֹרָה ("instrução"). A palavra hebraica תּוֹרָה ocorre vinte e cinco vezes neste poema de vinte e duas estrofes. O poeta ainda emprega sete outros sinônimos de תּוֹרָה para sublinhar sua ênfase na instrução do Senhor.[24] Ao estudar este salmo, percebo o poeta repetir por todo o texto cinco subtemas: (1) nossa atitude para com a instrução do Senhor; (2) nosso desejo pela instrução do Senhor; (3) nossa resolução de viver em consonância com a instrução do Senhor; (4) os benefícios para nós em seguirmos a instrução do Senhor; (5) o coração do nosso Senhor revelado em sua instrução. Um sermão que trabalhe estes cinco tópicos alcançará, eu creio, o propósito inerente ao próprio salmo. (Por outro lado, estes cinco tópicos poderiam ser os títulos de uma série de cinco partes no salmo 119).

O salmo 30 é outro exemplo de um salmo com muitas repetições. O tema geral é agradecimento e louvor, como fica claro pela linha inicial, "Eu te exaltarei, ó SENHOR", e pela repetição tripla do verbo יָדָה no Hifil ("dar graças") nos versos 4[5], 9[10] e 12[13]. Observe que a ordem dos eventos tal como é narrada no poema não é a mesma que a ordem dos eventos tal como experimentada na realidade: intenção de louvar e dar graças (v.1[2]), pedido por livramento e livramento narrado (vs.1-3[2-4]), descrição da mudança nas circunstâncias (vs.4-5[5-6]), descrição da situação anterior ao problema (vs.6-7[7-8]), pedido por livramento novamente narrado (vs.8-10[9-11]), descrição da mudança nas circunstâncias novamente narrada (v.11[12]), intenção de louvar e dar graças (v.12[13]). Para uma audiência contemporânea, o pregador pode reordenar este texto, resultando em um sermão que siga a ordem dos eventos na experiência de Davi: situação antes do problema, o problema, o pedido por livramento, a mudança nas circunstâncias, a reação de ação de graças.[25]

Ambas a abordagem analítica e a abordagem tópica servem para produzir clareza em seus esboços de pensamentos e da apresentação. A escolha, eu creio, será determinada principalmente pelas características de cada texto. Após ter determinado sua abordagem geral, você pode então suprir os detalhes do seu esboço de um modo lógico e claro.

---

24 Os sinônimos são דָּבָר ("palavra"), מִשְׁפָּטִים ("leis, juízos"), עֵדוּת ("decretos, prescrições, testemunhos"), מִצְוָה ("mandamentos"), חֻקִּים ("preceitos, decretos"), פִּקּוּדִים ("preceitos, mandamentos") e אִמְרָה ("promessa").

25 Para um tratamento analítico deste salmo, vd. Futato, *Joy comes in the morning*, p. 84-99.

Produzir esboços: a lógica

Há dois princípios para formular um esboço lógico de seus pensamentos sobre o texto e de sua apresentação do mesmo: coordenação e subordinação. Alguns pensamentos são coordenados; outros são subordinados. Pensamentos coordenados ficarão no mesmo nível na apresentação final, enquanto pensamentos subordinados aparecerão em um nível inferior. Como uma ilustração simples, analise a lista seguinte: pombas, cães, aves, animais, buldogues, dálmatas e falcões. Quais termos são coordenados e quais são subordinados? Pombas e falcões são coordenados entre si, mas subordinados a aves. De forma similar, buldogues e dálmatas são coordenados entre si, mas subordinados a cães. Finalmente, aves e cães são categorias coordenadas, mas subordinadas ao termo mais genérico da lista, animais. Se esta lista fosse um texto, os resultados de nossa análise resultariam na seguinte apresentação:

Animais
1. Aves
   a. Pombas
   b. Falcões
2. Cães
   a. Buldogues
   b. Dálmatas

Como você analisaria e apresentaria a seguinte lista: ensinar, frutos, paz, pregador, estudar, amor, funções? Qual é a ideia principal ou o termo mais genérico? Quais são os pontos principais, ou seja, quais termos são coordenados entre si e subordinados ao termo mais genérico? Quais são os subpontos, aqueles termos coordenados entre si e subordinados aos pontos principais? A lógica dos termos resulta no seguinte esboço:

Pregador
1. Funções
   a. Estudar
   b. Ensinar
2. Frutos
   a. Amor
   b. Paz

Vamos retornar ao salmo 13, que já concluímos que tem três estrofes baseadas em mudanças de modo gramatical em seus versos. Sem se preocupar neste momento em tornar poética a sua apresentação, mas mantendo

o foco na lógica dos seus pensamentos sobre o texto e da sua apresentação do texto, como você poderia esboçar este salmo? Antes de continuar lendo, tente produzir seu esboço sozinho.

Algo que serve para coordenar todas as três estrofes é que elas estão expressando os sentimentos e pensamentos de Davi em um momento de profunda aflição. Os versos 1-2[2-3] expressam as questões atormentadoras de Davi, questões sobre Deus (observe o "te" no v.1[2]), sobre si mesmo (observe o "eu" e "minha" no v.2a[3a]) e sobre outros (observe o "inimigo" no v.2b[3b]). Os versos 3-4[4-5] expressam os pedidos de Davi, aquilo que ele deseja que Deus faça ("atenta" e "responde" no v.3a[4a]) por ele ("[meus] olhos" e "eu não durma" no v.3b[4b]) em relação aos outros ("inimigo" e "adversários" no v.4[5]). Os versos 5-6[6] expressam a resolução de Davi de confiar no amor e na bondade do Senhor e sua resolução de louvar ao Senhor. Um esboço analítico simples que demonstre a coordenação e a subordinação lógicas das ideias neste poema poderia ser assim:

Lidando com a aflição: o exemplo de Davi

1. As questões de Davi (vs.1-2[2-3])
   a. Sobre Deus (v.1[2])
   b. Sobre si mesmo (v.2a[3a])
   c. Sobre os outros (v.2b[3b])
2. Os pedidos de Davi (vs.3-4[4-5])
   a. Em relação a Deus (v.3a[4a])
   b. Em relação a si mesmo (v.3b[4b])
   c. Em relação aos outros (v.4[5])
3. As afirmações de Davi (vs.5-6[6])
   a. Sua resolução em confiar no Senhor (v.5[6a])
   b. Sua resolução em louvar ao Senhor (v.6[6b])

Embora você possa achar que seu trabalho acabou após ter produzido um esboço lógico, você ainda precisa considerar um passo final, que é a linguagem do seu esboço.

Produzir esboços: a linguagem

Há uma diferença entre a linguagem da exegese e a linguagem da exposição. A linguagem exegética em geral é bem conectada ao texto e na

terceira pessoa, enquanto a linguagem expositiva é universal[26] e na segunda pessoa.[27] O esboço acima do salmo 13 é exegético, por isso sua linguagem está fortemente associada ao texto e está na terceira pessoa. O benefício de usar uma linguagem assim é que ela "permite focar mais precisamente o contorno, a estrutura e o conteúdo do texto; consequentemente, também o seu significado".[28] A desvantagem é que uma linguagem assim salienta imediatamente a distância entre o texto e a audiência contemporânea. O esboço acima afirma que o salmo 13 é sobre Davi, e não sobre você. Usar a linguagem exegética sugere que a aplicação é algo que o pregador adiciona à exposição.[29] O uso da linguagem expositiva, entretanto, assume que "exposição é na verdade aplicação".[30]

A linguagem expositiva é universal. Isto significa simplesmente que a mensagem imbuída no texto se aplica a todas as pessoas em todos os tempos e lugares e deve ser assim expressa. Poderíamos dizer, por exemplo, que Gênesis 14 trata de Abraão e dos reis do leste; ou poderíamos dizer que é uma ação embasada na promessa e motivada pelo amor.[31] A primeira opção sugere que a história trata de um tempo e espaço distantes, enquanto a segunda sugere que a história impacta como as pessoas devem viver hoje. Poderíamos dizer que o salmo 121 apresenta promessas aos peregrinos israelitas em sua jornada até Jerusalém; ou poderíamos dizer que ele apresenta promessas para todos os crentes em sua jornada pela vida. A linguagem expositiva cativa o coração e a mente desde o início.

A linguagem expositiva também deve ser na segunda pessoa. Expressões na segunda pessoa são pessoais, cativam imediatamente a audiência e aplicam o texto aos ouvintes. Poderíamos dizer que Filipenses 1.1-11 trata de como o Espírito Santo encoraja a unidade por meio do serviço; ou poderíamos dizer que se trata de como o Espírito Santo encoraja você a buscar unidade na igreja por meio do serviço mútuo.[32] Mesmo se nenhuma outra aplicação for apresentada, você já aplicou o texto ao comunicar o que o Espírito Santo

26 Sobre o uso da linguagem universal na pregação, vd. Hendrik Krabbendam, "Hermeneutics and preaching", em: *The preacher and preaching: reviving the art in the twentieth century* (Phillipsburg: P & R, 1986), p. 239-245.

27 Sobre o uso de uma linguagem na segunda pessoa na pregação, vd. John F. Bettler, "Application", em: *The preacher and preaching: reviving the art in the twentieth century* (Phillipsburg: P & R, 1986), p. 331-349.

28 Krabbendam, "Hermeneutics and preaching", p. 239.

29 Bettler, "Application", p. 332.

30 Krabbendam, "Hermeneutics and preaching", p. 239.

31 Ibidem, p. 241.

32 Bettler, "Application", p. 340.

deseja que sua audiência faça. Poderíamos dizer que o salmo 29 convida os anjos à adoração em reação à presença teofânica de Deus; ou poderíamos dizer que ele convida você a adorar a Deus quando você percebe o poder e a glória dele na criação. Afirmar que a linguagem expositiva deve ser na segunda pessoa não é afirmar que não há espaço na pregação para um discurso na primeira ou na terceira pessoa. Ao se acrescentar o discurso na primeira pessoa ("eu" e "nós") na linguagem expositiva, obtém-se o benefício de se criar uma identificação do pregador com a audiência e, por conseguinte, de se evitar uma crítica condescendente à congregação. A questão em foco aqui é que um uso equilibrado do discurso na segunda pessoa, especialmente nos níveis mais altos do esboço, imediatamente cativará a audiência e aplicará o texto.

Com esta linguagem expositiva em vista, nosso esboço do salmo 13 poderia ser assim:

Como lidar com a aflição na vida

1. Apresente seus questionamentos (vs.1-2)[33]
   a. Sobre como Deus está tratando você (v.1)
   b. Sobre o conflito em sua própria alma (v.2a)
   c. Sobre sua frustração causada pelos outros (v.2b)
2. Faça suas petições (vs.3-4)
   a. Para que Deus preste atenção em você (v.3a)
   b. Para que Deus dê livramento a você (v.3b)
   c. Para que Deus o vindique quanto aos outros (v.4)
3. Afirme suas intenções (vs.5-6)
   a. De confiar no Senhor (v.5)
   b. De louvar ao Senhor (v.6)

Há certamente outros modos de proclamar a mensagem do salmo 13. Porém, uma apresentação como esta acima tem a vantagem de levar sua audiência a percorrer diretamente o fluxo de pensamento no texto. Além disso, tem a vantagem de falar à sua audiência em uma linguagem clara e inesquecível que imediatamente "aplica" o texto às suas vidas. Vamos agora nos voltar a uma reflexão final sobre o texto e a vida.

33 Observe que eu removi as referências aos versos da Bíblia Hebraica (normalmente indicados entre colchetes) no esboço para exposição. Incluí-los, em minha opinião, diminuiria a clareza da apresentação sem adicionar valor de alguma forma mensurável.

PASSO 4: *Refletindo sobre o texto e a vida*

Elizabeth Achtemeier articulou claramente a necessidade de evitar esta "linguagem da exegese" ao proclamarmos a mensagem de um salmo. Ela desafia o pregador a fazer perguntas ao texto, perguntas cujas respostas ajudarão a esclarecer o texto para uma audiência contemporânea. Permita-me uma citação um tanto extensa, mas que resume a seção anterior e demonstra a importância desta seção final:

> *Após ter descoberto as complexidades do pensamento de um salmo [...], provavelmente a pior coisa que um pregador pode fazer no sermão é descrever o pensamento e a experiência do salmista simplesmente como objetos "lá longe" a serem considerados pela congregação. Um sermão assim contém expressões como "o salmista sente", "o salmista aprende", "o salmista percebe". A experiência do cantor com Deus permanece como um evento desconectado com a vida da congregação ouvinte, uma experiência que aconteceu a alguém há muito tempo, mas que eles não experimentaram. O objetivo de um sermão sobre os salmos é apropriar a linguagem do salmo à congregação de tal modo que aquilo que aconteceu há muito tempo com o salmista aconteça no agora imediato com a congregação. A experiência de Israel com seu Deus passa a ser a experiência da congregação. A jornada do salmista em relação a Deus se torna a jornada da congregação. Isto quer dizer que não é suficiente trabalhar com exegese e comentários sobre um salmo para descobrir seu significado. Um pregador pode ter uma ideia muito clara, após concluir sua exegese, do que o texto do salmo significava originalmente, mas as questões principais que o pregador deve responder são: o que este texto significa para o meu povo? De que forma isto reflete a vida deles? Onde eles se encaixam nas palavras deste salmo, e como eu posso lhes mostrar que esta é a sua posição? Enfim, como então poderei levá-los a experimentar tudo aquilo que o salmista experimentou, de modo que eles possam crescer na fé e no conhecimento do seu Senhor? O modo como o pregador responde a estas questões, ao modelar um sermão, determinará se a palavra de Deus no salmo irá tocar os corações da congregação.*[34]

34 Achtemeier, *Preaching from the Old Testament*, p. 148-149.

O intérprete pode fazer ao texto diversas perguntas que o ajudarão neste processo de fazer a mensagem do salmo "tocar os corações da congregação".

Perguntar a grande questão

Colocada de forma simples, a grande questão é: "E daí?". Aquilo que você está planejando dizer em seu sermão faz alguma diferença nas vidas dos que estão ouvindo? Você sabe claramente que diferença isto fará? Tiago 1.26-27 afirma:

> *Se alguém supõe ser religioso, deixando de refrear a língua, antes, enganando o próprio coração, a sua religião é vã. A religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo.*

Nossa religião não é um simples conjunto de ideias. É óbvio que as ideias são centrais à nossa fé, mas estas ideias precisam se traduzir em ações em nossas vidas. Aquilo em que cremos precisa modelar como nós vivemos.[35] Quando você tiver uma resposta clara ao "E daí?", você estará preparado para pregar. Porém, como você alcança esta clareza? Sem dúvida, há diversos caminhos que você pode tomar.[36] Eu descobri que perguntar as "questões da aliança" produz um maravilhoso equilíbrio na resposta ao "E daí?".

Perguntar as questões da aliança

Relacionamentos estão no centro da religião bíblica. Jesus ensinou que o relacionamento principal é entre Deus e seu povo (Mt 22.37). De acordo com Êxodo 6.7, a redenção tem como alvo este relacionamento: "Tomar-vos-ei por meu povo e serei vosso Deus; e sabereis que eu sou o SENHOR, vosso Deus, que vos tiro de debaixo das cargas do Egito". Este relacionamento é denominado na Bíblia de *aliança*. Como disse Deus a Abraão: "Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência no decurso das

35 A melhor monografia sobre aplicação que eu já li é a de Daniel Doriani, *Putting the truth to work: the theory and practice of biblical application* (Phillipsburg: P & R, 2001). Em minha opinião, este livro deve ser leitura obrigatória para aqueles que ensinam e pregam a Bíblia [Publicado pela Cultura Cristã com o título "A verdade na prática" (N. do R.)].

36 Ibidem, p. 97-157, usa quatro questões: (1) O que eu devo fazer? (2) Quem eu devo ser? (3) Para onde eu devo ir? (4) Como eu posso distinguir a verdade do erro?

suas gerações, aliança perpétua, para ser o teu Deus e da tua descendência" (Gn 17.7).

O modo como nos relacionamos com Deus nunca pode ser separado do modo como nos relacionamos com outras pessoas. Como ensina 1 João 4.20: "Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê". Esta é a lógica bíblica que fundamenta o ensino de Jesus de que o segundo relacionamento principal em nossa religião é para com as outras pessoas (Mt 22.39).

Todos os relacionamentos envolvem pensamentos, sentimentos e ações. Manter um relacionamento com alguém implica conhecer ao menos algumas coisas sobre aquela pessoa, agir de algumas formas em relação àquela pessoa e experimentar algumas emoções em reação àquela pessoa. Portanto, três questões básicas da aliança para se lançar ao texto são: (1) O que este texto me ensina a crer? (2) O que este texto me ensina a fazer? (3) O que este texto me ensina a sentir?

Nem todo texto produzirá o mesmo número de respostas a estas questões. O foco do salmo 104, por exemplo, que é uma canção de louvor ao Criador, está claramente naquilo que devemos crer sobre Deus e sua criação. Mas também estão presentes convites para louvar a Deus (v.33) e para sentir grande alegria (v.34) ao nos relacionarmos com Deus na criação.

Sem dúvida, os lamentos, mais do que qualquer outra categoria de salmos, tocam os nossos sentimentos em nossos relacionamentos com Deus e com os outros.[37] Para dizer o mínimo, Davi se sente abandonado, perplexo, pesaroso e frustrado quando diz:

> *Até quando, SENHOR?*
> *Esquecer-te-ás de mim para sempre?*
> *Até quando ocultarás de mim o rosto?*
> *Até quando estarei eu relutando dentro de minha alma,*
> *com tristeza no coração cada dia?*
> *Até quando se erguerá contra mim o meu inimigo?*
> *(Sl 13.1-2[2-3])*

Todavia, este salmo também nos ensina a pedir a Deus as coisas de que precisamos (vs.3-4[4-5]) e a esperar com fé pela ação de Deus em nosso

37 Quanto a este assunto, uma leitura obrigatória é Dan B. Allender e Tremper Longman III, *Cry of the soul: how our emotions reveal our deepest questions about God* (Colorado Springs: NavPress, 1994).

auxílio (vs.5-6[6]). Por outro lado, o salmo 15 enfatiza o que devemos fazer (vs.2-5a) muito mais do que aquilo que devemos crer ou como devemos nos sentir. Ainda assim, mesmo este salmo nos lembra sobre a santidade de Deus (v.1) e enche nossos corações com coragem (v.5b).

Ao refletirmos sobre o texto e a vida em relação a Deus, a nós mesmos e aos outros, concluímos a nossa preparação. Estamos agora prontos para proclamarmos a mensagem do texto de um modo que seja fiel ao seu significado, tal como experimentado pelos leitores originais do texto, e de um modo que toque os corações modernos.

6 PRATICANDO OS PRINCÍPIOS

Tributai ao SENHOR, filhos de Deus,
tributai ao SENHOR glória e força.
Tributai ao SENHOR a glória devida ao seu nome,
adorai o SENHOR na beleza da santidade.

❖❖❖

Ouve-se a voz do SENHOR sobre as águas;
troveja o Deus da glória;
o SENHOR está sobre as muitas águas.
A voz do SENHOR é poderosa;
a voz do SENHOR é cheia de majestade.
A voz do SENHOR quebra os cedros;
sim, o SENHOR despedaça os cedros do Líbano.
Ele os faz saltar como um bezerro;
o Líbano e o Siriom, como bois selvagens.
A voz do SENHOR despede chamas de fogo.
A voz do SENHOR faz tremer o deserto;
o SENHOR faz tremer o deserto de Cades.
A voz do SENHOR faz dar cria às corças
e desnuda os bosques;
e no seu templo tudo diz: Glória!

❖❖❖

O SENHOR preside aos dilúvios;
como rei, o SENHOR presidirá para sempre.
O SENHOR dá força ao seu povo,
o SENHOR abençoa com paz ao seu povo.

(Sl 29)

CHEGOU O MOMENTO DE SINTETIZARMOS tudo que aprendemos e de colocarmos em prática os princípios que discutimos. Nosso texto será o salmo 29 e seguiremos os passos esboçados no capítulo anterior. Entretanto, nossa análise do salmo 29 não será tão linear quanto foi a discussão anterior. Como foi mencionado, enquanto você se concentra em um passo do processo, ou mesmo em um aspecto deste passo, em geral você já está trabalhando em diversos níveis simultaneamente. Sendo assim, vamos nos orientar quanto ao salmo 29.

PASSO 1: *Orientando-se*

Ao ler e reler o salmo 29, você observará diversas coisas. Primeiramente, você observará algumas repetições importantes: a tripla repetição de הָבוּ ("tributai") nos versos 1 e 2, a quádrupla repetição de לַיהוָה ("ao SENHOR") nestes mesmos versos, a repetição por sete vezes de קוֹל יְהוָה ("a voz do SENHOR") nos versos 3-9, a repetição quádrupla de יְהוָה ("o SENHOR") sozinho nos versos 3-9 e a dupla repetição do verbo יָשַׁב ("assentar-se")* nos versos 10-11. Estas repetições sugerem a ideia inicial de dividirmos o salmo 29 em três estrofes (vs.1-2, vs.3-9 e vs.10-11).

Em segundo lugar, você observará a mudança no modo gramatical que ocorre no verso 3. Os versos 1 e 2 estão no modo imperativo, enquanto os versos 3-11 estão no modo indicativo. Uma mudança mais sutil, todavia igualmente importante, ocorre no verso 10, onde o sujeito dos verbos deixa de קוֹל יְהוָה ("a voz do SENHOR"), tal como é o caso nos versos 3-9, e passa a ser simplesmente יְהוָה ("o SENHOR"). Assim, você observará uma mudança de conteúdo da convocação a adorar ao Senhor nos versos 1 e 2 para uma descrição da "voz do SENHOR" nos versos 3-9, chegando finalmente a asserções sobre o governo do Senhor nos versos 10-11.

Em terceiro lugar, você observará a simetria na contagem de palavras. Os versos 1 e 2 contêm dezesseis palavras no texto hebraico. Quatro destas dezesseis palavras são o nome divino, יְהוָה ("o SENHOR"). Os versos 10-11 também contêm dezesseis palavras no texto hebraico. Novamente, quatro destas dezesseis palavras são o nome divino, יְהוָה ("o SENHOR"). E os versos

* A ARA traduz este verbo como "presidir" nestes versos, indicando uma consequência derivada do "assentar-se no trono"[N. do T.].

hebraicos intermediários contêm sete (um número usado para designar plenitude na Bíblia hebraica)[1] ocorrências de קוֹל יְהוָה ("a voz do SENHOR").

Estes diversos indicadores convergem, pois, para confirmar que o salmo 29 compreende, na verdade, três estrofes claramente demarcadas. O sentido geral destas estrofes também é claro. Os versos 1 e 2 são uma convocação a adorar ao Senhor. Os versos 3-9 informam o contexto desta adoração: adoração é uma reação à manifestação da "voz do SENHOR" na criação. Os versos 10-11 são afirmações sobre o governo do Senhor e as implicações deste governo para seu povo.

Ler e reler o salmo 29 no contexto dos salmos 28 e 30 gera algumas percepções adicionais. A percepção mais marcante é o motivo do "silêncio". No salmo 28.1-2, o salmista demonstra estar desesperado por Deus estar em silêncio:

> *A ti clamo, ó SENHOR;*
> *rocha minha, não sejas surdo para comigo;*
> *para que não suceda, se te calares acerca de mim,*
> *seja eu semelhante aos que descem à cova.*
> *Ouve-me as vozes* [קוֹל] *súplices,*
> *quando a ti clamar* [בְּשַׁוְּעִי] *por socorro,*
> *quando erguer as mãos para o teu santuário.*

No salmo 29, o Senhor certamente não está em silêncio. Sua "voz"(קוֹל) é ouvida sete vezes nos versos 3-9 quando ele "troveja" sobre as águas (v.3), claramente em resposta às "vozes" (קוֹל) do salmista em 28.2. Em particular, o salmista em 28.2 clama (שַׁוְּעִי) a Deus por ajuda, senão ele se juntará "aos que descem à cova" (יוֹרְדֵי בוֹר). E, na sequência do Salmo 29, o salmista celebra em 30.2[3] como Deus respondeu ao seu chamado (שִׁוַּעְתִּי) e em 30.3[4] como Deus o poupou "para que não descesse à sepultura" (מִיּוֹרְדֵי־בוֹר). Portanto, a transcendência de Deus enfatizada no Salmo 29.3-9 deve ser equilibrada com a imanência de Deus articulada nos salmos 28 e 30.

Também são dignos de nota os temas da força e da bênção. No salmo 28, o poeta finaliza a sua oração declarando que o Senhor é a sua própria "força" (עֻזִּי v.7) e "a força do seu povo" (עֹז לְעַמּוֹ[2] v.8) e pedindo ao Senhor que "abençoe (וּבָרֵךְ) sua herança (v.9). O salmista reage no salmo 29

1 "Seven", em *DBI*, p. 774-775.

2 O TM traz לָמוֹ ("deles"), mas os manuscritos hebraicos antigos, a Septuaginta, a Siríaca e o termo paralelo "seu ungido" aceitam לְעַמּוֹ ("do seu povo"). Vd. Peter C. Craigie, *Psalms 1–50*, WBC (Waco: Word, 1983), p. 236.

concluindo seu hino com uma dupla afirmação de que o Senhor realmente "dá força ao seu povo" (עֹז־לְעַמּוֹ) e abençoa (בָּרַךְ) seu povo com paz (v.11). Estas conexões nos lembram de que nossa exposição do salmo 29 não pode ser uma lição teológica abstrata, mas deve ser sim um veículo de força e bênção para a vida cotidiana do povo de Deus.

Ler e reler o salmo 29 no contexto de outros salmos de sua categoria – os **salmos da realeza de Yahweh** – nos ajuda quando nos voltamos para alguns detalhes da exegese. Em particular, ao lermos a referência de 29.3 às "muitas águas" no contexto de 93.4, somos levados a concluir que as "muitas águas" no salmo 29 se referem não apenas às volumosas águas do Mediterrâneo, mas também às águas caóticas que ameaçam o mundo bem ordenado de Deus. Também descobriremos que, embora o salmo 29.1-2 convoque as hostes angelicais para adorarem ao Senhor, esta convocação é corretamente estendida aos humanos, visto que o salmo 96 faz exatamente isto. O salmo 96.7-9 é uma citação do salmo 29.1-2 com várias mudanças importantes, uma das quais é a mudança da convocação de "anjos" à adoração para a convocação das "famílias dos povos" à adoração.

PASSO 2: *Atentando aos detalhes*

Agora que você já se orientou em sua leitura, você pode começar a descer aos detalhes da exegese. No capítulo anterior, falamos nesta seção primariamente sobre paralelismo e sobre imagens. Portanto, consideraremos aqui estas dimensões do processo exegético e também examinaremos outros detalhes exegéticos.

Versos 1-2

Os versos 1 e 2 são um bom exemplo de uma quadra.[3] Os versos 1 e 2 não são dois bicola nem são um tricólon seguido por um **monocólon**. A tripla repetição de הָבוּ ("tributai") e a quádrupla repetição de לַיהוָה ("ao SENHOR") agrupam estes cola em uma única linha poética. A mudança de הָבוּ ("tributai") para הִשְׁתַּחֲווּ ("adorai") não apenas sinaliza o final da linha, mas também sinaliza o clímax da convocação a adorar ao Senhor quando ele aparecer em santo esplendor (vd. abaixo). O primeiro cólon nos conta quem deve prestar tributo, o segundo indica o conteúdo do tributo, o terceiro

3 Wilfred G. E. Watson, *Classical Hebrew poetry: a guide to its techniques* (JSOTSup; Sheffield: JSOT, 1986), p. 185.

direciona o foco para uma dimensão do tributo, e o quarto especifica quando deve ser feita a adoração.

Os adoradores são os בְּנֵי אֵלִים, literalmente: "filhos de deuses". Quem são estes "filhos de deuses"? Esta expressão ocorre apenas duas vezes na Bíblia Hebraica; a outra instância se encontra no salmo 89.6[7]:

> *Pois quem nos céus é comparável ao* SENHOR?
> *Entre os* בְּנֵי אֵלִים, *quem é semelhante ao* SENHOR?

Por aparecer entre duas menções à "assembleia dos santos" (v.5[6],7[8]),* que cercam o Senhor, os בְּנֵי אֵלִים no verso 6[7] sem dúvida se referem a "anjos". A NLT, portanto, tem fundamentação sólida para traduzir בְּנֵי אֵלִים no salmo 29.1 como "anjos". Os adoradores no salmo 29 não são humanos na terra, mas anjos no céu.[4]

Os anjos devem tributar ao Senhor duas características: glória (כָּבוֹד) e força (עֹז). Quando usada como um tributo a Deus, "glória" (כָּבוֹד) tem duas dimensões. A glória de Deus é visível e é real.[5] Israel *viu* a glória de Deus no monte Sinai: " e dissestes: Eis aqui o SENHOR, nosso Deus, *nos fez ver a sua glória*" (Dt 5.24). Moisés recebeu permissão para *ver* a glória de Deus: "Quando passar a minha *glória*, ..., tu me *verás* pelas costas; mas a minha face não se *verá*" (Êx 33.22-23). Em consonância com isto, João nos conta que "o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e *vimos a sua glória*" (Jo 1.14). E esta glória visível também é real. Isto é verdade tanto no nível humano quando no divino. "Glória" é um atributo dos reis humanos.

> *Fizeste-o, no entanto, por um pouco, menor do que Deus*
> *e de glória e de honra o coroaste.*
> *(Sl 8.5)*

> *Na tua força,* SENHOR, *o rei se alegra! ...*
> *Grande lhe é a glória da tua salvação.*
> *(Sl 21.1,5[6])*

* A versão inglesa usada pelo autor menciona uma "assembleia dos santos" (v.5) e um "concílio dos santos" (v.7) [N. do T.].

4 Encontramos um discurso similar aos anjos na doxologia tradicional cantada pela igreja: "A Deus supremo benfeitor, *anjos* e homens deem louvor. A Deus o Filho, a Deus o Pai e a Deus Espírito glória dai".

5 Vd. Mark D. Futato, *Creation: a witness to the wonder of God* (Phillipsburg: P & R, 2000), págs. 2-8.

"Glória" também é um atributo do rei divino:

> *Levantai, ó portas, as vossas cabeças;*
> *levantai-vos, ó portais eternos,*
> *para que entre o Rei da Glória.*
> *(Sl 24.7)*

Num salmo que celebra a realeza de Deus, lemos: "Anunciai entre as nações a sua *glória*" (Sl 96.3). Isto nos leva a supor que os anjos no salmo 29 logo irão ver de alguma forma a glória real de Deus.

"Força" (עֹז) também é um atributo real. O salmo 74.12-13 confessa que Deus, como rei, conquistou as forças do caos por meio de sua "força":

> *Ora, Deus, meu Rei, é desde a antiguidade;*
> *ele é quem opera feitos salvadores no meio da terra.*
> *Tu, com o teu poder* [בְּעֻזֶּךָ], *dividiste o mar;*
> *esmagaste sobre as águas a cabeça dos monstros marinhos.*

O salmo 68 celebra a vitória do Rei divino e suplica por uma manifestação renovada da força (עֹז) salvadora do Rei:

> *Viu-se, ó Deus, o teu cortejo,*
> *o cortejo do meu Deus, do meu Rei, no santuário.*
> *(v.24[25])*

> *Reúne, ó Deus, a tua força* [עֻזֶּךָ],
> *força divina que usaste a nosso favor,*
> *(v.28[29])*

Quando os anjos devem tributar esta glória real e esta força ao Senhor? A resposta a esta questão se encontra no cólon final da quadra. A NASB interpreta a expressão final, בְּהַדְרַת־קֹדֶשׁ, como referente ao vestuário do adorador: "em trajes santos". A maioria das traduções interpreta a expressão em referência ao Senhor de um modo mais genérico, tal como "na beleza da santidade" (NIV, ARA). O termo hebraico הַדְרָה é um termo de "gênero duplo" para o mais comum הָדָר ("esplendor").[6] Desta forma, é um sinônimo de כָּבוֹד ("glória") e compartilha da natureza "visível" de כָּבוֹד. A expressão

6 Bruce K. Waltke, *The book of Proverbs: chapters 1-15* (NICOT; Grand Rapids: Eerdmans, 2004), p.581 nota 47.

no salmo 29.2, portanto, poderia ser traduzida como "no esplendor visível da santidade". O "esplendor visível" (הֲדָרָה) da santidade do Senhor será presenciado na natureza "majestosa" (הָדָר; v.4) da tempestade descrita nos versos 3-9. Assim sendo, o sentido deste cólon final é "Adorai ao SENHOR quando sua santidade surgir no esplendor da tempestade que vocês irão presenciar".[7] A quadra de abertura, pois, forma, passo a passo, um clímax que leva diretamente à segunda estrofe deste salmo.

Versos 3-9

Os versos 3-9 descrevem uma tempestade violenta que castiga a terra de leste a oeste. Acima de tudo, esta tempestade manifesta a glória e o poder do Senhor, os quais devem evocar uma reação de adoração dos anjos no céu.

O tricólon inicial prepara o cenário. A "voz" do Senhor no verso 3a é especificada no verso 3b como um trovão, e as "águas" do verso 3a são definidas no verso 3c como as "muitas águas". Portanto, estamos diante de uma tempestade com trovões que se alastra sobre as "muitas águas". As "muitas águas" (מַיִם רַבִּים) são uma referência geográfica óbvia ao mar Mediterrâneo. Mas elas têm uma nuance teológica adicional. A expressão מַיִם רַבִּים pode se referir simplesmente a qualquer grande porção de água (p.ex.: Nm 20.11; 2Cr 32.4; Jr 41.12). Mas também pode ser usada como uma imagem do caos que precisa ser subjugado. No salmo 32.6, as מַיִם רַבִּים se referem aos problemas que ameaçam esmagar uma vida bem ordenada. No salmo 93.3-4, as מַיִם רַבִּים são uma imagem da força cósmica do caos que o Senhor subjugou no momento da Criação:

> *Levantam os rios, ó SENHOR,*
> *levantam os rios o seu bramido;*
> *levantam os rios o seu fragor.*
> *Mas o SENHOR nas alturas é mais poderoso*
> *do que o bramido das grandes águas* [מַיִם רַבִּים],
> *do que os poderosos vagalhões do mar.*

7 Para evidência ugarítica da tradução de בְּהַדְרַת־קֹדֶשׁ como "quando ele surgir em santidade", vd. Frank M. Cross, "Notes on a canaanite psalm", *BASOR* 117 (1950): 19-21. Para uma defesa da opinião de Cross, vd. Mark D. Futato, "A meteorological analysis of Psalms 104, 65, and 29" (Tese de Ph.D., The Catholic University of America, 1984), p. 236-238. Para uma discussão mais recente e confirmatória desta expressão tal como usada no salmo 96.9, vd. David M. Howard Jr, *The structure of Psalms 93-100* (Biblical and Judaic Studies, vol. 5; org. por William Henry Propp; Winona Lake: Eisenbrauns, 1997).

O salmo 29, portanto, emprega a imagem mitopoéica da conquista do mar pelo Senhor.[8]

A gramática dos dois cola no verso 4 é idêntica.[9] A única diferença na linha é a substituição da palavra כֹּחַ ("poder") no primeiro cólon pela palavra הָדָר ("esplendor") no segundo. Os termos hebraicos הָדָר ("esplendor") e כֹּחַ ("poder") são sinônimos dos termos כָּבוֹד ("glória") e עֹז ("força") do verso 1. O uso destes sinônimos no verso 4 serve para unir a tempestade (vs.3-9) e a convocação à adoração (vs.1-2). O הָדָר ("esplendor") e o כֹּחַ ("poder") presenciados na tempestade devem ser atribuídos ao Senhor e a nenhuma outra divindade.

A intensidade da tempestade se sobressai na imagem usada no verso 5. Observe a mudança de "cedros" para "cedros do Líbano" ao você acompanhar o movimento do primeiro para o segundo cólon. Esta mudança produz duas coisas. Primeiramente, ela intensifica a imagem, pois os "cedros" ordinários são substituídos pelos grandes "cedros do Líbano". Em segundo lugar, ela localiza a tempestade, indicando que ela se movimentou para fora do Mediterrâneo e atravessou as montanhas da costa.

O paralelismo no verso 6 funciona de modo similar. A mudança de "Líbano" para "Siriom" indica o movimento da tempestade da cordilheira do Líbano para a cordilheira Anti-Líbano,* visto que "Siriom" é um nome antigo para o monte Hermom, na ponta mais ao sul da cordilheira Anti-Líbano.[10] A imagem também enfatiza a intensidade da tempestade. Montanhas maciças saltando como bezerros e bois ao som dos trovões é uma descrição hiperbólica do poder desta tempestade que manifesta o poder de Deus.

Após ter cruzado a cordilheira Anti-Líbano, a tempestade se direciona ao deserto que fica ao leste do monte Hermom. Observe a mudança do "deserto" genérico no verso 8a para o específico "deserto de Cades" no verso 8b. O deserto de Cades não está na área de Cades Barneia no extremo sul nem está na área de Cades perto do Orontes no extremo norte, visto que nenhuma tempestade teria feito um giro de noventa graus para o sul ou para o norte. O "deserto de Cades" é, sem dúvida, a estepe Síria, que se localiza logo ao

8 Vd. o excurso sobre imagens mitopoéicas no final do Capítulo 1.

9 Quanto ao uso da preposição *beth* para introduzir o predicado de uma sentença, vd. *DCH*, 2:84; e Paul Joüon e T. Muraoka, *A grammar of biblical hebrew* (Roma: Pontifical Biblical Institute, 1991), §133c.

* Nome dado a uma cadeia de montanhas no sentido norte-sul, localizada entre um vale do Líbano (oeste) e um deserto (leste). Sua montanha mais alta é o monte Hermom [N. do T.].

10 Vd. Deuteronômio 3.9: "Os sidônios a Hermom chamam Siriom".

leste do monte Líbano e é o fim lógico para uma tempestade que vem do Mediterrâneo e cruza as cordilheiras do Líbano e do Anti-Líbano.

Com o percurso da tempestade completado, o poeta nos indica no verso 9a em que época do ano isto acontece. Quaisquer folhas que tivessem permanecido nas árvores ao final da estação seca seriam varridas agora com a vinda das primeiras tempestades do outono.[11] Os versos 3-9, portanto, descrevem a primeira tempestade ciclônica poderosa da estação chuvosa, a qual manifesta a realeza do Senhor, como veremos ao analisarmos os versos 10-11. A vinda do Senhor na *chuva* manifesta sua vinda para *reinar*.

Alguns entendem o "templo" no verso 9b como sendo o templo terrestre;[12] todavia, dois fatores levam à conclusão de que este "templo" se encontra no céu. Primeiramente, o percurso da tempestade não termina em Jerusalém. Em segundo lugar, aqueles que foram convidados a "tributar glória" ao Senhor nos versos 1-2 estão no céu, não na terra. Este cólon parece oferecer uma motivação final para as hostes angelicais aderirem ao convite feito de adorarem ao Senhor. A forma verbal traduzida como "diz" é um particípio. Os particípios são usados para ações contínuas. O ponto principal aqui parece ser que os anjos têm continuamente dito "Glória!" nos tempos passados, sempre que a glória de Deus se manifestou nas tempestades poderosas que iniciam a estação chuvosa.[13] Tendo dito isto, podemos concluir, com certeza, que o poeta deseja que os adoradores que usam o salmo 29 no templo terreno sigam o exemplo dos seus companheiros celestiais.

Versos 10-11

Com a descrição da tempestade terminada, o poeta agora está pronto para deduzir várias implicações. O verso 10 afirma que a vinda das chuvas é uma evidência de que o Senhor reina. Os verbos traduzidos como "preside" e "presidirá" são formas do verbo יָשַׁב ("assentar-se"). Este verbo é usado para descrever o Senhor como "entronizado" entre os querubins no santuário terrestre (p.ex.: 1Sm 4.4; 2Sm 6.2), de onde ele reina sobre toda a terra (2Rs 19.15). No salmo 29.10a, o texto afirma que o Senhor está entronizado, não sobre a arca da aliança, mas sobre os "dilúvios". Além desta passagem, o termo hebraico מַבּוּל é usado na Bíblia Hebraica apenas na história do dilúvio (Gn 6.1–9.17). Uma referência ao dilúvio dos dias de Noé neste momento do salmo parece estar completamente fora de lugar.

11 Futato, "Meteorological analysis", p. 219-221.

12 Gerald H. Wilson, *Psalms – volume 1* (NIVAC; Grand Rapids: Zondervan, 2002), p. 507.

13 Futato, "Meteorological analysis", p. 223-224.

Então, ao que se refere o poeta com a palavra מַבּוּל? É preciso considerarmos o uso de מַבּוּל na história do dilúvio. Ali מַבּוּל se refere às águas que levaram a terra de volta ao estado caótico descrito em Gênesis 1.2 ("A terra, porém, estava sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava por sobre as *águas*"). Considerando também a referência às águas do caos no salmo 29.3 ("o SENHOR está sobre as *muitas águas*"), é melhor interpretar מַבּוּל como uma referência a estas mesmas águas.[14] A palavra מַבּוּל evoca a imagem mitopoéica da contínua conquista do Senhor sobre as águas caóticas no momento da criação e dali para frente. O poder e a glória do Senhor evidentes na tempestade descrita nos versos 3-9 demonstram que o Senhor reina sobre todas as forças que ameaçam uma vida bem ordenada na terra. E este governo, como deixa claro o verso 10b, não é mero fogo de palha, mas é "para sempre".

Se o Senhor governa sobre as forças que ameaçam uma vida bem ordenada, certamente há implicações para seu povo. A primeira implicação tem a ver com poder: "O SENHOR dá força ao seu povo" (v.11a). A palavra traduzida como "força" é עֹז, a mesma palavra usada no verso 1 para a "força" que os anjos devem tributar ao Senhor quando eles presenciam seu poder na tempestade. O fato é que este poder de Deus manifestado na tempestade indica o tipo de poder que o Senhor pode e quer dar ao seu povo. O poder de Deus na tempestade é uma demonstração do poder que está disponível ao seu povo. A segunda implicação é a bênção da paz: "o SENHOR abençoa com paz ao seu povo" (v.11b). Quando Deus é o sujeito deste verbo "abençoar" (בָּרַךְ), isto significa capacitar alguém a viver no melhor nível de vida possível;[15] além disso, o substantivo para "paz" (שָׁלוֹם) designa um completo bem-estar e prosperidade.[16] Visto que o poder de Deus suplanta o poder do caos, Deus pode capacitar seu povo a experimentar esta שָׁלוֹם. Para os antigos, isto se refere primariamente ao sucesso na agricultura e à prosperidade resultante da chegada das chuvas descritas nos versos 3-9.

Um último "detalhe" abrangente precisa ser considerado antes de entrarmos no passo 3. Embora não seja possível demonstrar isto de forma incontestável, é bem provável que Davi não tenha composto o salmo 29 começando do zero; antes, ele tomou um hino a Baal já existente e o

14 Vd. Wilson, *Psalms – volume 1*, p.507; e Richard J. Clifford, *Psalms 1-72* (AOTC; Nashville: Abingdon, 2002), p. 156.

15 M. Brown, "ברך", em: *NIDOTTE*, 1:759.

16 P. Nel, "שלם", em: *NIDOTTE*, 4:131.

modificou com o fim de gerar uma polêmica.[17] Um dos argumentos a favor desta opinião é baseado na topografia. A tempestade descrita nos versos 3-9 segue um claro caminho que fica fora das fronteiras do Israel antigo. A tempestade passa pela Fenícia, onde Baal era a divindade suprema como deus das tempestades. Outro argumento é que "Siriom" é o nome sidônio/fenício para o monte designado pelos israelitas como Hermom. O termo "Siriom" precisou ser explicado para a audiência israelita em Deuteronômio 3.9, mas era um termo bem conhecido entre os fenícios. Um terceiro argumento se baseia na aliteração. Se o nome Baal (בַּעַל) for inserido de volta no salmo, fica evidente uma quantidade substancial de aliterações com as consoantes *beth*, *ayin* e *lamed*.[18]

Polêmicas contra Baal abundam na Bíblia Hebraica. Há polêmicas em forma de narrativas, tais como os relatos da criação em Gênesis 1-2,[19] a destruição por Gideão do altar de seu pai a Baal em Juízes 6 e a famosa narrativa de "Elias *versus* os profetas de Baal" em 1 Reis 18. O autor desta última história usa sátira e ironia para zombar de um Baal impotente e para exaltar o Senhor Todo-Poderoso. Todos os movimentos em círculo ao redor do altar (v.26) e as automutilações dos profetas de Baal (v.28) não produziram resultado algum (v.29). Entretanto, uma oração simples de Elias ao Senhor (vs.36-37) traz fogo (v.38) e chuva (v.45) dos céus, juntamente com a confissão retumbante: "O SENHOR é Deus! O SENHOR é Deus!" (v.39).

Nós também já vimos como os poetas israelitas antigos tomavam emprestada a linguagem mitopoéica dos seus vizinhos canaanitas para afirmar verdades sobre o Deus de Israel.[20] Textos como o salmo 74.12-17 criam uma polêmica contra o deus canaanita das tempestades ao afirmar que foi Yahweh quem conquistou as forças primordiais do caos, e não Baal. O fato de Davi ter usado um poema canaanita inteiro para este mesmo propósito é, então, parte de uma tradição teológica israelita muito mais ampla. Tenha sido originalmente um hino a Baal ou não, o salmo 29 é claramente uma polêmica contra a adoração de Baal e a favor da adoração de Yahweh. Os antigos não deveriam tributar a glória e o poder da tempestade a Baal, mas a Yahweh.[21]

17 Para uma bibliografia detalhada sobre este assunto, vd. Craigie, *Psalms 1-50*, p. 243-244.

18 Vd. Aloysius Fitzgerald, "A note on Psalm 29", *BASOR* 214 (1974): 61-63.

19 Vd. Mark D. Futato, "Because it Had Rained: a studyof Genesis 2:5-7 with implications for Gênesis 2:4-25" and Gênesis 1:1-2:3", *WTJ* 60 (1998): 1-21.

20 Vd. o excurso sobre imagens mitopoéicas no final do Capítulo 1.

21 Vd. Craigie, *Psalms 1-50*, p. 249. Ele argumenta a favor de uma polêmica contra Baal; todavia, argumenta contra a origem canaanita do salmo 29.

PASSO 3: Modelando sua apresentação

Após ter estudado o texto com razoável aprofundamento, você está agora pronto para modelar a sua apresentação. Para ilustrar as diferenças discutidas no capítulo anterior, eu discutirei primeiramente o salmo 29, a partir de uma perspectiva exegética e depois a partir de uma perspectiva expositiva. Eu produzirei dois esboços durante este processo, um para cada perspectiva, de forma que você possa refletir acerca dos usos diferentes da linguagem.

Exegese

O salmo 29 é um hino. Como você aprendeu no Capítulo 4, os hinos geralmente se subdividem em três seções: um convite inicial para louvar a Deus, uma descrição central do caráter e das ações divinas dignas de louvor e uma afirmação final de fé ou um convite renovado para louvor e adoração. Neste sentido, o salmo 29 é típico.

Os versos 1 e 2, com seu uso triplo de "tributai" (הָבוּ) chegando a um clímax com seu uso de "adorai" (הִשְׁתַּחֲווּ), convidam os anjos a adorarem ao Senhor, em particular por meio de tributar glória e poder a ele. Estes versos respondem a três questões fundamentais. O que deve ser tributado? Resposta: glória e poder. A quem devem ser tributados esta glória e este poder? Resposta: ao Senhor (e não a Baal). Quando este tributo deve ser prestado? Resposta: quando esta santa glória e poder forem visíveis a todos.

Os versos 3-9 não descrevem a glória e o poder de Deus em termos abstratos, mas com a imagem concreta de uma tempestade de trovões gloriosa e poderosa no início da estação chuvosa. Esta tempestade se forma sobre o Mediterrâneo, atravessa as montanhas e se dissipa sobre o deserto. A repetição por sete vezes de קוֹל יְהוָה ("a voz do SENHOR") flui pelo texto do mesmo modo como trovões ressoam pelas colinas e vales da terra. Com esta repetição, o poeta nos lembra de que este trovão não é apenas a quebra da barreira do som pelo ar superaquecido, mas é uma manifestação da presença divina digna de louvor.

Os versos 10-11 concluem este hino afirmando que o Senhor é o Rei da criação e Rei sobre todas as forças que ameaçam uma vida bem ordenada (v.10). Eles também afirmam que o poder de Deus manifestado na tempestade é um poder que Deus concede ao seu povo para que ele possa experimentar bem-estar e prosperidade na terra. Embora a estrofe inicial discurse aos anjos, esta seção final deduz implicações da tempestade para todos os viventes da terra.

O uso culminante da palavra "adorai" na primeira estrofe justifica usarmos este termo para apresentarmos a mensagem geral do salmo 29. Podemos

dizer que o salmo 29 trata da adoração ao Senhor. O foco da segunda estrofe na glória e no poder de Deus na tempestade nos permite especificarmos esta mensagem; podemos dizer que o salmo 29 trata da adoração angelical ao Senhor quando sua glória e seu poder são presenciados nas tempestades da estação chuvosa do outono. A estrofe final traz ainda mais clareza com seu foco no governo do Senhor, que é evidente na chuva. Portanto, nós podemos intitular o salmo 29 como "A adoração angelical ao Senhor que governa e faz chover". Seu esboço pode ser assim:

A adoração angelical ao Senhor que governa e faz chover
I. O convite à adoração (vs.1-2)
  A. Um convite aos anjos (v.1)
  B. Um convite a tributar (vs.1-2)
    1. Ao Senhor (v.1)
    2. Glória e poder (v.1)
    3. Quando ele surgir (v.2)
II. Os motivos da adoração (vs.3-9)
  A. A glória do Senhor na tempestade
    1. Experimentada no trovão (v.3)
    2. Experimentada no relâmpago (v.7)
  B. O poder do Senhor na tempestade
    1. Experimentado na criação (vs.4-6, 8-9)
    2. Experimentado sobre o caos (v.3)
III. As afirmações da adoração (vs.10-11)
  A. O Senhor é Rei (v.10)
    1. Governando sobre o caos (v.10a)
    2. Governando para sempre (v.10b)
  B. O Senhor é benfeitor (v.11)
    1. Concedendo poder (v.11a)
    2. Concedendo paz (v.11b)

Observe a lógica do esboço. Cada ponto principal está coordenado com os outros pontos principais e subordinado ao título. Cada ponto do segundo nível, ou subponto, está subordinado ao seu ponto principal e coordenado com os demais subpontos. O mesmo acontece no terceiro nível. Observe também que o esboço é analítico nas seções I e III, mas tópico na seção II.[22] Glória e poder são os dois temas da seção II. *Glória* forma uma inclusão ao redor do todo, visto que é repetido nos versos 3 e 9; a extensa imagem das tempestades

22 Vd. o Capítulo 5 para a distinção entre analítico e tópico.

continua a destacar o poder do Senhor. Assim, parece razoável tornar em subpontos estes dois temas da seção. Finalmente, observe que a linguagem é exegética, especialmente nos pontos principais, os quais refletem a linguagem usada para descrever a estrutura de salmos da categoria dos hinos.

Exposição

Agora, vamos remodelar esta apresentação com uma linguagem expositiva. Eu farei isto em dois passos: primeiramente eu apresentarei um esboço expositivo; depois eu explicarei as mudanças feitas no esboço exegético.

Adore ao Rei que governa e faz chover

I. Aceite o convite do Rei (vs.1-2)
  A. Você está convidado a adorar com os anjos (v.1)
    1. O convite de Deus aos anjos (v.1)
    2. O convite de Deus a você (v.1)
  B. Você está convidado a tributar com os anjos (vs.1-2)
    1. Glória e poder (v.1)
    2. Ao Senhor (v.1)
    3. Quando ele surgir (v.2)
II. Corresponda aos motivos do Rei (vs.3-9)
  A. Experimente a glória do Rei
    1. No trovão (v.3)
    2. No relâmpago (v.7)
  B. Experimente o poder do Rei
    1. Na criação (vs.4-6, 8-9)
    2. Sobre o caos (v.3)
III. Reafirme a generosidade do Rei (vs.10-11)
  A. O seu Rei governa (v.10)
    1. Sobre o caos da sua vida (v.10a)
    2. Sobre o todo da sua vida (v.10b)
  B. O seu Rei abençoa você (v.11)
    1. Com poder (v.11a)
    2. Com paz (v.11b)

A primeira mudança que eu fiz foi alterar o discurso aos anjos em discurso a pessoas. Eu consegui isto por meio de diversas alterações. Observe a mudança para o discurso na segunda pessoa em todo o esboço. Em consonância com esta mudança, o título e os pontos principais estão todos no modo imperativo (na segunda pessoa), levando o ouvinte a um compromisso e convocando-o a reagir diante de todo o sermão. Além da mudança para a segunda pessoa, as referências a anjos foram removidas do título e dos níveis

secundários do esboço. Apenas uma referência permanece, a qual fica no terceiro nível. Como resultado, o sermão não é mais uma explicação sobre como o salmista convocou e motivou os anjos a adorar, mas se tornou uma convocação à audiência contemporânea para adorar ao Senhor.

Deixe-me pontuar três coisas sobre esta mudança dos anjos para humanos como audiência do texto. Em primeiro lugar, o texto mesmo faz esta mudança nos versos 10-11, onde o salmista nos mostra que ele está interessado nas implicações dos versos 1-9 para as pessoas. Em segundo lugar, a atividade dos anjos no templo celestial é um exemplo do tipo de atividade que os humanos devem executar no templo terrestre. Particularmente, ao receberem os benefícios das chuvas (poder e paz nos vs.10-11), os israelitas antigos deveriam reconhecer que estes benefícios vinham do Senhor e não de Baal. Em terceiro lugar, eu explicaria esta mudança à congregação, juntamente com o relacionamento entre anjos e humanos, na subseção A da seção I.

Uma segunda mudança é a ordem de pensamento na seção I, subseção B. Ao invés de seguir a ordem do texto (para quem, o quê e quando), eu rearranjei levemente o material para apresentar estas ideias de um modo que flua melhor para uma audiência contemporânea (o quê, para quem, quando). A ordem modificada agora flui numa sentença: *Tributai glória e poder ao Senhor quando ele surgir*. Embora eu encoraje o uso de uma ordem analítica, eu não sigo esta regra irredutivelmente, mas sempre pergunto como melhor comunicar as ideias aos ouvintes de hoje.

Uma terceira mudança se refere à palavra "experimente" nas subseções da seção II. Esta mudança visa atingir um propósito específico: facilitar ao ouvinte uma experiência real da glória e do poder de Deus na criação, que se some ao conhecimento desta glória e poder como ideias. Os antigos não liam exposições sobre tempestades poderosas vindas do Mediterrâneo para fazer a terra frutificar; antes, eles *experimentavam* tais tempestades. Os expositores de hoje em dia fariam bem em recriar esta experiência para seus ouvintes, de modo que, na próxima vez em que eles experimentarem uma tempestade poderosa, eles também possam exclamar: "Aqui está a glória e o poder do Senhor bem diante dos meus próprios olhos". E assim eles serão encorajados a tomar posse de tal poder onde quer que precisem dele em suas vidas diárias. Com isto nós já iniciamos o passo 4.

PASSO 4: *Refletindo sobre o texto e a vida*

Neste passo você precisa refletir sobre qual diferença o texto deve produzir nas vidas do povo de Deus. O início desta reflexão não ocorre apenas

agora, obviamente, pois você já tem feito isto ao longo de todo o percurso até aqui. Agora, entretanto, após ter se orientado no texto, prestado atenção aos seus detalhes e modelado sua apresentação, você se encontra num momento de parar um pouco e refletir sobre as principais maneiras em que o texto se aplica à sua própria vida e às vidas dos seus ouvintes.

O que devem crer os seus ouvintes?

Em um nível fundamental, o salmo 29 nos ensina a crermos que Deus manifesta seu caráter na criação.[23] Considere o relâmpago. O relâmpago é uma descarga de eletricidade que pode acontecer entre duas partes da mesma nuvem, entre duas nuvens ou entre uma nuvem e o chão. O alcance médio de um raio é de dez quilômetros, chegando a mais de 28.000 graus Celsius (quatro ou cinco vezes mais que a temperatura do sol em sua superfície) e com uma voltagem entre 100 milhões a 1 bilhão de volts. Considere o trovão. O trovão é o som de uma onda de choque, criada quando o relâmpago aquece rapidamente o ar ao seu redor. O ar aquecido se expande com explosão e comprime o ar imediatamente ao redor da área aquecida. Na área onde o ar fica comprimido, a pressão do ar é maior; e quando a diferença de pressão chega aos seus ouvidos, ela é percebida como um trovão. Isto tudo é verdade a partir de uma perspectiva. O salmo 29 oferece uma perspectiva complementar: o trovão e o relâmpago são "a voz do SENHOR".

Quando os antigos viam nuvens de tempestade se formando, eles viam mais do que apenas nuvens. Como diz o salmo 104.3:

> *Tomas as nuvens por teu carro*
> *e voas nas asas do vento.*

E Deuteronômio 33.26 adiciona:

> *Não há outro, ó amado, semelhante a Deus,*
> *que cavalga sobre os céus para a tua ajuda*
> *e com a sua alteza sobre as nuvens.*

Nas nuvens da tempestade, os antigos viam o Senhor cavalgando em sua carruagem. No trovão e no relâmpago, eles ouviam a sua voz. Os israelitas antigos, é claro, não eram panteístas ou materialistas. Isto é, eles não identificavam o Senhor com a criação nem viam apenas nuvens materiais. Eles eram teístas bíblicos. Eles criam que "os céus proclamam a glória de

23 Para uma discussão mais completa, vd. Futato, *Creation*.

Deus" (Sl 19.1). Eles criam que "os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas" (Rm 1.20). O salmo 29 nos convida a cremos nesta mesma verdade.

O salmo 29 também nos ensina a crermos que Deus governa sobre a criação e que deseja nos abençoar como seus filhos. O poder e a glória manifestados na tempestade são os atributos reais do rei que se assenta em seu trono governando sobre toda a sua criação, até mesmo sobre as forças selvagens que despedaçam cedros e deixam florestas desnudas. Quando olhamos para o caos aparente no mundo ao nosso redor, somos tentados a concluir que não há um Deus bom controlando tudo isto. Os israelitas antigos não eram diferentes. Eles também tinham evidências em seu mundo que desafiavam a fé no governo benevolente de Deus. Sim, havia as "muitas águas" (v.3) e os "dilúvios" (v.10). Contudo, há alguém que está entronizado acima de tudo isto e ele possui controle sobre todas as coisas. O salmo 29 nos convida a afirmarmos a verdade de que Deus reina sobre a sua criação e que deseja nos abençoar como seus filhos.

O salmista nos convida a crermos que o tipo de poder que testemunhamos nas forças da natureza são um exemplo do poder que Deus tem *para nós*. O apóstolo Paulo ora para que nós possamos conhecer "a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos" (Ef 1.19). O salmista deseja que nós creiamos que Deus pode e quer "fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós" (Ef 3.20).

O que devem sentir os seus ouvintes?

Os salmos evocam em nós uma reação emocional, talvez mais do que qualquer outra parte das Escrituras. Um salmo como o 29 deseja mexer com nossas emoções em dois contextos separados mas relacionados. Um dos contextos é ao lermos o salmo. Os israelitas antigos não teriam lido ou cantado o salmo 29 de um modo desapaixonado, mas teriam experimentado diversas emoções ao usar este salmo em particular ou em público. O segundo contexto é ao presenciarmos uma tempestade. As mesmas emoções evocadas pelo salmo teriam sido experimentadas, idealmente, quando os antigos presenciavam ao vivo as primeiras tempestades da estação chuvosa. Embora diferentes, estes dois contextos são recíprocos. Por um lado, a experiência de ler o salmo produz um efeito na experiência que uma pessoa tem das próprias tempestades. Este é um aspecto da função instrucional dos salmos, como você já aprendeu no Capítulo 2. Por outro lado, após ter experimentado tempestades tais como esta descrita no salmo, uma pessoa teria uma

reação emocional profunda ao ler o texto, visto que a linguagem do texto se conectou a experiências da realidade.

Qualquer pessoa que já presenciou alguma vez uma grande tempestade elétrica, tal como aquelas que ocorrem na Flórida central ou as que são típicas da região centro-oeste dos Estados Unidos, ficou certamente maravilhada diante do poder e glória demonstrados na tempestade. Não se pode evitar ficar boquiaberto quando relâmpagos cruzam os céus a quase cada segundo e trovões se seguem aos raios quase instantaneamente. Que criança não correria ao colo dos pais com medo diante de tal poder e glória? O salmo 29 deseja evocar tais sentimentos em nós ao lermos sobre o poder e a glória de Deus no texto e ao experimentarmos tal poder e glória na própria criação.

O salmo 29 também deseja evocar um sentimento de antecipação. Conforme a minha interpretação, os anjos estão sendo convocados a tributar ao Senhor, e não a Baal, o poder e a glória *que eles irão logo presenciar* em uma tempestade. Eles estão sendo preparados para *aquilo que virá* e para a reação que *eles logo experimentarão*. Os versos 1 e 2 geram sentimentos de grande antecipação. Assim também o fazem os versos 10 e 11. Os dois últimos versos afirmam que, na sequência da tempestade descrita nos versos 3-9, o Senhor estará presente para conceder poder ao seu povo e para abençoá-los com paz.

Portanto, o propósito do salmo 29 é o de evocar um profundo sentimento de antecipação pela vinda do Senhor nas primeiras chuvas da estação, vinda que visa prover ao seu povo tudo aquilo que eles precisam para a vida na presença de Deus. Para os israelitas, antecipar a vinda das chuvas e das bênçãos resultantes era antecipar a vinda do Senhor para reinar sobre eles em bênção. Embora nossos contextos geográficos sejam bem diferentes, o nosso contexto teológico não é tão diferente assim. Tal como os antigos, nós também temos necessidade de que o Senhor apareça nas realidades concretas das nossas vidas para nos prover com tudo o que precisamos para a vida em sua presença. O salmo 29 tem o propósito de evocar em nós este sentimento de grande antecipação pela vinda do Senhor. Assim como Jesus nos ensinou a orar "Venha o teu reino... assim na terra como no céu", o salmo 29 deseja nos encher com um grande sentimento de antecipação pela vinda do Rei.

O que devem fazer os seus ouvintes?

O poeta espera que façamos ao menos duas coisas em reação a este salmo. A primeira é adorar ao Senhor. Como já notamos, a palavra *adorar* ocupa uma posição culminante na linha inicial do salmo. O poema nos convoca a adorarmos em reação à mensagem do texto e em reação à manifestação do poder e da glória de Deus sempre que, aonde quer que estejamos,

presenciarmos tal poder e glória na natureza. O salmo visualiza esta adoração se concretizando principalmente por meio de tributarmos ao Senhor o poder e a glória que testemunhamos na natureza.

Poucos dentre nós – se é que existe alguém – são tentados a tributar o poder e a glória vistos na natureza a Baal. Nossa tentação é mais forte na direção oposta. Nós somos tentados a não tributar este poder e glória a divindade alguma, incluindo o Senhor, mas simplesmente às "forças da natureza". Em outras palavras, não somos tentados pelo baalismo, mas pelo materialismo ou naturalismo. Temos bebido sofregamente do poço do materialismo, o qual é reabastecido constantemente pela cultura ao nosso redor. Por isso, mesmo se ficarmos boquiabertos diante de uma tempestade elétrica, a estupefação se dirige à tempestade e não ao Senhor que cavalga a tempestade. O salmo 29 nos instrui a sermos teístas no cotidiano de nossas vidas, a vivermos com uma consciência de que aquilo que presenciamos na natureza é uma revelação de atributos divinos tais como poder e glória e, finalmente, a adorarmos ao Senhor sempre que, aonde quer que estejamos, nós percebamos sua presença.

Em consonância com o sentimento de antecipação evocado pelo texto, o poeta também deseja que reajamos vivendo com expectativa em nossos corações. Que situações você está enfrentando, por exemplo, que requerem de você um caráter firme e forte? Onde você mais precisa do poder para perseverar? Onde em sua vida está faltando bem-estar ou prosperidade? O salmo 29 deseja transmitir uma palavra de esperança ao seu coração nestas áreas. Afinal de contas, "tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, *pela paciência* e pela consolação das Escrituras, *tenhamos esperança*" (Rm 15.4). Assim como os antigos esperavam que o Senhor viesse nas chuvas de outono e manifestasse sua presença salvadora nas vidas deles, o salmo 29 nos enche também de esperança. Ele nos encoraja a vivermos com a esperança de que o Rei virá com poder em nossas vidas para nos abençoar com o bem-estar e a prosperidade que caracterizam o seu *shalom*. E esta nossa esperança de que Deus virá desta forma em nossas vidas não está fundamentada na vinda de uma tempestade elétrica, mas na verdade de que ele já veio na pessoa do seu Filho. Jesus veio para que tenhamos vida em abundância (Jo 10.10). E ele garantiu esta vida para nós por meio de sua vida perfeita de retidão vivida em nosso lugar, de sua morte na cruz e de sua ressurreição dentre os mortos, a qual é a demonstração final da suprema grandeza do poder de Deus para nós que cremos (Ef 1.18-21).

GLOSSÁRIO

Abordagem analítica. Uma abordagem de estruturação de um texto que segue a ordem do texto.

Abordagem tópica. Uma abordagem de estruturação de um texto que não segue a ordem do texto, mas apresenta a mensagem do texto em termos dos temas dominantes.

Bicola. Uma linha poética composta de duas cola. Vd. abaixo "cólon".

Canções da realeza divina. Uma categoria de salmos compostos para celebrar a realeza de Deus. Estes salmos focam tipicamente no governo universal de Deus sobre as nações e sobre o todo da sua criação.

Canções de agradecimento. Uma categoria de salmos composta para momentos quando Deus livrou alguém da desorientação articulada no lamento; portanto, reorientando sua vida. As canções de agradecimento tipicamente expressam gratidão e louvor por aquilo que Deus fez na história pessoal do salmista.

Canções de confiança. Uma categoria de salmos que fica entre o lamento e a canção de agradecimento. Sua unidade se baseia na corrente dominante de confiança que perpassa todo o salmo.

Canções de sabedoria. Uma categoria de salmos composta para prover instrução na vida piedosa. Estes salmos tipicamente compartilham temas com a literatura de sabedoria, como a vida "abençoada" e os dois caminhos – o caminho do justo/sábio e o caminho do ímpio/tolo – e exibem um foco explicitamente didático.

Categoria. Um grupo de textos com características comuns; também chamado de gênero.

Cólon. Um cólon (plural *cola*) é uma parte, usualmente a metade, de uma linha poética.*

Concatenação. O estado de estar conectado junto a algo, como numa corrente.

Conexão entre finais. A técnica literária de marcar os finais de duas seções sequenciais repetindo vocabulário no final de cada.

---

* O termo vem do latim *cólon* (parte de um verso), que por sua vez se originou do grego *kólon* (unidade métrica) [N. do T.].

Conexão entre inícios. A técnica literária de marcar o início de duas seções sequenciais repetindo formas gramaticais ou vocabulário.

Escatológico. 1. Aquilo que pertence à proclamação do Reino de Deus em circunstâncias que parecem negá-lo. 2. Aquilo que pertence ao destino final do mundo.

Estância. Um grupo de estrofes fortemente relacionadas; também chamado de *stanza*.

Estrofe. Um grupo de linhas poéticas fortemente relacionadas, de forma análoga a um parágrafo na prosa.

Exegese. O processo de interpretar um texto.

Exposição. O processo de explicar um texto.

Expressão sugestiva. Uma expressão que é rica em significados, contendo mais do que uma simples ideia.

Gênero. Um grupo de textos com características comuns; também chamado de categoria.

Genitivo objetivo. O caso gramatical no qual a segunda palavra é o objeto da ideia verbal contida na primeira palavra. O caso genitivo em grego é usado para expressar os mesmos tipos de relacionamento entre palavras como o caso possessivo em português (expresso pela preposição *de*).

Genitivo subjetivo. O caso gramatical no qual a segunda palavra é o sujeito da ideia verbal contida na primeira palavra. O caso genitivo em grego é usado para expressar os mesmos tipos de relacionamento entre palavras como o caso possessivo em português (expresso pela preposição *de*).

Hino. Uma categoria de salmos composta para momentos quando a vida está bem ordenada, bem orientada. Os hinos tipicamente celebram o que Deus fez na criação e na história da redenção.

Imagem. O uso de palavras advindas da vida ordinária para pintar figuras de coisas ou ações concretas. Estas figuras criam associações entre um domínio de origem e um de destino.

Imagem mitopoéica. O uso figurativo da mitologia do Antigo Oriente Próximo para comunicar verdades sobre o Deus de Israel.*

Inclusão. A técnica literária de marcar o início e o fim de uma seção repetindo vocabulário; também chamada de *inclusio*.

Lamentos. Uma categoria de salmos composta para momentos quando a vida não está bem ordenada e sim desorientada. Os lamentos tipicamente articulam as variadas lutas da vida.

Linha. Uma linha é a unidade básica de um poema, usualmente composta por duas partes correspondentes (cola), mas algumas vezes por três ou quatro partes. Estas partes expressam um pensamento completo em padrão paralelo.

---

* O adjetivo *mitopoéica* vem de mitopoese, nome que se dá à criação ou origem de um mito [N. do T.].

Modo gramatical. O uso de formas específicas do verbo para indicar a atitude de um orador quanto à veracidade ou verossimilhança da ação ou condição expressa.

Modo imperativo. O modo gramatical usado para expressar ordens.

Modo indicativo. O modo gramatical usado para expressar declarações.

Modo interrogativo. O modo gramatical usado para expressar questões.

Modo volitivo. O modo gramatical usado para expressar a vontade (desejo) do orador.

Monocólon. Uma linha poética composta de um único cólon.

Padrão linear. Um padrão de organização no qual as unidades se seguem em uma ordem não repetitiva: A B C D E (cada letra representando uma unidade).

Padrão paralelo. Um padrão de organização no qual as unidades do segundo grupo correspondem de forma paralela às unidades do primeiro grupo: A B C // A' B' C' (com cada letra representando uma unidade).

Padrão simétrico. Um padrão de organização no qual as unidades do segundo grupo correspondem às unidades do primeiro grupo em ordem reversa: A B C // C' B' A' (com cada letra representando uma unidade).

Paralelismo. Um relacionamento de correspondência entre as cola de uma linha poética, tipicamente manifestando algum tipo de adição ou movimento de um cólon para o seguinte.

Quadra. Uma linha poética composta por quatro cola.

Salmos da realeza de Yahweh. Veja *canções da realeza divina*.

Suserano. Um rei dominante que controla um rei subordinado conhecido como vassalo.

Sinédoque. Uma figura de linguagem que substitui uma ideia por outra com a qual está associada. Exemplos: uma parte pelo todo ou o todo por uma parte; a espécie pelo gênero ou o gênero pela espécie; o nome do material pela coisa que o usa; etc.

Tema. Um tópico de um discurso.

Tetracola. Veja *quadra*.

Tricola. Uma linha poética composta de três cola.

Vassalo. Um rei subordinado que é controlado por um rei dominante conhecido como suserano.

INTERPRETAÇÃO DOS

Salmos

Um prático e indispensável manual de exegese

O reconhecimento da ampla diversidade de gêneros literários na Escritura é uma das características positivas da erudição evangélica nas últimas décadas. Os mesmos princípios ou métodos de interpretação não são mais aplicados igualmente a todos os textos sem levar em conta as diferenças de gênero. Todavia, essa abordagem pode causar confusão, engano e até interpretações e aplicações errôneas. Portanto, uma cuidadosa atenção às diferenças de gênero é um fator decisivo para um correto entendimento da Palavra de Deus.

Nada existe semelhante à descoberta da Palavra de Deus em sua língua original, mesmo quando reconhecemos que a língua é limitada para medir as profundidades do conhecimento de Deus.

Pastores que estudaram hebraico há muitos anos, os seminaristas e até entusiastas leigos deverão fazer bom uso deste livro.

David Howard Jr.

Mark D. Futato (PhD) é Professor de Antigo Testamento e Deão do Reformed Theological Seminary na Flórida. Escreveu também *Introdução ao Hebraico Bíblico*, contribuiu para a 2ª edição da *Bíblia de Estudos de Genebra* e para o *Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento* (todos da Cultura Cristã).

Exegese / Interpretação
Estudos Bíblicos

EDITORA CULTURA CRISTÃ
www.editoraculturacrista.com.br